

MARTINA ČERMÁKOVÁ

**JINDŘICH TRACHTA: UM OLHAR SOBRE A
MEMÓRIA E HISTÓRIA DE UM IMIGRANTE
TCHECO NO SUL DE MATO GROSSO**

DOURADOS - 2015

MARTINA ČERMÁKOVÁ

**JINDŘICH TRACHTA: UM OLHAR SOBRE A
MEMÓRIA E HISTÓRIA DE UM IMIGRANTE
TCHECO NO SUL DE MATO GROSSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal da Grande
Dourados, para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Martins Junior

DOURADOS - 2015

Dados internacionais de Catalogização na Publicação.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

MARTINA ČERMÁKOVÁ

**JINDŘICH TRACHTA: UM OLHAR SOBRE A
MEMÓRIA E HISTÓRIA DE UM IMIGRANTE
TCHECO NO SUL DE MATO GROSSO**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientador _____

2º Examinador _____

3º Examinador _____

Dourados. ____ de _____ de _____.

DADOS CURRICULARES

MARTINA ČERMÁKOVÁ

NASCIMENTO: 06/07/1979 – Pardubice, República Tcheca

FILIAÇÃO: Jiří Čermák

Soňa Čermáková

1997/2003: Curso de Pós-Graduação em Literatura e Língua Tcheca e História, nível de Mestrado. Masarykova univerzita v Brně, República Tcheca.

2002/2005: Curso de Graduação em Literatura e Língua Portuguesa. Masarykova univerzita v Brně, República Tcheca.

2013/2015: Curso de Pós-Graduação em História, nível de Mestrado, na Universidade Federal da Grande Dourados/MS, Brasil.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho
aos todos emigrantes/imigrantes
carregados de saudade.

RESUMO

O trabalho trata da trajetória da vida de imigrante tcheco Jindřich Trachta, que trabalhou como gerente do núcleo colonizador da cidade de Batayporã/MS, na área de colonização na região sul de Mato Grosso (hoje atual estado de Mato Grosso do Sul) que pertencia a Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso, cujo proprietário era o empresário tcheco calçadista Jan Antonín Bata. Durante a sua experiência histórica pessoal, Jindřich Trachta manteve regularmente uma relação epistolar com seus familiares e colegas que ficaram na Europa. Bem cuidada e conservada, essa documentação trata da sua experiência pessoal, da empresa em que trabalhou, e da vida comunitária e política da região do Vale do Ivinhema em Mato Grosso do Sul, pois nos anos 1970, se tornou o prefeito de Batayporã. Foi realizado debate sobre aspectos que envolveram a vida de um imigrante tcheco no Brasil que veio trabalhar nessa empresa de colonização – sobre a vida cotidiana, relação à língua, à gastronomia e à religião, desejo de retorno ao país natal, táticas de sobrevivência, grau de sociabilidade com população local etc. As fontes da pesquisa foram usadas as cartas que o personagem escreveu e recebeu durante o período de 1949 até 2000, documentação esta guardada no acervo histórico do Centro de Memória Jindřich Trachta, em Batayporã/MS. O recorte temporal da pesquisa porém está circunscrito no período mais amplo, remonta até ao século XIX, relatando as ondas emigratórias do Império Austro-Húngaro (tendo em conta as ondas emigratórias tchecas para América Latina), passando pela fundação da Tchecoslováquia e das empresas Bata e os aspectos políticos e socioeconômicos da Primeira República Tchecoslovaca, o Protetorado da Boêmia e Morávia e o golpe comunista em 1948 que forçou a Jindřich Trachta sair do país e passar pelos campos de refugiados na Alemanha, embarcar em Itália e chegar para Hospedaria na Ilha das Flores no Rio de Janeiro, começar a trabalhar para Bata em Bataguassu e chegar até Batayporã.

Palavras chaves: 1, Imigração, 2, Centro de Memória Jindrich Trachta, 3, Cartas

ABSTRAKT

Tato práce pojednává o životní dráze českého imigranta, Jindřicha Trachty, který pracoval jako ředitel kolonizačního oddělení ve městě Batayporã/MS, v kolonizované oblasti na jihu státu Mato Grosso (dnes Mato Grosso do Sul), jež patřila společnosti Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso, jejímž vlastníkem byl český podnikatel Jan Antonín Baťa. Jindřich Trachta pravidelně udržoval písemný styk se svými příbuznými a kolegy, kteří zůstali v Evropě. Pečlivě uchovaná a dochovaná dokumentace zachycuje osobní zážitky, pracovní zkušenosti, události z místní komunity i z politiky v oblasti údolí řeky Ivinhema v Mato Grosso do Sul, kde se stal Trachta v 70. letech 20. století starostou města Batayporã. Rozvinula se diskuze o aspektech, které charakterizují život československého imigranta v Brazílii, který pro tuto firmu pracoval – o jeho každodenním životě, jazyce, gastronomii, náboženství, touze vrátit se zpět domů, taktikách přežití, stupni socializace s místní komunitou apod. Jako prameny posloužily dopisy, které Trachta odeslal a přijal v období mezi lety 1949 až 2000, dokumentace je uložena v Pamětním centru Jindřicha Trachty v Batayporã/MS. Časové rozpětí výzkumu je ale mnohem širší, spadá do 19. století, zachycuje emigrační vlny z Rakouska-Uherska (s přihlédnutím k české emigrační vlně do Latinské Ameriky), dotýká se založení Československa a firmy Baťa, politických a socioekonomických otázek první československé republiky, postupuje přes období Protektorátu Čechy a Morava až ke komunistickému puči v roce 1948, který donutil Jindřicha Trachtu odjet ze země a projít uprchlickým táborem v Německu, nalodit se v Itálii a doplout do Rio de Janeiro, do ubytovny přistěhovalců na Ilha das Flores, a začít pracovat pro Baťu v Bataguassu a dojít až do Batayporã.

Klíčová slova: 1, Imigrace, 2, Pamětní centrum Jindřicha Trachty, 3, Dopisy

ABSTRACT

This work discusses the career of Czech immigrant, Jindrich Trachta, who worked as director of the department of colonization in Batayporã/MS, in a colonized area in the south of Mato Grosso (actually Mato Grosso do Sul). The department belonged to the company Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso owned by a Czech entrepreneur Jan Antonin Bata. Jindřich Trachta maintained regular correspondence with his relatives and colleagues who had stayed in Europe. The carefully preserved documentation captures his personal and work experience, describes events of the local community and political life in valley of the Ivinhema river in Mato Grosso do Sul, where Trachta became a mayor of Batayporã in the 70s. The documents discuss aspects that characterize the life of Czech immigrant in Brasil who had come to work for this company and develop it - his daily life, language, cuisine, religion, desire to return back home, survival tactics, the degree of socialization with the local community. The letters that were sent and received by Trachta during the period, between 1949-2000, served as the sources. The documentation is stored at the Memorial Center of Jindrich Trachta in Batayporã/MS. The time span of research is much broader, starting from the 19th century, capturing the wave of emigration from Austro-Hungarian Empire (taking into account the Czech emigrant waves to Latin America), touching the foundation of Czechoslovakia and the Bata Company and mentioning political and socio-economic issues of the first Czechoslovak Republic. The research further progresses over the Protectorate of Bohemia and Moravia to the Communist coup in 1948, which forced Jindřich Trachta leave his country and pass through the refugee camp in Germany, later he embarked in Italy and sailed to Rio de Janeiro, spent some time in hostels for immigrants on Ilha das Flores, and finally started working for Bata in Bataguassu and Batayporã.

Keywords: 1, Immigration, 2, Memorial Center of Jindrich Trachta, 3, Letters

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao Professor Doutor Carlos Martins Junior, por ter orientado meu projeto de pesquisa e pela sua abordagem humana.

Agradeço aos professores e colegas de Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal da Grande Dourados, por terem alargado os meus horizontes e pelas novas amizades internacionais.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, pelo apoio sob a forma de uma bolsa de estudos.

A todas as pessoas das instituições em que realizei minhas pesquisas, principalmente ao Evandro Amaral Trachta e Silva, representante do Centro de Memória Jindřich Trachta, em Batayporã, pela amizade, parceria e confiança. A toda família Trachta que se tornou a minha família brasileira, principalmente agradeço a duas pessoas – a dona Marina que me acolheu como sua neta na sua casa e que admiro muito pela sua energia vital, e a Jindřich Trachta, por estar comigo sempre torcendo pelo sucesso deste trabalho. A minha família tcheca que amo muito e que sempre me incentivou em estudos, aos meus pais e à minha avó me apoiando durante viagens e estadias no estrangeiro, e acreditaram em mim. Sem o apoio deles esse trabalho não poderia ser feito.

Aos meus amigos tchecos e brasileiros, principalmente ao Danilo, por ter me ajudado nas situações quando me estava sentindo *lost in translation*, ao Ricardo, por ter me orientado na parte de ortografia e por ser meu aluno mais aplicado que eu tive.

Às famílias tchecas em Batayporã – família Bata, Dobes e Zpevak, ao ramo da família Trachta e Zelený na Morávia, por terem me aceitado nas suas casas, conversado comigo e disponibilizado suas missivas e fotografias familiares.

Há muito mais gente a quem queria agradecer, todos que em alguma forma passaram na minha vida e me inspiraram nesse caminho inspirativo e espalhado entre dois continentes.

Nicht jeder kann die Wahrheit sehen,
aber jeder kann die Wahrheit sein.

Nem todo mundo pode ver a Verdade,
mas cada um pode ser a Verdade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Certidão de Nascimento de Jindřich Trachta.

Figura 2 – Fortificação Hanička, na fronteira com Alemanha.

Figura 3 – Carteirinha de estudante de Jindřich Trachta da Faculdade de Artes na Universidade de Masaryk em Brno.

Figura 4 – Carta de apreciação, escrita por capitão do navio General Mac, Allen Richardson.

Figura 5 – Diário DAILY IRO R. 1 de maio de 1949, n. 7.

Figura 6 – 8 – Carta de Jindřich Trachta a Jan Ráček. 18 de janeiro de 1955. Batayporã.

Figura 9 – Filas intermináveis para mercadoria na Tchecoslováquia socialista.

Figura 10 – 11 – Jan Antonín Bata em Batayporã. Natureza domesticada. Luta contra a natureza.

Figura 12 – Jindřich Trachta e os funcionários de CVSP-MT.

Figura 13 – Jindřich Trachta em Batayporã.

Figura 14 – Certificado de Naturalização de Jindřich Trachta.

Figura 15 – 18 – Aerogramas de Jindřich Trachta mandadas para sua sobrinha, Milada Zelená em Brno.

Figura 19 – Knedlo-vepřo-zelo, comida nacional tcheca.

Figura 20 – Carta de Alois Hanousek para CVSP-MT.

Figura 21 – Fotografia de casamento de František Dobeš e Maria Celeste Moreira.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

CMJT – Centro de Memória Jindrich Trachta. Batayporã, MS.

CVSP-MT – Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso.

ES – Estado do Espírito Santo.

EUA – Estados Unidos da América.

MG – Estado de Minas Gerais.

ONU – Organização das Nações Unidas

OIR – Organização Internacional para os Refugiados.

PA – Estado do Pará.

SC – Estado de Santa Catarina.

SS – Schutzstaffel.

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cartas enviadas/recebidas por Jindřich Trachta.

Tabela 2 – Os compatriotas tchecoslovacos residentes nas cidades no Brasil no período entre 1918 até 1939.

Tabela 3 – Os compatriotas tchecoslovacos residentes como agricultores no Brasil no período entre 1918 até 1939.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – TERRAS TCHECAS (TCHECOSLOVACAS): POLÍTICA E ONDAS MIGRATÓRIAS	41
1 Terras Tchecas (Tchecoslovacas) – mudanças territoriais e ondas migratórias	41
2 Emigração tcheca (tchecoslovaca) para a América Latina	45
3 Situação política na Tchecoslováquia entre 1945 e 1948 e emigração política de 1948	54
CAPÍTULO II – JINDŘICH TRACHTA NO CORAÇÃO DA EUROPA E SEU INGRESSO NO LABIRINTO DO MUNDO	63
1 Insustentável leveza da infância	63
2 Sombras sobre o destino da Tchecoslováquia	72
3 Fuga para a Alemanha	85
CAPÍTULO III - BRASIL – VENHAM A MIM TODOS QUE PROCURAM SOCORRO	96
1 Rio de Janeiro – Venham a mim todos que procuram socorro	96
2 Bataguassu – Fazer a América	121
3 Batayporã – Abraço do sertão cheirando da leite e mel (1954-1968)	130
4 Batayporã – Queimando as pontes (1969-2000)	137
CONCLUSÃO	160
FONTES	164

INTRODUÇÃO

Há mais de 11.000 anos, o povoamento do atual território sul-mato-grossense começou com as primeiras populações indígenas. Populações que se espalharam praticamente por todos os ecossistemas outrora existentes no atual espaço geográfico de Mato Grosso do Sul, entre 4.000 e 2.000 anos atrás (QUEIROZ, 2001).

O espaço que hoje compreende o Mato Grosso do Sul teria sido percorrido, pela primeira vez, por europeus (espanhóis, jesuítas e bandeirantes) durante o século XVI. Naquela ocasião, aventureiros espanhóis exploraram a foz do Rio da Prata e a rede fluvial que os levaria até as regiões andinas. Bandeirantes, apesadores de índios, acabaram por sedimentar as posses lusitanas, mais ou menos permanentes, em solo mato-grossense durante a segunda metade do século XVII.

A descoberta do ouro às margens do Rio Coxipó-Mirim (1718) e das lavras de Cuiabá (1722) foi o fato que provocou um novo acontecimento na história do Império Colonial Português, pois a Coroa portuguesa se re-interessou pelos territórios mato-grossenses (ainda então formalmente incluídos no hemisfério espanhol, nos termos do velho Tratado de Tordesilhas). Os Tratados de Madrid (1750) e de Santo Ildefonso (1777), as novas convenções negociadas entre Coroas Portuguesa e Espanhola, finalmente, formalizaram as posses, mas na prática não foram respeitados pelos governantes e colonos de Mato Grosso (CHAVES, 2005, p. 6-7).

Em 1748, as regiões das minas de Cuiabá e de Mato Grosso formaram a Capitania de Mato Grosso (SILVA, 1995, p. 25). A intenção das autoridades políticas era incentivar a imigração de casais, mas apesar da continuada política de concessão e incentivos fiscais, a descoberta das minas de Cuiabá atraiu mais colonos, garimpeiros, soldados, eclesiásticos, prostitutas, mas também militares graduados portugueses que vieram para estas novas áreas com o propósito de ocuparem funções nos fortes e presídios de Mato Grosso. O ouro surgia assim como um poderoso imã, atraindo pessoas de todos os estratos sociais, inclusive mulheres sozinhas que se deslocavam para o Mato Grosso em busca de prosperidade (NERY, 2011, p. 18). Durante a segunda metade do século XVIII, o povoamento destas distantes áreas

da Colônia foi se efetivando através de um intenso fluxo migratório, o qual recebeu boa parte da população paulista e mineira que se sentiu interessada pelos incentivos fiscais. Perlustrou todo aquele extenso território, fixando povoações nos mais diversos pontos e se dedicando basicamente à criação de gado, extrativismo, e mais tarde ao cultivo da terra (FLORENCIO, 1985, p. 23).

Nas áreas de mineração como a de Cuiabá, o escravo era uma mercadoria de elevado custo no século XVIII, devido à constante instabilidade existente nas minas, provocada pelas incertezas da cata do ouro e dos altos preços dos gêneros alimentícios, vestuário, ferramentas importadas de outras capitanias, além da distância percorrida pelos escravos entre o porto de embarque e o ponto de venda, “da especulação, da conjuntura econômica, depende ainda de sua idade, sexo, saúde, sua qualificação profissional” (CHAVES, 2005, p. 3-4). Havia sempre a necessidade de reposição da mão-de-obra escravizada, pois estavam ainda sujeitos a serem mortos ou sequestrados. A saída encontrada pelos proprietários de escravos foi usar os ameríndios como mão-de-obra complementar na construção do novo território. Prática, aliás, que era um costume na América portuguesa desde o século XVI e que provocou os conflitos e contatos constantes entre os indígenas e os novos ocupantes das terras. Assim:

As terras do Mato Grosso, na opinião de Lévi-Strauss (1996, p. 151) “selvagem e triste, mas cuja monotonia oferece algo de grandioso e exaltante”, eram dominadas por uma população indígena significativa, que não se pode mensurar. Com a entrada do homem branco, os indígenas foram sendo “empurrados” para outros territórios e seu habitat natural foi se transformando em terras devolutas. Nesse processo de integração ao sistema capitalista, a terra, sagrada e gratuita para o indígena, tornou-se mercadoria e alvo de ambição do homem branco invasor. O estabelecimento de fazendeiros próximos às terras indígenas fez com que eles fossem recuando, passando a viver praticamente confinados em espaços limitados para a manutenção de seu *modus vivendi* (MIRANDA, 2005, p. 56-57).

Enquanto Mariza Miranda fala sobre “empurração” dos índios, no texto que fundamenta a linha *História Indígena*, do então Mestrado em História da UFMS, se fala sobre a “exterminação” das tribos. No momento da chegada dos primeiros aventureiros ibéricos, na primeira metade do século XVI, “havia dezenas de grupos étnicos com línguas e modos de vida distintos”. Com o processo de conquista e colonização do atual território sul-matogrossense conseguiram sobreviver apenas algumas etnias: “Guarani (Kaiowá e Nandeva), Guató, Kadiwéu, Ofayé-Xavante e Terena (incluindo remanescentes Kinikinao)”.

Ademais, é importante ressaltar que muitos grupos foram exterminados ao longo de quase cinco séculos de contato com as sociedades nacionais e seus

antecessores europeus, como é o caso dos Payaguá e Xaray; outros grupos foram assimilados pela sociedade envolvente ou deslocaram-se, via migração pela pressão oriunda deste processo, para outras áreas (p. 16).

Em meados do século XIX, iniciou-se uma nova fase de desenvolvimento na Província de Mato Grosso, na medida em que se dá a abertura da livre navegação do rio Paraguai, em 1856, o que permitiu o acesso direto a Cuiabá pela foz do Rio da Prata e pelo Atlântico. A abertura dos rios para a navegação fez da cidade de Corumbá um centro do comércio mato-grossense, em torno da qual se organizava a maior parte da vida econômica da região, vinculada, pela via fluvial do rio Paraguai, aos grandes centros do comércio platino, na Argentina e no Uruguai, e a cidade se tornou pólo de atração de imigrantes. Nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, há registros da opulência e força monetária das casas comerciais em Corumbá, dirigidas por estrangeiros de além-mar, representados por portugueses, italianos, árabes, espanhóis etc.

Entretanto, verifica-se que a navegação fluvial via Bacia da Prata foi interrompida devido à Guerra do Paraguai (1864 a 1870), tendo de um lado Brasil, Argentina e Uruguai e, de outro, o Paraguai, que invadiu grande parte do sul de Mato Grosso. A Guerra do Paraguai e a epidemia de varíola (PERARO, p. 3) determinaram uma brusca interrupção no povoamento da Província de Mato Grosso do Sul. Com o término das hostilidades, iniciou-se uma nova etapa no processo de povoamento desta província, resultante de fixação de ex-combatentes que por aqui ficaram. Concluída a luta, significativo número de ex-combatentes brasileiros e paraguaios fixou-se nas terras de Mato Grosso (GRESSLER, 1988, p. 23). Os paraguaios permaneceram motivados, principalmente, pelo desejo de evitar a convivência com situação caótica em que se encontrava o Paraguai após a guerra, mesmo que as autoridades paraguaias procurassem mostrar as inconveniências de homens e mulheres emigrarem para a província de Mato Grosso: clima quente, extrema insalubridade (PERARO, p. 5).

Na mesma época, na porção meridional de Mato Grosso, ocorre também uma significativa imigração de populações provenientes sobretudo do Rio Grande do Sul, mas também dos Estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Os gaúchos vieram para o atual Estado de Mato Grosso do Sul após 1893, na maioria dos casos, eram fugitivos das consequências da Revolução Federalista:

Diversos fatores motivaram tal deslocamento: a procura de melhores condições econômicas, a fuga das perseguições políticas, a destruição de suas propriedades. O foco desta corrente migratória foi, desde logo, as regiões de

campos limpos e devolutos existentes no atual Estado de Mato Grosso do Sul. A notícia destes campos, os quais eram semelhantes aos do Rio Grande do Sul, tinha sido divulgada pelos ex-combatentes da Guerra do Paraguai, ou, ainda, por aqueles que aqui residiam (GRESSLER, 1988, p. 25).

Apesar da fixação dos ex-combatentes, da volta dos pecuaristas e da vinda de gaúchos, a densidade demográfica na parte meridional do Estado de Mato Grosso era baixa, até o início do século XX. O extremo sul da região era subjugado pela atividade de exploração da erva-mate nativa, da ação desenvolvida principalmente pela Cia. Mate Laranjeira que utilizou a mão-de-obra barata de origem indígena, paraguaia, bem como de argentinos (*correntinos*) (GOMES, 2009, p. 72). A Companhia Mate Laranjeira detinha monopólio sobre a extração da erva-mate, exercendo, conseqüentemente, influência em uma região de aproximadamente 60.000 km². Aumentando seu poder, passa a participar da vida econômica, social e política do estado. Aos poucos, entretanto, a sua área de influência começou a ser povoada por considerável contingente de migrantes, representados por gaúchos, desejosos de estabelecerem posses definitivas nas áreas de arrendamento da Companhia.

A partir das primeiras décadas do século XX, chega a frente pioneira para região Centro-Oeste a princípio de São Paulo, e, depois, do Paraná. É o resultado do projeto de ferrovia que ligaria o Mato Grosso ao litoral brasileiro pois, até então, a navegação fluvial pelos rios da bacia platina era a única forma de acessar esta distante região. Era necessária uma longa viagem, tendo que passar por território de Argentina e Paraguai, dependendo assim de bom relacionamento diplomático com aqueles países. Segundo Hobsbawm (1992), esse período de virada dos séculos XIX e XX, chamado de Era dos Impérios, traz a divisão do mundo em duas áreas: as “avançadas” e as “atrasadas”. Era preciso alcançar o remoto Estado de Mato Grosso pelo meio de transporte mais rápido desta época, por locomotivas, para ser atingido pela economia global. A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (concluída em 1914), destinada a ligar a cidade de Bauru (SP) às margens do rio Paraguai (MT), passando por Campo Grande, foi construída por braços indígenas, além de mão-de-obra nacional e japonesa e espanhola, atraiu novos habitantes para o território mato-grossense (MIRANDA, 2005, p. 58).

As terras, até então quase sem valor, se tornaram o alvo dos capitalistas e grileiros. Novas cidades, como Três Lagoas, Água Clara e Ribas do Rio Pardo, surgiram durante os trabalhos. O ponto de recebimento de mercadorias e pessoas na parte central do sul de Mato Grosso passou a ser Campo Grande que acabou concentrando a elite sulista de Mato Grosso

(INAGAKI, 2008, p. 37). A cidade de Corumbá perdeu para Campo Grande a sua posição de pólo econômico e comercial. É importante destacar que por esta ferrovia entraram muitos imigrantes estrangeiros como japoneses, sírios e libaneses, espanhóis ou italianos (NERY, 2011). Os efeitos da ferrovia foram a aceleração da entrada de mercadorias, o aumento do comércio entre o sul de Mato Grosso e Estado de São Paulo e o desenvolvimento econômico daquela região (QUEIROZ, 2004).

Em meio ao autoritarismo do Estado Novo surgiu a política desenvolvimentista, denominada Marcha para Oeste, que tinha como objetivo ocupar os espaços considerados vazios, povoar as regiões fronteiriças do país e promover a integração dos estados brasileiros, sobretudo nas regiões Norte e Centro-Oeste do país. É importante ressaltar que a Marcha para Oeste tinha por finalidade a nacionalização das fronteiras, através da expansão agrícola e da colonização do interior. Tinha-se em vista a segurança nacional, a ocupação estratégica das fronteiras (NAGLIS, 2008, p. 28), orientação dos fluxos migratórios com finalidades políticas, impedimento do livre movimento dos sem terra e criação do “novo trabalhador”. Lenharo (1986) discute o tema dos “espaços vazios” a serem preenchidos com a nova proposta colonizadora. Afirma que os espaços não se encontravam tão vazios assim: as usinas de açúcar, às margens do rio Cuiabá; a imensa extensão de terras ocupadas com a exploração do mate, principalmente pela Cia. Mate Laranjeira; as fazendas de gado no pantanal mato-grossense; cidades e propriedades surgidas à beira da estrada de ferro Noroeste do Brasil; amplas regiões de garimpo do ouro e diamante; outras tantas de exploração da borracha ou de drogas do sertão – vêm atestar, no caso do estado de Mato Grosso, um quadro de colonização complexo, mapeado de grandes propriedades particulares e estatais, boa parte delas de origem estrangeira. Isto para não se falar dos povos de formação social inteiramente diferentes, habitantes da região – os indígenas – , que acarretavam dois sérios dilemas para a política colonizadora: como ficariam suas terras e como eles participariam da empreitada da colonização através de seu trabalho? (LENHARO, 1986, p. 60-61).

À mesma conclusão chegou Oliveira (1999) que analisa o discurso varguista com relação à colonização do sul deste Estado, e afirma que a ocupação dos “espaços vazios”, é contraditória, pois essa região poderia ser, de fato, pouco habitada, se comparada a outras regiões do Brasil, mas nela já existiam índios, companhias colonizadoras, companhias de exploração, colonos oriundos de outros Estados para trabalharem nestas companhias.

Portanto, não se caracterizavam por “espaços vazios”. A respeito disso, Oliveira argumenta que:

A Marcha para Oeste, enunciada em 1938, pelo presidente Vargas, seria o sintoma das preocupações do governo em ocupar os grandes vazios [...] Na verdade, os espaços não se encontravam tão vazios assim. No sul de Mato Grosso, por exemplo, existiam grandes empresas saladeiras e extrativistas. Na região delimitada, a presença da Mate Laranjeira é uma prova concreta desse quadro. Portanto, supomos que a intenção de ocupar os espaços estava vinculada à questão de estratégia de segurança interna do Estado, bem como o desenvolvimento do capitalismo no campo (OLIVEIRA, 1999, p. 20).

As potencialidades e atividades econômicas da região de Mato Grosso, como extrativismo, agricultura e agropecuária, representaram os fatores de atração para os grupos dos colonos provenientes dos Estados de São Paulo¹, Minas e, muito especialmente, do Nordeste brasileiro (GRESSLER, 1988, p. 33). Os migrantes de todas as classes sociais trouxeram os seus capitais para investir, suas habilidades técnicas educacionais, ou apenas sua força de trabalho (SOUZA, 1980, p. 38). Portanto, os colonos que migravam para essas regiões a serem colonizadas iam receber algum tipo de incentivo para se estabelecerem naquele modelo de processo de colonização efetuado pelas companhias. Porém segundo Bonfim (2009), a colonização contemporânea causou alguns transtornos à sociedade brasileira, pois, sendo ela dirigida pelas autoridades representadas pelo poder político ou representadas por companhias particulares, acabou desencadeando um problema ao contrário: ao invés de fixar os imigrantes ou migrantes nas terras oferecidas a esse processo de colonização, esses colonos em sua maioria não conseguiam se estabelecer naqueles lugares, devido a diversas dificuldades encontradas (BONFIM, 2009, p. 62), desfalecendo assim, a política de colonização:

Esses trabalhadores não recebem orientação, recursos e assistência básica para se manter ativos em suas parcelas de terras, depois de pouco tempo, por explorá-la de forma primitiva e por serem predadores do solo, transformam-se em terras improdutivas. Quem usufrui dessas áreas, que ficaram à mercê da especulação, a partir desse momento, são os grandes empresários, que se apoderam desse espaço para a exploração da pecuária. Ao colono restaram algumas alternativas: caminhar para novas áreas de colonização, onde poderá se repetir a mesma cena; voltar às suas origens, se ainda for possível; finalmente, a sua proletarianização nos grandes centros urbanos ou em empresas rurais mais próximas (BONFIM, 2009, p. 62).

¹ Nos anos 30 do século XX, o povoamento ligado ao ciclo de café das terras paulistas extravasava para o território de Mato Grosso, dirigindo-se preferencialmente para áreas de solo basáltico, com destaque para a região de Dourados.

Sobre a política de colonização de Vargas, iniciada no Estado Novo, contribuiu Lenharo (1986), o qual em sua obra discute as estratégias do programa político de Vargas que tentou causar uma comoção nacional, com intenção de conquistar territorialmente o que ele entendia por espaços vazios, fazendo com que esses espaços se integrassem ao capitalismo que estava em fase de desenvolvimento no Brasil. As regiões “retardadas” deveriam ser conquistadas para, com base na pequena propriedade, integrarem-se ao circuito capitalista em franco desenvolvimento no país, além dessas regiões conquistadas servirem também para esvaziar as tensões sociais de algumas regiões como, por exemplo, o nordeste brasileiro. O objetivo era resolver assim problemas políticos, econômicos e sociais das cidades e povoar a Amazônia, e os pastos de Goiás e de Mato Grosso. O sistema de transportes existentes, o comércio e indústria dotariam a colonização de vantagens imediatas. A infra-estrutura necessária seria implantada pelo estado que ia combater a especulação das terras vendidas. O elemento básico seria o cooperativismo que podia substituir mais possível a ação do Estado, assim se evitando o inconveniente da burocracia centralizada, esterilizadora, e rotineira (LENHARO, 1986, p. 39-40).

O Estado Novo hesitou nas suas decisões a respeito do modo como a colonização seria dirigida, ou seja, estatal ou privada. Enfim, o Estado Novo optou pelo modelo estatal, centralizado e nacionalista, porém com todas disparidades vividas pelo governo com relação à sua política de colonização, começaram a aparecer com grande influência as companhias colonizadoras. Não que elas já não existissem, mas agora começaram a tomar força por conta das posições políticas adotadas pelo governo. Grandes companhias colonizadoras começaram a especular febrilmente com a terra que foi muito valorizada após a implantação dos núcleos pioneiros. Desta maneira, a forma de colonizar predominantemente voltou para a “colonização econômica”, dirigida para o lucro das companhias particulares, à qual o Estado Novo teoricamente se opunha (LENHARO, 1986, p. 57).

Os estados adotaram as políticas, mais especificamente o Mato Grosso, para atraírem as empresas colonizadoras para sua região, e ofereceram vantagens para que essas empresas se dispusessem a estabelecer nessas áreas um processo de colonização. A partir da década de 30 do século XX foi intensificada a política de colonização dirigida ao Estado de Mato Grosso, que consistia em tornar permanente uma quantidade de imigrantes ou migrantes de outros Estados para que houvesse um aumento no mercado consumidor e, conseqüentemente, aumentasse a renda do Estado. O Estado permitiu que fossem concedidas grandes porções de

seu território para que empresas colonizadoras pudessem adquiri-las para que as mesmas desenvolvessem na região núcleos coloniais, efetuando a venda de seus lotes. Uma nova fase da colonização particular em terras públicas no Mato Grosso, segundo Vasconcelos, teve início em 1949:

Com a Lei nº 336, que criava “uma comissão especial para proceder à discriminação das terras devolutas para venda ou para estabelecimento de núcleos coloniais” (1986, p. 24), sendo que em 1951, com a Lei nº 461, o Estado passa a ter poder de contratar terceiros para a colonização das áreas reservadas a este fim (1986, p. 24-25). Portanto percebemos que a política fundiária de Mato Grosso, em 1950, criava condições favoráveis no sentido de atrair empresas interessadas no investimento em terras, com a finalidade expressa de colonização. Essa política ficou explicitada a partir da citada lei 336, de 06 de dezembro de 1949, que propunha uma política de subdivisão das terras não exploradas economicamente. Proprietários de latifúndios foram pressionados – pelo menos é o que reza o código – a realizar o aproveitamento dessas áreas ou promover o seu fracionamento, através da venda (VASCONCELOS, 1986, p. 36).

Entre os anos 1951 e 1955, no Estado de Mato Grosso, o governo estimulava a venda de terras para aumentar a receita do Estado. Vendiam sem olhar a quem, desde que o comprador tivesse como adquiri-las. Os empresários das colonizadoras podiam contar com o apoio dos governos estadual e federal. Inúmeras companhias de colonização privadas, inspiradas em modelos recentes de colonização paulista e paranaense, compraram terras no sul de Mato Grosso, como a Companhia Moura Andrade (Nova Andradina), SOMECO e Colonização S/A (Ivinhema), Companhia Vera Cruz (Naviraí) e Companhia Viação São Paulo – Mato Grosso, cujo proprietário era o tcheco Jan Antonín Bata. Nesse contexto, ele intensificou projetos de colonização nas áreas pertencentes à companhia, efetuando a divisão de seus lotes e propondo projetos estruturados, além de demonstrar o que a companhia já havia realizado nesse ramo para atrair colonos e atenções de investidores. Ademais:

Comprou 6.000 km² terras, hoje ocupadas pelos municípios de Batayporã, Anaurilândia e Bataguçu, subdividindo-as em lotes de 25 hectares, destinados a pequenos agricultores e em lotes de 7.000 hectares, destinados à formação de fazendas de criação de gado (GRESSLER, 1988, p. 33).

Ao mesmo tempo Jan Antonín Baťa procurava por gerentes competentes, apropriados e inteligentes para seus núcleos de colonização. A trajetória de um tcheco, Jindřich Trachta, gerente do núcleo colonizador da cidade de Batayporã/MS, na referida área de colonização na região sul de Mato Grosso (hoje estado de Mato Grosso do Sul) pertencente à CVSP-MT, e o debate sobre aspectos que envolveram a vida de um imigrante tcheco no Brasil que veio trabalhar nessa empresa de colonização, se tornou o objetivo do trabalho. O foco da

abordagem privilegiou a trajetória de um personagem peculiar, o imigrante Jindřich Trachta, que durante a sua experiência histórica pessoal mantinha com regularidade uma relação epistolar com seus familiares que ficaram na Europa. Bem cuidada e conservada, essa documentação trata sua experiência pessoal, da empresa em que trabalhou e da vida comunitária e política da região do Vale do Ivinhema, no sul de Mato Grosso, posteriormente Mato Grosso do Sul.

A peculiaridade do imigrante Trachta consiste não somente no fato de ele ter ocupado um cargo importante na CVSP-MT, mas também porque, nos anos 1970, tornou-se o prefeito de Batayporã e, como autodidata, entre 1949 e 2000 manteve uma densa e ampla rede social por meio de relações epistolares com seus parentes na Tchecoslováquia e na Alemanha, com seus colegas de escola na Tchecoslováquia e com outros imigrantes no Brasil. Porém, o recorte temporal da pesquisa está circunscrito a um período mais amplo, remontando ao século XIX, relatando as ondas emigratórias do Império Austro-Húngaro (tendo em conta as ondas emigratórias tchecas/tchecoslovacas para América Latina), passando pela fundação da Tchecoslováquia, das empresas Bata e os aspectos políticos e socioeconômicos da Primeira República Tchecoslovaca, do Protetorado da Boêmia e Morávia e do golpe comunista em 1948, que forçou a Jindřich Trachta a sair do país e passar pelos campos de refugiados na Alemanha, embarcar na Itália e chegar à Hospedaria na Ilha das Flores no Rio de Janeiro, começar a trabalhar para Jan Antonín Baťa, em Bataguassu, e chegar até Batayporã.

A leitura e análise da correspondência que Jindřich manteve, com regularidade, com seus ascendentes na República Tcheca permitiu a compreensão de seus dilemas pessoais como imigrante, bem como os dilemas de sua época, reflexos daquele contexto de ocupação de novos espaços por projetos de colonização. Espaços que continham experiências outras, de outros personagens presentes nos “sertões” do Brasil, como índios, paraguaios remanescentes da atividade ervateira na região, e demais personagens pioneiros e nascidos no local (ZILIANI, 2010; BONFIM, 2009; COSTA, 2012). Outros aspectos da vida do imigrante poderão ser analisados e interpretados à luz da história, tais como: Que nível de relação e de sociabilidade manteve com o país de origem; qual foi a sua trajetória desde a chegada ao Rio de Janeiro até a sua ida para o núcleo colonial de Batayporã/MS e o que o levou ir até lá; qual foi o grau de expectativa de retornar à terra natal, na medida em que a sua saída da Tchecoslováquia ocorreu por motivos políticos, decorrentes de incompatibilidades com regime comunista tchecoslovaco; como se deram as relações com demais imigrantes da

mesma origem estabelecidos em outros núcleos de colonização, bem como em relação aos demais trabalhadores nos empreendimentos colonizadores; como se caracterizou a sua vida cotidiana; quais eram suas táticas de sobrevivência.

Busquei as fontes documentais no Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã, MS, no Arquivo Estadual em Zlín (Státní okresní archiv ve Zlíně), na República Tcheca, e nos arquivos privados em Batayporã e na República Tcheca². A bibliografia levantada foi pesquisada no Centro de Documentação Regional, da Universidade Federal da Grande Dourados, MS, na Biblioteca Nacional, em Praga (Národní knihovna v Praze), e na Biblioteca de Morávia, em Brno (Moravská zemská knihovna v Brně), na República Tcheca. O foco da pesquisa está no material do arquivo do CMJT, cuja criação e organização foi feita em 2003, por meio do projeto *Levantamento Histórico da Região Sudoeste de Mato Grosso do Sul*, coordenado pelos professores Luiz Carlos Batista, José Carlos Ziliani e Carlos Martins Junior da UFMS.

O Centro de Memória Jindrich Trachta (CMJT) é um tipo de arquivo privado³, e seu acervo documental e fotográfico contribui para reagrupar elementos que auxiliam na compreensão histórica da colonização da região sudeste de Mato Grosso do Sul e oeste de São Paulo, além de proporcionar meios para o entendimento de processos históricos vivenciados por sujeitos ímpares, cuja importância não pode ser esquecida pelo tempo ou pela falta de materiais que possibilitem esse entendimento.

A memória da humanidade supõe que os conhecimentos possam ser transmitidos de uma geração para a próxima, de uma sociedade para a outra, de uma cultura para outra, de uma região geográfica para outra. Dito em outros termos, a memória, numa acepção mais social e menos cognitiva, pressupõe o registro de informação, registro este feito em um suporte, condição na qual a informação pode ser transportada no espaço - enquanto registro - e ser acessada em outros momentos - porque houve registro (PALLETA e YAMASHITA, 2004, p. 7).

Nesse sentido observa-se a importância da preservação dos registros de informação, pois os processos históricos que estão registrados seguem um conjunto de fatores que

² No Brasil - arquivo privado de Evandro Trachta, Batayporã, MS; arquivo privado de Paula Dobes, Batayporã, MS. Na República Tcheca - arquivo privado de Milada Zelená, Brno; arquivo privado de Karel Trachta, Veselí nad Moravou.

³ Depois da morte de Jindrich Trachta, em 2001, foi aberto O Centro de Memória Jindrich Trachta que se encontra em casa original de CVSP-MT. A coleção contém os objetos, os documentos, as anotações pessoais e as fotografias da época da colonização. Há também a biblioteca e o arquivo de imprensa aberto ao público. Informações obtidas em www.cmjt.org. Acesso em 08 de agosto de 2013.

possibilitam a sustentação de suas análises e reflexões, e auxiliam significativamente a preservação da memória e da história de regiões e sujeitos (BONFIM, 2009, p. 17-18).

O arquivo do CMJT oferece variado elenco de fontes a que o historiador pode recorrer em seu trabalho, sejam elas fontes documentais, arqueológicas, impressas e visuais (PINSKY, 2008, p. 9-10). O acervo do arquivo do CMJT está composto de oito grupos de documentos, organizados nas 16 caixas⁴. Foi pesquisado o conteúdo das oito caixas relevantes (caixas 04-11) do grupo Família Trachta, onde estão guardadas as correspondências enviadas/recebidas por Jindřich Trachta e os seus documentos pessoais, entres os quais certidão de nascimento, os documentos escolares, os documentos oriundos de campos de refugiados na Alemanha, passagem de navio para o Brasil, documentos de trabalho no Brasil, curriculum vitae, poesias e manuscritos, palestras, árvore genealógica da família Trachta, impostos e contas, testes de saúde, cadernos de anotações, agendas pessoais e telefônicas, entre outros. A divisão das fontes documentais no CMJT foi feita tematicamente. Mas, infelizmente, há vários problemas de organização do arquivo. Na verdade, as oito caixas relacionadas ao tema da Família Trachta juntam vários materias sem uma organização consistente e precisa. Um dos motivos é, provavelmente, o fato dos organizadores não saberem ler em tcheco.

Estimou-se, primeiramente, um total de 270 cartas que foram classificadas tendo como foco as cartas escritas em tcheco e português, sendo excluídas as cartas escritas em alemão, praticamente ininteligíveis. Assim sobraram 240 cartas para analisar, divididas em dois grupos – enviadas (79) e recebidas (161) por Jindřich Trachta. As cartas escritas por Jindřich Trachta foram resgatadas principalmente nos arquivos privados, na República Tcheca e em Batayporã. As cartas que Jindřich tinha recebido, principalmente da Tchechoslováquia e do Brasil, estão todas guardadas no CMJT.

Esses dois grupos de correspondência foram divididos, ainda, segundo quatro períodos relacionados ao local da estadia de Jindřich Trachta no Brasil (tabela 1): o Rio de Janeiro, entre 1949 até 1950 (4 cartas enviadas, 14 cartas recebidas – total de 18 cartas); Bataguassu, entre 1950 até 1954 (6 cartas enviadas, 26 cartas recebidas – total de 32 cartas) e a estadia em Batayporã, dividida em dois períodos que correspondem à divisão do trabalho em capítulos, considerando o ano 1967 como momento decisivo, devido à naturalização brasileira de Jindřich Trachta. São eles: Batayporã I, de 1954 até 1967 (26 cartas enviadas e 20 recebidas –

⁴ 1. Família Bata e Arambasic (caixas 01 – 03); 2. Família Trachta (caixas 04 – 11); 3. Pessoas da comunidade (caixa 12); 4. Municípios (caixa 13); 5. CVSP-MT (caixas 14 – 16); 6. Fotografias; 7. Livros; 8. Jornais.

total de 46 cartas), Batayporã II, de 1968 até 2000 (43 cartas enviadas e 101 cartas recebidas – total de 144 cartas).

Tabela 1

Cartas enviadas/recebidas por Jindřich Trachta

O período	O local	Enviadas por JT	Recebidas por JT	Ao total
1949-1950	Rio de Janeiro	4	14	18
1950-1954	Bataguassu	6	26	32
1954-1967	Batayporã I.	26	20	46
1968-2000	Batayporã II.	43	101	144
Total		79	161	240

Refletir sobre a metodologia no trabalho com fontes não é uma tarefa fácil, em virtude das múltiplas possibilidades de enfoques. Partindo dessa constatação foram abordados alguns aspectos que envolvem o assunto de trabalho com fontes manuscritas, em especial cartas (BEZERRA, 2010; LEMOS, 2004; MALATIAN, 2011; MARTINS 2011; SILVA 2002). Existem vários tipos de cartas escritas, no caso dessa pesquisa as cartas pertencem ao grupo das cartas de imigrantes (ALVES, 2003; ASSIS, 2002; FERNANDEZ, 2007).

A “carta, missiva, epístola“ é um importante instrumento de trabalho, tanto para o historiador, quanto para os críticos de arte, literários ou musicais. O pesquisador se sente atraído pela documentação de cunho particular, mas, na verdade, público e privado se entrelaçam e o historiador traz à luz palavras e sentimentos de alegria, tristeza ou mera expressão de poder, escritos em momentos de intimidade. Por se tratar de um meio privado de interlocução, uma das tentações a que o pesquisador está sujeito é justamente a de querer surpreender o missivista em sua “intimidade”, de buscar um “segredo”, uma chave de desvendamento da verdade hegemônica (COTTA, 2009). Porém, como observa PROCHASSON (1998), há aí algumas armadilhas preparadas, pois principalmente a garantia de autenticidade, ou o sentimento de violar uma intimidade e a impressão de pegar

desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente é, às vezes, bastante enganador:

Existem correspondências que traem uma autoconsciência que não engana ninguém. Existem cartas ou documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos. A conservação sistemática da correspondência recebida por um intelectual e às vezes mesmo as cópias de algumas de suas próprias cartas (...) sempre me intrigaram. As razões que levam a um tal comportamento me parecem indicar uma consciência da história que vem pôr um limite inegável à autenticidade. Nada corre o risco de ser mais falso do que a ‘bela carta’ ou o arquivo privado ‘que se basta a si mesmo’, que é ‘tão revelador’ (PROCHASSON, 1998, p. 112).

Trata-se de uma fonte literária e, por meio delas, as cartas, podemos recuperar fragmentos de um passado distante. Deixar o imigrante tcheco, Jindřich Trachta e os demais sujeitos se revelarem em cartas será o caminho percorrido pela pesquisa, com o intuito de entender a importância da memória escrita através das correspondências epistolares, que registraram a intimidade de indivíduos, mas ao mesmo tempo revelar os aspectos da vida dos imigrantes tchecos no Brasil, suas estratégias de sobrevivência, comportamentos sociais e manifestações culturais. Assim, os personagens que revelaram suas histórias nas cartas, revelaram também contextos, que evidenciam o seu cotidiano.

Sobre o uso da correspondência como fonte de pesquisa, notadamente as cartas, pode-se afirmar que o mesmo está em desenvolvimento, a bibliografia a esse respeito é crescente (COTTA, 2009), porém, infelizmente, ainda não há uma sistematização – ou pelo menos indicação – de procedimentos para formar pesquisadores no trato específico dessa fonte. Por que há tantas cartas produzidas e tão poucos trabalhos com leituras das mesmas cartas, pergunta Santos (2010). Este tipo de documentação costuma apresentar dificuldades do ponto de vista heurístico e metodológico, e dificuldades quanto à sua localização, pois com muita frequência suas contrapartes encontram-se em fundos diferentes e não é possível recuperá-las em sua totalidade. Os proprietários dos fundos privados abriram os seus acervos para mim, como Evandro Trachta, Milada Zelená ou Karel Trachta, porém há uma discrepância entre o número das cartas recebidas e escritas por Trachta, demonstrando um desequilíbrio na quantidade de material analisado. As dificuldades de achar os destinatários das cartas de Trachta, além da falta de preservação das missivas, influenciaram a fase heurística.

Sobre os obstáculos de ordem hermenêutica, escreveu COTTA (2009, p. 5) observando que toda escrita de “produção do eu” é marcada por um “efeito de verdade”, ligado a uma narrativa introspectiva, cuja autoridade e legitimidade se assentam na subjetividade e em uma noção de verdade como sinceridade, o que exige uma crítica das

fontes que se volte para questões relativas ao “erro” e à “mentira” expressas no texto. Descarta “qualquer possibilidade de se saber o que realmente aconteceu”, pois não é essa a perspectiva do registro missivista: ele não registra o que se passou, mas sim “o que o autor disse que viu, sentiu, experimentou” em relação a um acontecimento. Daí o risco da “ilusão biográfica”, isto é, de acreditar que a fonte seja uma expressão do que “verdadeiramente aconteceu” e não um registro, por parte do autor, de suas impressões, de sua ótica. O texto é uma “representação” de seu autor, como forma de materializar uma identidade que ele quer consolidar (em oposição à experiência fragmentária, não linear, do eu individual), e o autor, por outro lado, uma “invenção” do próprio texto. Daí que a escrita de si seja também compreendida como obra não de “autores” propriamente ditos, mas de “editores”, pois consiste em um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida através do texto.

Outros aspectos da correspondência precisam ser observados. Segundo Bezerra são os seguintes os elementos epistolares: a origem da correspondência, os correspondentes, o período de correspondência, a materialidade das cartas, os anexos, a violação das cartas por terceiros, entre outros (BEZERRA, 2010, p. 62-66). No tratamento das cartas como fonte de pesquisa, é importante buscar conhecer como se deu o início da troca epistolar, ou seja, qual a origem do processo de troca de informação mediado por cartas ou demais formas de correspondência, que podem ser cartões-postais, telegramas, bilhetes. O processo da correspondência se pode dar por motivos profissionais, artísticos, políticos. No caso aqui analisado, a maioria da correspondência de Jindřich Trachta foi cedida por afinidades íntimas e particulares, trocada com seus parentes e amigos que ficaram no país de origem, cartas de família e de ausentes.

Querido Jindra. Através das distâncias grandes, a nossa lembrança voa e como o vento leve dá o abraço e mantenha forte o que é querido para nós. Você nem sabe como brilharam os olhos do seu pai quando recebeu sua carta. Coitado, como envelheceu, e todas as alegrias dele ficaram amargas. Estava muito preocupado com você. Disse: depois de tanto tempo, vou poder dormir tranquilamente (ŠIVĚLOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 20/02/1950)⁵.

A respeito dos correspondentes, foram destacados “os envolvidos diretamente” – remetentes e destinatários. A maioria dos remetentes são os parentes e os colegas de Trachta

⁵ Milý Jindro! Přes velké dálky leť vzpomínka naše a jako lehký závan obejmí a posíluj co je nám tak drahé. Ani nevíš, jak zářily otcovi oči, když obdržel dopis od Tebe. Chudák jak zestárl a všechna radost mu zhořkla. Měl o Tebe obavy. Povídal, konečně po dlouhé době budu moci klidně spát. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

da Tchecoslováquia e os imigrantes tchecos no Brasil. Os envolvidos indiretamente – aqueles citados ao longo do conjunto das cartas e que podem variar conforme o período ou o assunto tratado pelos missivistas, os insinuados, junto com correspondentes nomeados diretamente, todos configuram uma rede de relacionamentos em que a carta é, muitas vezes, o único registro. O processo de formação do autor resulta através desse retrato compósito baseado na pesquisa dos envolvidos (in)diretamente, e permite observar o quadro mais amplo das relações estabelecidas entre eles e, desse modo, perceber a carta como parte de uma rede de contatos (BEZERRA, 2010, p. 64).

Para que o leitor possa conhecer alguns aspectos da correspondência ativa de Jindřich Trachta apresentaremos no primeiro, os correspondentes que receberam mais de setenta cartas de Jindřich Trachta. São 18 interlocutores em um universo com os quais Trachta trocou correspondência. Encabeça a lista sua irmã Heda Tlamková, com quem Trachta manteve correspondência até o ano de 2000, com um total de 37 cartas. Abaixo dela encontram-se familiares de Jindřich Trachta, como seu meio-irmão Karel Trachta (8 cartas), sua sobrinha Marie Zelená (7 cartas) e sua irmã Marie Šivelová (6 cartas), o que mostra que a maioria das correspondências é de natureza pessoal, embora arquivada junto aos documentos profissionais e institucionais. Este é, inclusive, um traço característico presente em muitos arquivos privados: a mistura do público e do privado, do pessoal com o institucional.

É grande a troca de correspondência com destinatários tchecos, alemães, austríacos e brasileiros, o que dá uma boa idéia da amplitude da rede formada pela sua atividade missivista. São os três idiomas frequentemente utilizados por Trachta em sua correspondência, sendo preponderante o tcheco. Portanto, através de sua correspondência, é possível reconstituir todo o trajeto de Trachta, não só no Brasil, de modo a conhecer melhor seu percurso biográfico.

O levantamento do período da correspondência foi marcado pelos anos 1949 até 2000. Durante esse tempo houve várias interrupções nas correspondências com parentes tchecos, cujos motivos podem ser das mais diversas ordens. Existiam os casos ligados à vida pessoal de Trachta, a exemplo da primeira metade do anos 1960, devido aos problemas psíquicos pelos quais aquele passava.

Eu mesmo estava também um pouco doente, estava muito perto de colapso nervoso, tive que parar de trabalhar um pouco e por isso cuidei agora somente dos nossos assuntos. Como sabe, Marina trabalha no cartório e marca os

nascimentos, mortes, faz casamentos e as transferências dos bens (TRACHTA, Carta a Hedvika Tlamková, 23/04/1965)⁶.

Por outro lado, houve épocas extremamente férteis de troca de correspondências, como período em que Trachta tornou-se prefeito de Batayporã, na metade dos anos 1970, ou libertação do regime comunista na União Soviética e na Tchecoslováquia, no final dos anos 1980.

Sua carta mexeu muito comigo, é uma análise única de todos os anos da nossa vida, de nós, que tivemos que passar por tantos obstáculos e destruições de nossos sonhos. Quando vi na televisão, como os soldados desmontaram as fronteiras entre Tchecoslováquia e Áustria onde se podia ver os arames farpados, os rolos de arame bem amarrados, as torres de guarda, os soldados e os cachorros – e na fronteira o terreno (terra de ninguém) – as minhas lágrimas começaram a sair e claramente vi o que já sabia faz tempo. O nosso país se tornou uma cadeia grande. No dia 19 de setembro, depois de 40 e um anos, eu falei com minhas irmãs Marie e Hedvika – consegue imaginar depois de tantos anos ouvir de novo vozes delas (TRACHTA, Carta a Jarmila Míčková, 14/01/1990)⁷.

O mapeamento das cartas - volume e distribuição temporal - permitiu visualizar as redes de sociabilidade em pleno funcionamento. A periodicidade e a regularidade das trocas também ajudam na visualização das redes nas quais os indivíduos se inseriram e os vínculos existentes entre os correspondentes. Na troca de cartas entre familiares, amigos ou colegas de escola de Trachta se criava a ansiedade por receber notícias dizíveis e apenas fazer supor as indizíveis. Se criava e sustentava um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explícito um pedido de resposta na conversação realizada à distância. Mas comportava, como todo diálogo, silêncios, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e das afeições. As reações provocadas por oscilações no fluxo de cartas são bem visíveis nas linhas irritadas, decepcionadas, angustiadas ou aliviadas dos remetentes das cartas de Trachta: “esperando carteiro todo dia e nada” (TLAMKOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 08/02/1954)⁸;

⁶ Já sám jsem byl také trochu nemocen, měl jsem blízko k zhroucení nervů, musel jsem nechat na čas práce, a tak se starám jedině o naše záležitosti. Jak víš, Marina je notářkou a má zápis narození, úmrtí, dělá svatby a majetkové převody. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

⁷ Tvůj dopis mnou otřásl až do základů, je to jedinečná analise všech let našeho života, nás, co jsme museli prožít tolik protivenství a matení našich snů. Když jsem viděl v televizi, jak vojáci rozmontávají hranice mezi ČSR a Rakouskem, kde se dalo vidět ostnatý drát, hustě zapletený koutouče drátu, hlídací věže, vojáci a psi – a při hranici pás /země nikoho/ - slzy se mi drali do očí a jasně se mi promítlo to, co jsem již dávno věděl. Naše zem se přeměnila ve veliké vězení. 19. 9. jsem po 40 a jednom roku mluvil s moji sestrou Marií a Hedvikou – to si dovedeš představit po tolika letech slyšet znovu naše hlasy. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

⁸ Každý den čekám listonoše a pořád nic. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

supondo vários motivos de silêncio – muito trabalho ou vida de casado (ZACHOVAL, Carta a Jindřich Trachta, 23/01/1951)⁹; até sentindo o alívio provocado pela carta na caixa de correio: “Marie rejuvenesceu por dez anos quando recebeu sua carta” (ZELENÁ, Carta a Jindřich Trachta, 24/04/1975)¹⁰. As reações provocadas pela irregularidade de cartas eram, no caso de Trachta, principalmente confissões de culpa por ter escrito tão pouco: “Com grande atraso e grande sentimento de culpa estou começando a escrever essa carta“ (TRACHTA Jindřich, Carta a Karel Trachta, 12/01/1966)¹¹. As lacunas na regularidade da troca epistolar não precisavam ser explicitamente causadas somente por Jindřich Trachta, porém podiam ser influenciadas pela violação das cartas por terceiros.

A carta de Trachta para Jana Botková, que estava em Belize, abriu uma questão de censura de escrita oficial. Trachta comentou que tinha recebido às vezes cartas dos parentes via EUA ou Belize, e que sua irmã não tinha recebido todas as cartas enviadas por ele, nas suas palavras: “alguém tem interesse nas cartas minhas que não vem regularmente até as mãos da minha irmã” (TRACHTA, Carta a Jana Botková, 16/05/1955)¹². O Instituto de Vigilância de Imprensa (1953) e, posteriormente, o Instituto de Imprensa e Informação (1968) representaram órgãos de censura na Tchecoslováquia, que regularmente controlavam a correspondência privada¹³.

Na correspondência de Trachta existem outras alusões à censura exterior. As listas de livros tchecos que ele havia pedido que seus parentes mandassem para o Brasil precisavam passar pelos institutos de controle oficial dos órgãos tchecoslovacos. O catálogo de livros proibidos na Tchecoslováquia - *Libri Prohibiti* - juntava títulos interditos dos autores considerados politicamente não confiáveis, da literatura anti-soviética, da direita social-democrata, de T. G. Masaryk, primeiro presidente tchecoslovaco, e dos autores que tinham

⁹ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁰ Marie omládla o deset let, když dostala pohled. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 3.

¹¹ S velkým zpožděním a s velkým pocitem viny začínám tento dopis. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo privado de Karel Trachta, Veselí n. Moravou.

¹² Někdo má veliký zájem na mých dopisech, které nechodí pravidelně až do rukou mé sestry. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹³ Em um esforço para redução de volume de correspondência internacional, a partir de 1950, cada carta mandada ao estrangeiro tinha que ter endereço de remetente. O remetente era obrigado ir ao correio pessoalmente e se comprovar com carteira de identidade. Em 1953, a censura de correio tchecoslovaco tinha 190 empregados que controlavam diariamente 750.000 remessas (ČULÍK, 1991).

emigrado da Tchecoslováquia. Só nos anos 1950 foram liquidados 27,5 milhões de livros nas bibliotecas públicas na Tchecoslováquia (ČULÍK, 1991, p. 73).

Se os livros pedidos por Trachta não fossem “defeituosos“, podiam ser mandados para o Brasil (TLAMKOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 08/02/1954)¹⁴. Entre o material proibido a mandar para o estrangeiro estavam também os mapas do território tchecoslovaco, que Trachta tinha solicitado, mas que não podiam ser encomendados para não serem “mal utilizados“ (ŠIVELOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 31/03/1957)¹⁵.

A violação das cartas pelos órgãos oficiais tchecoslovacos, durante quarenta anos de regime comunista na Tchecoslováquia, foi oficialmente admitida somente depois de 1989. Como confirmou a funcionária da embaixada americana em Praga, Ruda Křížková, na sua carta para Jindřich Trachta, todas as cartas enviadas de/para a Tchecoslováquia foram censuradas e controladas (KŘÍŽKOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 26/11/1989)¹⁶. Em 1990, a Lei de Imprensa (n. 127/1968) e o artigo n. 84/1968 cancelaram a censura e reabilitaram a liberdade da imprensa na Tchecoslováquia.

Essa suspeita de violação das cartas¹⁷ foi tratada como um dos assuntos entre as pessoas que se correspondiam, carteadores, mas aparecia somente entre os missivistas estabelecidos em países livres, entre Belize e Brasil. Nas cartas, escritas diretamente para os parentes na Tchecoslováquia, Trachta se auto-censurava, não comentava a situação política, nem as opressões no seu país natal. Ao contrário, na carta destinada a Jana Botková, nascida em Veselí nad Moravou, morando em Belize, Trachta falou abertamente sobre o regime na Tchecoslováquia, sobre as pessoas não poderem respirar livremente e sobre o fato de ter saído em 1948, e por isso não podia pedir vantagens de uma vida no país livre para seus parentes em casa e disse: “Como eu queria levá-los para o Brasil“.

A respeito da materialidade das cartas Carlos Bezerra (2010) afirma:

O pesquisador deve considerar também como de capital importância, no trato da correspondência como fonte, a materialidade das cartas, isto é, a “corporalidade” do objeto que reconhecemos como carta ou outro tipo de correspondência. Desde o tamanho das cartas, o tipo de papel, o tipo de

¹⁴ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁵ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

¹⁶ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 1.

¹⁷ A existência de censura na Tchecoslováquia foi comprovada ao público somente no final dos anos 1960.

envelope, a tinta. Todos esses elementos da materialidade das cartas dizem respeito às circunstâncias de sua produção e também às circunstâncias de vida dos correspondentes (BEZERRA, 2010, p. 66).

Durante análise do conjunto epistolográfico, do ponto de vista das condições materiais de produção de cartas e tecnologia da escrita surgem também as condições em que vivia o escritor das mesmas. Boa parte de correspondência ativa de Trachta era manuscritas (80%), grafadas com caneta tinteiro, e 20% representam as cartas datilografadas, produzidas em máquina de escrever, sem acentos tchecos. Os diacríticos tchecos (ˇ / °) foram completados posteriormente no texto datilografado à mão. Somente a partir de novembro de 1989, Jindřich Trachta escreveu na máquina de escrever tcheca que tinha ganhado da neta de J. A. Bata, Dolores Ljiljan Arambasic Bata. Além disso, Jindřich Trachta escreveu suas cartas em papéis comuns. Algumas traduções das cartas em tcheco para o português, foram feitas por ele em simples folhas arrancadas de cadernos. Somente em dois casos usou o papel com timbre da CVSP-MT, o que permitiu uma identificação da sua procedência.

O tamanho das cartas variava de uma até seis folhas, sendo em média de duas folhas. Os envelopes que guardavam as cartas oriundas da Tchecoslováquia foram, na maioria dos casos, recortados, resultado do fato que os selos exóticos se tornavam alvos da paixão de colecionador dos seus filhos, especialmente do mais velho, Dario que organizou uma exposição de selos em Batayporã. Entre a correspondência enviada por Jindřich Trachta, podemos destacar também um grupo de seis aerogramas, cartas enviadas por correio aéreo sem necessidade de sobrescrito com imagens das cidades brasileiras e da natureza do país. Trachta os enviava nos anos 1970, durante suas viagens pelo território brasileiro como prefeito da cidade de Batayporã, constituindo sinais da sua distinção. Nesse inventário descritivo da correspondência, há que se referir à própria caligrafia de Trachta, cuja escrita é energética, rítmica, regular, sem riscos desnecessários. A pressão forte, agudeza e velocidade da escrita pode simbolizar sua atividade e autoestima.

Não raro, juntamente com as cartas, eram enviados da Europa para o Brasil principalmente livros, fotografias, artigos recortados de jornais e revistas, entre outros. Nas cartas de Jindřich Trachta há sempre um pedido para que os remetentes enviem livros, dicionários, manuais, mapas, o que pode significar uma das táticas de sobrevivência do imigrante. Por meio das cartas e seus anexos, notadamente os livros enviados em tcheco, Jindřich Trachta podia mergulhar no seu mundo de literatura e estudo de línguas. Do Brasil para a Europa havia principalmente pedidos de fotografias, de retratos familiares o que

significava uma necessidade de ver o correspondente e ter nas mãos um meio de divulgação da história de vida de um irmão, tio ou colega de escola. As fotos, recortes de jornais, sementes de ervas, flores secas, e posteriormente, a partir dos anos 1970, as fitas com discursos gravados dos correspondentes, chamados complexamente objetos de memorabilia, consideramos fragmentos do vivido materializados e ofertados em relicário ao correspondente.

A estrutura da dissertação está dividida em três capítulos atendendo os objetivos gerais da pesquisa. O primeiro capítulo, *Terras Tchecas (Tchecoslovacas) – política e ondas migratórias*, apresenta as mudanças territoriais das Terras Tchecas e as ondas emigratórias, mais especificamente a emigração tcheca (tchecoslovaca) para a América Latina (RECHCÍGL, 1999; BARTEČEK, 1999, 2002, 2003, 2004). Se discute também a situação política na Tchecoslováquia entre 1945 e 1948, e sobre os motivos políticos e sociais da emigração tchecoslovaca depois de 1948, baseando-se na vasta bibliografia produzida pelos historiadores tchecos (JIRÁSEK, 1996; TVRDÍKOVÁ, 2007; KAPLAN, 2009; SNÍŽEK, 2009; CASHMAN, 2010).

Vale destacar que o tema da emigração das Terras tchecas e da Tchecoslováquia para a América Latina tornou-se questão importante para os estudiosos tchecos e eslovacos, haja vista que, sobretudo entre 1921-1924, momento em que os EUA limitaram a entrada de imigrantes no país, contingentes significativos daqueles dois povos dirigiram-se para os países latino-americanos, em particular Argentina e Brasil.

Assim, pode-se afirmar que a situação atual da pesquisa na historiografia tcheca sobre o tema caracteriza-se por, no mínimo, dois elementos básicos. Primeiro, a maioria dos trabalhos têm se dedicado à discussão da emigração para a Argentina, provavelmente por ter sido esse o país da América Latina que, a partir de 1918, recebeu o maior contingente de imigrantes tchecos e eslovacos. Enquanto isso, países como o Brasil, onde a presença desses imigrantes - materializada na intensa atividade de associações de compatriotas, escolas e jornais – é anterior à sua chegada à Argentina, ainda não despertaram o interesse dos pesquisadores. Na expressão do historiador tcheco Ivo Barteček:

Os resultados atuais da pesquisa sobre os motivos, circunstâncias concomitantes e as consequências do interesse pela emigração não correspondem nem à participação brasileira na aceitação da corrente dos imigrantes da Europa Central, nem às possibilidades dos arquivos conservados; o Brasil como que permanece na sombra do interesse dos

pesquisadores sobre a emigração da Tchecoslováquia para Argentina (BARTEČEK, 1997, p. 169)¹⁸.

O segundo elemento a ser destacado se relaciona às pesquisas sobre a emigração de tchecos para a América Latina, e mais especificamente para o Brasil, refere-se ao fato de que as Terras Tchechas, inicialmente incorporados ao Império Austro-Húngaro e, em seguida, ao Estado da Tchecoslováquia, eram entidades políticas que integravam cidadãos de várias nacionalidades – tchecos, eslovacos, alemães, polacos, húngaros, rutenos e judeus, entre outros. Na medida em que as estatísticas sobre a emigração/imigração não diferenciavam as nacionalidades individuais, os imigrantes oriundos das Terras Tchechas eram indiscriminadamente considerados austríacos e, posteriormente, tchecoslovacos. A esse respeito, vale ressaltar que dois anos após a proclamação da República da Tchecoslováquia, em 1918, os censos dos órgãos brasileiros de imigração não possuíam uma seção individualizada para os tchecos e eslovacos. Assim, devido ao fato da Tchecoslováquia ser um Estado que congregava várias nacionalidades, é necessário investigar não só a emigração de tchecos e eslovacos desse país, mas completar o quadro referente à emigração alemã das Terras tchechas, a emigração húngara da Eslováquia, a emigração polaca e rutena, pois todas formaram o subsolo civil da Tchecoslováquia.

O segundo capítulo, *Jindřich Trachta no coração da Europa e seu ingresso no labirinto do mundo*, debate a trajetória de vida de Jindřich Trachta na Tchecoslováquia, no Protetorado da Boêmia e Morávia e nos campos de refugiados na Alemanha, até sua saída da Europa. A trajetória de vida de Jindřich Trachta é reconstruída principalmente por meio dos documentos do CMJT. O contexto histórico da Tchecoslováquia entre guerras se baseia na bibliografia produzida pelos historiadores tchecos (VESELÝ, 1994; KAPLAN, 1995; HOLZER, 1997; KÁRNÍK, 2000, 2008; RANDÁK, 2011; HAHNOVÁ, 2014), o tema de religião nas Terras Tchechas (COVELLO, 1999; AHLERT, 2002; HAUPT, 2008) e o tema de refugiados (TVRDÍKOVÁ, 2007; OLIVEIRA, 2013; MOREIRA, 2013).

O terceiro capítulo, *Venham todos a mim os que procuram socorro*, trata da trajetória de vida de Jindřich Trachta no Brasil - sua trajetória pessoal e profissional até sua morte em

¹⁸ Dosavadní výsledky bádání o příčinách, průvodních jevech a důsledcích tohoto vystěhovaleckého zájmu však neodpovídají ani brazilskému podílu na přijímání vystěhovaleckého toku ze střední Evropy, ani možnostem dochovaných pramenů; Brazílie jakoby doposud setrvala ve stínu badatelského zájmu o vystěhovalectví z ČSR do Argentiny (BARTEČEK, 1997, p. 169). Tradução: Martina Čermáková.

2000. O conteúdo do terceiro capítulo foi colocado no contexto do processo de colonização do chamado Oeste brasileiro, empreendimento que teve seu apogeu durante o Estado Novo, formulado sob a expressão estratégica “A Marcha Para o Oeste” (LENHARO, 1986; OLIVEIRA, 1999). Para atender as atividades de colonização, foram idealizados entre outros projetos, planos piloto para a construção de grandes complexos industriais, que previam além da transformação dos espaços físicos a construção de cidades para atender às novas demandas.

As fontes escritas em língua tcheca e a bibliografia contemporânea tcheca abrem a amplitude da pesquisa no ambiente acadêmico brasileiro, pois sobre a personalidade de Jan Antonín Bata e sobre o funcionamento da sua empresa Bata existem praticamente dois subcapítulos – no trabalho de Ziliani (2010), no quinto capítulo *O homem, o tempo e as ações civilizadoras*, onde tratou “de forma breve, a trajetória do imigrante tcheco Jan Antonín Baťa, desde a sua saída da Tchecoslováquia, passando pelos Estados Unidos, e finalmente se estabelecendo no Brasil” (ZILIANI, 2010, p. 155). Um capítulo sobre a biografia e obra de Jan Antonín Bata faz parte de um livro memorialista, cuja autora é sua neta, Dolores L. Bata Arambasic (2003). Não se trata de livro acadêmico e oferece uma visão unilateral, influenciada pelos laços pessoais e familiares, principalmente no assunto que trata do “golpe do sobrinho de Jan Antonín, Tomás Jr.”, afirmando que “apesar da fraude e do perjúrio a Verdade triunfará como o óleo sobre a água” (ARAMBASIC e SILVA, 2003, p. 43).

O historiador Ziliani já debateu a necessidade de tratar “de um personagem em um trabalho, que teve como objetivo a CVSP-MT e como tema a colonização, só faz sentido na medida exata em que o personagem em foco foi proprietário da Companhia no período em que efetivamente ocorreram projetos de colonização, os quais, por seu lado, tiveram forte marca da personalidade e visão empresarial de Jan Antonin Bata” (ZILIANI, 2010, p. 155). Aceitando a proposta de Ziliani de apresentar a personalidade de Jan Antonín Bata e sua empresa aos acadêmicos brasileiros, a história da empresa Bata será debatida no percurso do terceiro capítulo da dissertação, se baseando nos resultados da bibliografia escrita em língua tcheca, completada pelos resultados da pesquisa de José Carlos Ziliani.

Analisando a situação da historiografia tchecoslovaca sobre a firma de Tomáš Bata e seu meio-irmão, Jan Antonín Bata na Tchecoslováquia é preciso observar que essa estava sob influência dos regimes políticos que detinham o poder no país. Nas épocas antes e logo depois

da Segunda Guerra Mundial, apareceram alguns trabalhos que tentaram de forma mais objetiva e crítica abordar a avaliação do sistema da empresa de Bata e suas consequências sociais. O trabalho de Paul Devinat (1930) entre os primeiros mostrou a importância do plano social específico criado em Zlín para o progresso de empresa de Bata. Outros autores ligados estreitamente com essa empresa publicaram livros de alto valor predicativo sobre o ambiente da sede da empresa (Erdély, 1932; Jandík, 1938).

Em consequência da mudança de situação da sociedade tchecoslovaca depois da Segunda Guerra Mundial, aumentava a corrente da literatura crítica sobre a temática da empresa de Bata. A empresa famosa de Bata incomodou o regime comunista que entrava no poder. A produção literária sobre o elemento de Bata que era avaliado como uma das formas da tirania capitalista mais elaborada, se focava nos romances políticos ou panfletos vulgares sobre a família Bata. A tendência de sujar o nome Bata e apagar os seus vestígios na Tchecoslováquia por parte do governo comunista, principalmente na cidade sede Zlín, chegou até o ponto que cidade de Zlín foi renomeada para Gottwaldov entre 1949 e 1990. O nome foi derivado do nome do primeiro presidente tchecoslovaco comunista no poder, Klement Gottwald.

Na época dos finais dos anos 1950, começaram os estudos históricos de Bohumil Lehár que se juntaram em obra prima *A história do corporação de Bata* (1960), escrita sob as tendências da historiografia marxista. A obra tendenciosa descreve a empresa de Bata como:

Organização de mamute monopólia que espalhou a sua teia no planeta. Exceto União Soviética, no mundo não existia território que a expansão imperialista da corporação Bata não atingisse. A expansão imperialista predatória de corporação Bata caracteriza também o fato que no ano de 1936 a empresa mãe Bata a. s. controlava já um oitavo da exportação mundial de calçados de couro (LEHÁR, 1960, p. 43).

Depois dos anos “agitados” seguem os anos 70 e 80 do século XX da “tranquilidade de pesquisa” (ŠEVEČEK, 2008, p. 19). O clima de Revolução de Veludo e democratização do país depois de 1989, renovou o interesse pela problemática de Bata e de Zlín. As testemunhas vivas da época de Bata lançaram suas memórias (KŘEČEK, 1992). Os acadêmicos discutem vários aspectos do funcionamento da empresa Bata – indústrias, gestão financeira, administração, educação, saúde, urbanismo e personagens de Tomáš Bata e Jan Antonín Bata – Vránová (2010), Kubín (2011), Mikel (2012), Benešová (2012), Krampotová (2013). Nos debates sobre a quantidade da produção acadêmica sobre empresa Bata se destaca:

A quantidade da literatura sobre a empresa Bata é bastante elevada e nos últimos anos ainda está aumentando. Isso significa a atratividade dessa temática, mas também a multiplicidade de olhares (BENEŠOVÁ, 2012, p. 13). Mesmo que possa parecer que foi escrito tudo sobre Zlín e empresa Bata, não é verdade. Novas relações e novos impulsos estão surgindo e junto com isso, a necessidade de pesquisas (MIKEL, 2012, p. 10).

Porém o historiador Ševeček (2008, p. 17) aponta que na literatura contemporânea falta principalmente uma tentativa mais objetiva e crítica do fenômeno de Bata vista pela ótica da história social moderna e que apesar de o campo de pesquisa no que concerne a quantidade de trabalhos sobre conglomerado de Bata passar por uma época de “ouro”, olhando criticamente, a qualidade dos trabalhos é mais popularizada e faltam pesquisas mais precisas baseadas na análise das fontes. Aponta também que os melhores resultados acadêmicos sobre a empresa de Bata foram adquiridos no campo de arquitetura e urbanismo.

Vice-versa, os trabalhos acadêmicos sobre a empresa de Jan Antonín Baťa no Brasil, ou sobre os tchecos trabalhando para ele, praticamente não existem no ambiente tcheco. A falta de estudos sobre a imigração tcheca no período pós Segunda Guerra Mundial no Brasil, ou mais geralmente na América Latina comentou Ivo Barteček:

O êxodo para América Latina depois da Segunda Guerra Mundial, depois de 1948 ou com o período de normalização nos anos 70 (com o marco temporal de 1989) permanece momentaneamente fora do nosso interesse. No futuro seria produtivo observar essa etapa trabalhando com as biografias das personalidades importantes (BARTEČEK, 1996, p. 172)¹⁹.

Visto dessa maneira, o trabalho aqui proposto, sobre o imigrante tcheco em Mato Grosso do Sul, Jindřich Trachta, cumpre a sugestão do historiador tcheco Ivo Barteček e preenche parte da lacuna presente na historiografia tcheca e brasileira sobre a imigração tcheca e eslovaca para o Brasil, no período pós Segunda Guerra Mundial. Além disso, encaixa-se o requisito de Barteček, de estudar esse tema nos arquivos locais, colaborando com instituições e pesquisadores que discutem o tema de emigração/imigração, bem como a história das colônias de compatriotas e suas corporações. Nas palavras de Ivan Barteček, os arquivos tchecos vão aumentando o nosso conhecimento sobre a emigração, porém é necessário completar mais intensivamente a heurística centro europeia e corrigir o

¹⁹ Exodus do Latinské Ameriky po druhé světové válce, po roce 1948 či s nástupem normalizační periody s příchodem sedmdesátých let (s horním časovým mezníkem roku 1989) zůstává v danou chvíli mimo pole našeho zájmu. Do budoucna se jeví sledování této etapy jako produktivní především s ohledem na podchycení biografii výrazných jedinců (BARTEČEK, 1997, p. 172). Tradução: Martina Čermáková.

conhecimento resgatado no ambiente latino-americano. No caso do tema da emigração e exílio, é preciso viajar em busca dos compatriotas, procurá-los e convencê-los a colaborar. As possibilidades e os limites estão dados (fora do financiamento), de um lado, pela nossa boa vontade e preparação para pesquisa de campo (muitas vezes enfrentando o sofrimento físico) e, de outro lado, pela vontade e preparação do entrevistado (BARTEČEK, 2003, p. 382).

CAPÍTULO I: TERRAS TCHECAS (TCHECOSLOVACAS) – POLÍTICA E ONDAS MIGRATÓRIAS

1.1 Terras Tchecas (Tchecoslovacas) - mudanças territoriais e ondas emigratórias

As Terras Tchecas, correspondentes à Boêmia, Morávia, Silésia, pertenciam ao Reino da Boêmia²⁰, membro independente de fato do Sacro Império Romano-Germânico localizado na Europa Central. Em 1526, o arquiduque Fernando da Áustria, irmão mais novo do Imperador Carlos V, foi coroado Rei da Boêmia e Hungria (ČECHURA, 2008, p. 22). Desde então, as Terras Tchecas se tornaram parte da Monarquia Habsburgo, sendo incorporadas ao Império Austríaco, a partir de 1806, e ao Império Austro-Húngaro, em 1867 (KALISTA, 1992, p. 298).

Segundo Polišíenský, “nos séculos XVII e XVIII a maioria dos estados europeus, no espírito do mercantilismo e do fisiocratismo, consideravam as suas populações, respectivamente aos trabalhadores, como parte da riqueza nacional e não promoveram a emigração” (POLIŠENSKÝ, 1992, p. 9)²¹. Assim, no caso específico do Sacro Império Romano-Germânico, até o século XVIII a migração praticamente não foi possível devido à servidão. Só depois da abolição do regime servil de trabalho pelo Imperador José II, em 1781, tornou-se possível a movimentação de contingentes populacionais tchecos no interior do Império, sobretudo em direção aos Bálcãs (Banato e Eslovênia²², Croácia, Vojvodina, Bósnia-Herzegovina) e Viena que, devido à concentração de artesãos e operários, transformou-se no segundo centro cultural tcheco da Europa depois de Praga.

Ao contrário da Prússia, cujas autoridades públicas viam os emigrantes como possíveis articuladores de futuros relacionamentos econômicos e culturais entre a terra natal e os países que os recebiam, no Império Austro-Húngaro a emigração foi estreitamente limitada durante a primeira metade do século XIX, em razão das leis restritivas promulgadas pela monarquia nos

²⁰ O reino foi estabelecido formalmente em 1212 por meio da Bula de Ouro da Sicília, promulgada pelo imperador do Sacro Império Romano-Germânico Frederico II (ČORNEJ, 1995, p. 69).

²¹ V 17. a 18. století většina evropských států v duchu merkantilismu a fyziokratismu považovalo své obyvatelstvo, popř. jeho pracující část, za součást národního bohatství a vystěhovalectví nepřála (POLIŠENSKÝ, 1992, p. 9). Tradução: Kateřina Bátorová.

²² O estabelecimento das aldeias tchecas em Banato foi feito a pedido do quartel militar local como proteção contra a expansão turca nos Bálcãs. Os tchecos construíram aldeias na Romênia (Santa Helena, Biger, entre outras) e na Sérvia (Češko Selo, Veliký Bečkerek, entre outras.)

anos de 1784 e de 1832. Tal atitude só se modificaria a partir da segunda metade do século XIX, quando a lei de 12 de dezembro de 1867 passou a restringir os pedidos de emigração somente àqueles que iam servir ao exército. Porém, ainda assim podia levar até três anos para que as autoridades atendessem aos pedidos de passaporte, processo que só seria acelerado muito mais tarde, quando surgiram registros de que os passaportes passaram a ser emitidos em até dois meses (BÁTOROVÁ, 2013, p. 14-15). Isso permitiu que emigrantes tchecos se dirigissem para os Estados Unidos, Rússia, Ucrânia e, em menor número, para países da América Latina, em particular a Argentina e o Brasil (BARTEČEK, 1993, p. 122-123).

Assim, em decorrência de fatores como a crise econômica europeia da década de 1850, a distribuição de terras na parte ocidental dos EUA, ocorrida com fim da Guerra Civil naquele país (1861-1865), e o barateamento dos custos dos transportes devido à introdução de navios a vapor em viagens transoceânicas, ao longo da década de 1880 levas de imigrantes tchecos instalaram-se nas áreas rurais de estados norte-americanos como o Texas (Moravia, Praha), Nebraska (Bruno), Wisconsin (Slovan, Pilsen) e Iowa, além de marcarem forte presença em centros industriais como Chicago, Nova York e Cleveland. Paralelamente, entre 1861 e 1874 famílias de colonos tchecos instalaram-se em regiões da Criméia (Cechohrad, Alexandrovka), Mar Negro (Metodějovka, Kyrilovka, Vladimirovka, Glebovka) e Volínia, onde o baixo custo das terras permitiu a fundação de mais de 50 aldeias tchecas. Segundo as estimativas de Petrussek, entre 1870 e 1914 emigraram das Terras Tchechas aproximadamente 1,2 milhões de habitantes (PETRUSEK, 1996, p. 256).

Em 1918, após a derrota do Império Austro-Húngaro na Primeira Guerra Mundial, foi proclamada a República da Tchecoslováquia, referendada pelo Tratado de Saint-Germain-en-Laye. Com capital em Praga e território correspondente às atuais República Tcheca, Eslováquia e, até 1945, a Rutênia²³, segundo o censo de 1921 o país contava com 13.607.385 habitantes, sendo a população composta por uma maioria de tchecos e eslovacos (64,37%), além de outros grupos minoritários como alemães (22,95%), húngaros (5,47%), rutenos (3,39%), judeus (1,33%), poloneses (0,56%), estrangeiros (1,75%), outros (0,17%) (ŠKORPIL, 1930).

No período entre as guerras predominou a emigração, principalmente para países da Europa Ocidental como Alemanha, França e Bélgica. Na Alemanha, os mais importantes

²³ A República da Tchecoslováquia entregou o território da Rutênia à União Soviética em 29 de junho de 1945, voltando as fronteiras do país à situação anterior ao Acordo de Munique de 1938. A partir de então, 120.000 pessoas migraram da região da Rutênia para Tchecoslováquia (RANDÁK, 2011).

pólos de atração de migrantes tchecos eram as cidades de Dresden, Leipzig, Hamburgo; os distritos industriais de Renânia e Vestfália, bem como as cidades cuja economia voltava-se para a mineração. Na França, país que nas duas décadas posteriores ao fim da Primeira Guerra Mundial viu aumentar para 80.000 o número de tchecos, a maioria desses imigrantes concentrou-se na fronteira com a Bélgica e a Alemanha (Pas-de-Calais, Norde, Moselle) e em quatro departamentos em torno de Paris (Seine, Seine-et-Marne, Seine-et-Oise e Oise), dedicando-se à agricultura, indústria e mineração. Ainda que em menor número, nesse período os imigrantes tchecos também se instalaram em outros países europeus, como Holanda, Inglaterra e Suíça, e da América Latina (KÁRNÍK, 2000, p. 499).

Em 1939, a Alemanha nazista criou, nas áreas centrais da Boêmia, Morávia e Silésia tcheca o Protetorado da Boêmia e Morávia, que até a rendição final da Alemanha para os Aliados, em 1945, fez parte do Grande Reich Alemão. A ocupação nazista foi responsável pelo surgimento da primeira onda de emigração por motivos políticos, quando saíram do país não só pessoas engajadas na resistência anti-nazista, mas também judeus ameaçados de extermínio nos campos de concentração. Muitos desses exilados lutaram em exércitos estrangeiros ocidentais, sendo posteriormente discriminados e perseguidos pelo regime comunista instalado no país em 1948 (KÁRNÍK, 2008, p. 374).

A partir de 1946, ano em que os comunistas venceram as eleições na Tchecoslováquia, cerca de 2,5 milhões de alemães foram expulsos do país, sob a acusação de terem sido culpados pelo recém terminado conflito armado (HAHNOVÁ, 2014, p. 513). Apesar dessa justificativa, o exílio em massa foi o meio encontrado pelo governo para solucionar as tensões entre alemães e tchecos, em curso desde meados do século XIX, quando tiveram início os esforços para a emancipação política tcheca em relação ao Império Austro-Húngaro. Tensões que seriam ainda mais agravadas com a criação da República da Tchecoslováquia, em 1918. Como observou Petrussek (1996, p. 256), tal atitude repercute ainda hoje nas relações políticas entre a República Tcheca e Alemanha.

Na esteira da vitória dos comunistas nas eleições de 1946, em 1948 a Tchecoslováquia sofreu um golpe de Estado, a partir do qual, com o apoio soviético, o Partido Comunista da Tchecoslováquia assumiu o controle do país por mais de quatro décadas. Isso provocou uma nova onda emigratória por motivos políticos, levando cerca de 40 mil pessoas a se exilarem em países da Europa Ocidental, Estados Unidos, Canadá, Austrália ou Nova Zelândia, entre outros, cujo retorno ao país de origem ficaria ainda mais dificultado a partir de 1952, com a criação da chamada ‘Cortina de Ferro’ (KAPLAN, 2009, p. 76).

Uma nova onda emigratória por motivos semelhantes ocorreu em 1968, quando a invasão da Tchecoslováquia por tropas do Pacto de Varsóvia pôs fim à chamada ‘Primavera de Praga’, curto período de tempo que se estendeu de janeiro a agosto de 1968 no qual, com o apoio de vários intelectuais tchecoslovacos, Alexander Dubček chegou ao poder propondo reformas de caráter liberal na economia e na política, além de certo relaxamento das restrições às liberdades de imprensa, expressão e movimento. De 1968 ao outono de 1969, quando as fronteiras foram relativamente abertas, facilitando a emigração, cerca de 80 mil pessoas deixaram a Tchecoslováquia, número comparável apenas aos 300 mil húngaros que abandonaram seu país em 1956. A maioria dos imigrantes tchecoslovacos rumou para os mesmos países para onde se dirigiram aqueles que haviam deixado o país em 1948, acrescentando-se ainda a África do Sul e alguns países sulamericanos. Em alguns países, tchecos e eslovacos passaram a formar o principal grupo de imigrantes, casos do Canadá, para aonde migraram 19 mil tchecos e eslovacos, em 1969, e da Suíça onde representaram o terceiro grupo mais numeroso de imigrantes (14,5 mil), depois de tibetanos e húngaros. Estima-se entre 150 e 250 mil o número de tchecos e eslovacos que emigraram entre 1969 e 1989 (CASHMAN, 2010, p. 5-11).

Em dezembro de 1989, a chamada ‘Revolução de Veludo’ depôs o governo comunista na Tchecoslováquia. Em 17 de novembro de 1989, a polícia reprimiu uma manifestação estudantil em Praga. Esse evento desencadeou uma série de manifestações populares, que se estenderam de 19 de novembro ao fim de dezembro contando com a participação de 500 mil manifestantes. O aumento dos movimentos de rua e o colapso de outros governos comunistas levaram o Partido Comunista da Tchecoslováquia a anunciar, em 28 de novembro, o fim do regime de poder político baseado no partido único. No começo de dezembro, cercas de arames farpados e outras obstruções foram removidas da fronteira da Alemanha Oriental com a Áustria. No dia 10 de dezembro, o presidente Gustáv Husák apresentou o primeiro governo não-comunista na Tchecoslováquia desde 1948, e renunciou. Alexander Dubček foi eleito presidente do Parlamento Federal, em 28 de dezembro, e Václav Havel, escritor conhecido que estava à frente da revolução, tornou-se presidente da Tchecoslováquia, em 29 de dezembro de 1989 (RYCHLÍK, 2012, p. 79-80).

A transferência de recursos do orçamento tcheco para a Eslováquia, anteriormente regulares, cessou em janeiro de 1991. Em termos econômicos, o PIB per capita da República Tcheca era aproximadamente 20% maior do que o da Eslováquia, mas a sua série histórica de crescimento econômico era menor. Uma pequena maioria de eslovacos defendia uma forma

mais flexível de co-existência ou a completa independência e soberania, porém muitos tchecos e eslovacos desejavam a preservação de uma Tchecoslováquia federal. Não obstante, em 1 de janeiro de 1993, após uma série de protestos populares que, diferentemente do que se verificou nos países da antiga Iugoslávia, ocorreram pacificamente, a Tchecoslováquia foi dividida, dando origem a dois países: a República Tcheca e a Eslováquia (ČORNEJ, 1995, p. 316).

A migração de tchecos após 1993 tem sido pouco documentada, não havendo, portanto, números exatos. Em linhas gerais, sabe-se que os tchecos saem em busca de trabalho em países desenvolvidos economicamente, alguns deles optando pelo retorno após essa experiência, outros preferindo permanecer nos países por eles adotados. Ao que tudo indica, Nova Zelândia e Austrália tornaram-se destinos preferidos para estudantes e graduados de cursos técnicos e de gestão ambiental. Contudo, destinos tradicionais como os EUA e os países da União Europeia, sobretudo aqueles que não restringem a entrada de trabalhadores, caso do Reino Unido e da Irlanda, seguem sendo importantes focos de atração de imigrantes tchecos em busca de melhorias econômicas.

No intuito de compreender a presença de Jindřich Trachta no Brasil torna-se necessário analisar, de forma mais detalhada, a imigração tcheca para a América Latina, tema do segundo item deste capítulo.

1.2 Emigração tcheca (tchecoslovaca) para a América Latina

O interesse da monarquia dos Habsburgos pela América Latina começa nos anos 20 do século XIX, com o fim das lutas pela independência dos países latinoamericanos e da reconstrução da Europa pós-napoleônica. O Brasil se tornou mais conhecido entre os centro-europeus depois do casamento da dona Leopoldina, filha do imperador Francisco I, com o imperador Pedro I.

Os interesses políticos motivaram a curiosidade pela América Latina. Graças as aspirações de Metternich, ligadas com a dona Leopoldina, filha do imperador Francisco I, que se casou com o príncipe e mais tarde imperador Pedro I do Brasil (1822), o Brasil entrou na consciência de parte da sociedade centro-europeia nos anos 20 do século XIX. O Brasil também despertou o interesse dos turistas nobres, frequentemente acompanhados pelos jardineiros e botânicos educados, antecipando o interesse científico (especialmente das

ciências naturais) pelo continente no século XIX e XX (BARTEČEK, 1996, p. 147)²⁴.

Na segunda metade do século XIX, expedições científicas como as do botânico e um dos fundadores do Museu Nacional de Praga, conde Bedřich Všemír Berchtold, que visitou o Brasil entre 1846 e 1847, inspiraram uma nova geração de viajantes, naturalistas e geógrafos que entraram na América Latina a partir do início do século XX. Muito popular até hoje é a obra etnográfica de Albert Vojtěch Frič²⁵ sobre o Brasil e o Paraguai dessa época, ou os livros de aventura de Peter Suchanský²⁶.

A estatística feita pela Diretoria Geral do Serviço do Povoamento no Brasil, cujo objetivo era encaminhar e inspecionar os trabalhos concernentes aos serviços de imigração e colonização, promovidos ou auxiliados pelo Governo Federal, registra a imigração do Império Austro-Húngaro para o Brasil já a partir do ano 1868, contudo sem diferenciar as nacionalidades individuais. O historiador e embaixador da Tchecoslováquia no Brasil, Vlastimil Kybal (1880-1958) estudou as estatísticas da imigração austríaca e tchecoslovaca do Serviço do Povoamento no Brasil entre os anos de 1868 e 1920 e segundo suas palavras:

No Brasil, não é possível determinar o número exacto dos habitantes da Tchecoslováquia, pela razão, que estes estavam a ser contados ao ano de 1918 pelos autoridades locais entre os habitantes da Áustria-Hungria e mesmo durante o recenseamento geral de 1920 não foram registados sob um título separado (KYBAL, 1928, p. 142)²⁷.

Como mencionado, com o afrouxamento das leis restritivas à imigração no Império Austro-Húngaro, a partir dos anos 70 do século XIX teve início um processo imigratório de alemães (chamados *boêmios*) do norte da Boêmia (Jablonec nad Nisou, Liberec), região onde

²⁴ U zrodu „moderního“ zájmu o Latinskou Ameriku stanuly zájmy mocensko-politické, konstanta ve vztazích mocností k zemím subkontinentu. Díky Metternichovým aspiracím, spjatým s arcivévodkyní Leopoldinou, dcerou císaře Františka I., jež se stala manželkou prince a pozdějšího císaře Pedra I. (1822), vstoupila do povědomí části střeoevropské společnosti ve 20. letech 19. století především Brazílie. Byla to rovněž Brazílie, která díky mocenským aspiracím střeoevropské monarchie zaujala pozornost šlechtických turistů, mnohdy doprovázených vzdělanými zahradníky a botaniky, předznamenávajícími odborný (především přírodovědný) zájem o subkontinent 19. a 20. století (BARTEČEK, 1996, p. 147). Tradução: Martina Čermáková.

²⁵ FRIČ, Alberto Vojtěch. *Zákon pralesa*. Praha: 1921. _____. *Strýček Indián: dobrodružství lovce v Gran-Chacu*. Praha: Toužimský a Moravec, 1935. _____. *Mezi Indiány*. Královské Vinohrady: Alois Koníček, 1918.

²⁶ SUCHANSKÝ, Peter. *Zelené peklo*. 2. ed. Bratislava: Tatran, 1971.

²⁷ V Brazílii není možno zjistiti přesný počet příslušníků československého státu, a to z toho důvodu, že tito byli až do r. 1918 započítáváni od místních úřadů mezi příslušníky Rakousko-uherské a ani při všeobecném sčítání obyvatelstva r. 1920 nebyli zaznamenáni pod samostatnou rubrikou (KYBAL, 1928, p. 142). Tradução: Kateřina Bátorová.

se concentrava importantante pólo industrial baseado na produção de cristal e vidro, têxteis e lapidação de jóias. Acompanhando o ritmo de crescimento demográfico verificado no conjunto das Terras Tchecas, que no decorrer do século XIX teve sua população praticamente duplicada, a região da Boêmia também apresentava, desde a década de 1830, um acelerado crescimento populacional, que excedia o ritmo de seu crescimento econômico (HLAVAČKA, 2014, p. 362).

Descontentes com a baixa qualidade de vida, vidreiros e outros operários boêmios, inspirados nos alemães da Prússia, Saxônia e Brunsvique, que anos antes haviam se fixado na região sul do Brasil, deslocaram-se principalmente para Nova Petrópolis e seus arredores, no Rio Grande do Sul. Nas cartas escritas a parentes e amigos que permaneceram na Europa acabaram tornando a alternativa da imigração para o Brasil mais atrativa aos mesmos.

Em 1873, 17 famílias, num total de 69 pessoas, a maioria vidreiros, migraram da região de Liberec. Na mesma época, outros vidreiros, a maioria alemães, juntaram-se a 200 operários do norte da Boêmia e se dirigiram para a colônia São Bento, em Santa Catarina, fundada um ano antes por colonos tchecos e bávaros oriundos de Šumava (Böhmerwald).

As experiências desses colonos nem sempre foram positivas. Em 1873, na Bahia, nas colônias Moniz e Theodoro, 150 imigrantes oriundos da Boêmia passaram por uma situação complicada, pois “os agentes irresponsáveis não providenciavam o equipamento básico que precisavam para sobreviver“ (BÁTOROVÁ, 2013, p. 19). Todas as quarenta pessoas que se dirigiram para a colônia Moniz tiveram que sair de lá no ano seguinte, retornando para a Europa sob as despesas do governo brasileiro. As instituições austríacas aproveitaram essa experiência negativa para desencadear uma propaganda negativa sobre o Brasil, mas mesmo assim as pessoas, na maioria dos casos de Liberec e Jablonec nad Nisou, continuaram saindo para o estrangeiro (BARTEČEK, 1996, p. 183).

De Rovensko pod Troskami e Mladá Boleslav, região tradicionalmente voltada para a atividade de lapidação de jóias, em 1893 dirigiu-se para o Brasil um grupo de noventa tchecos, após acordo firmado com as autoridades brasileiras, que lhes concederam grátis um pedaço da terra no Rio Grande do Sul. Organizado e bem preparado, esse grupo, composto de um professor e um grande números de artesãos, trouxe consigo todo o material necessário para a construção de casas (exceto madeira e tijolos), tecidos, vestuários, sementes, além dos instrumentos necessários à prática dos mais variados ofícios.

A bordo do navio Argentina, no qual embarcaram na cidade de Hamburgo, em setembro de 1893, chegaram ao Rio de Janeiro em 9 de outubro. Porém, em razão da Revolta

da Armada não puderam continuar a viagem ao Rio Grande do Sul, sendo conduzidos à Hospedaria de Imigrantes do Pinheiro, no Rio de Janeiro²⁸. Dali o grupo foi dividido, com uma parte dirigindo-se para São Paulo e outra, na qual estava incluído o intelectual e linguista František Vladimír Lorenc, conduzida para Minas Gerais, onde os imigrantes tchecos passariam a enfrentar as mais duras condições de trabalho na atividade mineradora. Retornando, posteriormente, a Pinheiro, František Vladimír Lorenc envidou, sem sucesso, inúmeros esforços para que as autoridades brasileiras pagassem a viagem de regresso daquele grupo de imigrantes, sujeitos de mais uma infrutífera tentativa de fundação de uma compacta colônia tcheca no Brasil.

De acordo com Ivo Barteček, em 1896 um novo grupo de imigrantes tchecos dirigiu-se para a colônia Guarany, próximo de Santo Angelo no Rio Grande do Sul, grupo reforçado, após a Primeira Guerra Mundial, por colonos originários da Boêmia, Morávia e da região de Volínia, na Rússia. Ivo Barteček estima que, no final da década de 1920, viviam na colônia Guarany aproximadamente 30 a 40 famílias de origem tcheca, a menor comunidade estrangeira entre os vários grupos nacionais ali instalados (poloneses, alemães, suecos, italianos, brasileiros, tchecos e eslovacos), em sua maioria poloneses com um contingente de 300 famílias (BARTEČEK, 1995, p. 156)²⁹.

Após a Primeira Guerra Mundial, o crescimento econômico de países como a Argentina e o Brasil atraiu uma nova corrente migratória tcheca, eslovaca, alemã e húngara em direção à América Latina, intensificada depois de 1924, quando os Estados Unidos implantaram o sistema de quotas para imigrantes.

²⁸ A Hospedaria do Pinheiro foi fundada em terras da antiga Fazenda São José do Pinheiro, construída em 1851 por José Gonçalves de Moraes, futuro Barão de Pirai. Após seu falecimento foi transferida para o genro, Joaquim José de Souza Breves que não deixou descendentes. Depois de ter sido ocupada pelo Serviço de Imigração (1891-1897) e pelo Ministério da Guerra (1897-1898), foi transformada numa escola de Zootecnia, que deu origem à Escola de Agronomia e Veterinária de Pinheiro e desde 1985 é o Colégio Agrícola Nilo Peçanha, da Universidade Federal Fluminense. Em 1995, o território onde se encontra foi alçado a município, com o nome de Pinheiral, estado do Rio de Janeiro. Informações obtidas em <http://leopoldinense.com.br/img/edicoes/%7B83078EA8-5F19-44D2-97F6-48939ADF5A31%7D.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2014.

²⁹ Samotná kolonie Guarany se členila na několik národnostních uskupení (Poláků, Němců, Švédů, Italů, Brazilců, Čechů a Slováků), z nichž největší komunitu utvářeli Poláci (v počtu 300 rodin) a nejmenší naši krajané v počtu 30-40 rodin ke konci 20. let 20. století. První průkopníci z českých zemí sem dorazili roku 1896 a česká skupina byla posílána především v období do první světové války, a to jak kolonisty z Čech a Moravy, tak Čechy usedlími do té doby v ruském Volyňsku (BARTEČEK, 1995, p. 156). Tradução: Martina Čermáková.

Com a proclamação da República da Tchecoslováquia, em 1918, os cadastros dos imigrantes tchecos e eslovacos para a América Latina tornaram-se mais organizados, o que permitiu ao historiador Vlastimil Kybal produzir uma estimativa da quantidade de imigrantes tchecoslovacos que se dirigiram para a Argentina e o Brasil entre as duas guerras mundiais. Conforme esse autor, entre 1922 e 1930, chegaram ao litoral da América do Sul, vindas da Tchecoslováquia, mais de 40.000 pessoas. A esse respeito, Vlastimil Kybal destacou que, nos anos que antecederam a crise econômica de 1929, desembarcaram em Buenos Aires, mensalmente, mais de 2.000 tchecoslovacos, o que o levou a estimar em 30.000 o número de imigrantes tchecos instalados na Argentina naquele período (KYBAL, 1935, p. 38-39)³⁰.

Apoiado nas conclusões de Vlastimil Kybal, Ivo Barteček afirma que, composto de engenheiros, empresários e operários de vários setores industriais, esse contingente de imigrantes tchecos e eslovacos se estabeleceu principalmente em Buenos Aires e seus arredores (Berisso, Verónica, Avellaneda). Além disso, criou-se em Presidencia Roque Sáenz Peña, cidade localizada na Província do Chaco, no norte da Argentina, uma forte colônia agrícola que, em 1937, contava com 5000 tchecos e eslovacos (BARTEČEK, 1995).

No que se refere ao Brasil, Vlastimil Kybal, baseado em dados fornecidos pelo Departamento Nacional do Povoamento³¹, estimou em 1.500 a quantidade de imigrantes tchecoslovacos que entraram no país entre 1920 até 1925, atingindo um número total de 7.000 até 1939. A rigor, os números apresentados por Kybal eram ligeiramente inferiores àqueles

³⁰ Československo vrhlo v neklidných poválečných letech (od 1922 do 1930) na břehy Jižní Ameriky přes 40.000 lidí, z nichž Slováků a Karpatorusů byla dobrá polovina. Před krísí hospodářskou měsíc co měsíc vyloďováno bylo v Buenos Aires přes 2.000 československých příslušníků, a tak se stalo, že po odečtení repatriantů síla československé emigrace v Argentině byla před krísí odhadována na 30.000 a v Brazílii na 7.000 duší (KYBAL, 1935, p. 38-39). Tradução: Martina Čermáková.

³¹ Vinculado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o Departamento Nacional do Povoamento foi criado pelo decreto n. 19.667, de 4 de fevereiro de 1931, tendo como antecessores, entre outros, a Inspeção Geral das Terras e Colonização (1876-1896) e a Diretoria do Serviço de Povoamento (1911-1918). Eram suas atribuições superintender os serviços de imigração e colonização promovidos pela União e por empresas particulares, fiscalizar a entrada de estrangeiros no país, amparar e orientar correntes migratórias internas, organizar a colocação de trabalhadores e proteger os índios. Pelo decreto-lei n. 1.023-A, de 31 de dezembro de 1938, passou a denominar-se Departamento Nacional de Imigração, mantendo suas atribuições básicas. Foi extinto pela lei n. 2.163, de 5 de janeiro de 1954, que criou o Instituto Nacional de Imigração e Colonização, sendo que as atribuições relativas ao serviço de imigração já passaram à Polícia Civil do Distrito Federal, desde 1941.

apresentados pelo Departamento Nacional do Povoamento, que apontava a entrada de 2.228 imigrantes tchecos até meados da década de 1920, e os divulgados pela imprensa da época, a exemplo do *Correio Paulistano*, que em sua edição de 21 de abril de 1937, informou ser de aproximadamente 10.000 o número daqueles imigrantes no Brasil.

Ainda segundo o levantamento realizado por Vlastimil Kybal, no período entre guerras emigraram da Tchecoslováquia para o Brasil aproximadamente 55% de tchecos e eslovacos, 40% de alemães, sendo os 5% restantes formados por rutenos, húngaros, judeus e polacos, entre outros. Perto da metade desses imigrantes concentrou-se nos grandes centros urbanos da época ou próximo a eles, trabalhando como operários fabris (45%), comerciantes (10%) e agricultores (15%). Com um contingente que variava entre 1700 e 2000 pessoas, segundo a Revista *Krajan (Compatriota)*³² e o jornal *Correio Paulistano*³³, respectivamente, São Paulo era cidade que abrigava a mais numerosa colônia tchecoslovaca no país (tabela 1). Toda a vida social e cultural de boa parte desses imigrantes passou a girar em torno da associação Slavia. Fundada em São Paulo, em 1895, esta se tornou a mais antiga e, até a Segunda Guerra Mundial, a mais importante entidade agregadora de tchecos e eslovacos no Brasil. Em funcionamento até hoje, seus membros dedicam-se principalmente às danças folclóricas tchecas e eslovacas.

Tabela 1

Os compatriotas tchecoslovacos residentes nas cidades no Brasil no período entre 1918 até 1939

<u>Cidade</u>	<u>Estado</u>	<u>Correio Paulistano *</u>	<u>Krajan **</u>
São Paulo	São Paulo	2 000	1 700
Porto Alegre	Rio Grande do Sul	800	700
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	600	-

³² ČESKOSLOVENŠTÍ vystěhovalci v Brazílii (Os emigrantes tchecoslovacos no Brasil). *Krajan*, Praha, V, número 18, 15 set. 1936, p. 3. *Krajan (Compatriota)* era uma revista quinzenal, publicada em Praga, entre 1932 e 1938, pelo Instituto Tchecoslovaco de Estrangeiros. O periódico dedicava-se às questões relativas à emigração e aos interesses tchecoslovacos no exterior.

³³ A TCHECOSLOVÁQUIA e a sua emigração. *Correio Paulistano*, São Paulo, 21 abr. 1937. Em concordância com o *Correio Paulistano*, Ivo Barteček aponta que, em meados da década de 1930, viviam na cidade de São Paulo de 150 a 200 famílias tchecoslovacas, totalizando, segundo esse autor, quase 2000 indivíduos (BARTEČEK, 2003).

Curitiba	Paraná	400	300
Ao total		3 800	2 700

Fonte:

* A TCHECOSLOVÁQUIA e a sua emigração. *Correio Paulistano*, São Paulo, 21 abr. 1937.

** ČESKOSLOVENŠTÍ vystěhovalci v Brazílii (Os emigrantes tchecoslovacos no Brasil). *Krajan*, Praha, V, número 18, 15 set. 1936, p. 3.

Por muito tempo, os dados publicados por Kybal foram aceitos por autores como o publicista Egon Erwin Kisch, os historiadores Otakar Odložilík, Bedřich Mendl, František Kutnar e, principalmente, Josef Polišenský que, em 1979, publicou *Dějiny Latinské Ameriky (História da América Latina)*. Vinculados ao Centro de Estudos Ibero-americanos de Praga, fundado em 1967, e com interesses voltados para os estudos sobre a América Latina, esses autores simplesmente utilizaram as estimativas de Kybal nos seus trabalhos sem, contudo, realizar novas pesquisas de caráter quantitativo sobre a imigração tcheca para a região. A rigor, uma nova etapa de pesquisas mais atualizadas sobre esse tema só foi aberta a partir da década de 1990, quando o historiador Ivo Barteček incluiu, pela primeira vez, nas estatísticas da emigração tchecoslovaca para o Brasil, no período entre guerras, os imigrantes de origem eslovaca que aqui chegaram vindos da Iugoslávia e da Romênia (BARTEČEK, 1999).

Em suas pesquisas de campo realizadas em diversos países latino-americanos entre 1997 e 1998, Ivo Barteček concluiu que cerca de 300 famílias de origem eslovaca que, em meados da década de 1920, se deslocaram para o Brasil vindas da região de Cluj, para onde haviam migrado à época do Império Austro-Húngaro, deixaram de ser incluídas nas pesquisas anteriores. De acordo com esse autor, em meados da década de 1930 a maior parte desse grupo de imigrantes vivia em bairros paulistanos como Vila Bela e Mooca. Outros dirigiram-se para cidades do interior do Estado de São Paulo como Santo Anastácio, Caiuá e Presidente Wenceslau Braz, onde fundaram as colônias de Santo Anastácio, Arpád e Santo Antonio, respectivamente, e do Rio Grande do Sul, colônia Santa Terezinha; e Paraná, onde 40 famílias de eslovacos da região romena de Cluj se juntaram a famílias tchecas e eslovacas de Prievidze, na Eslováquia, para fundar, em 1932, a colônia de Bratislava (BARTEČEK, 2003)³⁴.

³⁴ Professor da Universidade de Palacký em Olomouc na República Tcheca, o historiador Ivo Barteček desenvolveu, entre 1997 e 1998, o projeto intitulado *Lidé a země na konci druhého tisíciletí – Jižní Amerika 1997-1998 (A gente e os países no final do segundo milênio – América do Sul 1997-1998)*. Para tanto, em suas

Tomando como ponto de partida o fato de que a Lei de Cotas, implantada no Brasil em 1934, havia restringido o número de imigrantes tchecos no país ao máximo de 246 indivíduos, Ivo Barteček estimou que cerca de 12.300 pessoas oriundas da Tchecoslováquia se instalaram no país a partir das duas últimas décadas do século XIX. Portanto, para esse autor tratava-se de saber se esses dados se referiam ao número de imigrantes com nacionalidade tchecoslovaca (tchecos e eslovacos) ou, o que de seu ponto de vista era o mais provável, a todos os imigrantes vindos da Tchecoslováquia (aqui incluídos alemães, judeus, húngaros, polacos e rutenos, entre outros), contrariando na prática os critérios de nacionalidades previstos em lei. Para Barteček, é justamente o fato dos órgãos de imigração brasileiros da época não possuírem uma seção individualizada para os tchecos e eslovacos, e da Tchecoslováquia ser um Estado que congregava várias nacionalidades, o que torna necessário investigar não só a emigração de tchecos e eslovacos desse país, mas completar o quadro referente à emigração alemã das Terras Tchechas, a emigração húngara da Eslováquia, a emigração polaca e rutena, pois todas são nacionalidades que formaram o subsolo civil da Tchecoslováquia.

Em síntese, as conclusões das pesquisas realizadas por Ivo Barteček, publicadas entre os anos 2002 e 2004, mostram que mais de 10 mil imigrantes tchecoslovacos e de origem tcheca fixaram-se no Brasil entre o final do século XIX e às vésperas da Segunda Guerra Mundial, instalando-se, sobretudo, nas capitais e diversas colônias agrícolas nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Paraná (tabela 2).

Tabela 2

Os compatriotas tchecoslovacos residentes como colonos agricultores no Brasil no período entre 1918 até 1939

<u>Lugar</u>	<u>Estado</u>	<u>Correio Paulistano *</u>	<u>Krajan **</u>
São Bento	Santa Catarina	900	450
Blumenau			
Joinville			
Erechim			

pesquisas de campo visitou comunidades tchechas da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil.

B. Vista de E.	Rio Grande do Sul	900	700
Guarany	Rio Grande do Sul	450	300
S. Angelo	Rio Grande do Sul	400	200
S. Jeronymo	Rio Grande do Sul	250	100
Annitapolis	Santa Catarina	120	100
Nová Vlast	Paraná	60	50
B. de Antonina	São Paulo	40	-
Itariry	São Paulo	20	20
Ao total		3 140	1 920

Fonte: **Correio Paulistano*, 21 de abril de 1937; ** *Krajan*, 15 de setembro de 1936

Após a Segunda Guerra Mundial houve duas vagas emigratórias na Tchecoslováquia, ambas motivadas por fatores políticos. A primeira em 1948 e a segunda em 1968, ambas destinadas mais ao Brasil do que à Argentina. Ao contrário daqueles que anteriormente migraram por problemas de ordem econômica e social, a emigração motivada por fatores políticos agrega indivíduos que originalmente não pretendiam deixar o país de origem, só o fazendo em razão de perseguições e de prejuízos econômicos decorrentes disso. Nesse sentido, esse tipo de migração pode, em geral, assumir as características descritas por Miloslav Petrussek:

Os emigrantes políticos podem se tornar elementos desestabilizadores no país acolhedor, principalmente quando a emigração demora e a quantidade dos emigrantes é numerosa (exemplo dos palestinos que saíram de Israel). Mas só uma pequena parte dos emigrantes políticos retorna depois da mudança do sistema político do país natal, pois após um certo tempo acontece a sua ressocialização no ambiente novo (PETRUSEK, 1996, p. 256)³⁵.

Hoje, na Argentina, há cerca de 30.000 pessoas com raízes tchecoslovacas. No Brasil esse número varia de três a cinco mil compatriotas. Comum a todos é fato de que a maioria de

³⁵ Mohou se však stát i značným destabilizačním činitelem v zemi hostitelské, zvláště když emigrace trvá dlouho a je vzhledem k domácímu obyvatelstvu početná (viz Palestinci, kteří odešli z Izraele). Ale jen malá část politických emigrantů se po změně politického systému se do mateřské země skutečně vrátí, protože po určité době dochází tak jako tak k jejich resocializaci v novém prostředí (PETRUSEK, 1996, p. 256). Tradução: Martina Čermáková.

seus ascendentes saiu da Tchecoslováquia por razões de ordem econômica e social no entre-guerras e, após a Segunda Guerra Mundial, por motivos políticos e ideológicos decorrentes da implantação do regime comunista, em 1948 (BARTEČEK, 1999, p. 380).

Fugindo do regime comunista e cautelosos em relação aos órgãos oficiais da Tchecoslováquia, esses imigrantes políticos em geral pouco participaram da vida das associações culturais tchecoslovacas. Só após o fim do regime comunista, em 1989, houve uma mudança de atitude dos mesmos em relação à Embaixada e ao Consulado Geral da Tchecoslováquia (posteriormente da República Tcheca e Eslováquia), tentando restabelecer contatos com o país natal e, no caso dos descendentes, buscar suas próprias raízes européias. Como destacou Ivo Barteček:

Os representantes dessa onda imigratória se juntaram às atividades dos órgãos representativos da Tchecoslováquia (depois República Tcheca e Eslováquia) depois de 1989. Parece que no caso do exílio político e ideológico os indivíduos eram intelectual e economicamente equipados (BARTEČEK, 2003, p. 380)³⁶.

Ao mesmo tempo, o governo tchecoslovaco (tcheco) procurou restabelecer relações com imigrantes tchecos e seus descendentes no mundo inteiro, o que levou à intensificação de contatos com associações de compatriotas América do Sul. Desde então, o Instituto de Etnografia e Folclore da Academia de Ciências se incumbiu de lançar a revista *Češi v cizině* (*Tchecos no estrangeiro*) e cuidar dos interesses dos compatriotas tchecos no mundo.

De todo modo, foi justamente no novo quadro político que se estabeleceu na Tchecoslováquia no contexto da Guerra Fria que se deu a vinda de Jindřich Trachta para o Brasil. Cumpre, portanto, analisá-lo mais detalhadamente.

1.3 Situação política na Tchecoslováquia entre 1945 e 1948 e a emigração política de 1948

A Segunda Guerra Mundial mudou significativamente a face da Europa. O Terceiro Reich usava o Protetorado da Boêmia e Morávia como fonte da mão de obra barata, muitas vezes adaptando suas fábricas à produção de armamentos. Apesar disso, ou talvez por isso,

³⁶ Naopak se zástupci této exilové vlny a nepočteného přílivu pro roce 1968 napojili na aktivity československého a českého zastupitelského úřadu po roce 1989. Zdá se, že v případě politického a ideového exilu šlo o intelektuálně a kapitálově zdatné jedince (BARTEČEK, 2003, p. 380). Tradução: Martina Čermáková.

em 1945, as Terras Tchecas se encontraram, segundo avaliação global, em 10º lugar em termos econômicos e financeiros (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 13).

Após a Segunda Guerra Mundial, a União Soviética manteve o seu conceito de implementação da revolução mundial, o que a levou a fechar, ainda no decorrer do conflito, 12 de dezembro de 1943, um Tratado de Amizade com a Tchecoslováquia. Firmado por Edvard Beneš, principal representante do governo tcheco no exílio em Londres e cuja maioria dos membros era anticomunista, o tratado que determinaria o futuro rumo político da Tchecoslováquia foi explicado da seguinte maneira: "Temos que contar com cinquenta por cento do Oeste, cinquenta por cento do Oriente e não cem por cento do Ocidente" (HANAK, 1995, p. 18). Porém o fato é que o tratado pavimentou o caminho para a inserção da Tchecoslováquia na esfera de influência soviética e a consequente perda de sua soberania.

Em meados de março de 1945, no exílio em Moscou, Edvard Beneš constituiu um governo de coalisão articulado em torno da recém-criada Frente Nacional. Em 5 de abril de 1945 foi aprovado, em Košice na Eslováquia, um programa de governo³⁷. Com o fim da guerra, em 1945, os partidos políticos orientados à esquerda triunfaram em boa parte da Europa, onde governos socialistas se estabeleceram em catorze países. Este fenômeno se refletiu também na Tchecoslováquia, onde o Partido Comunista obteve 38% dos votos nas eleições de maio de 1946, o que passou a ser considerado o melhor desempenho de um partido comunista europeu numa das poucas eleições livres ocorridas na zona de influência soviética no pós-guerra. Em consequência disso, o líder comunista Klement Gottwald assumiu o posto de primeiro-ministro de um gabinete composto de 9 ministros comunistas e 17 não-comunistas. A esse respeito, é preciso destacar que na Eslováquia, onde o Partido Democrático obteve 62% dos votos, a oposição anticomunista foi duramente reprimida. Em 1947, 300 membros do Partido Democrático, incluindo seu Secretário Geral, Otto Obuch, foram presos, acusados pelos órgãos de segurança de conspirarem contra o Estado (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 14).

O aumento significativo da influência do Partido Comunista da Tchecoslováquia pode ser explicado por diferentes fatores – novo sistema controlado pela chamada Frente Nacional,

³⁷ Programa tinha como principais pontos a aliança com a URSS no campo da política externa, o estabelecimento de comitês nacionais nos municípios, a expulsão dos alemães dos Sudetos e dos húngaros da Eslováquia, o julgamento dos criminosos de guerra e dos suspeitos de colaboração com os alemães durante a ocupação, além da supressão dos partidos políticos orientados à direita (KAPLAN, 2009).

que passou a agregar movimentos políticos cujos programas se aproximavam da esquerda; a existência de dois partidos comunistas – Partido Comunista Tcheco e Partido Comunista Eslovaco; uma profunda reorganização da polícia e, sobretudo, do exército (CASHMAN, 2010, p. 62). Como destacou Tomáš Snížek, fundamental nesse processo foi o papel atribuído ao Exército Vermelho na luta contra a Alemanha nazista na Europa Central e Oriental:

Outro importante fator de apoio ao esforço do Partido Comunista para tomar o poder na Tchecoslováquia foi o papel do Exército Vermelho, que se tornou o símbolo da luta contra a Alemanha nazista. Por isso e por ter libertado a maior parte do território da República da Tchecoslováquia tornou-se, no início, bastante popular. Esse era um dado com qual o Partido Comunista sabia lidar bem. Depois de conferência em Ialta, em 1945, a Tchecoslováquia ficou na esfera da influência da União Soviética, que aqui começou a promover os seus interesses. O conjunto dessas realidades levou à preferência geral pelo Partido Comunista não somente em nosso país, mas também na maioria da Europa Central e Oriental (SNÍŽEK, 2009, p. 8)³⁸.

Em junho de 1947, o Secretario de Estado Norte Americano George C. Marshall anunciou um amplo programa de assistência dos Estados Unidos para a reconstrução do continente europeu, conhecido como *Plano Marshall*. Stalin proibiu terminantemente a participação de todos os países sob a influência de Moscou no programa de assistência oferecido por Washington. No caso da Tchecoslováquia, além de extrapolar os compromissos do Tratado de Amizade firmado com a União Soviética em 1943, tal determinação também demonstra, segundo Kalvoda (1999), o quanto o país já estava dependente de Moscou.

A crise econômica, aprofundada com o distanciamento de Praga em relação ao Plano Marshall, os desmandos das forças de segurança, a oposição dos agricultores à proposta de coletivização das terras e o crescente descontentamento dos mesmos devido às pressões para aumentarem a produção sem melhoria das compensações, podem ser considerados alguns dos elementos centrais da queda do prestígio político do Partido Comunista junto à opinião pública tchecoslovaca. De acordo com os resultados de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa de Opinião Pública, em janeiro de 1948, apenas 10% dos eleitores manifestavam a intenção de votar no Partido Comunista nas eleições previstas para maio daquele ano. Percentual bem abaixo dos 38% de votos por eles obtidos nas eleições de 1946, o que teria

³⁸ Dalším významným faktorem podporující úsilí KSČ o kontrolu nad ČSR byla role sovětské Rudé armády. Ta se stala symbolem boje proti nacistickému Německu a tím, že osvobodila většinu území Československé republiky, byla zpočátku u obyvatelstva oblíbená. To byl fakt, s nímž KSČ dokázala dobře kalkulovat. Československo se dostalo po Jaltské konferenci roku 1945 do sféry vlivu Sovětského svazu, který zde začal prosazovat své zájmy. Souhrn všech těchto skutečností vedl k všeobecné oblibě komunistické strany nejen u nás, ale na většině území střední a východní Evropy (SNÍŽEK, 2009, p. 8). Tradução: Martina Čermáková.

levado um alto representante do Politburo a afirmar que a "derrota eleitoral [na Tchecoslováquia] é inaceitável e a única maneira de sair desta situação embaraçosa é a implementação mais rápida do golpe que vem sendo planejado" (JOSTEN, 1993, p. 72).

O fato é que as tensões entre os comunistas e seus adversários se acirraram durante inverno de 1947-1948. Em 21 de fevereiro de 1948, o ministro do Interior Václav Nosek, vinculado ao Partido Comunista, tornou-se protagonista de uma profunda crise governamental. Quando, numa demonstração de força, o ministro do Interior substituiu, por elementos comunistas, oito comissários regionais não-comunistas da polícia de Praga, doze ministros exigiram explicações, afirmando, em carta enviada ao primeiro ministro Klement Gottwald, que não mais participariam das reuniões governamentais enquanto "os oito chefes regionais não voltassem aos seus cargos" (PACNER, 1997, p. 314).

Como não foram atendidos em suas solicitações, os doze ministros renunciaram aos seus cargos, na tentativa de forçar o presidente Edvard Beneš a antecipar as eleições gerais que, supostamente, poderiam derrotar os comunistas. A temeridade desse passo parece se confirmar nas palavras de Klement Gottwald: "tomara que eles não retirem essa porcaria de demissão" (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 17).

Diante do clima de crescente tensão política e social, das enormes manifestações lideradas pelos comunistas em todo o país, as quais poderiam derivar numa insurreição que acabaria por oferecer ao Exército Vermelho, já estacionado nas fronteiras do país, o pretexto para invadir o país no intuito de restaurar a ordem (GROGIN, 2001, p. 134), Beneš preferiu adotar uma postura conciliatória e não aceitar a renúncia de seus ministros, até que fosse possível "encontrar uma solução razoável para a crise, capaz de manter o sistema democrático parlamentar" (JOSTEN, 1993, p. 75)³⁹.

Seguindo a estratégia de combinar ameaça de violência e pressão política para forçar o presidente Edvard Beneš a mudar sua posição, em 24 de fevereiro Klement Gottwald proferiu discurso em Praga perante milhares de simpatizantes, no qual ameaçou deflagrar uma greve geral caso o presidente se recusasse a formar um novo gabinete de maioria comunista.

Em 25 de fevereiro, sob intensa pressão de Moscou, Edvard Beneš aceitou a renúncia dos ministros não-comunistas e nomeou um novo gabinete formado por uma maioria de

³⁹ Os ministros que apresentaram a renúncia eram Petr Zenkl, Jaroslav Stránský, Prokop Drtina e Hubert Ripka, representantes do Partido Nacional Socialista; Msgr. Jan Šrámek, Msgr. František Hála, Václav Kopecký e Adolf Procházka, do Partido Tchecoslovaco Popular; dr. Štefan Kočvara, dr. Ivan Pietor, dr. Mikuláš Franěk e Jan Lichner, do Partido Democrático.

comunistas e social-democratas pró-soviéticos. Foram concedidos amplos poderes a Klement Gottwald, que substituiria Beneš na presidência após a renúncia deste, em junho de 1948, e a Rudolf Slánský, que havia sido o representante da Tchecoslováquia na primeira reunião do *Cominform*⁴⁰ ocorrida na Polônia em setembro de 1947, quando se discutiu a situação do Partido Comunista da Tchecoslováquia nas eleições de maio do ano seguinte, e a quem foi atribuída a tarefa de levar a Praga o plano para a tomada final do poder. Somente o Ministério das Relações Exteriores foi entregue ao não-comunista Jan Masaryk que, contudo, morreria duas semanas depois (KAPLAN, 2009, p. 101).

Nas eleições gerais marcadas para 30 de maio, portanto quatro dias após os governos norte-americano, britânico e francês terem manifestado seu repúdio o golpe, os eleitores tchecoslovacos foram à urnas para referendar, com cerca de 89% dos votos, a vitória da Frente Nacional, agora composta de uma esmagadora maioria de comunistas e social-democratas. A partir de então os comunistas procuraram consolidar o poder que buscavam galgar desde 1945, acabando por submeter a Tchecoslováquia a uma ditadura que se estenderia por 41 anos, até a chamada Revolução de Veludo de 1989 (RANDÁK, 2011, p. 327). Nas palavras de Michaela Tvrdíková:

A maioria das pessoas que, por quarenta anos, viveram sob o domínio do Partido Comunista e seus soberanos em Moscou, foi trancafiada em uma ‘prisão’ chamada República (Socialista) da Tchecoslováquia. Poucas pessoas que ocupavam posições de liderança se beneficiaram da situação política, outros não viveram sua vida, apenas sobreviveram (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 20)⁴¹.

De fato, após o golpe a economia da Tchecoslováquia despencou do 10º para o 40º lugar na escala mundial, em 1989. Além disso, rapidamente 28 mil pessoas definidas como “politicamente não confiáveis” pelo novo regime foram sumariamente demitidas de seus empregos, 40 mil funcionários públicos dos comitês nacionais (antigas prefeituras) também foram removidos de suas funções, cerca de 500 professores universitários - uma das categorias profissionais mais atingidas pelos expurgos - foram proibidos de exercer suas

⁴⁰ Organização criada por Josef Stalin, em setembro de 1947, durante um encontro para solucionar divergências entre governos Leste europeu sobre a participação ou não no Plano Marshall, o *Cominform* tinha por objetivo coordenar as ações dos partidos comunistas sob orientação soviética e estimular a unidade dos mesmos no mundo.

⁴¹ Většina lidí, kteří prožili čtyřicet let pod vedením komunistické strany a jejich vládců z Moskvy, byli zavřeni do „vězení“ jménem Československá (socialistická) republika. Z politické situace profitovalo opravdu velmi nízké procento lidí, již byli ve vedoucích pozicích, ostatní svůj život nežili, ale přežívali (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 20). Tradução: Martina Čermáková.

cátedras e aproximadamente 7 mil alunos foram expulsos das universidades. Os expurgos também atingiram as forças armadas: 5.000 oficiais, número correspondente a aproximadamente um terço do oficialato que entrou em combate nas frentes de batalhas da Segunda Guerra Mundial, foram expulsos de suas respectivas armas porque conheciam as condições que prevaleciam no Ocidente.

Ao mesmo tempo, milhares de pessoas foram perseguidas, presas e/ou mortas. Como destacou Michaela Tvrdíková, dados do Instituto de Documentação e Investigação dos Crimes do Comunismo informam que entre 1948 e 1989 foram presos 262.500 tchecoslovacos. Só nos primeiros 12 anos do regime comunista (1948-1960) foram condenadas e executadas 241 pessoas, chegando a 2.127 em 1968. Mortes que, nos registros oficiais, eram em geral atribuídas a “acidentes” ou “suicídios” (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 21)⁴².

De acordo com a mesma autora, a partir do golpe de fevereiro de 1948 só restaram duas opções aos tchecoslovacos: trabalhar de forma disciplinada para o regime em empregos de baixa qualidade, o que levava a perspectivas sombrias de futuro, ou deixar o país (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 21). Para muitos, a segunda opção começou a se materializar já na semana anterior ao golpe, quando tiveram início os relatos sobre as prisões em massa. Tão logo tomaram conhecimento disso, os primeiros refugiados começaram a se deslocar em direção às fronteiras da Tchecoslováquia com a Alemanha e a Áustria, que durante algumas semanas após o 25 de fevereiro permaneceriam relativamente abertas, haja vista a direção do partido comunista ainda não ter uma idéia clara de como enfrentar essa situação. Isso teria levado o novo presidente Klement Gottwald a afirmar laconicamente: “Deixem-nos ir” (VYKOUPIIL, 2000, p. 165).

No entanto, sob a justificativa de fortalecer a defesa das fronteiras contra possíveis ataques e/ou invasões orquestrados no ocidente pelos inimigos do comunismo, em pouco tempo a postura do governo tchecoslovaco começou a se modificar. Lentamente se constituiu um sofisticado sistema de proteção das fronteiras altamente militarizado, conhecido durante o período da Guerra Fria como Cortina de Ferro. Já na década de 1950, seus sistemas de vigilância e proteção contavam, entre outros, com torres de vigia a cada um quilômetro, munidas de equipamentos com raios infravermelhos com alcance de dois quilômetros;

⁴² Podle Úřadu pro dokumentaci a vyšetřování zločinů komunismu okusilo v období 1948–1989 žaláře 262 500 lidí, pouze v letech 1948–1960 bylo odsouzeno a popraveno celkem 241 lidí. Řada dalších vězňů přišla o život v době výkonu trestu přímo ve vězení, podle údajů se v období 1948–1968 jedná minimálně o 2 127 lidí. Příčina úmrtí zpravidla bývala klasifikována jako „nešťastná náhoda“ anebo „sebevražda“ (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 21). Tradução: Martina Čermáková.

obstáculos de arames farpados e fios eletrificados com correntes de 6.000 a 8.000 volts; bunkers e tanques equipados com canhões; além de linhas de minas de splinter com setenta peças em média, instaladas a cada um quilômetro (PEJSKAR, 1992, p. 18). Foram ainda criadas duas zonas especiais, que além de mudarem substancialmente a paisagem, tornaram a região de fronteira praticamente inacessível: a “zona de fronteira” e a “zona proibida”. Na primeira, uma faixa de terra com dez quilômetros de largura, foram implantadas fazendas estatais, nas quais só era permitida a presença de pessoas autorizadas. Já a “zona proibida”, com dois quilômetros de largura e mais próxima da divisa, era totalmente desabitada.

Apesar dos riscos e das dificuldades a serem enfrentados, sobretudo a partir do aperfeiçoamento da Cortina de Ferro, não foram poucos os que se dispuseram a transpor a fronteira durante as quatro décadas de vigência do regime comunista pró-soviético na Tchecoslováquia. Não obstante algumas estimativas indicarem que só nos primeiros anos do regime comunista cerca de 50.000 pessoas tenham deixado o país, devido à falta de registros precisos e confiáveis ainda hoje é difícil saber a quantidade exata dos que realmente conseguiram fazê-lo.

Números fornecidos pelo Corpo Nacional de Segurança da Tchecoslováquia relativos ao ano de 1953 dão conta de que, desde 1948, haviam emigrado aproximadamente 43.612 pessoas. Outra estimativa divulgada, em maio de 1948, por um Comitê Tchecoslovaco em Londres indica que por essa época entre 10.000 a 12.000 compatriotas já se concentravam nos territórios da Alemanha e Áustria. De todo modo sabe-se, pelos dados disponíveis, que 88% dos emigrantes não possuíam qualquer filiação político-partidária e que 39% eram operários (RANDÁK, 2011, p. 366).

A esse respeito, vale citar as conclusões de Michaela Tvrđíková sobre as razões que levaram grupos de pessoas diversificadas a fugirem do país. De acordo com a autora, não houve uma causa isolada para as fugas, mas várias, as quais se entrecruzam em relação a um ou mais grupos de emigrantes. Assim, se é correto afirmar que todos saíram do país por não serem simpatizantes do regime comunista e discordarem de suas práticas, para alguns - entre eles políticos não-comunistas, militares identificados com o regime anterior, ativistas políticos em defesa dos direitos civis ou, ainda, indivíduos de “origem burguesa” – a fuga também era motivada pelo temor em relação à segurança de suas vidas, ou porque, expropriados pelo Estado, viam fora do país melhores perspectivas de manterem o padrão sócio-econômico. Novas perspectivas de vida e de realização profissional também foram razões suficientes para a emigração de trabalhadores excluídos de seus empregos, particularmente os intelectuais e

cientistas, e de estudantes expulsos das universidades. A esses elementos, Michaela Tvrđíková acrescenta, ainda, as questões religiosas (TVRĐÍKOVÁ, 2007, p. 21).

Na medida do possível, e quando portadoras de documentos de viagem, essas pessoas tentavam sair legalmente do país. Contudo, a maior parte o fez por meios considerados ilegais. Dos momentos imediatamente posteriores ao golpe até meados da década de 1950, quando se sofisticou o sistema de vigilância da fronteira, eram no mínimo duas as estratégias utilizadas pelos emigrantes. As fugas individuais, em geral realizadas sem organização mais sistemática e a participação dos familiares devido à insuficiência de tempo para isso. Nesse caso restava caminhar a pé até a fronteira, munindo-se de um mapa atualizado da região de modo a encontrar os caminhos mais fáceis para a fuga.

Outra estratégia eram as fugas coletivas. Para tanto, era necessário que os emigrantes estabelecessem contatos com indivíduos conhecedores da região de fronteira e seu território, os quais se incumbiam de organizar a fuga. Atualmente conhecidos como “coiotes“, após o golpe grupos desses indivíduos começaram a ser organizados espontaneamente, apresentando diferentes perfis. Alguns eram compostos por elementos que já haviam passado por experiências semelhantes durante a Segunda Guerra Mundial, e por isso afirmavam oferecer ajuda aos perseguidos pelo regime comunista “por idealismo e dever patriótico” (PEJSKAR, 1992, p. 23). Outros, mais pragmáticos, forneciam ajuda como uma forma de ganhar dinheiro, cobrando altos valores pelo serviço. Por fim, havia os falsos “coiotes”, ou seja, agentes do serviço de segurança do Estado infiltrados para coibir as fugas, que levavam os que fossem capturados a cumprir duríssimas penas (TVRĐÍKOVÁ, 2007, p. 23).

A principal tarefa dos “coiotes” era fazer com que os fugitivos chegassem o mais próximo possível da linha de fronteira, organizados em grupos geralmente compostos de até dez pessoas de todas as idades, inclusive idosos e bebês, que deveriam estar aptas a suportar longas caminhadas noturnas através dos terrenos montanhosos típicos da região de fronteira tcheca, os quais eram praticamente intransitáveis durante o inverno. Isso significava a necessidade de planejar o melhor período para a realização da viagem, de preferência evitando-se o inverno; os abrigos a serem utilizados, sempre diferentes e várias vezes trocados no decorrer do percurso; os caminhos a serem trilhados, que deveriam ser tão curtos quanto possível; o ritmo a ser empreendido à marcha e os fatores que pudessem perturbá-la, pois qualquer contratempo ou atraso poderia aumentar o risco de uma captura. Os problemas nos percursos dos fugitivos debateu Michaela Tvrđíková:

Depois de terem juntado todos os fugitivos, se esperava até anoitecer, pois durante o ano de 1948 os guardas de fronteira ainda não disponham os equipamentos de raios infravermelhos e por isso a escuridão era vantagem. Surgia o momento crucial. O percurso nos topos das montanhas podia começar. “O coioote“ estava na frente de todo grupo, determinava a direção e ritmo de caminhada. [...]Se a pessoa decidia atravessar a fronteira a pé, tinha que realizar que a bagagem a ser levada tinha que ser o estritamente necessário e além disso carregar apenas documentos, roupas, dinheiro, jóias ou objetos de valor, desde que leves e pouco volumosos. A marcha demorava obviamente umas horas. Quando as pessoas finalmente chegavam até a fronteira, frequentemente paravam mais uma vez e se despediam de sua pátria, pois ninguém podia saber, se regressariam um dia. Os fugitivos que passavam para o outro lado da fronteira podiam falar sobre enorme sorte (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 25-26)⁴³.

Da passagem pela linha divisória até a chegada à zona de ocupação americana, parte mais importante e tensa da ação, tudo ficava por conta do imigrante, a quem restavam apenas três opções: ter sucesso no objetivo, ser preso ou ser morto pelos guardas de fronteira. A esse respeito, pesquisa realizada por Luděk Navara mostra que, dos 20.450 tchecoslovacos que tentaram atravessar as fronteiras do país entre 1948 e 1951, somente 11.734 obtiveram sucesso, ou seja, cerca de 57% do total (NAVARA, 2004, p. 17).

Compondo aquele percentual estava Jindřich Trachta, que na noite de 29 de agosto de 1948, véspera de completar 27 anos, atravessou a fronteira entre a Tchecoslováquia e a Alemanha. Dele e de sua trajetória até sair para o Brasil tratará o segundo capítulo desta dissertação.

⁴³ Poté co se všichni shromáždili, se čekalo v úkrytech do setmění, neboť v průběhu roku 1948 ještě pohraniční straž nedisponovala ultra-červenými paprsky, a tak byla tma pro uprchlíky výhodou. Pak nastal ten osudný okamžik. Cesta přes vrcholky hor mohla začít. Převaděč byl v čele cele skupiny, určoval směr a tempo pochodu. Pokud se člověk rozhodl přejít hranici „po svých“ musel počítat s tím, že nebude schopen vzít si ani ty nejnütnější věci. S sebou měl jen vlastní doklady a další potřebné dokumenty, peníze, něco málo na oblečení, popřípadě šperky a drahé věci, jež se daly přenést a nezabraly moc místa. Samotný přechod trval několik hodin, pokud nenastaly nečekané události (ztráta orientace, odhalení pohraniční stráží). Když lidé konečně došli k hraničnímu přechodu, často se ještě jednou zastavili a rozloučili se s rodnou zemí, protože nikdo z nich nemohl tušit, zda se někdy vrátí. Lidé, kteří se dostali živi a zdraví na druhou stranu hranice, mohli mluvit o obrovském štěstí (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 25-26). Tradução: Martina Čermáková.

CAPÍTULO II – JINDŘICH TRACHTA NO CORAÇÃO DA EUROPA E SEU INGRESSO NO LABIRINTO DO MUNDO

2.1 Instustentável leveza da infância

Quarto filho do casal Jakub Trachta e Marie Trachtová, Jindřich Jan Trachta nasceu no dia 30 de agosto de 1921, em Žeravice, um assentamento medieval do século XII rodeado de florestas e vinhedos, distante cerca de cento e cinquenta quilômetros de Viena. Marcada por aspectos culturais específicos (música, trajes, dialeto, arquitetura e folclore típicos) que integram essa localidade a uma região tradicional de Slovácko. Žeravice exerceu papel fundamental para a formação da personalidade de Jindřich Trachta, que caracterizou o lugar como “pequeno, agrícola, conhecido na história da Morávia pelo fato de ter sido uma povoação importante dos Irmãos Boêmios-Morávios, onde no dia 26 de abril de 1616, Jan Amos Komenský, Comenius, grande e reconhecido ‘professor da nação’, foi consagrado pastor” (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁴⁴. Segundo afirma em suas notas biográficas, ele mesmo foi, primeiramente como estudante e posteriormente, como professor, um seguidor das idéias de Comenius, com quem teria aprendido o importante papel da educação e da leitura para a vida.

Os ascendentes de Jindřich Trachta por parte de pai eram agricultores oriundos de Schönborndorf bei Neuhaus (ou Nová Ves u Číměře, em tcheco), vila localizada no sul da Boêmia, na rota comercial entre Praga e Viena e que, no século XIX, contava com uma importante estação de correios. Com o advento da República da Tchecoslováquia, de 1918, Nová Ves passou a integrar a região dos Sudetos, cuja população era composta por 80% de alemães, ou seja, 30% da população tchecoslovaca. À exceção de Kristina Měkutová, que se casara com um tcheco, dois outros irmãos de Jakub Trachta, Johann e Aloisie Schlarlinger, que ainda permaneciam em Nová Ves, foram de lá expulsos após a Segunda Guerra Mundial, juntamente com cerca de 2,5 milhões de alemães que habitavam a região. Desde então, a família, composta de seis irmãos, passou a viver em três países europeus: Tchecoslováquia, Alemanha e Áustria.

Antes disso, porém, no início da década de 1910, ao lado de três de suas irmãs - Marie Draxler, Rosa Toessel e Johanna Lichtenberg - Jakub Trachta já havia migrado para Viena,

⁴⁴ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

“onde aprendeu o ofício de pedreiro“ (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)⁴⁵ e conheceu Marie Dobiášová. Natural de uma família de agricultores de Žeravice, no distrito de Kyjov, à época ela também se encontrava na então capital do Império Austro-Húngaro trabalhando como operária. Casaram-se em Žeravice, no dia de 22 de janeiro de 1912, e retornaram a Viena onde tiveram os dois primeiros filhos, Marie e Leopoldo, este último falecido ainda criança (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁴⁶. Além deles, Marie ainda daria à luz mais três filhos: Jakub, em 1920; Jindřich, 1921 e Hedvika, nascida em 1923.

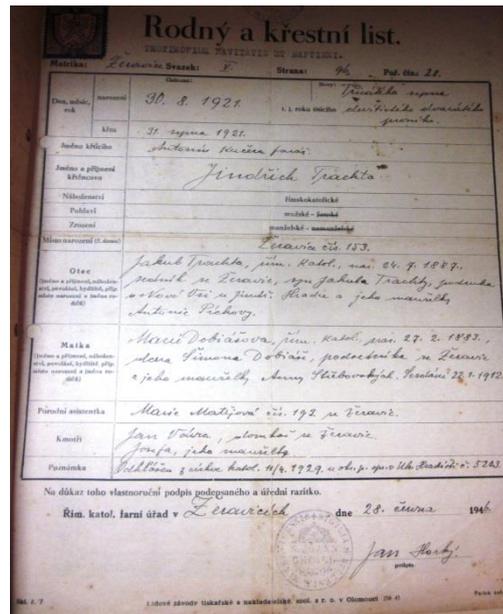


Figura 1 Certidão de Nascimento de Jindřich Trachta. Centro de Memória Jindrich Trachta.

O jovem casal Trachta ainda morava em Viena quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial. Composto, ao lado da Alemanha e da Itália, a chamada Triplice Aliança, a Monarquia dos Habsburgo enviou às frentes de combate nove milhões de soldados de todas as partes do Império Austro-Húngaro, dos quais 1,4 milhões eram tchecos; entre eles estava Jakub Trachta. Por isso sua esposa Marie retornou para junto dos irmãos em Žeravice, onde possuíam uma pequena área de terra (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁴⁷, passando a enfrentar, do mesmo modo que a maior parte da população europeia, as difíceis circunstâncias provocadas pelo conflito: profunda crise econômica devido à produção de

⁴⁵ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 40.

⁴⁶ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

⁴⁷ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

guerra e tensões sociais geradas pela alta de preços e impostos, e pela drástica queda dos níveis salariais. Boa parte disso deve ser atribuída ao fato das Terras Tchecas, com sua indústria pesada, terem se transformado num importante centro de produção de armamentos e outros produtos relacionados aos equipamentos utilizados pelos soldados, a exemplo da fábrica de calçados Bata, localizada na cidade de Zlín, que contraiu grandes contratos de fornecimento com o exército austro-húngaro. Quanto à situação política tcheca, vale destacar as observações do historiador Randák:

A guerra trouxe mudanças políticas na monarquia, com o poder sendo transferido para o exército. Na parte ocidental da monarquia prevaleceu o chauvinismo alemão, eliminando todas as manifestações nacionais tchecas. A sociedade tcheca começou a entender que, no caso de um triunfo dos Potencias Centrais, teria de se curvar ao nacionalismo alemão. A política interna tcheca se caracterizou pela passividade, ou mesmo pelas expressões de lealdade à monarquia (RANDÁK, 2011, p. 256)⁴⁸.

Não obstante, embalados pelos movimentos de cunho nacionalistas como o pan-eslavismo e o pan-germanismo, que abalariam os antigos impérios europeus e dariam origem a novos países no continente, de seu exílio em Londres desde 1914 políticos tchecos e eslovacos trabalhavam em prol da destruição do Império Austro-Húngaro e do estabelecimento de um Estado independente que unificasse aquelas duas regiões. Marcante nesse processo foi a atuação do professor de filosofia e líder nacionalista tcheco Tomáš Garrigue Masaryk, que paulatinamente reuniu em torno de si um grupo representativo de homens como o futuro presidente Edvard Beneš e Milan Rastislav Štefánik, seu ex-aluno e um dos líderes do movimento nacionalista eslovaco, os quais assegurariam a constituição, no verão de 1918, do Conselho Nacional Tchecoslovaco (ŠEDIVÝ, 2001, p. 346).

Sabedor da crescente necessidade de potencial humano por parte das forças da Tríplice Entente e, ao mesmo tempo, ciente de que naquela conjuntura histórica o sucesso dos objetivos políticos passava pelo controle do poder militar, Tomáš Masaryk organizou a Legião Tchecoslovaca, que se transformaria num elemento fundamental para a obtenção do

⁴⁸ Hospodářské a sociální poměry habsburské monarchie v době války byly ovlivněny faktem, že na delší válečný konflikt nebyl rakouský stát připraven. V první řadě se rakouské hospodářství muselo přeorientovat na řízenou válečnou produkci. Díky rozvinutému těžkému průmyslu a své hospodářské vyspělosti se české země staly jedním z center rakouské výroby. Velké armádní zakázky získal i Baťův zlínský obuvnický závod. Válka znamenala změnu politických poměrů v monarchii. Moc byla přenesena na armádu. V západní části monarchie zavládl německý šovinismus, potírající v případě českých zemí veškeré národní projevy. Česká společnost začala chápat, že v případě triumfu Ústředních mocností se bude muset sklonit před německým nacionalismem. Českou domácí politiku charakterizovala pasivita či přímo projevy loajality k monarchii (RANDÁK, 2011, p. 256). Tradução: Martina Čermáková.

reconhecimento dos governos aliados à causa da nação tchecoslovaca. Sob o comando militar das forças aliadas e o controle político do Conselho Nacional Tchecoslovaco, foram formadas unidades da Legião Tchecoslovaca na França, Itália e, sobretudo, na Rússia. Seus efetivos eram compostos por tchecos e eslovacos que viviam no exterior como fugitivos das perseguições políticas ou das crises econômicas vigentes no Império Austro-Húngaro, por aqueles que haviam fugido do país durante a guerra, ou ainda por prisioneiros de guerra e desertores do exército austro-húngaro, que se recusavam a lutar em favor da Alemanha.

De acordo com o historiador da Primeira Guerra Mundial, Lawrence Sondhaus, a Legião Tchecoslovaca que serviu na chamada Ofensiva Kerensky⁴⁹, desencadeada pelo exército russo em julho de 1917, constituiu o exemplo mais significativo do uso de prisioneiros e desertores austro-húngaros durante a Primeira Guerra Mundial. Ainda segundo o autor:

Os esforços russos para recrutar soldados entre prisioneiros tchecos remontavam a agosto de 1914, mas, durante 1916, poucos tinham entrado em ação. A iniciativa ganhou força quando o líder nacionalista tcheco e futuro presidente da Tchecoslováquia, Tomáš Masaryk, visitou a Rússia [...] logo após abdicação do Czar, acompanhado de [...] Milan Štefánik: ambos consideravam as legiões fundamentais para fortalecer o argumento em defesa do estabelecimento de um Estado tcheco-eslovaco após a guerra. Para facilitar seus esforços de recrutamento, o exército francês deu a Štefánik, cidadão da França e aviador do exército francês, o posto de general antes de sua viagem à Rússia. Enquanto grande maioria dos 210 mil tchecos e eslovacos em cativeiro russo não mostrava interesse em servir, os alistamentos aumentaram muito durante e após a sua visita e, durante 1918, as legiões tchecoslovacas incluíam 61 mil homens (SONDHAUS, 2013, p. 257).

“Ironicamente”, concluiu Sondhaus, os legionários tchecoslovacos seriam mais conhecidos por seu papel na luta contra os bolcheviques, “durante um recuo épico através da Sibéria até Vladivostok, após a eclosão da Guerra Civil russa” (SONDHAUS, 2013, p. 257).

Com efeito, apesar de manter certo distanciamento em relação à social-democracia e, posteriormente, ter se transformado num crítico severo do comunismo, naquele momento Tomáš Masaryk estava focado, sobretudo, no esforço de derrotar a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, o que significava, por um lado, fazer com que a Legião Tchecoslovaca se fortalecesse na Rússia e, por outro lado, garantir que ela abdicasse de se envolver nas questões políticas internas russas. Contudo, após a Revolução Bolchevique, em outubro de 1917,

⁴⁹ Última ofensiva russa na Primeira Guerra Mundial, a Ofensiva Kerensky, também conhecida como Ofensiva de Julho ou Ofensiva Galícia, tinha como principal objetivo evitar que a passagem das tropas das Potências Centrais à Frente Ocidental, antes da chegada das forças norte-americanas à Europa.

quando tornou-se patente que um dos objetivos de Lenin era estabelecer um acordo de paz com a Alemanha, Masaryk iniciou uma série de ingerências políticas e diplomáticas no intuito de levar a Legião para Leste, num percurso de 9 mil quilômetros pela Ferrovia Transiberiana, até Vladivostok, onde navios das forças aliadas a conduziriam para a Frente Ocidental, na França. O percurso levaria dois anos para ser completado, ao longo dos quais a Legião tornou-se, simultaneamente, vítima da política internacional e fator de influência sobre ela (KÁRNÍK, 2008, p. 70).

Contudo, após a assinatura do Tratado de Brest-Litovsky, quando ficou clara a pouca disposição dos aliados ocidentais em aceitar a saída dos russos da guerra, o governo soviético passou a ver na presença de tropas estrangeiras em seu território um equivalente da intervenção ocidental no processo revolucionário em curso no país. Aspecto ainda mais reforçado em decorrência do pouco sucesso dos bolcheviques em atrair para a sua causa soldados tchecos e eslovacos, mais interessados em derrotar a Alemanha e retornar o mais rápido possível à Tchecoslováquia. A rigor, as enormes dificuldades que enfrentavam em seu deslocamento, acrescidas da forte pressão que os russos passaram a exercer para o seu total desarmamento, acabariam por fazer com que a maior parte daqueles soldados se tornassem abertamente hostis aos bolcheviques. Diante disso, aos poucos, rompiam-se as relações entre a Legião Tchecoslovaca e o governo soviético, cujo agravamento foi assim descrito por Willian Wallace:

Na segunda quinzena de maio de 1918, Trótski emitiu ordens a todos os soviets para desarmarem completamente a Legião, ao mesmo tempo, prendeu dois membros do Conselho Nacional Tchecoslovaco em Moscou. Os tchecoslovacos convocaram seu Conselho em Tchelyabinsk, no dia 20 de maio, elegeram um comitê executivo provisório e, ao mesmo tempo em que exprimiam suas simpatias pela Revolução Russa, deixaram bem claro que não deporiam as armas enquanto não estivessem certos de poder sair do país sem quaisquer restrições. Trótski revidou, no dia 25 de maio, dando ordens para atirar em qualquer tchecoslovaco tão logo fosse avistado (WALLACE, s/d, p. 176).

Frente ao exposto é possível afirmar que a Legião Tchecoslovaca simboliza a luta pela existência da nacionalidade tchecoslovaca, que deu sentido à edificação, em 28 de outubro de 1918, da República da Tchecoslováquia cuja independência, duramente conquistada, teria nos legionários seus mais fiéis guardiões. Além disso, a experiência legionária parece ter sido decisiva para a definição da política de equidistância da Tchecoslováquia em relação às potências ocidentais e orientais que, no entanto, mostraria sua fragilidade tanto em 1938, com o advento do Tratado de Munique e a recusa de ex-legionários antibolcheviques a lutar ao lado da União Soviética, quanto em 1948, quando o Partido Comunista da Tchecoslováquia,

que ex-legionários pró-bolcheviques ajudaram a fundar, assumiu o poder (RYCHLÍK, 2013, p. 396).

Não é difícil imaginar que esse quadro haveria de exercer forte influência na vida do jovem Jindřich Trachta, devendo-se acrescentar, ainda, que seu pai, Jakub, que retornou da guerra em 1919, foi um legionário tchecoslovaco, recrutado entre os 210 mil prisioneiros tchecos e eslovacos na Rússia.

A rigor, Jindřich Trachta viveu sua infância e a maior parte da juventude durante a chamada Primeira República da Tchecoslováquia, que se estendeu de 1918 a 1938. Após a independência, sob a influência dos princípios liberais e republicanos de inspiração francesa e norte-americana, que pautaram as ações de seu primeiro presidente, Tomáš Masaryk, o novo Estado tchecoslovaco foi concebido como uma democracia parlamentar. Ancorada num modelo político pluralista, em que partidos políticos bem organizados emergiam como os verdadeiros centros do poder, a Tchecoslováquia se distinguiria por uma gestão governamental suficientemente estável para fazer com que, a partir de 1933, o país se caracterizasse como a única democracia a Leste do rio Reno (KÁRNÍK, 2000).

Mas apesar da relativa estabilidade no campo político institucional, nas duas primeiras décadas de sua existência o novo Estado teve de enfrentar problemas de ordem econômica e social, agravados pela crise internacional de 1929 e em razão do complexo mosaico de povos, com diversas origens étnicas, histórias específicas e diferentes tradições culturais e religiosas, que deram forma à nação (PACNER, 1997, p. 112).

Embora carente de diversas matérias-primas, a Tchecoslováquia, como mencionado, destacou-se no cenário econômico europeu pelo perfil altamente industrializado de sua economia. A concentração do parque industrial em cidades como Praga e Brno, localizadas no lado tcheco formado pela Boêmia e a Morávia, provocava profundos desníveis econômicos regionais, agravados pela forte retração da atividade industrial no início da década de 1930 (ANTUNES, 1996, p. 57). Exemplo disso, o ponto mais oriental do país, a Rutênia, região incorporada à República da Tchecoslováquia pelo Tratado de Trianon, formalizado em 4 de julho de 1920, tinha mais em comum com as regiões pouco desenvolvidas do leste da Polônia do que com as regiões da Boêmia e Morávia. Em certa medida, o mesmo pode ser dito sobre a Eslováquia, região de tradicional influência húngara desde o século XI, que também seria incorporada à República da Tchecoslováquia pelo Tratado de Trianon⁵⁰.

⁵⁰ O conceito de unidade Tcheco-Eslováquia, cultivado por intelectuais tchecos e eslovacos em intenso contato na virada do século XIX para o século XX, fundamentou-se sobretudo em princípios políticos, correspondendo,

As mesmas dificuldades enfrentadas pela República da Tchecoslováquia para lidar com as minorias étnicas e culturais, como com os eslovacos, também se estenderam aos cerca de 3,2 milhões de germanófonos que, em termos percentuais, perfaziam aproximadamente 36% da população total do país, na região de fronteira com a Alemanha, os chamados Sudetos (HAHNOVÁ, 2014)⁵¹.

Em meio da conjuntura da Primeira República da Tchecoslováquia, em 1926, os Trachta deixaram Žeravice, para se estabelecer numa cidade maior, Veselí nad Moravou, na sul da Morávia, que oferecia melhor campo de trabalho para Jakub. Ali, na escola pública local, aos cinco anos de idade, Jindřich Trachta iniciou seus estudos. Como ele mesmo rememorou nas suas notas biográficas escritas na terceira pessoa do singular:

Os professores eram exigentes e o estudo bem puxado. Sempre se esforçou para estar entre os primeiros alunos. Gostava de ler mesmo antes de ir à escola. Com cinco anos e meio já sabia ler, aprendeu com seu irmão mais velho Jakub, que já frequentava escola (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)⁵².

Em 1929, faleceu sua mãe, Marie Trachtová, que poucos meses antes havia abdicado da fé católica em nome do protestantismo de viés hussita⁵³, no que foi acompanhada pelo

no caso específico dos eslovacos, a uma resposta ao domínio húngaro na região. No entanto, apesar de identificar a “nação Tcheco-Eslovaca” como criadora e principal componente do Estado e estabelecer o tcheco e o eslovaco como línguas oficiais, a Constituição republicana não contemplou a proposta dos eslovacos, de um Estado Federal capaz de salvaguardar sua autonomia política e enquanto povo que, apesar de compartilhar com os tchecos as mesmas aspirações de independência em relação ao antigo Império Austro-Húngaro, distanciavam-se destes por sensíveis diferenças históricas e culturais. Assim, o grau de alienação a que foram submetidos no interior da República recém construída acirrou sentimentos nacionalistas e desejos separatistas eslovacos, que se materializariam primeiramente em 1938, após a assinatura do acordo de Munique, com a proclamação de um governo autônomo e, posteriormente, em março de 1939, quando da invasão das regiões tchecas pelas forças nazistas, com a formação de um país separado sob a tutela alemã (RYCHLÍK, 2013, p. 371).

⁵¹ Se, a princípio, as perspectivas de desenvolvimento econômico do novo Estado haviam arrefecido o ímpeto, manifestado pelas lideranças alemãs dos Sudetos desde antes da criação da República da Tchecoslováquia, de invocar o direito à autodeterminação, pleiteando a sua união aos demais povos de origem germânica sob um só Estado, o que em meados da década de 1920 levava cerca de dois terços da população alemã da Tchecoslováquia a aprovar uma nova existência de convívio integrado com outros povos que formavam o novo país; as tendências centralistas dos tchecos em relação à minorias levaram à retomada das antigas aspirações alemãs cujas lideranças criaram, em 1933, com o apoio dos nazistas, o Partido Alemão dos Sudetos. Apoiado, inicialmente, num programa autonomista, com o agravamento da crise européia no período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial, o Partido Alemão dos Sudetos passou a defender a anexação ao Reich, desempenhando destacado papel no processo político que resultou no Acordo de Munique e, conseqüentemente, no fim da Primeira República da Tchecoslováquia (HAHNOVÁ, 2014; KÁRNÍK, 2002).

⁵² Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 40.

⁵³ Movimento nacional tcheco, se referindo ao herético executado, em 1415, durante do Concílio de Constança, Jan Hus, interpretando-o, segundo uma visão nacionalista e laicizada, como líder de um movimento de protesto

filho Jindřich. Além de uma possível reação pessoal de fé contra um catolicismo muitas vezes professado apenas em decorrência da tradição ou de conveniências de ordem social, marcado pela superficialidade e pela pompa dos ritos, o ato de Marie também pode ser inserido num contexto mais amplo, no qual o processo de secularização, em curso em várias partes da Europa desde o século XVIII, promoveu o paulatino enfraquecimento da Igreja Católica no tocante à hegemonia cultural e ao seu poder de imposição simbólica. Processo que atingiria decisivamente as regiões tchecas do Império Austro-Húngaro a partir de meados do século XIX, com a emergência do movimento nacionalista tcheco, cujos desdobramentos ainda se fariam sentir no período entre guerras (HLAVAČKA, 2014, p. 186).

De outra parte, a reflexão acima ajuda lançar luz sobre o papel representado pelas concepções de Hus e Comenius⁵⁴ na conduta de vida de Jindřich Trachta. Como observou o teólogo Alvorí Ahlert:

A cultura boêmia, do período de Hus a Comenius, buscava uma verdade individual e coletiva expressa através dos anseios e libertação religiosa, moral, nacional e social do ser humano. Essa libertação ocorreria, por um lado, pela eliminação do medo, do egoísmo e da escravidão e, por outro lado, quando o bem da humanidade fosse se estabelecer como interesse maior, a educação se tornasse permanente e as decisões se dessem com responsabilidade em relação aos outros (AHLERT, 2002, p. 73).

Esse ambiente, somado à educação familiar, influenciou profundamente seu modo de pensar e agir em consonância com a cultura de sua época. As ideias de Comenius, acolhidas pela *Unitas Fratrum* (Unidade de Irmãos), designação oficial da Igreja dos Irmãos Morávios, discutiam a questão sobre a melhor forma de ensinar e aprender, haja vista que “todas as escolas da época, incluindo-se a dos Irmãos Morávios, ressentiam-se de um mesmo e crucial defeito – a falta de método” (COVELLO, 1999, p. 18), se repercutiram na vida profissional de Jindřich Trachta. Trachta saiu do seu país por motivos políticos, Comenius por motivos religiosos⁵⁵. Os dois faleceram longe da sua pátria e Trachta aplicou as idéias de Comenius sobre a defesa da educação como instrumento apropriado para pôr fim à guerra e realizar as

nacional (os hussitas) que, com seu sacrifício em nome do progresso e de uma religião individual fundada na ética, teria contribuído para libertar a nação tcheca.

⁵⁴ Filho de moleiro de origem eslava, Jan Amos Komenský (ou Iohannes Amos Comenius) nasceu em 28 de março de 1592 na cidade de Uherský Brod, na Morávia, região então pertencente ao antigo Reino da Boêmia, centro irradiador da tradição protestante hussita, da qual se tornou seguidor.

⁵⁵ Comenius, na posição de bispo da *Unitas Fratrum*, por mais de quatro décadas, desde que foi proscrito da terra natal até sua morte em Amsterdã, em 15 de novembro de 1670, migrou através da Europa em busca de asilo aos Irmãos Morávios.

reformas que o momento exigia, visto que ela seria a “salvação para a corrupção do gênero humano” e a maneira de fazer do homem “paraíso de delícias do criador” (COMENIUS, 2001, p. 14-15)⁵⁶. A mensagem moral do livro de Comenius *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração*, já proscrito e vivendo na clandestinidade antes de ser obrigado a deixar definitivamente sua terra natal, em 1623, passa como a linha vermelha na vida de Jindřich Trachta.

O livro narra a história de um peregrino que se depara, em todos os lugares que percorre, com sistemas sociais corruptos e injustos. Para a sua viagem, recebe óculos cujas lentes são feitas de “vidro de ilusão” e os aros feitos de “costumes”. Somente o fato de as lentes serem mal ajustadas, o que lhe permite espiar por baixo delas, garante que ele não seja obrigado a andar pelo mundo iludido, sem ver as coisas por si mesmo. É assim, por exemplo, que o peregrino consegue ver que a maioria das pessoas investidas de autoridade é desprovida de partes de seus corpos:

Alguns não têm ouvidos para ouvir as reclamações do povo; outros não têm olhos para ver as desordens à sua volta; outros não têm boca para falar pelos oprimidos; outros não têm mãos para fazer a justiça ou, o que é pior, para sentir o que justiça requer (apud STRECK, 1999, p. 6).

Frente a essa dramática realidade, o peregrino ouve uma voz que diz: “Volta para trás. Regressa lá donde saíste, volta ao aposento de teu coração. Entra e fecha a porta” (Idem). Assim, somente alienando-se do mundo ele consegue estabelecer uma experiência mística de intersecção com Cristo para, como verdadeiro cristão, encontrar o conforto que possibilita uma sociedade regida pelo amor desinteressado ao próximo.

A rigor, ao realizar uma reflexão sobre seu próprio “labirinto” pessoal, com esse livro Comenius reforçava os preceitos originais dos Irmãos Morávios, de se organizar conforme os princípios da Igreja Primitiva (KULESZA, 1992, p. 32), objetivando com isso proporcionar consolo não só aos morávios, mas a todos os povos que sofriam com as desventuras das guerras. Como observou Sérgio Carlos Covello:

Esse ensaio repercutia não só no povo tcheco como em outras nações atingidas pela guerra, ensinando a sair do labirinto das ilusões humanas e a entrar no paraíso do coração, o mundo interno e divino, onde se encontra o

⁵⁶ Acreditando que o Paraíso poderia ser construído na Terra e, inicialmente, que a Boêmia seria o lugar para sua implantação, em suas primeiras obras, incluindo a *Velká didaktika*, publicada em 1627, traduzida para o latim, em 1631, como *Didática Magna* para que um grupo maior de pessoas pudesse lê-la e o “Novo Céu e a Nova Terra” envolvesse um maior número de lugares, Comenius objetivava só erguer sua pátria que, sobretudo após a Paz da Westfália, praticamente desapareceu (GASPARIAN, 1994, p. 54).

bem-estar imperecível. Quando os Irmãos Morávios tiveram de deixar definitivamente a pátria, entoavam um hino que dizia: “Nada conosco levamos, pois nada mais temos: só a *Bíblia de Kralice* e o *Labirinto do Mundo*” (COVELLO, 1999, p. 49).

Não é casual o fato de que, ao sair da República da Tchecoslováquia, em 1948, para dar início à sua peregrinação como exilado, Jindřich Trachta levasse entre os poucos pertences sua Bíblia escrita em tcheco. Também não é casual o fato de que, no exílio e desempenhando a função de educador, jamais ter abandonado uma premissa do pensamento de Comenius, que concebia o ser humano como criatura de Deus, feito à sua imagem e semelhança e, ao mesmo tempo, como ser capaz de construir a si próprio através do trabalho. Do mesmo modo que tantos outros compatriotas tchecos, que por praticamente três séculos se depararam com períodos turbulentos de guerras, perseguições e exílios, no bispo hussita Comenius Jindřich Trachta também buscou o consolo para as vicissitudes que ele próprio teria de enfrentar, quando mais uma vez a Tchecoslováquia se viu convulsionada por crises internas e ameaças externas, que colocavam em risco a sua unidade nacional e a integridade territorial.

2.2 Sombras sobre o destino da Tchecoslováquia

Dois anos depois de ter perdido sua esposa, em 1931, viúvo com quatro filhos, Jakub Trachta casou-se com Antonie Karlíková (1901-1947), que do primeiro casamento trazia dois filhos, Jindřiška (1923) e Miroslav (1926). Dessa nova união nasceram Drahomíra (1931), os gêmeos Karel e Evžen (1935) e Věra (1939). A família Trachta aumentou e suas condições de vida ficaram mais complicadas.

Nesse meio tempo, Jindřich Trachta concluiu, em 1935, o ensino básico. Pelo “impecável comportamento moral, dedicada aplicação e excelentes notas em quase todas as matérias” (POKORNÝ, Carta a Jindřich Trachta, 1935)⁵⁷, recebeu a medalha comemorativa dos 85 anos de nascimento do presidente Libertador Masaryk, oferecida ao melhor aluno da escola durante todo o período de estudos. Vinte anos mais tarde, essa medalha também estaria entre os poucos pertences que levava consigo quando de sua fuga da Tchecoslováquia, funcionando “como fragmento de um mundo a que se deseja voltar mas que se suspeita jamais

⁵⁷ Za tvé bezúhonné mravní chování, vytrvalou píli a vynikající prospěch v téměř všech předmětech. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 13.

ser possível rever ou, talvez pior, ao revê-lo, não mais reconhecer seus traços originais” (FAUSTO, 2006, p. 18).

Após concluir o ensino básico, e apesar do estímulo dos antigos professores, Jindřich Trachta encontrou dificuldades para continuar os estudos, devido às más condições financeiras da família. Praticamente já havia desistido dessa pretensão para trabalhar como aprendiz numa loja de secos e molhados quando, em 1936, conseguiu ingressar no Ginásio Real na cidade Strážnice, amparado por uma bolsa de estudos oferecida pelo Ministério da Educação da Tchecoslováquia aos alunos que certificassem a impossibilidade da família custear seus estudos. Durante sete anos Jakub enviava aos órgãos competentes os certificados com pedidos de renovação da bolsa de estudos de seu filho Jindřich, o que permite ter uma idéia das condições econômico-financeiras da família Trachta à época:

Em 1936, Jakub Trachta – seis filhos, salário 5.600 coroas, dívida 10.000 coroas. Meu salário mal é suficiente para sustento da minha família. Mesmo assim, vou me esforçar para poder comprar o material escolar para meu filho.

Em 1939, 8 filhos, salário 5.600 coroas, dívida 10.000 coroas. Eu sou apenas um trabalhador sazonal. Só trabalho 7-8 meses por ano. Não tenho bens. O salário de operárias de minhas duas filhas, Jindřiška e Hedvika, é mínimo e não alivia minhas preocupações com a família. Tenho 52 anos, por isso estou ameaçado pelo desemprego devido à minha idade avançada. Estou pedindo para o meu filho que estuda com honras, fosse perdoado das expensas escolares.

Em 1942, 10 filhos, salário 9.000 coroas, dívida 10.800 coroas (TRACHTA, Jakub; O certificado sobre a situação financeira, 1936, 1939, 1942)⁵⁸.

De fato, vivendo numa casa de dois quartos que deviam abrigar doze pessoas, não eram fáceis as condições de vida da família Trachta. Assim, isento das expensas escolares em razão da carência de recursos e das boas notas obtidas no decorrer do curso, Jindřich trabalhava no período de férias para custear o material escolar e suprir outras necessidades. Assim, em diversas ocasiões chegou a trabalhar nas escavações dos 52 km de extensão do Canal Otrokovice-Rohatec, construído entre 1934 e 1938 pela empresa Bata para estabelecer a ligação entre os rios Morava e Odra – daí também ser conhecido como Canal Bata. Sua situação só começou a melhorar a partir do momento em que foi morar na casa de um colega

⁵⁸ Můj plat sotva stačí na obživu rodiny. Přesto se vynasnažím, abych mu pomůcky sám zaopatřil. Jsem jen sezonní dělník. Pracuji jen 7-8 měsíců v roce. Nemám žádného majetku. Plat dvou dcer (Jindřiška a Hedvika – tovární dělnice), jest minimální a nijak nezbavuje mne starostí o celou rodinu. Mám 52 roků, čímž mám naděje na nezaměstnanost kvůli stáří. Prosím, aby mému synu, který studuje s vyznamenáním, byl školní plat prominut. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 13.

de escola, Karel Štajnoch, cuja mãe, dona Ludmila, passou a tratá-lo praticamente como um filho (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁵⁹.

Por essa época, Edvard Beneš ascendeu à presidência da República da Tchecoslováquia, preocupado em estabelecer um plano de defesa para o país frente à radicalização do cenário político europeu, decorrente da ascensão do nazi-fascismo. Gestado desde 1932, período em que Beneš ainda ocupava o cargo de ministro da Defesa (1918-1935), esse plano, que em linhas gerais previa a proteção dos valores democráticos ocidentais e da integridade territorial da Tchecoslováquia, articulava-se estrategicamente em três níveis: o da política europeia, da política da Europa Central e o nível da política interna da Tchecoslováquia (KÁRNÍK, 2000).

No tocante à política externa europeia, Edvard Beneš manifestava seu temor quanto à retomada do militarismo alemão após o êxito dos nazistas nas eleições parlamentares de 1930, alertando para o perigo representado pelo nazi-fascismo para a democracia e a paz no continente⁶⁰. O fato é que, em 1932, ao retornar da Conferência de Desarmamento de Genebra, Edvard Beneš descreveu a situação internacional como crítica, e já alertava que era preciso que a Europa se preparasse contra a agressão alemã.

Quanto à política de defesa da Europa Central, Edvard Beneš envidou esforços no sentido de fortalecer e ampliar a chamada Pequena Entente, aliança defensiva firmada, em 1920, entre a Tchecoslováquia, a Romênia e a Iugoslávia, que teve no próprio Beneš seu maior mentor. O objetivo inicial dessa aliança era evitar qualquer alteração territorial na bacia do Danúbio em favor da Hungria e a restauração da Monarquia dos Habsburgos⁶¹. Com a ascensão do nazismo, abriu-se a possibilidade de ingresso de novos países no intuito de estabelecer uma frente anti-fascista mais ampla. Devido à complexidade da política

⁵⁹ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

⁶⁰ Diante disso, durante a Conferência para a Redução e Limitação de Armamentos, iniciada na cidade de Genebra, em fevereiro de 1932, reagiu enfaticamente contra a tentativa da Alemanha de obter aprovação para que seu Exército tivesse o mesmo tamanho que os demais exércitos europeus - à exceção da Rússia - e, após cinco anos, o mesmo poder de fogo. Antes mesmo do fim das negociações, em 14 de outubro de 1933, a Alemanha nazista anunciou sua simultânea retirada da Conferência e da Liga das Nações, com graves consequências futuras.

⁶¹ Aos poucos, porém, a Pequena Entente adotaria uma proposta mais ampla, que visava deter atentados contra a independência dos Estados membros que pudessem ser praticados por qualquer potência europeia. Além disso, por meio de uma série de acordos firmados no decorrer da década de 1920, procurava-se fortalecer a influência dos Estados membros nas decisões internacionais.

internacional, destacando-se o apoio inicial da França à coalisão, retirada em 1935, este último intento praticamente não surtiu qualquer efeito concreto. Assim, a partir de 1936 a Pequena Entente começou a se esgarçar, dissolvendo-se definitivamente em 1938 (KÁRNÍK, 2000, p. 220).

No nível interno da Tchecoslováquia, entre outras medidas Edvard Beneš reestruturou, reequipou e ampliou os efetivos das forças armadas que, em 1938, passaram a contar com 200 mil homens. Entre 1934 e 1937, o período para a prestação do serviço militar obrigatório foi estendido para dois anos, abarcando homens de até 60 anos que tivessem completado o ensino médio. Além disso, procurou organizar o sistema defensivo das fronteiras, por meio do aumento do número de divisões de infantaria, da reorganização das brigadas equestres e de montanhas, bem como da construção, a partir de 1936, de uma linha de fortificações e bunkers, a maioria situada ao longo da fronteira com a Alemanha (RYCHLÍK, 2013, p. 430).



Figura 2 Fortificação Hanička, na fronteira com Alemanha.

Paralelamente, Edvard Beneš procurava enfrentar tanto as consequências econômicas e sociais da Grande Depressão de 1929, quanto a radicalização das tendências irredentistas em regiões importantes como a Eslováquia e, sobretudo, nos Sudetos, reforçada a partir de 1933 com ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. Claramente contrário ao irredentismo, Beneš chegaria a propor a extinção do Partido Alemão dos Sudetos para a resolução de uma crise que, segundo Jan Holzer, tendia apenas a se agravar, haja que a rigidez do sistema político pluralista, baseado no multipartidarismo extremado implantado durante a Primeira República, não previra ferramentas institucionais para tal (HOLZER, 1997, p. 344).

De fato, o agravamento da crise nos Sudetos chegaria a um ponto extremo em 23 de setembro de 1938 quando, diante a iminência de uma invasão alemã, o governo tcheco mobilizou 37 divisões de infantaria, 4 divisões rápidas, 350 blindados e 950 aviões de

combate. Cerca de 1.100.000 homens foram colocados em prontidão, ocasião em que Jindřich Trachta, aos 17 anos de idade, se apresentou como voluntário para a defesa das pontes estratégicas da estrada de ferro perto de Veselí nad Moravou (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁶². Seis dias depois, Edvard Beneš seria forçado a aceitar os termos do Acordo de Munique, entregando os Sudetos à Alemanha e outros territórios fronteiriços à Polônia e Hungria.

O processo de ocupação da região dos Sudetos por tropas alemãs teve início em 1º de outubro, deixando o restante do país sem defesas para resistir à ocupação posterior. No dia 5 de outubro, Edvard Beneš renunciou ao cargo de presidente da República e saiu do país para estabelecer, em Londres, um governo tchecoslovaco em exílio (reconhecido pela Inglaterra e seus aliados), sendo substituído por Emil Hácha, que se manteve no cargo até maio de 1945, totalmente subordinado ao poder político da Alemanha nazista. Tinha início, assim, o período conhecido como Segunda República da Tchecoslováquia (GEBHART, 2004, p. 20).

Estendendo-se desde a assinatura do Acordo de Munique, em 29 de setembro de 1938, ao estabelecimento do Protetorado da Boêmia e Morávia, em 15 de março de 1939, a Segunda República não só desarticulou o regime democrático liberal edificado a partir de 1918, como criou condições para a ascensão ao poder de forças pró-nazistas de caráter ultra-nacionalista, xenófobo e anti-semita, num país em que os judeus eram reconhecidos como peças fundamentais para a economia e possuíam direitos totais de cidadania. Em resposta à expansão das ondas de nacionalismos xenófobos e às ameaças de perseguição, a maioria dos judeus tchecoslovacos aderiu ao sionismo, chegando a constituir um conselho nacional para representá-los no governo e a construir várias escolas da própria comunidade. Porém, esse processo começaria a ruir quando, em 15 de março de 1939, exatamente um dia após a proclamação da República Eslovaca independente (pró-nazista), foi anunciada a criação do Protetorado da Boêmia e Morávia como província autônoma de maioria tcheca, sob estrito controle do Reich Alemão. O anúncio foi feito por transmissão radiofônica, em discurso proferido pelo próprio Adolf Hitler, diretamente do Castelo de Praga, nos seguintes termos:

Durante milhares de anos, as Terras Tchechas pertenceram ao espaço de vital da nação alemã. A violência e a irracionalidade tiraram-nas arbitrariamente do seu antigo ambiente histórico e, em seguida, o seu envolvimento na formação artificial Tcheco-Eslovaca criou um centro de agitação permanente. De um ano para outro, se ampliava o perigo de que a partir desta área - como uma vez antes - apareceria nova enorme ameaça à paz européia. O Estado de Tchecoslováquia e seu governo não conseguiram

⁶² Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

organizar razoavelmente a coexistência de vários grupos nacionais, relacionados artificialmente, e não despertaram o interesse de todos os envolvidos em manter seu Estado unido. [...] O Protetorado da Boêmia e Morávia é autônomo e gerencia a si mesmo. Exerce a sua soberania sob o protetorado, de acordo com as necessidades políticas, militares e econômicas do Império Alemão. Os direitos de soberania são exercidos pelos órgãos próprios, instituições próprias com os seus próprios funcionários (apud VESELÝ, 1994, p. 364-365)⁶³.

O anúncio da criação do Protetorado foi ouvido por Jindřich Trachta e seus colegas no Ginásio Real, onde “havia um clima sepulcral na escola, os alunos ficaram com medo de que os alemães fossem fechar as escolas tchecas” (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁶⁴.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial o Protetorado passou a viver um período de terror, alavancado a partir de setembro de 1941 quando, em razão de sua incapacidade de reprimir as manifestações dos compatriotas tchecos, Konstantin von Neurath foi substituído por Reinhard Heydrich no cargo de *Protektor*, termo utilizado para distinguir o governador (ou administrador) diretamente nomeado pelo Reich (MARŠÁLEK, 2002).

No Protetorado da Boêmia e Morávia, tendo sob seu comando o Serviço de Segurança, órgão vinculado à SS com o objetivo de investigar, prender e eliminar qualquer oposição ao regime nazista, Reinhard Heydrich exerceu o poder por meio de assassinatos, prisões, torturas e qualquer outro método semelhante que julgasse necessário para controlar o movimento nacional de resistência tcheca. Atuando como uma espécie de supervisor da “Solução Final”, eufemismo utilizado pelos nazistas para se referir ao plano de extermínio das minorias étnicas, Reinhard Heydrich, em discurso sobre o problema da nação tcheca proferido perante funcionários nazistas no Palácio Černín, em Praga, no dia 2 de outubro de 1941, afirmou:

E agora, senhores, algumas idéias sobre a solução final. Esta área deve ser definitivamente colonizada por alemães. Esta área é o coração do Império e não podemos permitir o que mostra o desenvolvimento da história alemã, que dessa área venham novamente e novamente golpes de punhal contra o Império. Mas talvez eu não queira dizer definitivamente germanização deste espaço: vamos tentar agora, pelo velho método, germanizar essa praga

⁶³ Po tisíc let náležely k životnímu prostoru německého národa česko-moravské země. Násilí a nerozum vytrhly je svévolně z jejich starého historického okolí a posléze jejich zapojení do umělého útvaru Česko-Slovenska vytvořily ohnisko stálého neklidu. Od roku k roku zvětšovalo se nebezpečí, že z tohoto prostoru – jako již jednou v minulosti – vyjde nové nesmírné ohrožení evropského míru. Neboť česko-slovenskému státu a jeho držitelům moci se nepodařilo organisovati rozumně soužití národních skupin, v něm svémocně spojených, a tím probuditi a zachovati zájem všech zúčastněných na udržení jejich společného státu. Tím však prokázal svou vnitřní nechopnost k životu a propadl proto nyní také skutečnému rozkladu. [...] Protektorát Čechy a Morava jest autonomní a spravuje se sám. Vykonává svoje výsostná práva, náležející mu v rámci protektorátu, ve shodě s politickými, vojenskými a hospodářskými potřebami Říše. Tato výsostná práva jsou vykonávána vlastními orgány a vlastními úřady s vlastními úředníky (apud VESELÝ, 1994, p. 364-365). Tradução: Martina Čermáková.

⁶⁴ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

tcheca, mas vou lhes dizer muito sobriamente: temos que começar com as coisas mascaradas. As pessoas de raça ruim e aqueles que pensam mal, precisam sair daqui. No Leste tem o lugar suficiente. A classe média tem que ser testada (apud VESELÝ, 1994, p. 372)⁶⁵.

Assim, ao mesmo tempo em que exercia brutal perseguição aos opositores do regime nazista (em particular comunistas, judeus e grupos religiosos que se recusavam a aderir ao nazismo), Reinhard Heydrich, sabedor do peso da indústria de armamento tcheca e de seu papel fundamental para o esforço de guerra, passou a recompensar os tchecos que se dispunham a colaborar com o Reich, oferecendo prêmios em dinheiro, viagens com estadias pagas em hotéis de luxo ou, ainda, recepcionando pessoalmente os que se mostrassem mais leais durante as festas que periodicamente promovia em sua própria casa.

O clima de terror se intensificou após a morte de Reinhard Heydrich, em 4 de junho de 1942, em consequência dos ferimentos resultantes do atentado que sofreu, em 27 de maio de 1942 em Praga. Em represália, e porque a Gestapo havia recebido informações de que os autores do atentado estavam escondidos ali, as aldeias de Lidice e Ležáky foram praticamente varridas do mapa pelas forças alemãs, sendo sua população sumariamente executada ou enviada para campos de concentração (BURIAN, 2007).

A ocupação alemã e a guerra afetaram profundamente a vida de Jindřich Trachta e da maioria dos cidadãos da Tchecoslováquia. Segundo Pavel Maršálek (2002), o cotidiano era marcado por constantes momentos de medo e incerteza, em razão de denúncias promovidas pelos colaboracionistas, das perseguições generalizadas e da tomada de consciência do grande número de prisioneiros conduzidos aos campos de concentração nazistas.

Pessoas ligadas às camadas mais intelectualizadas da população, entre as quais inúmeros professores de todos os níveis de ensino, perderam seus empregos e muitos tiveram de migrar, ao mesmo tempo em que os novos planos de ensino impunham às escolas a obrigatoriedade do estudo da língua alemã e da geografia do Terceiro Reich. Um forte sistema de censura levou ao “empastelamento” de vários periódicos locais, e ouvir emissoras de rádio estrangeiras, em particular de Londres e Moscou, foi proibido sob pena de morte (MARŠÁLEK, 2001, p. 201).

⁶⁵ A nyní, pánové, několik myšlenek o konečném řešení, musí s sebou přinést toto: Tento prostor musí být jednou definitivně osídlen Němci. Tento prostor je srdcem říše a nemůžeme trpět, to ukazuje německý vývoj v historii, aby z tohoto prostoru přicházely znovu a znovu rány dýkou proti říši. Nechci však snad říci o konečném poněmčení tohoto prostoru: pokusíme se tedy teď podle staré metody poněmčit českou verbež, nýbrž říkám to docela střízlivě: začíná to věcmi, s nimiž můžeme už dnes maskovaně začít. /.../ Lidé špatné rasy a špatně smýšlející. Ty musíme dostat ven. Na východě je místa dost. Uprostřed zůstává střední vrstva, tu musíme přezkoušet (apud VESELÝ, 1994, p. 372). Tradução: Martina Čermáková.

Paralelamente, os cidadãos tchecos passaram a ser atormentados por problemas de escassez de alimentos. Os cartões de racionamento, além de insuficientes, eram distribuídos segundo a nacionalidade, com os alemães tendo direito a maior quantidade e melhor qualidade de alimentos que os tchecos. Apesar da compra de alimentos fora dos critérios determinados pela administração nazista ser passível de penas severas, particularmente os habitantes de cidades como Praga estavam dispostos a empenhar todas as suas economias e objetos de valor para adquirir, no mercado negro, os alimentos vindos das aldeias⁶⁶. Em suas anotações pessoais, Jindřich Trachta resumiu o período que se iniciou com o Protetorado como:

um inferno que mostrou seus dentes, época de perseguição do povo sem distinção de classe, prisões, sumiço de pessoas que nunca mais foram vistas, repressão brutal dos estudantes universitários – barbaridades contra os moços e moças (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)⁶⁷.

Em novembro de 1939, todas as universidades e parte das escolas secundárias tchecas do Protetorado foram fechadas. Embora tal determinação da administração nazista não tivesse atingido o Ginásio Real de Veselí nad Moravou, o que permitiu a Jindřich Trachta completar seus estudos secundários, em 1942, com particular distinção nas disciplinas de línguas - tcheca, alemã, latim e francês -, este foi, ao menos momentaneamente, impedido de concretizar o sonho de ingressar na universidade. Como ele mesmo rememorou:

Ironia do destino, no dia 06 de julho de 1942, dia da morte de mestre Jan Hus, símbolo de defensor da verdade e dos direitos das pessoas humanas e liberdade de pensamento, Jindřich passa nas provas rigorosas de maturidade, com distinção, não podendo continuar com os tão sonhados estudos universitários, porque Hitler fechou todo e qualquer estudo universitário para os tchecos. Só os colaboradores podiam estudar na Alemanha (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)⁶⁸.

A partir desse ano, cerca de 1,5 milhões de pessoas de todas as partes do Reich foram deslocadas de forma forçada para a Alemanha, com a finalidade de suprir o déficit de mão-de-obra da indústria bélica do país, resultante do recrutamento de um grande número de soldados para as frentes de batalha na Segunda Guerra Mundial. Estima-se que do Proterado da Boêmia e Morávia foram levados cerca de 640 mil homens e mulheres, principalmente para Berlim, Viena e a Silésia. Só entre 1942 e 1943, as autoridades alemãs deslocaram mais

⁶⁶ Desde 1940 proibiu-se a venda de cacau, café ou chocolate. Em 1944, uma pessoa podia comprar menos de dois litros de leite e quatro ovos por mês. Isso levou as mulheres a produzirem determinados alimentos de forma alternativa, a exemplo da geléia feita de beterraba.

⁶⁷ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 40.

⁶⁸ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 40.

de 100 mil tchecos nascidos entre 1918 e 1924. Para escapar desse destino, em setembro de 1942 Jindřich Trachta, então com 22 anos de idade, retirou-se para a vila natal de seu pai, Nová Ves u Číměře, na região dos Sudetos, onde trabalhou na agricultura ao lado de parentes até maio de 1943, quando partiu para Viena para passar um breve período de tempo com suas tias paternas. Avisado do acidente que decepcionou uma perna de seu irmão Jakub, retornou ao Protetorado a tempo de se despedir antes que este falecesse pouco depois (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁶⁹.

Nesse retorno, Jindřich Trachta instalou-se em Otrokovice, próximo a Zlín, onde tornou-se operário da empresa Chlud, fabricante de sapatos na região desde 1927⁷⁰. Após quatro meses de trabalho na fábrica, em outubro de 1943, por influência de um amigo conseguiu empregar-se no Departamento de Trabalho, em Zlín, onde permaneceu até o início de agosto de 1945. Ali passou a ter acesso a informações consideradas úteis aos membros da resistência nacional tcheca liderada pelo dr. Moravec, aos quais Trachta se juntou “a fim de trabalhar pelo salvamento e retorno dos que foram mandados a força para a Alemanha” (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁷¹. Vale lembrar, que a participação na resistência significava não só um risco pessoal, mas uma ameaça a parentes e amigos perante as forças de repressão nazistas encabeçadas pela Gestapo.

Em junho de 1944, os norte-americanos desembarcaram na Europa dando início aos bombardeios aéreos aos centros industriais sob controle do Reich Alemão. Na Europa Central, alguns dos principais alvos foram a Silésia e a Morávia, em particular a cidade de Zlín, que seria atacada três vezes entre agosto e novembro de 1944, onde se concentrava um forte aparato industrial bélico encabeçado pelas indústrias Bata, de propriedade do empresário tcheco Jan Antonín Bata. De acordo como o historiador tcheco František Vojta:

Do ponto de vista militar, [...] as fábricas de Bata organizavam em alto nível de produção mais de 18 tipos de produtos e componentes de armas. Além disso, através da sua liderança foi realizada a descentralização de importantes matérias-primas necessárias para a produção militar e civil, em 63 lugares do distrito. Para a produção de guerra direta foi separada a parte das engenharias, marcadas com letra W, que produziu uma grande variedade de produtos e componentes para as necessidades da marinha (montarias de

⁶⁹ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

⁷⁰ A empresa foi fundada em 1919, na cidade de Zlín, pelo empresário Karel Chlud que, em 1927, montou uma unidade produtora de sapatos em Otrokovice. Nos anos 1930, a empresa foi ampliada, passando a contar com uma estação de energia própria, curtume, edifício auxiliar de produção, armazenamento e recepção. Em 1948, a empresa Chlud foi nacionalizada e agregada à empresa estatal Svit.

⁷¹ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

canhões navais, guinchos de minas), da força aérea (faces dos relógios luminosos, peças para mísseis V1 e V2) e do exército (engrenagens para canhões)⁷².

Atuando em duas frentes de combate (Ostrava-Morávia e Brno-Bratislava) no início de abril de 1945 uma frente do Exército Vermelho cercou as tropas nazistas na Eslováquia ocidental libertando, em 4 de abril, a capital, Bratislava. Uma segunda frente entrou na Morávia para libertar, no dia 26 daquele mês, a capital Brno. Ao mesmo tempo, tropas romenas aproximavam-se da cidade de Zlín onde, no intuito eliminar a resistência interna, as forças de ocupação nazistas passaram a adotar a estratégia de “terra arrasada”, procurando destruir linhas de transportes e equipamentos de comunicações, a exemplo do aeroporto e da rede telefônica de Otrokovice, fábricas e suprimentos de alimentos. Em 28 de abril, as autoridades nazistas deram permissão para que a população alemã fosse evacuada da cidade. Com o apoio de ataques aéreos, no dia 1º de maio as tropas soviéticas chegaram ao distrito de Zlín, obrigando o grosso dos exércitos alemão e húngaro a gradualmente recuar para os arredores da cidade, cuja praça principal foi pisada pelo primeiro soldado soviético em 2 de maio. Dois dias depois, a Rádio de Moscou anunciou que, graças ao esforço conjunto de tropas romenas, dos partisanos da brigada de Jan Žižka e de voluntários tchecoslovacos, após seis anos de domínio nazista as cidades de Zlín e Holešov haviam sido libertadas pelo Exército Vermelho, o mesmo ocorrendo com todo o Distrito de Zlín no dia 6. A rapidez da ação do Exército Vermelho foi crucial para poupar Zlín de maiores danos materiais, em particular para as indústrias Bata que viviam em estreita simbiose com a cidade.

Nessa fase final da Guerra, entre maio e junho de 1945, Jindřich Trachta atuou como voluntário na mobilização pela libertação de Zlín. Incorporado ao Regimento de Treino, constituído para reorganizar o exército tcheco, serviu, como destacou em suas notas biográficas, ao lado do famoso atleta olímpico e ídolo esportivo do povo tcheco Emil Zátopek (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁷³.

⁷² Z vojenského hlediska však nebylo možno přehlédnout, že v závodech Bata byla na vysokém stupni organizována výroba více než 18 druhů zbrojních výrobků a součástek. Navíc byla jejich vedením prováděna decentralisace důležitých surovin a materiálů potřebných pro vojenskou a civilní výrobu do 63 míst v okrese. K přímé válečné produkci byla vyčleněna část strojírén označených W, v nichž se vyráběly různé výrobky a součástky pro potřeby válečného námořnictva (lafety k námořním kanonům, zdvihadla min), letectva (svítící ciferníky, součástky k létajícím střelám V1 a V2) a pozemního vojska (vratná ústrojí ke kanonům). Tradução: Martina Čermáková. Informações obtidas em <http://www.zlin.estranky.cz/clanky/pele-mele--odkazy/bombardovani-mesta-zlina-a-batovych-zavodu-americkym-letectvem-za-druhe-svetove-valky.html> Acesso em 12 de maio de 2014.

⁷³ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

Encerrada a Segunda Guerra Mundial, Jindřich Trachta transferiu-se para a casa da sua irmã mais nova, Hedvika, na cidade de Brno, onde ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Masaryk para cursar línguas eslavas – russo e tcheco. Segundo consta, permaneceu na Universidade Masaryk apenas quatro semestres, sendo forçado a abandonar os estudos, em 1946, devido às pressões exercidas pelas forças políticas de viés comunista, iniciadas logo após as eleições tchecas daquele ano, sobre estudantes que, como ele, professavam uma postura liberal e democrática. É o que se sugere, por exemplo, o formulário em que Trachta requereu a naturalização brasileira: “Jindřich Trachta - 2,5 anos de universidade, estudo inacabado por expulsão da universidade, motivos: golpe comunista em fevereiro de 1948 na Tchecoslováquia” (FORMULÁRIO DE REQUERIMENTO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA DE JINDRICH TRACHTA, s/d)⁷⁴. Além disso, o *Index lectionum*⁷⁵, mostra que Jindřich Trachta cumpriu as disciplinas dos quatro primeiros semestres com notas satisfatórias, tendo inclusive prestado os exames finais do quarto semestre, no dia 11 de outubro de 1946. Porém, no que se refere ao quinto semestre, ainda que constem os cursos, os nomes dos professores e o selo do cartão do estudante pago, demonstrando que Trachta realizou sua matrícula, não há nenhuma informação a respeito dos resultados finais, o que indica que ele já havia deixado de frequentar a faculdade.



Figura 3 Carteirinha de estudante de Jindřich Trachta da Faculdade de Artes de Universidade de Masaryk em Brno. Centro de Memória Jindrich Trachta.

⁷⁴ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 04.

⁷⁵ *Index lectionum*, tipo de carteirinha de estudante e histórico escolar de Jindrich Trachta, com número 1701, é um documento pessoal guardado no CMJT. TRACHTA, Jindrich. *Index lectionum*. Caixa número 04, pasta 13. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

O fato é que, aos vinte e seis anos, solteiro e sem possibilidades de continuar os estudos, nada parecia prender Jindřich Trachta ao seu país que, além do mais, orientava-se na direção de um regime político do qual, por questão de princípios, ele se manteria distante.

Aos que pretendessem trabalhar fora da Tchecoslováquia era necessário, à época, cumprir o serviço militar. Diante disso, ainda em 1946 Jindřich alistou-se para servir numa escola para oficiais de reserva em Brno, onde permaneceu por seis meses, sendo “promovido em primeiro lugar, entre os 120 homens, a aspirante-livre e posteriormente a cabo” (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)⁷⁶.

Por essa época, Jindřich Trachta se correspondeu com Jan F. Bartoš, cronista, jornalista e funcionário de empresa de Bata na Índia, oferecendo-se como professor dos filhos dos funcionários tchecos daquela empresa em Batanagar, cidade fundada por Jan Antonín Bata em 1934⁷⁷. A idéia de ensino da língua tcheca entre tchecos na Índia era defendida sem sucesso por Jan F. Bartoš desde 1941. No pós-guerra essa idéia ainda tinha alguma chance de ser realizada, esvanecendo-se, porém, com a mudança da situação política internacional, que levou a maioria dos conterrâneos tchecos a voltar ao país. Assim, em 1946 havia em Batanagar apenas oito meninas e nove meninos tchecos entre quatro até dezesseis anos de idade, mas cujas famílias também se preparavam para retornar à Tchecoslováquia. Em carta datada de 4 de fevereiro de 1947, Bartoš finalmente informou a Jindřich Trachta:

Peço desculpas em informar que não há possibilidade do seu emprego na Indian Company, pois nas fábricas todas as posições estão ocupadas. Não achamos que haverá uma chance para você durante os próximos dois anos, pois não pretendemos aumentar os nossos negócios na Índia até a situação política se esclarecer (BARTOŠ, Carta a Jindřich Trachta, 04/02/1947)⁷⁸.

⁷⁶ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

⁷⁷ Inicialmente, os sapatos da indústria Bata eram exportados para a Índia. Depois da viagem de Tomáš Bata à Índia, em 1931, decidiu-se que os sapatos seriam produzidos no próprio país, fundando-se, para tanto, a Bata India Ltd., voltada principalmente à produção de sapatos de couro. A primeira fábrica de sapatos na Índia foi estabelecida em Konnagar, em 1931, com 75 especialistas tchecoslovacos. Três anos mais tarde, Jan Antonín Bata fundou Batanagar. Outras fábricas foram posteriormente abertas na Índia, empregando mais de 7.000 trabalhadores.

⁷⁸ I'm sorry to inform you that there are no possibilities of your employment in the Indian Company as all the posts in the Factories are already filled up. We don't think that there will be any chance for you in the next two years at least we do not intend to enlarge our business in India until the politican situation is cleaned up. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10.

A resposta de Jan Bartoš com a negativa sobre a possibilidade de Jindřich Trachta migrar para a Índia⁷⁹ chegou poucos dias antes de entrar em vigor a Notificação 5073-II/11-1947, lançada, em 11 de fevereiro de 1947, pelo Comitê Central de Brno tratando dos Certificados de Confiabilidade Estadual e Nacional⁸⁰, os quais passaram a ser exigidos para as pessoas serem controladas, por exemplo na hora de ingressarem em novos empregos. De acordo com o artigo 2º da Notificação:

A emissão do Certificado da Confiabilidade Estadual e Nacional não pode ser recusada ao cidadão tchecoslovaco da nacionalidade tcheca, eslovaca ou outra eslava, que não tenha sido julgado segundo os Decretos n. 16/1945 Sb., n. 17/1945 Sb. e n. 138/1945 Sb., nem esteja em processo de gestão segundo essas prescrições⁸¹.

Para pessoas que moravam em cidades de até 10 mil habitantes, era suficiente preencher os formulários contendo seus dados pessoais e os locais em que haviam residido desde 21 de maio de 1938, bem como apresentar a declaração de que não estavam inclusas no que dispunham os mencionados decretos, que a rigor as despojava dos direitos civis. No caso de pessoas que moravam em cidades com mais de 10 mil habitantes, era necessário que todos esses dados fossem confirmados por três testemunhas, todas elas cidadãos tchecoslovacos identificados. De posse desse Certificado de Confiabilidade, Jindřich Trachta transferiu-se para a cidade de Plesná, nos Sudetos, onde assumiria um cargo no setor de contabilidade de uma fábrica de artefatos de couro. A fábrica ficava somente a 500 metros da fronteira com a Alemanha.

⁷⁹ Cristóvão Colombo quis viajar até Índia, chegou para a América. Jindřich Trachta mostrou interesse em trabalhar na Índia, destino o levou até a América Latina, ao Brasil. Essa viagem não realizada à Índia se tornou o motivo de paralelo para Karel Štajnoch, um antigo colega de escola, escrevendo de forma humorada a Jindřich Trachta: “Pareces como el famoso Cristóbal Colombo que iba marchando a India llegaba a América” (ŠTAJNOCH, Carta a Jindřich Trachta, 15/07/1953). Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

⁸⁰ Informações obtidas em <http://www.epravo.cz/vyhledavani-aspi/?Id=15197&Section=1&IdPara=1&ParaC=2>. Acesso em 12 de maio de 2014

⁸¹ Vydání osvědčení o státní a národní spolehlivosti nemůže býti odepřeno československému státnímu občanu české, slovenské nebo jiné slovanské národnosti, který nebyl potrestán ani podle retribučních dekretů č. 16/1945 Sb. a 17/1945 Sb., ve znění novel, ani podle dekretu č. 138/1945 Sb., ve znění novel, ani se proti němu nevede řízení podle těchto předpisů. Tradução: Martina Čermáková. Informações obtidas em <http://www.epravo.cz/vyhledavani-aspi/?Id=15197&Section=1&IdPara=1&ParaC=2>. Acesso em 12 de maio de 2014.

2.3 Fuga para a Alemanha

Desde 1943, os Estados Unidos da América, a União Soviética e a Inglaterra já analisavam, na Conferência de Teerã, as estratégias para invadir a Alemanha e quais seriam as políticas para a área derrotada. Após a rendição das tropas nazistas, os territórios pertencentes ao Terceiro Reich foram ocupados pelos países vencedores. Pela Declaração das Quatro Potências – grupo de países formado pelos Estados Unidos, França, Inglaterra e União Soviética –, de 5 de junho de 1945, foi criado o Conselho de Controle dos Aliados que passou a traçar as diretrizes administrativas nas zonas de ocupação na Alemanha e na Áustria (OLIVEIRA, 2013), países para onde se dirigiam os maiores fluxos de refugiados do bloco oriental.

Na Áustria, a situação era mais difícil, pois a zona de ocupação soviética era adjacente à fronteira da Hungria e da Tchecoslováquia. Para os exilados havia um perigo real de que, durante a sua fuga para o Ocidente, as autoridades soviéticas pudessem detê-los e, possivelmente, enviá-los de volta.

Jindřich Trachta chegou à cidade de Plesná, região de fronteira com Alemanha, no final do ano 1947, onde trabalhou na empresa Geipel como contabilista⁸². Em carta endereçada a outro imigrante tcheco em São Paulo, em 1956, Trachta comentou que “foi forçadamente transferido para a indústria de couro” (TRACHTA, Carta a Alex Ceynar, 27/05/1956)⁸³.

Embora até então não tivesse nenhuma filiação partidária formal, em Plesná, onde o Partido Comunista era majoritário e já se preparava para tomar o poder, Jindřich Trachta passou a manter contatos com o Partido Socialista Nacional da Tchecoslováquia, que ao lado do Partido Popular da Tchecoslováquia representou a mais significativa oposição ao Partido Comunista no período de 1945 e 1948⁸⁴. Conforme o testemunho de emigrantes políticos no

⁸² A região de Plesná era uma zona industrial, que a partir da segunda metade do século 19 já possuía serrarias, fábricas de papel, de couro e de tecidos. Entre os maiores empresários industriais estavam John Lehman e Filhos, com sua fábrica de tecido; Johann Adam Geipel, que além da fábrica de couro possuía moinho, formando um conjunto industrial que estava entre os maiores e os mais modernos da Europa Central. Informações obtidas em <http://www.mestoplesna.cz> Acesso no dia de 10 de abril de 2014.

⁸³ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

⁸⁴ O Partido Social Nacionalista Tcheco foi fundado em 1897, como um partido de operários. Com a proclamação da República da Tchecoslováquia, em 1918, foi renomeado para Partido Social Nacionalista da Tchecoslováquia e apoiou os princípios democráticos do primeiro presidente tchecoslovaco, T. G. Masaryk.

campo de refugiados na Alemanha, a partir de 15 de dezembro de 1947 Trachta aceitou o cargo de Presidente do Comitê Popular Municipal de Plesná, com a tarefa de equilibrar os poderes e "de impedir e prevenir ataques do lado do Partido Comunista que tinha a maioria na cidade e referir sobre a situação" (TRACHTA, Svědectví/Testimony, Ludwigsburg, 04/10/1948)⁸⁵.

Assim, a partir do golpe de fevereiro de 1948, Jindřich Trachta sabia que tinha duas opções: entrar no Partido Comunista e seguir sua carreira política no cargo de Presidente do Comitê Popular Municipal de Plesná como uma pessoa fiel ao partido, traindo desse modo seus princípios morais, ou sair do país. Já nos primeiros dias após o golpe de fevereiro quis se demitir "mas sob determinação direta do Partido Socialista Nacional permaneceu no cargo, pois os representantes do partido eram amigos próximos a ele, trabalhavam na mesma fábrica e tinham contatos estreitos" (TRACHTA, Svědectví/Testimony, Ludwigsburg, 04/10/1948)⁸⁶. Vale lembrar que, no período posterior ao golpe de fevereiro de 1948, o Partido Comunista procurou expurgar qualquer viés anticomunista, o que levou a uma "revitalização" do Partido Socialista Nacional da Tchecoslováquia ou, mais especificamente, à sua composição junto com os comunistas, e submetido a estes, nos quadros de poder político tcheco até 1989.

Seguindo essa estratégia, já no mês do fevereiro de 1948 as forças de segurança tchecas se direcionaram a Jindřich Trachta com uma proposta de "colaboração", que consistia na obtenção de informações sobre todos funcionários da empresa Geipel e sobre o funcionamento da firma. Na verdade queriam que Trachta se tornasse o agente secreto dentro da empresa. Ele, como defensor de princípios democráticos na sociedade, recusou a colaboração, argumentando que "informante nunca foi e nunca será". Quando os agentes de segurança retornaram pela terceira vez, em 20 de agosto de 1948, já se utilizaram do método de intimidação: ou Trachta se tornava um agente secreto a serviço do regime comunista, ou seria visto como "pessoa politicamente inconveniente" ao regime, o que significava ser preso ou executar trabalhos forçados nas minas de urânio do país.

Durante a Segunda Guerra Mundial muitos membros do partido ficaram presos nos campos de concentração nazistas. Em 1946, era o segundo partido mais forte do país (18,37 %) e iniciou a demissão dos ministros não-comunistas em 1948.

⁸⁵ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

⁸⁶ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

Antes que expirasse o prazo de reflexão dado a ele pelos agentes de segurança do Estado, Jindřich Trachta decidiu sair do país. Analisando os critérios da historiadora Tvrđíková (2007) sobre os emigrantes da Tchecoslováquia em 1948, podemos distinguir a personagem de Jindřich Trachta como uma pessoa que não aceitava “nenhum acordo com o novo regime e suas práticas”. Era o político não comunista. O Partido Comunista impossibilitou seu estudo das disciplinas humanas na universidade e por isso Trachta não poderia realizar sua carreira profissional. Ou seja, Trachta se encaixava em todos os demais critérios que motivaram a fuga para o estrangeiro da maioria dos emigrantes tchecos nesse período.

Nove dias após ter sido ameaçado pelos agentes de segurança estatais, Jindřich Trachta deixou o país. Na noite de 29 de agosto de 1948, véspera de completar 27 anos, ao lado do diretor da fábrica Geipel, Ondřej Hlavatý e da filha deste, Anna, Trachta transpôs a fronteira da Alemanha Oriental, ocupada pelos russos. Percorreram a pé uma região montanhosa, levando poucos pertences pessoais. No caso de Jindřich Trachta, levava consigo a medalha comemorativa aos 85 anos do presidente Masaryk, que havia ganhado, em 1935, como o melhor aluno da escola pública de Veselí nad Moravou, a Bíblia em tcheco e a máquina fotográfica. Atravessaram a fronteira à noite e durante o dia esconderam-se numa casa em plena floresta. Ali, aguardavam duas mulheres que, na noite do dia 30 de agosto, os conduziram até a zona americana, na Alemanha Ocidental. Como lembrou Trachta nas suas anotações escritas na terceira pessoa do singular:

Quase é barrado por um guarda de fronteira, que por sorte se dirige para estrada principal e da fuga para Jindřich, o diretor da fábrica e a filha dele (sua mulher, de cidadania americana, já tinha emigrado normalmente em maio de 1948). Nos primeiros dias trabalha na roça da parente de uma das mulheres que os guiava e mais tarde segue de trem para Nuremberg, onde acha auxílio de um médico alemão-tcheco para os primeiros passos. No comando militar americano se admiraram como pudemos passar pelo lugar onde passamos (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)⁸⁷.

Segundo Karel Kaplan, baseado em estatísticas da Polícia Estatal, em vários aspectos, Jindřich Trachta, como a maioria dos exilados políticos que deixaram o país na ocasião, obedecia a um perfil específico: eram tchecos, sem filiação partidária, na faixa etária entre 20 até 30 anos:

De acordo com a Polícia Estatal a maioria de exilados eram os tchecos, totalizando 77,09% (eslovacos 19,2%). Segundo o ponto de vista político, a maioria das pessoas não tinha filiação partidária (87,14%). Os partidos

⁸⁷ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 40.

políticos eram representados pelos comunistas (4,63%), os nacional-socialistas (4,91%), os democratas-cristãos (1,6%), social-democratas (1,01%). Em termos de estratificação por idade, consistia principalmente em emigrantes entre 20-30 anos (44,59%), seguido por um grupo de pessoas jovens entre 15-20 anos (15 a 25,55 %) e as pessoas com mais de 30 anos (24,36%) (KAPLAN, 1995, p. 50-51)⁸⁸.

De Plesná a Nuremberg seriam percorridos duzentos quilômetros. Dalí Trachta foi enviado para o Campo de Refugiados de Schwabach, distante vinte quilômetros de Nuremberg, onde permaneceu durante todo o mês de setembro de 1948. Nessa época, os campos de refugiados já estavam sob a administração da International Refugee Organization/ Organização Internacional para os Refugiados (OIR)⁸⁹.

Nos primeiros meses após o golpe comunista na Tchecoslováquia de fevereiro de 1948, os campos de refugiados eram geridos pelos governos locais ou pelas autoridades de ocupação, mas não eram preparados para o aumento de número de emigrantes recém-chegados de países da Europa Central e Oriental. A situação era insustentável e, em julho de 1948, o Departamento dos EUA convocou o Conselho Americano para tratar de questões relativas aos refugiados da Tchecoslováquia e seu posterior destino nos campos. Em julho de 1948, a OIR admitiu oficialmente exilados pós-fevereiro com estatuto de refugiados políticos,

⁸⁸ Podle StB tvořili většinu exilu Češi (77,09 %, Slováků bylo 19,2 %). Z politického hlediska byla většina osob bez stranické příslušnosti (87,14 %). Ze stran měli mezi exulanty zastoupení komunisté (4,63 %), národní socialisté (4,91 %), lidovci (1,6 %), sociální demokraté (1,01 %). Z hlediska věkového rozvrstvení tvořili emigraci většinou osoby ve věku 20 – 30 let (44,59 %), následováni skupinou osob 15–20 ti letých (25,55 %) a osob starších 30 let (24,36 %) (KAPLAN, 1995, p. 50-51). Tradução: Martina Čermáková.

⁸⁹ A OIR foi criada em 1947, passando a funcionar em 1948, quando foi extinta a Comissão Preparatória. Consistia numa agência especializada não permanente da ONU, que se ocupou dos problemas residuais dos refugiados gerados pela Segunda Guerra Mundial e, em razão disso, trabalhou apenas com aqueles de origem europeia. De acordo com a sua Constituição, suas funções abrangiam: repatriamento, identificação, registro e classificação, auxílio e assistência, proteção jurídica e política, transporte, reassentamento e reintegração dos refugiados. Embora o repatriamento fosse inicialmente o objetivo principal da OIR, os desenvolvimentos políticos do pós-guerra na Europa fizeram-na mudar o foco para o reassentamento. Tanto assim que a OIR procedeu ao repatriamento de 73 mil pessoas e, em contrapartida, ao reassentamento de cerca de 1 milhão. Segundo Andrade (1996), 1 milhão de pessoas foram reassentadas em 65 países, dentre os quais a maioria se situava fora do continente europeu. Dados do ACNUR (2000) mostram que mais de um terço dessas pessoas foi reassentada nos EUA, enquanto o restante na Austrália, em Israel, no Canadá e em outros países da América Latina. A esse respeito, Bastos de Ávila (1954) assinala que 182.159 pessoas foram para a Austrália, enquanto 32.712, para a Argentina, 22.473, para o Brasil, 17.553, para a Venezuela, e outros grupos menores, para o Paraguai, Peru, Uruguai e a Colômbia. Já a estatística da delegação brasileira na OIR aponta que, durante os 25 meses de operações dessa organização internacional, mais de 570.000 refugiados foram restabelecidos de 1º de julho de 1947 a 31 de julho de 1949 (MOREIRA, 2013).

que passavam a ter os mesmos benefícios e proteção legal dos demais residentes nos campos sob a administração da Organização. Portanto, em agosto de 1948, quando Trachta chegou ao Campo de Schwabach, a estrutura existente já havia sido modificada, com a OIR garantindo ao menos as necessidades materiais básicas e a aplicação de processos de ajuda de asilo ao grande número de refugiados existentes, e àqueles que chegavam do recém-formado bloco de países do Leste europeu, que passaram a ser governados por regimes socialistas.

Dos mais de 7 milhões de europeus de diversas nacionalidades do Leste Europeu (entre os quais russos, poloneses, lituanos, letões, iugoslavos e ucranianos), cerca de 6 milhões foram repatriados entre o julho de 1945 a agosto de 1947. Colocava-se, então, a questão do que fazer com o chamado "milhão restante", referente aos nacionais dos Estados bálticos, da Ucrânia e Iugoslávia, que não desejavam o regresso aos seus lares (MOREIRA, 2013). O bloco ocidental, liderado pelos EUA, argumentava que esses indivíduos não poderiam ser forçados a regressar, em respeito ao princípio da liberdade e outros direitos civis. Em contrapartida, o bloco soviético, liderado pela URSS, acusava os rivais de utilizar o criado sistema de tratar os refugiados como instrumento para impedir o retorno de cidadãos provenientes de países soviéticos. Nas palavras de Julia Bertino Moreira, os interesses de cunho político-ideológico e geoestratégico dos EUA e URSS influenciavam o olhar sobre o problema dos refugiados na Europa:

Após a guerra, a questão dos refugiados no continente europeu não havia sido satisfatoriamente resolvida. A constituição do regime internacional sobre refugiados surgia com base em autointeresses mútuos perseguidos pelos Estados ocidentais, que buscaram a cooperação internacional para administrar esses movimentos migratórios. Mas também foi fortemente permeada por diferentes visões acerca desse problema e, principalmente, pelos interesses que orientavam o embate ideológico e político entre as duas superpotências (URSS e EUA), em meio à incipiente Guerra Fria (MOREIRA, 2012, p. 55-56).

É relevante notar que o acolhimento de refugiados no contexto do pós-guerra atendia a interesses de diversas ordens dos países ocidentais, incluindo o líder do bloco. Uma vez que se denunciava a fuga de pessoas de países governados por regimes socialistas, com o intuito de desacreditar o bloco soviético e os ideais que o sustentavam. Ainda se faziam presentes interesses de caráter econômico, apesar do receio com encargos financeiros e descontentamento da população local, já que a Europa atravessava um período de reconstrução e necessitava de mão de obra barata e abundante para suprir seu mercado de trabalho. E, por fim, não havia um acirrado problema cultural, devido à proximidade em termos identitários entre refugiados europeus (do Leste) e as comunidades receptoras (seja de

países também europeus, porém do Ocidente, seja de ex-colônias, como EUA, Canadá e Austrália). Essas motivações combinadas fizeram com que grande parte dos países ocidentais se comprometessem com o regime internacional sobre refugiados delineado pela ONU (MOREIRA, 2013).

Logo após seu ingresso no campo de Schwabach, Jindřich Trachta mostrou interesse de emigrar para a Venezuela. De fato, juntava-se a um grupo de 22 pessoas (18 homens, 4 mulheres) que, de acordo com a carta de recomendação enviada de Frankfurt an Maine por Jaroslav Kamberský à Missão na Venezuela, em 4 de setembro de 1948, tinham a intenção de criar naquele país instalações inteiramente novas nos referidos ramos industriais (HLAVATÝ, KAMBERSKÝ, 04/09/1948)⁹⁰. Um dia antes, 3 de setembro de 1948, o mesmo Kamberský enviara à OIR uma carta de recomendação com teor semelhante, onde se lê:

Ele [Jindřich Trachta] anunciou a sua intenção de avançar na emigração individual para a Venezuela com um grupo de especialistas em couro, metal e têxteis (líderes técnicos, técnicos capatazes e trabalhadores qualificados nas seguintes operações: couro, engenharia, indústria têxtil e de borracha. HLAVATÝ, KAMBERSKÝ, Carta para a solicitação de missão na Venezuela, 04/09/1948)⁹¹.

O grupo era liderado por Ondřej Hlavatý, gerente da empresa Geipel em Plesná, com quem Trachta havia feito a transição da fronteira, uma personalidade ligada à empresa de Jan Antonín Baťa, para quem trabalhou como diretor em Tillbury, na Inglaterra, e em Calcutta, na Índia, durante vinte e cinco anos. Coube a ele apresentar o projeto, a ser “realizado com o maior sucesso possível e com grande benefício para a economia da Venezuela” (HLAVATÝ, KAMBERSKÝ, Carta para a solicitação de missão na Venezuela, 04/09/1948)⁹². Além de Ondřej Hlavatý e Jindřich Trachta, que oferecia sua experiência como contabilista e trabalhador na indústria de couro, faziam parte do grupo Zdeněk Pracuch (nasc. 30 de julho de 1927 em Bruntál) e sua esposa Marie Pracuchová (nasc. 7 de maio de 1929 em Pohůrka), que

⁹⁰ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

⁹¹ He has announced his intention to proceed on individual emigration towards Venezuela with a group of leather, metal and a textile specialists (technical leaders, technicians, skilled foremen and workers in the following trades: leather, engineering, textile and rubber industry). Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS, Caixa número 07, pasta 30.

⁹² Carried out with greatest success possible and with tremendous benefit for the economy of Venezuela. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

também haviam trabalhado na empresa Geipel em Plesná, tendo, portanto, larga experiência na indústria de couro. Contudo, o plano de migrar para a Venezuela não se concretizou⁹³.

Em outubro de 1948, Jindřich Trachta foi transferido de campo de refugiados Schwabach para o campo de refugiados de Ludwigsburg, próximo a Stuttgart, distante duzentos quilômetros um de outro. Ludwigsburg era mais um dentre os 762 campos de refugiados da OIR localizados na Alemanha Ocidental⁹⁴, Itália, Áustria e Grécia desde 1947 (TVRDÍKOVÁ, 2007), sendo que na Alemanha havia maior concentração de refugiados da Tchecoslováquia. Campo de Ludwigsburg era o maior e multi-étnico agregando poloneses, ucranianos, húngaros, cidadãos dos Estados bálticos e outros países por trás da “cortina de ferro”, os quais eram alojados em prédios de antigos quartéis, antigos edifícios industriais, escolas, cabanas improvisadas de madeira e mesmo ônibus inaproveitados.

Aos recém-chegados era atribuída uma cama, uma barra de sabão e um cobertor. Apesar da disciplina nos acampamentos ser aparentemente rigorosa, eram permitidos passeios pelo campo e além. A vida dos refugiados nos campos era animada por peças de teatro, shows e a prática de esportes, ressaltando-se que num deles foi fundada e funcionou por um curto período de tempo uma universidade, a fim de atender o alto número de estudantes. Contudo, a longa espera pelos documentos necessários era desmoralizante, o que não raro causava conflitos entre os refugiados.

Quando os campos de refugiados ainda eram administrados pelas forças de ocupação ou pelos governos locais, a alimentação, em torno de 660 a 900 calorias diárias, não cumpria os padrões nutricionais básicos, situação que só se modificaria com chegada da OIR. Diante disso, a alimentação era, em geral, complementada com suprimentos de gorduras, massas, farinha, açúcar, feijão ou manteiga, enviados por diferentes países, entidades religiosas, pessoas físicas e empresas como a Bata Shoe Company, fundada no Canadá, em 1945, por Thomas Bata Jr. Além da escassez de alimentos, outro problema sério a ser enfrentado nos campos era o de saber como vestir os refugiados, em especial nos meses de inverno, haja vista que a grande maioria deles chegava aos campos somente com a roupa do corpo.

Foi esse o cenário que Jindřich Trachta encontrou ao chegar ao campo de Ludwigsburg. Como todos os recém-chegados ele teve, inicialmente, de se submeter a um

⁹³ Segundo os documentos do CMJT, Ondřej Hlavatý e sua filha Anna emigraram para os Estados Unidos, voando de Frankfurt an Maine para Nova York, quanto ao o casal Pracuch e Trachta esperaram no campos de refugiados na Alemanha.

⁹⁴ Por exemplo em Hannover, Regensburg, Munique, Murnau, Nellingen, Lindau, Lechfeld, Gmünd e Ulm.

processo oficial de triagem (screening), por meio do qual os refugiados eram registrados e se dava início ao procedimento de pedido de asilo. Nesse processo, o passado dos indivíduos era minuciosamente analisado enquanto condição *sine qua non* para que recebessem os certificados de refugiados políticos. Nessa análise, Jindřich Trachta cumpriu duas condições básicas: ter saído do país entre 1 de fevereiro de 1948 e 15 de outubro de 1949, e não ter se envolvido na resistência armada contra o governo comunista “legal” da Tchecoslováquia.

Também era prática comum, durante a triagem, tomar os depoimentos de outros refugiados ou de parentes no exterior, testemunhando sobre a vida pretérita dos que solicitavam seus documentos. A respeito de Trachta, temos à disposição documento datado de 4 de outubro de 1948, onde constam os testemunhos, em tcheco e em inglês, de seis pessoas a saber: Josef Poklop, padre em Plesná (campo de refugiados em Arsenalkaserne); Ondřej Hlavatý, gerente da empresa Geipel em Plesná (campo de Ludwigsburg); Zdeněk Pracuch, contabilista na empresa Geipel em Plesná (campo de Ludwigsburg); Marie Pracuchová, operária da empresa Geipel em Plesná (campo de Ludwigsburg); Josef Fau, operário na empresa Tosta em Plesná (campo de Jagerhofkaserne); Josef Safus, secretário do Partido Nacional Socialista da Tchecoslováquia na cidade de Cheb. Todos caracterizaram Jindřich Trachta como defensor de princípios democráticos, que durante as eleições tentou impedir a perseguições aos cidadãos que haviam votado em branco, o que lhe teria causado inúmeros inimigos entre os simpatizantes do regime comunista. Textualmente:

Recusou a política de perseguição nos dias posteriores a fevereiro, prestou serviço muito valioso aos membros dos partidos não comunistas, principalmente para os socialistas nacionais. Ele era conhecido como um defensor do processo democrático dentro da cidade e na empresa em que trabalhou: na eleição, quando a cidade tinha 9% de votos em branco, evitou qualquer perseguição de pessoas que publicamente manifestaram o voto em branco. Isso lhe causou muitos inimigos entre os cidadãos e os representantes principais da comunidade e na sede do distrito (TRACHTA, Svědectví/Testimony, 04/10/1948)⁹⁵.

Devido ao seu conhecimento e à fluência nos idiomas tcheco, russo, alemão, inglês e francês, Jindřich Trachta empregou-se no escritório do campo de refugiados de Ludwigsburg,

⁹⁵ Persekuční politiku v poúnorových dnech odmítal, prokázal velmi cenné služby členům nekomunistických stran, hlavně členům nár.soc. vedení organizace ve Šnekách u Plesné. Byl znám jako zastánce demokratického postupu jak v obci, tak v podniku, ve kterém pracoval: ve volbách, kdy bylo v obci 9% bílých lístků zabránil jakékoliv persekuci osob, které veřejně volily bílý lístek. Tato skutečnost mu způsobila mnoho nepřátel mezi občanstvem a předními činiteli v obci a na okresním úřadě. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

trabalhando na sessão de preparação de documentos para emigração. Segundo os documentos disponíveis, ele foi testado para os serviços de escriturário:

29 de novembro de 1948, testado em contabilidade, foi classificado como um segundo escriturário, experiência de 2 anos e 5 meses de contabilidade para fins administrativos e de produção, controle de estoque, sistema de contabilidade, administração, cálculo (BURKEVICS, Comprovante de atestado de Jindrich Trachta em contabilidade, 29/11/1948)⁹⁶.

Pelos serviços prestados como escriturário em Ludwigsburg até 4 de abril de 1949, os quais foram considerados “sempre muito satisfatórios” (PICHLER, CERTIFICATION de Jindrich Trachta, 04/04/1949)⁹⁷, Trachta recebia em torno de duzentos marcos alemães. Paralelamente, aguardava a resolução de seu processo de imigração.

Gerido e coordenado pela OIR, entidade com a qual vários países estabeleceram acordos de envio de comissões para a seleção dos possíveis deslocados⁹⁸, o processo de obtenção de vistos para imigração era uma jornada longa e difícil. Assim, ainda que a permanência nos campos administrados pela OIR durasse, em média, de 6 a 12 meses, houve casos de refugiados que ali permaneceram durante anos, a exemplo de Jindřich Trachta cujas passagens pelos campos de Schwabach e Ludwigsburg se estenderam de setembro de 1947 até abril de 1949. Por isso, embora oficialmente só fosse possível candidatar-se para a alocação em um único país, muitos refugiados, no intuito de sair o mais rápido possível dos campos, adotavam a prática – tolerada apesar das enormes complicações decorrentes – de pedir asilo em vários países.

Grande parte dos refugiados tchecoslovacos tinha interesse em se transferir para os Estados Unidos, devido às muitas oportunidades e ao alto padrão de vida que o país oferecia, bem como pelo fato de os EUA não sofrerem os impactos diretos causados pela guerra. O maior problema a ser enfrentado eram as rigorosas leis de imigração norte-americanas, ainda baseadas no antigo sistema de "quotas nacionais" – naquele momento sob forte pressão

⁹⁶ 29 de novembro de 1948 tested in bookkeeping, has been classified as a second class bookeeper, experience 2 years and 5 months bookkeeping for administrative and manufacturing purposes, store-keeping, accounting system, administration, calculation. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

⁹⁷ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

⁹⁸ A OIR encerrou suas atividades em 1951, quando a maior parte da população dos campos de refugiados já havia imigrado (OLIVEIRA, 2013).

contrária por parte de pessoas influentes e de organizações humanitárias internacionais⁹⁹ -, que permitiam a entrada no país de 250 mil pessoas de todo o mundo, sendo de 3.000 pessoas a quota para tchecoslovacos.

Situação totalmente inversa ocorria em relação à Alemanha, país mais afetado pela devastação causada pela guerra e onde, nos campos de refugiados, os tchecos frequentemente se encontravam com os alemães expulsos dos Sudetos. Em razão disso, muitos imigrantes preferiam se estabelecer primeiramente em países da Europa como o Reino Unido, a França e a Itália, à espera de retornar à terra natal caso um novo conflito mundial resultasse na vitória final do Ocidente frente ao mundo comunista.

Em geral, outros Estados democráticos favoreceram os requerentes de asilo, privilegiando acima de tudo pessoas capacitadas a realizar trabalhos físicos ou, em casos mais específicos - como o Canadá, Austrália, Noruega e Holanda, entre outros - estudantes universitários e técnicos altamente qualificados, em particular engenheiros¹⁰⁰. De acordo com Tomáš Snížek:

O nível de educação de futuros imigrantes assimilados era importante principalmente nos casos em que as autoridades de imigração procuraram por trabalhadores e engenheiros especializados. Em outros casos, tornou-se mais decisivo o estado da saúde do requerente. Podemos dizer que em outros países como a Holanda ou a Suíça tem sido um pequeno afluxo de refugiados. Apesar destas dificuldades, a maioria dos refugiados tentou sair do acampamento mais cedo possível e, muitas vezes a qualquer custo (SNÍŽEK, 2009, p. 18-19)¹⁰¹.

Em casos como o de Jindřich Trachta, que fez quatro semestres na faculdade de letras, o nível de escolaridade, além de pouco contar, poderia até se constituir numa desvantagem, sendo o mais importante o estado físico do requerente. Com efeito, de acordo com os registros

⁹⁹ Talvez em razão das pressões internacionais, entre 1948 e 1953 os norte-americanos promulgaram duas leis especiais de imigração: o Displaced Person Act, de 1948, e o Refugee Relief Act, de 1953 (TVRDÍKOVÁ, 2007, p. 28).

¹⁰⁰ Mesmo assim, o número de “vagas”, no caso de pequenos Estados, foi limitado e, não raro, restrito a condições contratuais, a exemplo das vagas para lavradores nas fazendas da Austrália, cuja permanência no país estava restrita a dois anos. Ações como estas eram duramente criticadas pelos exilados.

¹⁰¹ Na úroveň vzdělání budoucího imigranta se hledělo převážně v případech, kdy imigrační úřady hledaly specializované dělníky nebo technické odborníky. V ostatních případech se stal rozhodujícím spíše zdravotní stav žadatele. Můžeme konstatovat, že do ostatních zemí jako bylo Nizozemí nebo Švýcarsko byl příliv uprchlíků malý. I přes tyto nesnáze se valná část uprchlíků snažila dostat pryč z tábora v co nejkratším čase a mnohdy za každou cenu (SNÍŽEK, 2009, p. 18-19). Tradução: Martina Čermáková.

médicos de campo de refugiados de Schwabach, datados de 8 de setembro de 1948, o estado de saúde de Trachta era bom (MEDICAL CERTIFICATE, Schwabach, 08/09/1948)¹⁰².

Em 4 de abril de 1949, Jindřich Trachta obteve uma autorização de residência, o que significava que ele podia viajar legalmente para a Alemanha, Itália ou Áustria, até encontrar um local em que pudesse se estabelecer definitivamente. Além disso, o documento garantia-lhe o direito de solicitar autorização de trabalho ou de assistência temporária no período em que estivesse à procura de emprego, haja vista que, segundo Snížek (2009), até o início da década de 1950 conseguir o emprego razoavelmente remunerado era algo extremamente difícil. Assim, em meados de abril de 1949, Trachta viajou para Eisslingen, onde morava sua tia Aloisia. Dali deslocou-se para Stuttgart, onde trabalhou como ajudante de pedreiro no aguardo de sua transferência para o Brasil, cujo visto de entrada já havia obtido.

A viagem para o Brasil que foi marcada para o 24 de abril de 1949. Trachta viajaria com seu TEMPORALY TRAVEL DOCUMENT, sem foto, identificado apenas pela altura de 1,66 m, pela cor do cabelo – castanho – e dos olhos - cinza-verde-, bem como de uma cicatriz de 6 centímetros na altura do pulso esquerdo (TEMPORARY TRAVEL DOCUMENT, s/d)¹⁰³. Tomou o trem para a Áustria e dali até Bagnoli, na Itália, onde aguardaria o embarque para o Brasil. De Nápoles, parte para o Rio de Janeiro, onde chegou no dia 9 de maio de 1949. Na lista dos passageiros do navio General Mac havia setenta passageiros da Tchecoslováquia, entre eles Jindřich Trachta, solteiro, com número 691951, que viajava junto com seus amigos Pracuch e Pracuchová (DISPLACED PERSON OPERATION - GERMANY, 03/04/1949)¹⁰⁴.

¹⁰² Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

¹⁰³ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

¹⁰⁴ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

CAPÍTULO 3: BRASIL – VENHAM A MIM TODOS QUE PROCURAM SOCORRO

3.1 Rio de Janeiro – Venham a mim todos que procuram socorro

Here you can see the Team of the IRO

Which brings a lot to Rio de Janeiro

Keeping together as a chain of steel

*And get raid of our people in Brasil
(DAILY IRO R, 22/04/1949)¹⁰⁵*

Depois da Segunda Guerra Mundial, o Brasil se pautou pelo alinhamento ao bloco liderado pelos EUA e o objetivo da política externa era manter laços de cooperação com a superpotência, a fim de obter capital para promover o desenvolvimento social e econômico nacional. O governo Vargas reabriu a imigração no país¹⁰⁶, embora mantendo o sistema de cotas. Os imigrantes e refugiados, sobretudo os qualificados, eram requeridos nos processos de industrialização e urbanização, ou modernização e diversificação da agricultura. Para Julia Moreira:

Ainda havia previsão de imigração dirigida, quando se promovesse a introdução de imigrantes no país, os quais estariam excluídos da cota referida. Nesse caso, a preferência era por famílias, com pelo menos oito pessoas entre quinze e cinquenta anos, aptas para o trabalho. O recrutamento desses estrangeiros seria realizado no exterior por técnicos de saúde e imigração (MOREIRA, 2012, p. 69).

Os imigrantes europeus eram vistos não somente como mão de obra necessária, mas também como os elementos que ajudariam preservar e desenvolver a composição étnica da população, na medida em que, através de um processo de cruzamento ocorreria um ‘embranquecimento’ populacional, o que era vigente desde os anos 1930. Em outros termos, os imigrantes europeus iriam estimular tanto o desenvolvimento socioeconômico, como também étnico-cultural do país.

¹⁰⁵ Aqui você pode ver o Equipe de OIR / Que traz muita gente para Rio de Janeiro / Mantendo-a em conjunto, como uma corrente de aço / E obter incursão do nosso povo no Brasil. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

¹⁰⁶ No final dos anos 1930, o governo Vargas adotou medidas de restrição à entrada de estrangeiros, diante do contexto econômico de crise na lavoura e nos latifúndios e de desemprego nacional, desencadeado pela crise de 1929 (LOPES, 2013).

“Tendencia imigratória“ era representada pelo ingresso de refugiados no Brasil após a Guerra. Para o refugiado não existe definição unívoca, e a própria concessão do refúgio, ou asilo depende da avaliação dos motivos que forçaram a migração. Na Convenção de Genebra, em seu artigo 1º o refugiado se define como:

Toda a pessoa que, devido à fundados temores de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertença a determinado grupo social ou opiniões políticas, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, por causa de ditos temores, não queira valer-se da proteção de tal país (ZAMBERLAM, 2004, p. 21). [...] Em termos mais gerais, marca uma pessoa desenraizada, sem lar e sem status e proteção nacional - um migrante involuntário. O epíteto “sem raízes”, e o estigma que o acompanha, com sua desvinculação territorial, categoriza o refugiado e seus homólogos - exilado, deslocado (SEYFERTH, 2008, p. 13).

Os refugiados eram recebidos no Brasil por motivos humanitários, mas também econômicos, de interesse interno brasileiro. Em Londres, em 1947, era estabelecido o projeto para reassentamento de refugiados e deslocados europeus em países além-mar e a recepção de refugiados pelo Brasil se embasava em acordos firmados pelo governo com a organização internacional OIR. Segundo o acordo, o governo brasileiro aceitou a onda da imigração de refugiados, provenientes dos campos na Alemanha e Áustria. No campo dos refugiados na Alemanha, Jindřich Trachta recebeu estatuto de refugiado pelo o Comitê Internacional, que financiou seu transporte marítimo e pagou suas despesas iniciais no Brasil. Jindřich usou tais recursos para comprar dicionários, livros didáticos e linguísticos.

Todo mundo ganhou 186 cruzeiros para as necessidades mais urgentes como sabonete, barbeadores, cigarros etc. [...] Muitos de nós esse presente do Brasil gastaram em cigarros, em vão. Eu comprei um pouco de cigarros, cadernos, dicionário brasileiro-alemão, gramática inglês-portuguesa, conversação inglesa-brasileira e comecei a estudar (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹⁰⁷.

Segundo a historiadora Julia Moreira (2012, p. 73), eram mandadas, para os campos de refugiados na Áustria e Alemanha, missões brasileiras de seleção, formadas por médicos, autoridades ligadas à imigração e representantes do Ministério das Relações Exteriores com a finalidade de escolher refugiados e imigrantes. Conforme a autora, entraram no país 30% de poloneses, 20% de israelitas, 17% de bálticos e o restante de ucranianos, russos, iugoslavos e

¹⁰⁷ Každý dostal 186 cizrejřů na nejnutnější potřeby jako mýdlo, holící věci, cigarety atd. [...] Mnozí z nás tento peněžní dárek Brazílie prokouřili, promarnili. Já jsem si kromě trošky cigaret koupil sešity, slovník brazilsko-německý, anglicko-portugalskou gramatiku, anglicko-brazilskou konverzaci a pustil jsem se do díla. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

apátridas¹⁰⁸. Não se refere à porcentagem dos refugiados tchecoslovacos vindos para o Brasil, mencionando somente os refugiados alemães que viviam há várias gerações em países vizinhos da Alemanha (Tchecoslováquia e Iugoslávia), de onde eram expulsos e que constituíam ‘excelentes imigrantes’ para o Brasil (MOREIRA, 2012, p. 74).

O Brasil e os EUA tinham preferência pelos “baltas (lituanos, letões e estonianos), por apresentarem um nível profissional e cultural elevado”. Em seguida, pelos poloneses, ucranianos e apátridas de origem russa. Segundo Oliveira (2013), o Brasil tinha bastante interesse também em atrair emigrantes do antigo território alemão, porém outros países receptores apresentaram melhores condições econômicas, políticas internas mais definidas e menos burocráticas de estabelecimento dos estrangeiros.

As missões de seleção brasileiras precisavam convencer os refugiados a virem para o Brasil, já que outros países poderiam se tornar o seu destino. Fazia-se necessário, então, “conquistar” os melhores “elementos humanos”, por meio da promoção do conhecimento mais exato sobre o país e do “combate a falsas ideias que circulavam sobre o Brasil” (cobras, clima insuportável, doenças tropicais etc.). Para tanto, realizavam-se entrevistas individuais. As autoridades procuravam passar uma ideia geral mais precisa das condições de vida e trabalho no país. Ao fornecer informações, importava construir e divulgar uma propaganda favorável sobre o Brasil.

Com a queda do governo autoritário de Vargas e a redemocratização do país, a Constituição de 1946, em seus Artigos 5 e 162, manteve como competência da União as políticas de imigração, naturalização e expulsão de estrangeiros, e confirmou como critérios para a seleção de imigrantes o interesse nacional, cabendo ao Conselho de Imigração e Colonização a coordenação desses serviços, desde que antes fossem aproveitados os brasileiros. Dentre os princípios gerais da política imigratória após 1945, definidos pelo Conselho, ficou estabelecido que os imigrantes de ascendência não europeia deveriam ser considerados indesejáveis, a seleção de imigrantes priorizava a admissão de trabalhadores rurais, técnicos e operários qualificados e a distribuição dos vários grupos de imigrantes era orientada pelo governo, levando em conta a aptidão, o padrão de vida e o clima. Estas diretrizes definiram as restrições para grupos de imigrantes como políticas do Estado

¹⁰⁸ O termo apátrida diz respeito ao indivíduo que perdeu a nacionalidade, apertença a um Estado, portanto, não possui nem identidade nacional, nem pátria (SEYFERTH, 2008, p. 13).

democrático brasileiro, e impuseram critérios para o corpo diplomático selecionar as solicitações de ingresso no país (OLIVEIRA, 2013).

Com isso, os órgãos competentes dificultavam emissões de passaporte para os imigrantes adeptos do socialismo comunista e preferia os de confissão católica. Essa política dificultava a situação de grande parte dos refugiados, uma vez que muitos eram originários das áreas de domínio soviético e cristãos não-católicos. Como as demais nações interessadas nos imigrantes vindos da Europa, e especificamente da Alemanha, a escolha entre os refugiados e deslocados pelo governo brasileiro era feita a partir de interesses internos.

Enfim, foram estabelecidos cinco elementos para as seleções brasileiras nos campos de refugiados, que tinham prioridade na hora de escolher os refugiados convenientes para virem para o Brasil. Jindřich Trachta cumpriu a exigência de boa saúde, a sua aptidão para o trabalho e a sua índole anticomunista. Acreditava em Deus, era católico, batizado, mas a sua mãe o separou da Igreja Católica oficialmente. Não se encaixou também no último critério. Era solteiro e para os países latino-americanos, a imigração de famílias era priorizada. Mas isso não impediu a sua aceitação de imigração no Brasil. Ele próprio explicou a sua experiência durante entrevista com comissão brasileira:

Mas o que principalmente me ajudou foi que obtive boas referências junto ao chefe da comissão brasileira foi o fato de que me comuniquei com ele em alemão e um inglês, que eu sabia um pouco sobre o Brasil e principalmente que eu disse que iria ficar muito honrado se pudesse achar nova pátria no país dele e que estou disponível a trabalhar intensivamente para progresso da nova pátria. Mas isso é mais sorte que razão (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹⁰⁹.

Nem todos podiam entrar no Brasil, uma vez que haviam sido estabelecidas instruções gerais sobre os indesejáveis que, portanto, deveriam ser excluídos do processo seletivo, entre eles:

a) Indigentes, vagabundos, ciganos, congêneres; b) doentes ou apresentando manifestações de doenças infecto-contagiosas graves, lepra, tuberculose, tracoma, elefantíase, câncer, doenças venéreas em período contagiante; c) anarquistas, terroristas, extremistas e congêneres, inclusive os que tenham participado das organizações nazistas na Alemanha e países ocupados pelas

¹⁰⁹ Ale co mi hlavně pomohlo, že jsem se u šéfa brazilské komise dobře uvedl, že jsem se s ním dohodl německy a tak i trochu anglicky, že jsem znal trošku o Brazílii a hlavně že jsem řekl, že se budu cítit velice poctěn, jestli v jeho zemi mohu najít novou vlast a že jsem ochoten pracovat ze všech sil k rozvoji své nové vlasti. Ale to je víc štěstí než rozum. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

tropas alemãs; d) estrangeiros anteriormente expulsos do Brasil; e) condenados em qualquer país por crime de natureza que determine a extradição segundo a lei brasileira; f) que se entreguem à prostituição, e explorem ou tenham costumes manifestamente imorais; g) alcoólatras e toxicômanos; h) que apresentem documentação viciada ou falsificada; i) aleijados, mutilados, cegos ou surdos-mudos; j) que apresentem lesões orgânicas ou insuficiência funcional que os invalide para o trabalho (MOREIRA, 2013, p. 16).

A preocupação com a seleção dos refugiados e com a rigorosa execução das instruções se assentava na ideia de que “grande proporção de elementos parasitários e inúteis” viviam sob o patrocínio da OIR. Os países receptores, em geral, não pretendiam acolher pessoas incapacitadas para o trabalho, vistas como “de difícil aceitação”, por representarem encargos socioeconômicos. Além dos doentes e deficientes, pessoas que apresentassem impedimentos de ordem político-ideológica ou moral não poderiam ser consideradas, a exemplo de “anarquistas, terroristas e extremistas”, ou as de “costumes manifestamente imorais”.

O Brasil começou a receber refugiados em maio de 1947, nas bases do acordo com o OIR. Os números de refugiados recebidos pelo Brasil são de difícil precisão. O maior número de imigrantes das nacionalidades europeias, no imediato pós-guerra, para o Brasil se concentraram nos anos de 1948-1949. Segundo dados do governo alemão, entre julho de 1947 e dezembro de 1951, cerca de 869.000 refugiados emigraram para países de outros continentes, especialmente para os EUA, a Austrália e o Canadá. A América do Sul recebeu 96.118 refugiados. Através da mediação da Organização Internacional para os Refugiados, o Brasil recebeu nesse período 28.848 pessoas, sendo a maioria da Polônia, Ucrânia e Iugoslávia (OLIVEIRA, 2013). A historiadora Julia Moreira trabalha com o número de 21.603 pessoas, segundo a estatística apresentada pela delegação brasileira na OIR, entre 1º de julho de 1947 e 31 de julho de 1949, provenientes dos seguintes países: Polônia, Rússia, Ucrânia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e Iugoslávia (MOREIRA, 2012).

São Paulo foi o estado que mais acolheu refugiados, aproximadamente 51% do contingente total recebido pelo país. Dentre as nacionalidades, havia poloneses, ucranianos, bálticos, iugoslavos, russos, tchecos, alemães, austríacos, armênios, búlgaros e romenos, entre outras. Além de São Paulo, outros estados que os receberam foram: Paraná (21%), Rio Grande do Sul (8,8%)¹¹⁰, Distrito Federal (à época, Rio de Janeiro, com 7,7%), Goiás (3,8%),

¹¹⁰ Os tchecos se qualificariam como pequenos proprietários, ideal para a colonização no Rio Grande do Sul, mas não para a cafeicultura.

Santa Catarina (3,4%), Rio de Janeiro (2,5%), Minas Gerais (2,1%), Bahia (1,7%), dentre outros com números menos significativos.

As pessoas deslocadas provenientes de países europeus da chamada “cortina de ferro“, inclusive Jindřich Trachta, vindos para o Brasil tinham, segundo a opinião pública nacional e alguns setores estatais, desprestígio e a sociedade brasileira demonstrava resistência à inserção desses refugiados. Foram vistos como indivíduos que saíram de seus países por necessidade e nunca como opção. De qualquer forma, refugiados foram representados como elementos ideologicamente mais perigosos do que os deslocados de guerra e, por isso, mais frequentemente rejeitados pelo governo (BUENO, 2011, p. 21). Não obstante tais obstáculos, vinculados à imagem e à ideia que permeavam a figura do refugiado nesse momento, a combinação de outros fatores de caráter internacional e nacional possibilitaram o ingresso de refugiados da Europa inteira no Brasil. O ministro da Relações Exteriores, Helio Lobo, quis desmistificar a imagem negativa dos “fugitivos da cortina de ferro“ e, ao contrário, os avaliou com atributos econômicos, sociais e culturais superiores à população brasileira, podendo, portanto, estimular o desenvolvimento nacional. Comparou os refugiados com os imigrantes, constituindo elementos humanos com excelentes traços físicos, profissionais, religiosos, sociais e morais, como raramente acontece nas aglomerações ou grupos dispostos à emigração” (MOREIRA, 2012, p. 73). Julgou esses elementos como as raças de elevado nível material e cultural, o que, na regra conhecida, só podia concorrer para a melhora do próprio padrão de vida do Brasil. Cada imigrante dessa categoria achou “um estimulante no corpo da nação“ (apud MOREIRA, p. 74-75).

Jindřich Trachta, passando pelas formalidades oficiais, podia começar a sua viagem. A viagem marítima era, não somente na época das grandes migrações, veículo por excelência dos deslocamentos, um momento de profundo corte com vários desdobramentos para o imigrante, no plano material e no plano imaginário. Não significava o apagamento total da uma fase passada, integrando-se pelo contrário ao presente (FAUSTO, 2006, p. 14). Jindřich Trachta se despediu da sua pátria na fronteira tcheco-alemã, a partida assinalou o encerramento de uma parte da sua existência. Agora estava a bordo do navio americano General Mac, junto com outros 755 passageiros, abandonando o continente europeu,

desejando retornar, e no mesmo momento curioso, com medo e expectativa, mesmo aos olhos de um jovem (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)¹¹¹.

A viagem transatlântica começou no dia de 24 de abril de 1949, em Bagnoli, na Academia Naval, perto de Napoles. Trachta trabalhou no navio como ajudante de cozinha e, segundo documento fornecido pelo capitão do navio, Allen Richardson, o seu serviço na cozinha foi bem avaliado, além de ter contribuído na ajuda aos passageiros que “ não estavam usando bote salva-vidas“ (RICHARDSON, Carta de apreciação, s/d)¹¹².

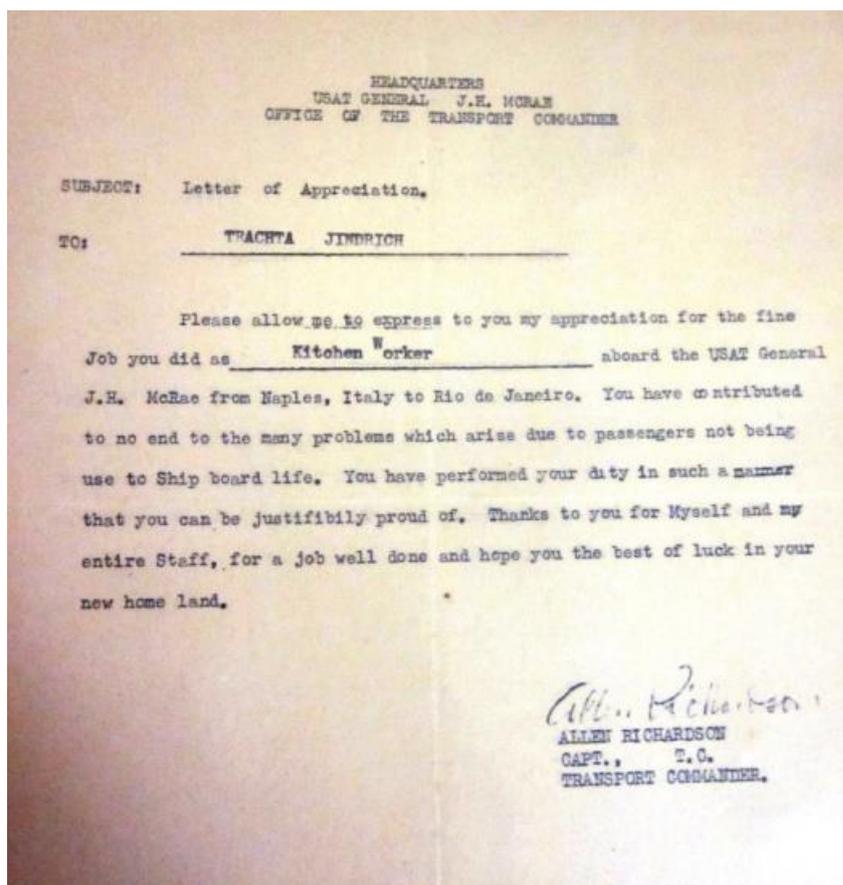


Figura 4 Carta de apreciação, escrita por capitão do navio General Mac, Allen Richardson. Centro de Memória Jindrich Trachta.

Durante a navegação, que durou 16 dias até chegar para Rio de Janeiro, ao bordo foi lançado o diário Daily IRO R, que mediava as informações e divertimentos para os passageiros e a tripulação. O equipe editorial foi formado pelos cinco passageiros – um editor

¹¹¹ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹¹² “Not being use to ship board life”. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

chefe e quatro editores. Anunciava os detalhes sobre a viagem, posição do navio, dados climáticos, informações sobre a sociedade e a tripulação, piadas, caricaturas, poemas ou cardápio.

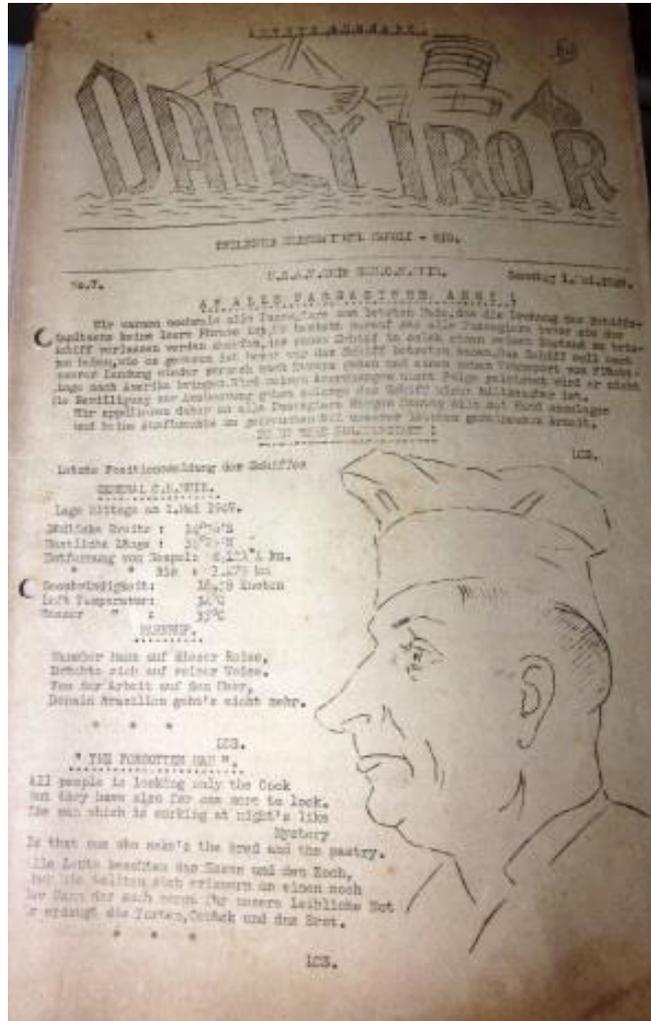


Figura 5 Diário DAILY IRO R. 1 de maio de 1949, n. 7. Centro de Memória Jindrich Trachta.

A viagem marítima representa uma transição até certo ponto lenta, quando comparada com as bruscas passagens impostas pelo simples traslado de um aeroporto a outro, com horas apenas de intervalo. Não por acaso ela sempre será a viagem com *a* maiúsculo (FAUSTO, 2006, p. 14). Jindřich Trachta, nas suas anotações pessoais, marcou as datas de partida e paradas durante o caminho, inclusive os horários, mencionou as anomalias climáticas, a exemplo do temporal pelo qual passaram no Mediterrâneo, o que demonstra as suas atitudes práticas e cuidadosas. Porém, nas cartas analisadas não aparece nenhuma descrição da viagem

marítima ao Brasil. Segundo Alves (2003, p. 167), as descrições da viagem marítima são poucas e curtas, porquanto o que mais interessava ao leitor era a “nova forma de vida” no novo país. Mas o imigrante Jindřich Trachta não queria esquecer dos outros detalhes da viagem, tinha guardado os exemplares do diário que cuidou e trouxe até a sua moradia permanente no Brasil. Assim, sabemos que “ontem passamos pela Sardenha, hoje nós dizemos adeus à Europa, em Gibraltar, um pedaço no final que despertou bastante interesse dos passageiros” (DAILY IRO R, 22/04/1949)¹¹³. Os passageiros tinham bastante conforto com relação à alimentação. A comida era servida cinco vezes ao dia e durante o jantar havia para escolher sopa, três tipos de pratos principais (peixe, carne, frango), sobremesas, café e vários tipos de vinho e champagne:

Caldo de carne com ovo / Peixe em Maionese / Chateau Brilon com arroz de couve-flor e batata frita / Frango com batatas e salada / Rocambole de bolacha/ Salada de laranja com Marasquino / Bowle de Abacaxi / Mocca Café / Vinho tinto de Borgonha / Vinho de Tokay/ Riesling / Vinho branco de Málaga / Champanhe (DIÁRIO DAILY IRO R, 28/04/1949)¹¹⁴.

A embarcação ia chegando ao seu destino e apontava-se a cidade que receberia o imigrante. Esta última apresenta-se como um panorama no qual se encontram os principais elementos da futura vida. O refugiado vê a cidade não apenas na sua concretude, mas como num sonho. “A cidade habita os homens”, pois habita seus sonhos, suas expectativas: do flâneur e do imigrante (SILVA, 2003). Referindo-se à chegada ao Rio de Janeiro, em 9 de maio de 1949, Trachta afirmou que foi “simbólica a acolhida, quando acima das brumas da madrugada, de longe se avistava a estatua do Cristo Redentor, como se quisesse dizer – venham a mim todos que procuram socorro” (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)¹¹⁵. Portanto, a sua primeira impressão da cidade é acolhedora, positiva. Com o seu veredicto concorda o alemão que viajou pelo Brasil durante dez anos, chamado Seidler, que comparou a primeira vista do Rio de Janeiro com as primeiras impressões que teve no Rio Grande do Sul:

¹¹³ „Gestern haben wir Sardinien passiert, heute nehmen wir Abschied von Europa, Gibraltar, ein Stück End an dem alle so viel Interesse.“ Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

¹¹⁴ „Bouillon mit Ei in der Tasse, Fisch in Mayonaise, Chateau Brilon mit Blumenkohl Reis und Pommes Frites, Paniertos junges Huhn mit neuen Kartoffeln und Salat, Parfait, Bisquietenrollade, Orangensalat mit Marasquino, Ananasbowle, Moccakaffe, Burgunder rotwein, Tokayer Assu, Badaozoner Riesling, Malaga weiss, Sekt. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

¹¹⁵ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

A primeira vista desta costa está longe de ser tão bonita como o Rio de Janeiro. Em lugar dos magníficos penhascos e serras que envolvem a capital e seu porto como uma cintura encantadora, aqui se acha areia e grama. [...] A areia que envolve o Rio Grande como um grande manto de pó, triste e sombrio, estende-se quatro léguas para o interior, onde então repentinamente a província quase toda se transmuda numa única enorme pastagem. A superfície toda parece uma grande serpente, sem grandes montes mas também sem planícies (apud SILVA, 2003, p. 60).

Na mente de Trachta vieram as comparações também com as cidades e portos de Stuttgart, Bagnoli, Napoles, Rio de Janeiro pelos quais passou em sua viagem. A cidade não é apenas o que se vê, mas o que se quer. É também construída uma representação utópica. Antes de poder conhecer melhor a cidade de Rio de Janeiro, Jindřich Trachta ficou de maio a agosto de 1949, na Hospedaria de Imigrantes na Ilha das Flores. A Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, em funcionamento desde 1883, foi um dos principais locais de recepção no Brasil e nas Américas, onde foram estabelecidos dispositivos para a recepção dos estrangeiros que por aqui aportavam em busca de emprego, a exemplo de EUA – Ellis Island (Nova Iorque), Halifax (Nova Escócia); Argentina – Hotel de los Inmigrantes de La Rotunda (Buenos Aires); Brasil – Belém (PA), Florianópolis (SC), Vitória (ES), Juiz de Fora (MG), Hospedaria do Brás em São Paulo (REZNIK, 2013, p. 2-5).

A bem da verdade, as hospedarias constituíram mais um dos dispositivos da imigração. Era preciso registrar os fluxos das pessoas, identificar as “aptidões”, acomodá-las provisoriamente e aloca-las em locais de serviço. O governo contribuía, dessa forma, para propiciar condições de vida aos refugiados internamente, mediante o processo de integração local. A Ilha das Flores foi escolhida, pois seu terreno estava, em grande parte, inculto; a porção, porém, aproveitada em jardim, horta, pomares e roças mostra a feracidade natural, pelo desenvolvimento e viço do arvoredo e plantações. O lugar era salubre, isolado, mas, ao mesmo tempo, perto da cidade de Niterói e seus hospitais. O historiador Luís Reznik discute as vantagens do lugar já no período imperial:

Sendo uma ilha não tinha contato permanente com os centros administrativos da nação – a cidade do Rio de Janeiro – e da província fluminense – a cidade de Niterói – e com suas constantes epidemias. O relatório da visita dos representantes ministeriais, em 1876, destacava as potencialidades produtivas e sanitárias da ilha. Por outro lado a ilha situa-se na Baía de Guanabara, no território niteroiense, e poderia ser facilmente acessada por navios de pequeno porte a partir do porto do Rio de Janeiro. Estar próximo à capital fluminense era permitir o uso dos hospitais locais, São João Batista e Santa Isabel, para o atendimento dos casos mais graves. Estar próximo à Corte significava uma maior atuação da gestão imperial sob aquela iniciativa que atraía os olhos de outras províncias (REZNIK, 2013, p. 11).

O navio General Mac, ao chegar ao Porto do Rio de Janeiro, era inspecionado pelos médicos da Hospedaria, que possuía prédio próprio para enfermaria. Na ilha eram realizados os registros exigidos pelas autoridades públicas. No ato do registro de desembarque os imigrantes deviam informar o nome e sobrenome, a procedência, o nome do navio, idade, sexo, naturalidade, religião, profissão, data de chegada e, no mesmo instante, era-lhes informado para qual província do estado deviam dirigir-se para a sua fixação. Até conseguir o primeiro emprego no solo brasileiro, Jindřich Trachta aguardou na Hospedaria de Imigrante na Ilha das Flores. Durante os quatro meses que ali passou estudou com afinco, até oito horas por dia, a língua portuguesa, aproveitando suas competências linguísticas e conhecimento de latim para poder afirmar que durante esses meses aprendeu falar o português fluentemente, ajudando a traduzir, junto com o padre Janáček, o manual tcheco-português para imigrantes tchecos no Brasil, usando essa ferramenta de linguagem para traduzir e interpretar aos outros imigrantes. Na carta para outro tcheco interessado em emigrar para o Brasil, Trachta destacou que foi o primeiro do navio que aprendeu a escrever em português e começou a trabalhar na parte administrativa (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹¹⁶.

Os indivíduos solteiros, como era o caso de Jindřich Trachta, eram privilegiados para as atividades urbanas, - onde ele realmente se encaixou no seu primeiro emprego no Brasil -, entre as quais “condutores e mecânicos de tratores, maquinistas de vários tipos, operários têxteis, metalurgistas, eletricitas, soldadores, carpinteiros, marceneiros, pedreiros, operários de indústria de papel, vidro e fundidores” (MOREIRA, 2012, p. 77). Trachta aproveitou a experiência que tinha na indústria de couro. Não foi considerado intelectual – artista, médico, engenheiro, advogado –, pois, primeiramente, não terminou os seus estudos universitários e, em segundo lugar, porque o estudo de línguas eslavas era muito específico e impraticável para o ambiente latino-americano. Porém o fato de ter aprendido falar português rapidamente, ajudou-lhe na hora de achar um emprego não braçal.

Os interessados em trabalhadores vinham todos os dias na ilha os chamando pelo rádio. Estavam procurando os casais sem filhos – ele como motorista, ela como cozinheira etc. Procuravam qualquer pessoa. Quem tinha pouca esperança, eram as pessoas iguais a mim, pessoas com educação superior que estudavam para as necessidades educacionais dos seus países. Aqui não valemos nada (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹¹⁷.

¹¹⁶ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

¹¹⁷ Na ostrov denně jezdili zájemci o pracovníky, kteří se hledali rozhlásem. Hledali se bezdětní manželé – on jako šofér, ona jako kuchařka atd. Hledali se všichni možní. Kdo měl málo naděje, byli právě ti, mezi které

Enfim, podia sair da ilha, enfim o emprego, enfim a cidade. Que diferente foi o olhar de um imigrante na ilha dos imigrantes comparado com aquele na cidade do Rio de Janeiro. A princípio, tudo parecia novo e estranho. Uma grande variedade de tipos de gente se entrecruzou nas ruas, pessoas de diferentes condições étnicas e sociais. A cidade causava uma certa impressão de Babel. Já de perto viu o porto, zona de entrada de bens e pessoas, corredor econômico de saída da produção, mas também um corredor cultural. Pelo porto chegavam novos cidadãos, com outras influências e vivências, com uma cultura diferenciada (SILVA, 2003).

Em setembro de 1949, Trachta entrou na empresa Imbrasic, em Vicente de Carvalho e Vera Cruz, no Rio de Janeiro, como controlador de produção de silicatos, artefatos de caolina-porcelana-isoladores, cujo proprietário era um alemão, que empregava na empresa vinte e dois imigrantes tchecos. O que era estranho ao imigrante, aos poucos, começou a se tornar conhecido, reconhecido, familiar. Os colegas de serviço da mesma nacionalidade ajudaram Trachta a ultrapassar as primeiras dificuldades de adaptação de imigrante, o que permitiu que ele começasse a se integrar na nova sociedade. No Rio de Janeiro morou na Avenida Mirití, no bairro da Zona Norte chamado Vila da Penha, que antigamente funcionava como porto para as embarcações e parada obrigatória para a penetração rumo ao interior. Foi aí que começaram a surgir as pequenas casas, pomares e hortas que caracterizam a Vila da Penha. Os problemas internos da empresa, a insatisfação com a gestão, assuntos financeiros e promessas vazias causaram a saída de Jindřich Trachta da empresa, em abril de 1950. Trachta escreveu sobre o assunto para o emigrante tcheco, Ráček, esperando na Alemanha a oportunidade de se deslocar através do oceano:

Depois de cerca de meio ano, o conjunto parou de funcionar. Muitos tchecos e pouca vontade de permanecer unidos. Quando quiseram dispensar dois de nossos amigos contra nosso acordo, eu agradei por tudo, disse que sangue não é água e é bom lembrar que nós, estrangeiros, também somos um por todos e todos por um, e fui com os outros dois embora. Eles ficaram no Rio (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹¹⁸.

patřím já, lidé s vysokoškolským vzděláním, kteří studovali pro potřeby výchovných účelů vlastní země. Zde jsme neplatili nic. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

¹¹⁸ Asi za půl roku to přestalo klapat. Mnoho Čecháčků a málo chuti po svornosti. Když pak proti úmluvě chtěli propustit dva z našich kamarádů, tak jsem jim poděkoval za vše, řekl jsem jim, že krev není voda a by si to zapamatovali, že my cizinci jsme také tak trochu jeden za všechny a všichni za jednoho, a šel jsem i s těma

Para o período de julho de 1949 a maio de 1950, no Rio de Janeiro, temos à disposição quatro cartas enviadas por Jindřich Trachta: uma para o seu pai, uma para um colega de escola e, posteriormente, de casa, Karel Štajnoch, e duas para a irmã Hedvika. Há 14 cartas recebidas, a maioria (12) escritas por outros emigrantes tchecos no Brasil – Josef Zachoval, František Měsíček e Zdeněk Pracuch. Somente duas cartas da Tchecoslováquia, escritas pela irmã Marie e pela colega de escola, Věra Miklendová, estão guardadas no CMJT para esse período. A historiadora Gláucia de Oliveira Assis, analisando missivas, aplica o esquema seqüencial dos contos de fada, histórias e lendas, proposto por Todorov, nas cartas dos emigrantes.

As narrativas se estruturam tendo o drama como foco central, pois ele expressa a desordem, o rompimento de um equilíbrio anterior. Esta caracterização das narrativas é válida para as histórias, os contos de fada, as narrativas sobre bruxas. O que podemos tirar para análise das cartas? As cartas escritas pelos emigrantes podem ser tomadas como narrativas à medida que encontrei nas mesmas algumas das estruturas encontradas nas lendas, histórias, contos de fada. As cartas ao contarem a experiência migratória passam por essas etapas. Desta forma podemos procurar nas cartas o esquema seqüencial proposto por Todorov:

1. A situação de equilíbrio inicial
2. A degradação da situação
3. O estado de desequilíbrio
4. A procura e a descoberta
5. O restabelecimento do equilíbrio inicial (ASSIS, 2002, p. 64).

A situação de equilíbrio inicial na vida de Jindřich Trachta representa o período anterior à emigração na Tchecoslováquia. O golpe do comunismo e a ameaça de prisão romperam este equilíbrio inicial, trouxeram a fase da degradação da situação, cuja solução foi resolvida fugindo para a Alemanha. O período que sucede a chegada para o Brasil representa a fase do estado de desequilíbrio, que responde ao primeiro período de Trachta no Brasil – a estadia no Rio de Janeiro, e que se reflete nos temas das cartas dessa temporada: justificativas para a família acerca de decisões tomadas, das dificuldades de adaptação, da saudade e das lembranças da família e do país. Não aparece nenhuma descrição do ambiente da cidade, nem da empresa. O tema conjunto dessas cartas é especialmente a procura da justificativa da emigração. Jindřich Trachta estava ciente de que tinha causado à família “bastante problemas”

dvěma pryč. Zůstali v Riu. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

(TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 17/07/1949)¹¹⁹, não somente a preocupação com a sua vida e saúde, mas principalmente pelo fato de que atravessou as fronteiras clandestinamente e como refugiado do regime político. Sentiu a consciência pesada por ter deixado a família para trás e estava buscando ser perdoado por ela. Nesse momento também buscou a reconciliação com seu pai, pois entre eles ficou uma lacuna emocional sem manifestação de emoções de um para com o outro. Abriu-se, assim, o caminho para expressão dos sentimentos do amor filial.

Querido papai, estou com saúde e acho que também Deus lhe dá muita saúde para eu poder ver Você ao vivo, pois tenho que lhe contar muitas coisas. Sabe que nunca na sua frente falei que gosto muito de Você, isso ficou entre nós não dito, mas é verdade. Hoje, no mundo estrangeiro, eu reconheço tudo o que você tinha feito para mim, o seu sacrifício para me permitir o estudo e assim abrir meu caminho para o mundo que eu sempre desejei conhecer. Papai, com certeza você lembra-se de mim e espero que não lembre só em mal. Peço para me perdoar por tudo o que eu tenha feito de mal para você. Eu carrego o seu nome com orgulho e honra e nunca me deixei fazer algo errado nem na Alemanha nem aqui (TRACHTA, Carta a Jakub Trachta, 30/01/1950)¹²⁰.

O perdão paterno chegou na resposta da sua irmã Marie, que escrevia para seu irmão frequentemente.

Querido Jindra. Através das distâncias grandes, a nossa lembrança voa e como o vento leve dá o abraço e mantenha forte o que é querido para nós. Você nem sabe como brilharam os olhos do seu pai quando recebeu sua carta. Coitado, como envelheceu, e todas as alegrias dele ficaram amargas. Estava muito preocupado com você. Disse: depois de tanto tempo, vou poder dormir tranquilamente (ŠIVELOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 20/02/1950)¹²¹.

Trachta, aliviado dos sentimentos de culpa de refugiado e sendo desculpado pelo pai, sentiu desafogo recebendo a carta escrita pelo seu colega de fábrica, Zdeněk Pracuch, em 1950, na verdade uma reflexão expressiva sobre a situação dos colegas de fábrica na Tchecoslováquia que decidiram ficar no país, enfrentar o regime comunista e não atravessar a fronteira. ”Estão presos. Pelo menos 50% desses palhaços poderiam ter “dado no pé”, mas

¹¹⁹ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹²⁰ Milý tatínku, jsem zdravý a myslím si, že také Vám Bůh dá ještě hodně zdraví, abych Vás ještě uviděl na živu, protože Vám musím ještě hodně povědět a sdělit. Víte, že jsem nikdy před Vámi nemluvil o tom, že Vás mám velmi rád, to zůstalo vždy mezi námi nevyřčeno, ale bylo to pravda. Dnes, v cizím světě si uvědomuji, co jste pro mě všechno udělal a obětoval ze svého zdraví a síly, abyste mi umožnil moje studium a tak mi otevřel cestu do světa, po kterém jsem velice toužil. Tatínku, jistě si také vzpomenete na mne a doufám, že nevzpomínáte ve zlém. Prosím Vás, abyste mi prominul a odpustil vše, co jsem Vám kdy udělal špatného. Nosím Vaše jméno s hrdostí a ctí a nikdy jsem nedopustil ani v Německu ani zde, činu, za který bych se musel stydět. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

¹²¹ Milý Jindro! Přes velké dálky leť, vzpomínko naše, a jako lehký závan obejmí a posiluj co je nám tak drahé. Ani nevíš, jak zářily otcovi oči, když obdržel dopis od Tebe. Chudák jak zestárl a všechna radost mu zhořkla. Měl o Tebe obavy. Povídal konečně, po dlouhé době budu moci klidně spát. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

eles não tiveram muita certeza de que não iria acontecer nada e também não queriam abandonar “seu capim” (PRACUCH, Carta a Jindřich Trachta, 02/06/1950)¹²².

Apesar das dificuldades de adaptação, Trachta tranquiliza seus parentes sobre seu estado físico e psíquico. “Não estou mal, estou gordinho e estou escrevendo numa máquina de escrever” (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 30/01/1950)¹²³. O seu objetivo era reconstruir os laços arrebatados entre ele e seu lar, que gostava tanto, e mostrar para seus parentes sua esperança sobre o mundo, pois estava no estado de desequilíbrio, sem saber, ainda, se a experiência do imigrante seria “positiva ou negativa” (TRACHTA, Carta a Jakub Trachta, 30/01/1950)¹²⁴. Nas missivas, onipresentes são lembranças da terra natal – dos parentes e amigos, exército, teatros e cinemas, igrejas, da cidade de Brno de que gostava tanto, do joelho de porco e aguardente de ameixa, da neve e do inverno.

O colega de fábrica de Plesná, Zdeněk Pracuch, com quem Trachta atravessou o Atlântico, nessa época já estava trabalhando para Jan Antonín Bata, de certa forma favorecido por ter estudado na Escola de Bata, em Zlín. Foi ele quem indicou Jindřich Trachta para o seu chefe, o que levou aquele a viajar para Indiana, interior de São Paulo, em maio de 1950, para se apresentar a Bata.

A empresa de Bata era conhecida mundialmente, porém no Brasil, Jan Antonín Baťa teve que começar praticamente de zero. Como era a história da sua empresa, onde e por que começou a ser tão bem sucedido, como foi a trajetória dele da Tchecoslováquia até ao Brasil?

A empresa Bata teve o seu início no ano de 1894, no período do Império Austro-Hungaro, quando os três irmãos Bata - Antonín, Anna e Tomáš - investiram o dinheiro da sua herança e abriram, em Zlín, a empresa calçadista com apenas três funcionários. A cidade Zlín, mencionada em documentos já no ano de 1322, era durante a Idade Média um centro de negociantes e artesãos, dentre os quais o grupo de sapateiros possuía importância. A partir do século XVII, apareceram as primeiras menções escritas sobre os membros da família de Bata: Mikuláš Bata (1644), Lukáš Bata (1667), e em seguida outros membros de família Bata (POKLUDA, 2009, p. 3). O trabalho de sapateiro se herdava na família durante gerações.

¹²² Jsou zavřeni. Aspoň 50 % těch volů mohlo zahrnout s náma, ale to ne, byli si moc jisti, že se jim nic nestane, a pak se jim nechtělo od dobře zaběhnutých korýtek. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope 03.

¹²³ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹²⁴ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 07, pasta 30.

Tomáš tampouco abandonou essa tradição familiar, porém elevou o nível de artesanato simples para produção em massa e fundou uma nova fábrica de sapatos¹²⁵.

Nas fases iniciais do seu negócio, Tomáš Bata visitou duas vezes os EUA, em 1911 e 1919, onde realizou turnê em várias fábricas (KONČITÍKOVÁ, 2014, p. 12). O objetivo era conhecer a produção de calçados locais, a gestão do trabalho, treinamento corporativo e motivação do pessoal. Considerou como mais interessante o sistema de controle nas fábricas de Henry Ford onde trabalhava como aprendiz e ele observava todo o sistema de fabricação de carros. Sistema que aplicou nas condições da produção calçadista em Zlín, fazendo com que sua empresa calçadista se tornasse a maior da Tchecoslováquia (POKLUDA, 2009, p. 16). Após a crise de 1924 – 1926, chegou a revitalização da economia e o desenvolvimento de outras indústrias de apoio, como a criação de oficinas de reparação de sapatos nas lojas e produção de meias e meia-calças, serviços de pedicure e manicure. Além disso, houve um aprofundamento da racionalização da produção, tanto do ponto de vista técnico, bem como de organização. Tomáš Bata procurou nova aceleração do tempo e economia de espaço, foram construídas as esteiras finais e, ao seu redor, foram montadas as máquinas individuais necessárias para execução das operações de produção, que aumentou, em até 75%, enquanto o número de funcionários cresceu apenas 35%. Filip Mikel (2012) discute a produtividade da empresa Bata e suas estratégias no tempo de crise mundial:

A redução significativa dos preços dos calçados durante os anos de crise empurrou o mercado doméstico, se livrou dos concorrentes, para que a empresa pudesse se concentrar no desenvolvimento de suas operações no exterior. Neste momento, foi implementado também o sistema de gestão de participação dos funcionários em lucros e perdas da empresa, o que também contribuiu em maior desempenho de cada departamento da firma (MIKEL, 2012, p. 13)¹²⁶.

¹²⁵ Irmão mais novo, Tomáš, graças à sua tenacidade, talento organizador e agilizador de negócios, era mais aplicado na gerência da empresa. Logo, as qualidades dele se manifestaram também em mudança formal: em 1900, a empresa A. Bata mudou o seu nome para T. & A. Bata, Zlín, onde já trabalhava cinquenta funcionários e se desenvolvia de uma forma dinâmica. Em 1908, Tomáš Bata se tornou o único proprietário da firma. Seis anos depois já empregava 400 pessoas e o capital da empresa cresceu para 2,7 milhões coroas austro-húngaras. Durante a Primeira Guerra Mundial, a empresa fechou contratos militares e empregava até 5 mil pessoas (MIKEL, 2012, p. 11).

¹²⁶ Výrazné snížení cen obuvi během krizových let vytlačilo z domácího trhu téměř všechny bývalé konkurenty, a tak se mohla firma soustředit na rozvoj svých služeb v zahraničí. V této době je také do systému řízení implementován systém účasti zaměstnanců na zisku a ztrátě, který také přispíval k vyšší výkonosti jednotlivých oddělení (MIKEL, 2012, p. 13). Tradução: Martina Čermáková.

Na hora da crise econômica, por volta do ano 1928, a empresa Bata não teve outras oportunidades para um maior desenvolvimento do que a criação de filiais fora do território da Tchecoslováquia, lançando assim as bases para a expansão global da empresa. As fábricas de produção de calçados foram introduzidas em vários países europeus – Holanda (1921), Iugoslávia (1922), Dinamarca (1922), Polónia (1922) ou Inglaterra (1924), e também na Índia e nos EUA para garantirem a venda de sapatos e ajudarem na compra de matérias-primas. Simultaneamente foi construída uma rede de lojas nesses países (MIKEL, 2012, p. 14).

Outra crise econômica nos anos 1929 - 1931 novamente atingiu a empresa Bata e a empresa saiu dela graças à redução de preços abaixo do nível da concorrência estrangeira e à expansão das redes de vendas no exterior. Bata fortaleceu os serviços sociais aos funcionários e pela primeira vez na Tchecoslováquia foi estabelecido o sistema de trabalho de 40 horas por semana. O sistema social da empresa Bata tratava de habitação, alimentação, saúde, educação dos seus funcionários. Foram construídos bairros de casas familiares para operários, foram abertos mercados com produtos de custo-benefício, escolas e creches para filhos dos funcionários, e suporte social, esportivo e cultural em geral (KONČITÍKOVÁ, 2014, p. 13). Os salários na empresa acima da média eram bem conhecidos no país. Enquanto em 1927, o salário médio bruto diário na Tchecoslováquia era de 26-27 coroas, na fábrica de Bata era de 39 coroas (150%) (POKLUDA, 2009, p. 26).

No início de 1931, a empresa foi chamada Bata a. s. Zlín e Tomáš Bata possuía a totalidade das ações da nova empresa. Na primavera de 1932, a crise atingiu a empresa mais profundamente, perdeu 70% das suas exportações e por isso, foi forçada a demitir os seus trabalhadores. A empresa tentou impedir uma queda ainda maior na produção por diversos meios. Além da tradicional produção de calçado, foram desenvolvidas atividades em outras indústrias, como a fabricação de pneus, borrachas técnicas, fibras sintéticas, brinquedos, máquinas de tricotar, aviões, bicicletas e muito mais (KRAMPOTOVÁ, 2013, p. 9).

Quando Tomáš Bata se acidentou tragicamente de avião no dia 12 de julho de 1932, seu meio-irmão Jan Antonín Baťa se tornou o novo chefe da empresa e a equipe de diretores foi liderado por Dominik Čipera que junto com Jan Antonín continuou com as estratégias dinâmicas de Tomáš (KUBÍN, 2011, p. 23). A empresa possuía sua ferrovia e um aeroporto com uma frota pronta para atender suas necessidades, caminhões, agência de viagens, agência de seguros, casas comerciais, hotéis, apartamentos, campos e florestas. Em 1938, a empresa

somava 67.064 funcionários, 41.814 na Tchecoslováquia e 25.250 funcionários no exterior, produzindo 18 milhões de pares de sapatos por ano (KUBÍN, 2011). Nos anos 30 do século XX, foram estabelecidas outras empresas irmãs, com os seus próprios programas de produção na Tchecoslováquia¹²⁷ e no exterior. Da mesma forma, se desenvolveu a construção das outras empresas comerciais estrangeiras, criadas a partir dos anos 20 do século XX, facilitando a introdução da empresa Bata no mercado estrangeiro e também favorecendo a compra de matérias-primas e materiais, e empresas produtivas, criadas a partir dos anos 30 do século XX, ligadas às barreiras tarifárias e regulatórias implementadas pela maioria dos países conforme a crise econômica com objetivo de impedir a importação da mercadoria estrangeira.

Entre os anos 1931 e 1939 foram estabelecidas 47 novos afiliados de empresas estrangeiras em todas as partes do mundo, inclusive no Brasil e na Índia (Batavia). Nos países latinoamericanos e na África foram fundadas as bases de matérias-primas, cujo objetivo era a criação de gado e plantação para produção. Os investimentos tchecos de empresa Bata no Brasil não eram únicos, nos anos 30 do século XX, no mercado brasileiro entravam as filiais das grandes empresas tchecoslovacas de engenharia como Škoda Platense, S. A. e Škoda Brasileira, S. A. (por exemplo o estabelecimento de destilaria em Cabo em Pernambuco em 1937) (BARTEČEK, 1993, p. 123). A Tchecoslováquia exportava para o Brasil malte, textil, cristal, lúpulo, cerâmica e porcelana. A importação de sapatos Bata para o Brasil não era grande. Entre 1935-1936 se importava 8.000 pares de sapatos, o mesmo que a Argentina, porém era um número baixo comparando por exemplo com a importação de Bata para o Panamá que era seis vezes maior (50.000 pares de sapatos). Se importava principalmente o café, através de companhias comerciais alemãs, tabaco, oleaginosas, lã, algodão e couro, entre outros para grupo empresarial de Bata, ainda sob a gerência de Tomáš Bata (BARTEČEK, 1993, p. 130). A primeira base na América do Sul foi criada no Brasil, e foram fundadas no Peru, Chile e na Bolívia. Jan Antonín Bata possuía na América do Sul oito companhias (entre outras Companhia Comercial Alto Paraná, SP; CIMA – Companhia Industrial Mercantil e Agrícola, SP; Companhia Sapaco para Comércio e Indústria, Batatuba; Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso; Catecu Companhia Manufactura de Caucho, Tejidos y Cuero, Penaflo, Chile; Manufactura Boliviana S. A. , Cochabamba, Bolívia).

¹²⁷ Fatra Napajedla - fabricação de máscaras de gás e brinquedos; Zlínská letecká akciová společnost - fabricação de aeronaves; MAS - máquinas-ferramentas; Svit - produção de seda de viscose e celulose; Zlín – agência de casamentos; ATLAS – agência de seguros.

Em 1939, o grupo de 63 empresas estrangeiras pertencia ao grupo Bata com sua sede em Zlín. A empresa Bata se tornou a maior calçadista mundial. O sucesso da empresa Bata consistia nas soluções seguras, complexas e abrangentes para todas as necessidades e exigências de produção e de comércio por conta própria. Os historiadores Mikel e Vránová debateram o sucesso da empresa Bata pelas razões:

A eficiência da produção deveu-se essencialmente a partir de uma perfeita organização do trabalho, da disciplina dos funcionários e da ordem absoluta em cada local de trabalho e, finalmente, foi causada pela escolha dos trabalhadores, principalmente jovens (MIKEL, 2012, p. 13)¹²⁸.

O sistema de Bata era baseado nos princípios dos mecanismos comerciais não somente de fora, mas principalmente por dentro da empresa – na cooperação de todos os funcionários e no seu sentimento de “uma grande família trabalhadora“, no interesse econômico e recompensa justa pela quantidade e qualidade de trabalho feito, no direitos pessoais e responsabilidades de ser humano. A criação permanente das condições do crescimento pessoal, os serviços empresariais baratos e de qualidade, tratamento de saúde bom, apoio de esporte e cultura e outros elementos que eram ligados ao sistema de Bata (VRÁNOVÁ, 2010, p. 15-16)¹²⁹.

No final dos anos 30 do século XX a situação econômica e política na Europa não era muito favorável, devido à ameaça do conflito armado. Assim, a gestão da empresa Bata decidiu transferir o centro administrativo e produtivo para fora do território da Tchecoslováquia. Nesse momento foi chamado Tomáš Bata Jr., o filho de fundador Tomáš, que foi mandando para o Canadá construir uma filial, na cidade de Batava, aonde foi transferida a base de Zlín.

Com a ocupação das terras tchecas pelos nazistas, em março de 1939, e o estabelecimento do Protetorado da Boêmia e Morávia, Jan Antonín Bata não podia ficar mais no país. Saiu com sua família da Europa, da França, no barco Ile de France para os EUA no

¹²⁸ Efektivita výroby pramenila především z dokonalé organizace práce, absolutní disciplíny a pořádku na jednotlivých pracovištích a v neposlední řadě byla zapříčiněna i mládím dělníků (MIKEL, 2012, p. 13). Tradução: Martina Čermáková.

¹²⁹ Byl založen na bázi tržního mechanismu nejen z venku, ale především uvnitř podniku, na kolektivní spolupráci všech zaměstnanců tak, aby se cítili u firmy jako jedna „velká pracovní rodina“. Mimo to byl založen na hmotné zainteresovanosti a spravedlivé odměně za odvedené množství a kvality práce. Jinak i na soustavném vytváření podmínek pro osobní růst člověka, na osobní pravomoci a zodpovědnosti jednotlivce, dobré zdravotní péči o člověka, na kvalitních a levných firemních službách pro zaměstnance, podpoře kultury a sportu, a na spoustě dalších věcí, které byly s baťovským systémem neodlučitelně spojeny (VRÁNOVÁ, 2010, p. 15-16). Tradução: Martina Čermáková.

final de junho de 1939¹³⁰. Os problemas no solo americano causaram a mudança de estratégia de Bata e a orientação ao Brasil. A construção de fábrica em Belcamp desde o início causava bastante problemas, pois mesmo nos EUA Jan Antonín Bata quis aplicar o sistema funcional do grupo na área de educação dos próprios operários nas próprias escolas, porém os sindicatos americanos eram contra porque supunham que a nova fábrica iria oferecer trabalho para os americanos desempregados. Contra a concorrência protestaram também os produtores locais de calçados. Por isso, Bata começou a negociar com as autoridades brasileiras.

Por apresentação do Presidente Getúlio Vargas, o interventor pelo Estado de São Paulo, Fernando Costa, indicou a Jan a compra de uma empresa, a Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso, que possuía áreas de terras de grandes extensões no Estado de São Paulo, na região da Alta Sorocabana e na região Sul do Estado de Mato Grosso, naquela época de propriedades dos irmãos Sloman, alemães interessados em vendê-la. Jan Antonín Bata mandou primeiro seus funcionários para o Brasil, em dois grupos, em julho de 1939, com gerente Jan Klátil, e, em agosto de 1939, com o objetivo de fundar a base de matérias-primas, principalmente de couro, e fundar a primeira oficina em São Paulo, na Avenida Água Branca (ARAMBASIC BATA, 2007, p. 80). Ele próprio veio para o Brasil no final de março de 1940 para escolher os terrenos perto de São Paulo convenientes para construção de fábricas e principalmente para olhar os terrenos da empresa CVSP-MT. Não foi sua primeira viagem para o Brasil. Jan Antonín Bata viera para o Brasil já em 1925, quando viajou junto com três funcionários da empresa Bata trabalhando para o Departamento de Compras. Na época, o objetivo da viagem era comprar diretamente o couro e pesquisar sobre as possibilidades de fundação da rede de lojas de Bata nos países da América Latina. Bata e E. Ostrý, J. Otáhal e J. Klátil vieram para o Brasil em setembro de 1925 e fora do Brasil visitaram a Argentina e outros países sulamericanos (KUSLOVÁ, 2007, p. 4).

Essa era companhia colonizadora brasileira, uma das mais antigas, fundada em 1908 por Francisco Tibiriçá e Arthur Diedericksen. Em 1927, os irmãos Sloman a compraram e durante o período entre 1927 até 1940 ocorreu o início do processo de formação de núcleos coloniais, a dinamização da navegação no Rio Paraná e seus afluentes e a sistematização dos negócios comerciais com a criação da Companhia Comercial Alto Paraná, subsidiária da

¹³⁰ O motivo oficial da viagem era a visita da Exposição Mundial em Nova York, construção da fábrica em Belcamp nos EUA e negociação sobre a base de matérias-primas no Brasil (KUSLOVÁ, 2007, p. 7).

CVSP-MT (ZILIANI, 2010, p. 97). Porém no final desse segundo período, quando então Jan Antonín Bata compra a CVSPMT:

As atividades de navegação apresentavam fortes sintomas de agonização, por falta das subvenções, as quais o Governo Vargas recusava-se a dar continuidade em concedê-las e ao mesmo tempo ameaçava com a estatização, que também não acontecia efetivamente de modo a indenizar a Companhia com um valor satisfatório dos equipamentos de navegação e o principal: era uma atividade deficitária, num tempo em que as ferrovias e as estradas de rodagem representavam uma concorrência impossível de disputar posições (ZILIANI, 2010, p. 118).

Jan comprou a CVSP-MT e a Comercial Alto Paraná A. S. por 2.600.000 marcos, dinheiro depositado na Alemanha através do Banco Germânico da América do Sul e assumiu o controle das empresas (CARTA DE BANCO GERMÂNICO DA AMÉRICA DO SUL A BATA a. s., 17/09/1940)¹³¹.

Junto com as referidas Companhias ganhou várias fazendas de criação de gado, concessão para navegação do rio Paraná e seus afluentes, concessão para exploração da travessia de gado entre os Estados de Mato Grosso e São Paulo, além dos pousos de boiadas, existente no percurso da Estrada Boiadeira, tanto em Mato Grosso, como em São Paulo. As discussões sobre as potencialidades de negócios nos terrenos da CVSP-MT aparecem nos relatórios da empresa Bata, guardados no Arquivo Estadual em Zlín. A empresa queria investir na venda de madeira, na agropecuária, plantação de algodão, entre outros:

Nos terrenos tem 3.635.000 m³ de madeira de qualidade, campos, pastos, 2.000.000 m³ de lenha: vender direto para ferrovias que a usam. Agropecuária: criar fazendas exemplares com gado de melhor couro de alta qualidade, plano de deixar 36.000 ha para fazendas. Algodão: parte oriental – 44.000 ha. Borracha: 15.000 árvores mangaba. Navegação a vapor: frotas obsoletas, aumentar o número de barcos para transportar a madeira. Usina de energia: não prolongar o contrato, não é vantajoso, melhor comprá-la (RELATÓRIO SOBRE O PROJETO DA EMPRESA BATA NO BRASIL, Praga, 22/01/1941)¹³².

¹³¹ Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 425.

¹³² Na pozemcích je 3.635.000 m³ hodnotného dřeva, pole, pastiny, 2.000.000 m³ palivového dřeva, prodávat přímo, např. železnicím, které topí dřívím. Dobytkářství: vzorné farmy, dobytek s nejlepšími a nejodolnějšími kůžemi, z celých pozemků plán 36.000 ha na farmy. Bavlna: východní část – 44.000 ha. Guma: 15.000 stromů mangaba. Paroplavba: zastaralý lodní park, rozšířit lodě pro transport dříví. Elektrárna: nechce prodloužit smlouvu, je nevýhodná, lepší ji zakoupit. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 426.

No Arquivo Estadual em Zlín existem materiais da empresa Bata não somente sobre os investimentos planejados no Brasil, mas também sobre a gestão de recursos humanos e suas estratégias. Para o objetivo do trabalho é esse ponto bastante interessante, pois os requisitos da empresa Bata sobre os futuros funcionários no Brasil nos mostram como era a projeção de uma firma centroeuropeia “vinda da Europa civilizadora para terras despovoadas, que iria realizar um trabalho grande e meritório com ajuda dos operários locais e nacionais” (RELATÓRIO, 22/01/1941). As preparações dos funcionários destinados ao trabalho no Brasil para CVSP-MT começaram já no início dos anos 1940, na Tchecoslováquia. Se basearam nas experiências com a escolha dos funcionários para o trabalho no estrangeiro, pois a partir dos anos 20 do século XX o Departamento de Compras da empresa Bata os mandava para comprar matérias-primas para a produção, adquirir produtos e materiais e comprar produtos prontos. Esses graduados da Escola de Trabalho de Bata trabalhavam nos países africanos - Quênia, Egito -, mas também na Índia, na Argentina e no Brasil. Assim, veio para o Brasil o graduado da Escola de Trabalho de Bata, Konečný. Na época tinha 18 anos e no Brasil trabalhou como peão, comprador e vendedor de gado, contabilista e posteriormente, como o gerente de fazenda. A experiência com a escolha de trabalhadores jovens como Konečný levou Bata à conclusão de que somente os jovens eram capazes de se adaptar ao Brasil. Os trabalhadores que tinham mais de 30 anos não se acostumavam com o clima, nem com estilo de vida local, textualmente: ”Tiveram que fugir, pois não aguentaram nem fisicamente, nem psiquicamente. Konečný se adaptou ao ambiente de tal jeito que nem se atreve mais a morar na Europa. Certamente não sente nenhum desejo disso” (PRACOVNÍ PROGRAM OSOBNÍ, 24/05/1940)¹³³.

Por esse motivo, em Zlín, foi cuidadosamente escolhido um grupo de vinte meninos de até 15 anos para trabalhar no Brasil, selecionados conforme os seguintes critérios: ”Saúde perfeita, caráter impecável, madureza física, bravura, independência, perseverança, gosto pela solidão, espírito esportivo, modéstia, vontade de profissão de criador” (PROGRAM PŘÍPRAVY A VÝCHOVY HOSPODÁŘŮ, 11/05/1942)¹³⁴. As características morais eram cruciais para a escolha minuciosa e seletiva. A empresa Bata não queria deixar nada ao

¹³³ Museli utéci, protože to nevydrželi ani tělesně, ani duševně. Dnes se šíl do té míry s prostředím, že si bezmála netroufá žiti v Evropě. Rozhodně po tom nijak netouží. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, karton volný, inv. č. 35.

¹³⁴ Bezvadné zdraví, bezvadná morálka, tělesná vyspělost, osobní statečnost, samostatnost, vytrvalost, záliba v samotářství, sportovní duch, skromnost, chuť k povolání chovatele. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, karton volný, inv. č. 35.

acaso. Os candidatos deviam ter capacidade de aprender e vontade de estudar, entre outros, o português, contabilidade, condições de vida nas regiões tropicais. Em Zlín, os futuros gerentes tchecos estavam estudando como cavalgar, o básico de agricultura, de veterinária, de primeiros socorros e de carpintaria e alvenaria. Importante era o conhecimento dos aparelhos de medida, das plantas venenosas e das árvores locais, foram exigidas habilidades práticas como consertar sapatos, carros e pneus. Os candidatos deviam lidar com condições vitais extremas, solidão e pressão psíquica, pois cada futuro gerente da unidade de criação de gado iria cuidar, junto com outros funcionários, de rebanho de 4 até 10 mil cabeças, em fazendas afastadas até 200 quilômetros da ferrovia e até “vinte quilômetros do vizinho mais próximo.” O plano era colocar cada um desses homens no lugar de gerente de fazenda, quer dizer “operar com capital de negócios no valor de um bilhão de coroas tchecas.” A honestidade, o caráter firme, a independência dos candidatos foram suposições óbvias para execução desse emprego (PRACOVNÍ PROGRAM OSOBNÍ, 19/12/1940)¹³⁵.

A seleção dos candidatos para os cargos dos gerentes no Brasil foi finalmente reduzida para dez candidatos (PROGRAM PŘÍPRAVY A VÝCHOVY HOSPODÁŘŮ, 11/05/1942)¹³⁶, preferindo os estudantes das escolas de Bata, concretamente da Escola Agrícola. A gerencia da empresa Bata já tinha conhecimento sobre a situação familiar e a educação dos candidatos, não queria nem operários das fábricas, nem estudantes das outras escolas, tampouco pessoas educadas academicamente demais nas áreas de gestão florestal, serraria e agricultura. Os indivíduos jovens, adaptáveis, fáceis de educar, as „tabulas rasas“ tinham a preferência. A gerencia da empresa Bata supunha que esses jovens se enraizariam no Brasil definitivamente, não querendo voltar para Europa. Essa foi a estratégia da empresa, criar laços firmes entre líderes no Brasil, bem preparados física, psíquica e tecnicamente para a vida nas regiões brasileiras distantes de sua terra natal, a Tchecoslováquia.

Depois de ter saído da Tchecoslováquia, Jan Antonín Bata perdeu o controle sobre a escolha dos candidatos a trabalhar no Brasil. Após a uma tentativa mal sucedida de tirar seu nome da lista negra dos EUA, transferiu-se definitivamente para o Brasil junto com sua

¹³⁵ Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, karton volný, inv. č. 35.

¹³⁶ Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, karton volný, inv. č. 35.

família, em janeiro de 1941¹³⁷. No mesmo ano mudaram as disposições dos direitos comerciais no Protetorado da Boêmia e Morávia, e o Conselho de Supervisão da empresa Bata recebeu os representantes do poder da ocupação alemã. Nesse momento a ligação entre Zlín e o Brasil foi interrompida, não havendo mais recursos financeiros, equipamentos e muito menos os futuros gerentes das fazendas brasileiras. Assim, Jan Antonín Baťa teve que escolher os seus funcionários no Brasil, na maioria dos casos do grupo de imigrantes tchecoslovacos que haviam fugido da Tchecoslováquia na Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, após de 1948, do comunismo. Sua idéia inicial de empregar funcionários preparados, graduados da sua Escola de Trabalho em Zlín, foi abandonada. Consequentemente, Bata teve que enfrentar outras dificuldades financeiras causadas pela interrupção dos contatos com sua empresa. Essa situação se refletiu em sua vida pessoal e da companhia, que caracterizava como “caótica”. Em carta que escreveu, no Rio de Janeiro, para empresa, em Zlín, em 12 de novembro de 1941, Jan Antonín Baťa expressou os sentimentos da sua humilhação, preocupação com futuro e medo de passar vergonha perante o público. Refletiu também a diferença do olhar do comprador no país natal e o do lugar onde podia entender melhor a vontade dos irmãos Sloman em vender a companhia, que “estava se consumindo por dentro”:

Somente trabalhando aqui reconheço de perto o que o serviço está exigindo. Não tenho dúvida do porquê Sloman estarem perdendo. É preciso inserir duas vezes mais dinheiro do que na hora da compra. Ao comprar a companhia, foi avaliado pelo olhar de casa. Faltam recursos e confiança. Vagando de salário em salário, medo que isso vai passar pela vergonha. Estou obrigado a ficar permanentemente em circunstâncias que fazem uma paródia da minha posição. Peço os dividendos dos anos 1939 e 1940 (BATA, Jan Antonín. Carta a Empresa Bata em Zlín, 12/11/1941)¹³⁸.

¹³⁷ Saíram de navio de Los Angeles para Argentina, continuando navegando pelos rios Prata e Paraná, viajando pela ferrovia privada, passando cataratas de Sete Quedas até Porto Guaira onde embarcaram no barco de vapor Tibiriça que pertencia à CVSP-MT (ARAMBASIC BATA, 2007, p. 80).

¹³⁸ Při práci tady teprve poznávám z blízka čeho vyžaduje. Nedívím se, že na tom Slomani ztráceli. Vložit dvakrát více hotovosti než tento majetek stál. Při koupi to posuzovali očima z domova. Nedostatek jistoty prostředků a důvěry. To vanglování od výplaty k výplatě, strach, že to narazí a dostane do ostudy. Nechávám se natrvalo stlačit do poměrů, jež jsou výsměchem mému postavení. Nechávám se natrvalo stlačit do poměrů, jež jsou výsměchem mému postavení. Prosím o dividendy z roku 1939 a 1940. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/10, kart. 848, inv. č. 584.

Apesar das dificuldades, Bata continuou trabalhando mas em o ritmo menos intenso (KUSLOVÁ, 2007, p. 7). Elaborou um plano de industrialização no Brasil para fundar dez cidades nomeadas Batatuba (1941), Bataberá (1943), Bataibuna (1948), Batapora (1945), Bataiara (1950), Batarassu (1951), Batapé (1952), Batajuba (1953), Bataguassu (1949), Batavari (1954), nos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Pará a Mago Grosso, com indústrias calçadistas, de borracha, couro e têxtil, de papel, madeira e química. Segundo sua neta, Dolores Bata, as cidades eram caracterizadas:

Deviam ser cidades industriais, cada uma com cerca de 3.500 operários, parecidas com aquelas no mundo inteiro. Continuamente Bata iria criar em todo seu território a economia agro-industrial, se sustentando economicamente, mas também formando a base da fornecimento do Brasil e do mundo inteiro (ARAMBASIC BATA, 2007, p. 80).

Os planos de Jan Antonín Baťa se realizaram, mas não completamente. Desde 1940, quando Jan Bata assumiu o controle da Companhia, procurou incrementar a venda de pequenos lotes, facilitando o pagamento e ajudando os colonos na medida do possível. Com essa orientação, a Companhia promoveu a colocação de cerca de 65.000 pessoas, distribuídas pelos municípios do oeste paulista (então em formação), de Presidente Prudente, Regente Feijó, Rancharia, Martinópolis, Indiana, Caiabú, Mariápolis, além de vilas e propriedades de Ouro Branco, Boa Esperança, Laranja Doce, Mandaguari, Anhumas, Jacaré, Carapicho, Sucuri, entre outros. Em 1943, foi iniciada a colonização de uma gleba de 12.000 hectares, localizadas à margem direita do rio do Peixe na zona de Alta Paulista. Aí nasceu a cidade de Mariópolis, hoje sede de um município com cerca de 12.000 habitantes. Ainda Batatuba, núcleo industrial localizado entre os municípios paulistas de Atibaia e Piracaia, na zona da E. F. Bragantina, onde trabalharam cerca de 350 operários na fábrica de calçados e no curtume. Em 1949, foi iniciada a colonização de uma gleba no sul de Mato Grosso, com a fundação de Bataguassu, a 26 km da barranca do rio Paraná, na região do Porto XV de Novembro. A gleba, de 25.000 hectares, foi dividida em lotes de 60 hectares em média. Esta colonização foi o marco inicial da corrida colonizadora que empolgou o Mato Grosso. Iniciada em 1949, já em 1953 Bataguassu era elevada à categoria de município. Em 1953 outro núcleo de colonização foi lançado na região do rio Samambaia, afluente do rio Ivinhema. Uma área de 20.000 hectares desse núcleo foi dividida em lotes que variaram de 10 a 72 hectares. A vila de Batayporã, que foi aí criada, aguarda uma próxima revisão judiciária do Estado para ser elevada à categoria de município pois a população aí residente era de mais de 12.000 almas.

Após a entrada no sul de Mato Grosso, da CVSP-MT, outras companhias colonizadoras aí se estabeleceram fundando outras vilas, tais como Anaurilândia e Nova Andradina. Segundo o historiador sul-matogrossense, José Carlos Ziliani, o caráter da CVSP-MT sofreu certas modificações sob a direção de Jan Antonín Baťa, pois ele, além de focar bastante a questão de colonização, estendia seus negócios para a construção de olarias, serrarias, destilarias e vários outros, que ofereciam infra-estrutura à região colonizada como também aumentavam seus empreendimentos (ZILIANI, 2010). Ao mesmo tempo Jan Antonín Baťa procurava por gerentes competentes, apropriados e inteligentes para seus núcleos de colonização.

3.2 Bataguassu – Fazer a América

O encontro com Bata, o lendário empresário tcheco calçadista, trouxe a metamorfose da vida de Trachta, um emprego novo, singulares experiências e desconhecidas regiões. Eles se encontraram no dia 14 de maio de 1950 e Bata se apresentou de forma humilde, aberta e com dialeto nativo da Morávia: “Então, eu sou Bata. Sabe segurar o martelo?” (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)¹³⁹. Bata estava precisando de um armazenista em Bataguassu. Não perguntou sobre os estudos de Jindřich, que também não comentou nada sobre seu estudo na universidade. Dois dias depois, Jindřich Trachta viajou de trem para Presidente Prudente e continuou a sua viagem numa chata de transporte de touros, navegando pelos rios Paraná e Rio Pardo até Bataguassu, estado Mato Grosso, aonde ficou até fevereiro 1954, quando se mudou para Batayporã.

A fundação de Bataguassu (fazenda Formosa), que já era o lugar estratégico de ocupação colonial na rota dos monçoeiros no Rio Pardo, teria início por volta de 1942-1943, a partir de um assentamento denominado Batápolis, na fazenda Limeira, à margem esquerda do rio Pardo, um “lugar remoto 15 km acima da confluência do rio Pardo com o rio Paraná” (COSTA, 2012, p. 140). Batápolis seria a primeira tentativa em terras da CVSP-MT no Estado do Mato Grosso, quando dirigida por Jan Antonín Baťa, de iniciar a exploração do “grande sertão”, mas que, à parte as dificuldades geográficas e econômicas, teria fracassado pela falta de apoio político.

¹³⁹ Toš, já su Baťa. Umíte držet kladivo? Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

Jindřich Trachta chegou em Bataguassu em maio de 1950, quando o núcleo de colonização era administrado pelo seu amigo, Zdeněk Pracuch. As primeiras construções edificadas em Bataguassu pela CVSP-MT foram a residência do administrador, o escritório, o armazém, cerca de vinte casas para colonos e um hotel. Jindřich Trachta, começando a trabalhar para Jan Antonín Baťa e a CVSP-MT, teve que esquecer os seus estudos e suas experiências anteriores, e iniciar com as atividades braçais e pesadas. O primeiro ato que fez para a Companhia em Bataguassu foi cavar sepultura para um funcionário falecido da Fazenda de Pedra. Mostrando a sua diligência, responsabilidade e inteligência prosseguiu na “escada do labor” gradualmente, ganhando a confiança da gestão de Companhia. Jindřich Trachta avaliou seu serviço na empresa e sobre as suas estratégias:

Na empresa Bata se faz o que é preciso e também se faz do jeito que se sabe fazer, e quem não sabe fazer tem que aprender. Esse é o ponto de inteligência congênita e adquirida. Ser capaz de se adaptar à situação e decidir as dificuldades específicas, de modo que pareçam resolvidas pelo cara experiente de idade e não pelo jovem inexperiente. Quem quer, pode. Lentamente, eu estava subindo, porque só o tempo poderá mostrar o que cada um de nós carrega dentro (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹⁴⁰.

Ajudou a classificar material das casas desmontadas da Fazenda Santana, construir o primeiro cômodo para o armazém, o almoxarifado e o poço, trabalhou na seção de extração de madeira e na leitaria, tomou conta de armazém, fez parte da contabilidade de serraria e olaria e dos serviços do escritório. Oficialmente, Jindřich Trachta trabalhou em Bataguassu primeiro como armazenista, em dezembro de 1950, passou para o cargo de gerente da seção de madeira (recebendo 1900 cruzeiros mensais) e, em setembro de 1952, foi promovido a encarregado do armazém de secos e molhados, com o aumento do salário para 2.250 cruzeiros mensais. (CARTEIRA PROFISSIONAL DE JINDRICH TRACHTA, 28/04/1950)¹⁴¹.

Do período de sua estadia em Bataguassu, entre maio de 1950 e fevereiro de 1954, temos a disposição 32 cartas – 6 enviadas e 26 recebidas. As missivas enviadas por Trachta para suas duas irmãs e uma para a colega de escola, Věra Miklendová, estão preservadas entre o período após dezembro de 1952 até fevereiro de 1954. Das missivas recebidas por Trachta a

¹⁴⁰ U Baťů se dělá to, co je potřeba a také se dělá tak, že kdo to umí, tak to dělá a kdo to neumí, tak se to musí naučit. V tom je celý vtíp vrozené a získané inteligence. Umět se přizpůsobit dané situaci a hlavně rozhodnout těžkostí tak, aby se zdálo, že to dělal starý zkušený chlap a ne zelený zajíc. Kdo chce, dokáže. Pomalu jsem se dostával nahoru, protože jen čas může ukázat, co v každém vězí. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, caixa postal 11.

¹⁴¹ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04.

maioria foi escrita pelos parentes da Tchecoslováquia (14), pelos colegas da escola (6), pelo imigrante tcheco, em Petrópolis, Josef Zachoval (5) e uma pelo imigrante tcheco no Canadá, J. Waverka.

A mudança do Rio de Janeiro para Bataguassu, o período de cinco anos de estadia em Bataguassu, representam a quarta fase segundo o esquema seqüencial proposto por Todorov: a fase da procura e a descoberta. As cartas evidenciam esta busca de solução para além destas dificuldades. Nesta experiência de interseção de culturas o emigrante relata estratégias e planos que o auxiliam a “fazer a América”. Estas estratégias envolvem ações que são relatadas nas cartas, como o novo emprego na empresa de Jan Antonín Bata, o casamento com a brasileira Marina Gonçalves do Amaral¹⁴², o nascimento do primeiro filho Dário, a reflexão da sua situação na América, a comparação das divergências entre a pátria e a terra adotada, a reflexão sobre o projeto ao emigrar, os pensamentos de retornar um dia, o planejamento do estudo do filho na Tchecoslováquia. Na fase da procura, Trachta achou importante relatar aos parentes o processo da busca do equilíbrio e do seu lugar na sociedade brasileira e alegou que ele como imigrante precisa “mostrar uma paciência de cavalo para provar que não é zero” (TRACHTA, Carta a Věra Miklendová, 09/10/1952)¹⁴³, que precisou mostrar suas qualidades, pois existia “alguém que queria sujar o meu nome perante os gerentes” (TRACHTA, Carta a Marie Šivelová, 28/02/1954)¹⁴⁴. Segundo as suas palavras “aguntei e me tornei o gerente do núcleo colonizador numa área de 74.000 hectares” (TRACHTA, Carta a Marie Šivelová, 28/02/1954)¹⁴⁵; o que podemos considerar como a fase de descoberta.

Jindřich Trachta foi transferido pela empresa com sua família para Batayporã, essa nova fase que podemos denominar de retorno à situação inicial, a qual porém não é tão clara como nas histórias e nos contos de fadas onde ocorre um desfecho, um final. As cartas revelam que o retorno à situação inicial seria o grande mito daquele que emigrou, “nada é como antes”.

¹⁴² Marina Gonçalves do Amaral Trachta nasceu em Ponta Porã no dia de 27 de junho de 1926, filha de Dario do Amaral e Leonilda Gonçalves do Amaral. O casamento com Jindrich Trachta ocorreu no dia 25 de dezembro de 1951 em Presidente Epitácio (CERTIDÃO DE CASAMENTO, 25/12/1951). Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04.

¹⁴³ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁴⁴ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁴⁵ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

As pessoas, tanto aquelas que partiram como as que ficaram, participaram de uma experiência que transformou suas vidas e que coloca uma situação em aberto quando ocorre o reencontro - seria uma “carta aberta” na qual ainda não sabemos o que vai ser escrito, ou vivido. Nesta seqüência narrativa, as cartas, assim como a vida dos emigrantes, não terminam como as histórias, à medida que sendo relatos da vida cotidiana não possuem um desfecho, um final. As cartas contam trajetórias de vida em curso e diante delas sempre temos a sensação de algo inacabado que está por vir como uma nova missiva. Portanto, as cartas, ao relatarem o drama de partir, viver na América e retornar criam um imaginário acerca da própria experiência migratória podendo ser tomada como narrativas. Narrativas que entre o mito e a realidade nos permitem conhecer o olhar do ator acerca de sua experiência (ASSIS, 2002, p. 65).

Jindřich Trachta viajou até a região de Mato Grosso, nomeadamente Bataguassu, de trem e depois navegando pelos rios. Como era o conjunto de representações acerca de Mato Grosso e de suas populações na época? Segundo Galetti, se destacam as noções de sertão e fronteira, fundamentais para caracterizar a região mato-grossense e definir o seu lugar no mundo civilizado e, em especial, na Nação brasileira (GALETTI, 2000, p. 49). No mapa da Nação brasileira, ao longo de todo o século XIX e durante boa parte do século XX, a noção de fronteira, como movimento específico de colonização de novas terras, passa a integrar o discurso oficial do Estado. A localização geográfica de Mato Grosso, no coração da América do Sul, como frisou o alemão Karl von den Steinen, acrescentando que ali era o próprio confim do mundo, favorecia de imediato a imagem de um lugar isolado. De acordo com Lylia Galetti, nos depoimentos dos estrangeiros do século XIX e primeiras décadas do século XX sobre o Mato Grosso se escreve sobre as viagens:

Verdadeiras odisséias e do viajante o herói de uma dura batalha contra o tempo, o desconforto, as intempéries naturais, as doenças provocadas pelo clima e as surpresas e perigos que se apresentam na forma de feras ou índios selvagens (GALETTI, 2000, p. 118).

Nesta qualificação pesava também a ausência de aglomerações urbanas, ou mesmo rurais significativas na maior parte do trajeto percorrido. Chegar até ali era fazer um percurso ao longo do qual podia-se ver uma natureza praticamente intocada, imensos espaços não habitados pelo homem civilizado e sinais da presença de povos indígenas. Jindřich Trachta, saindo da Tchecoslováquia, das regiões industriais de Zlín e Plesná, passando pela Alemanha, Itália e depois Rio de Janeiro, considerou a sua nova estadia como um lugar repleto de natureza virgem onde não havia nenhuma técnica e civilização. Mas via isso como positivo, pois “o progresso tecnológico levou a Europa somente às guerras” (TRACHTA, Carta a

Ráček, 18/01/1955). Simultaneamente também discutiu a presença dos índios na região, cuja existência observou reduzida e dominada:

É colonização da região onde não tem nada, só floresta do jeito que foi criada por Deus. [...] Não ajuda descrever esse país como o paraíso na Terra, pois estão aqui os momentos mais difíceis do que lá, na nossa terra. Temos que desistir de muitos melhoramentos da civilização, daquele brilho falso e luxo aparente que nos deixou na margem da destruição porque nos ensinou a pensar errado, nos deixou surdos pelos slogans políticos – aqui no meio da natureza virgem (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹⁴⁶.

Antigamente se falava guarani também nessa parte do Brasil, tem muitas tribos antigas, algumas selvagens, mas na nossa região tem pouco. Domesticados (TRACHTA, Carta a Heda Tlanková, 25/01/1955)¹⁴⁷.

Aqui no Brasil eu conheci os grupos de índios locais que morreram na maioria. Seus netos estão aqui e ali em algumas localidades nas fazendas (TRACHTA, Carta a Yvona Fričová, 1997)¹⁴⁸.

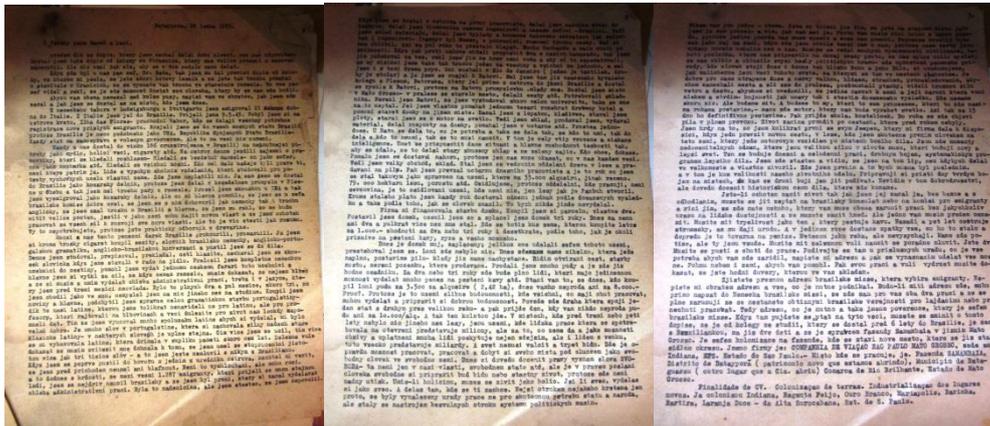


Figura 6-8 – Carta de Jindřich Trachta a Jan Ráček. 18 de janeiro de 1955. Batayporã. Centro de Memória Jindřich Trachta.

Acostumado com os padrões desta época - telefones, trens, fábricas - que permitiam o fluxo interrompo, num tempo relativamente curto, de informações, Trachta percebe que “a

¹⁴⁶ Je to osidlování území, kde není nic, jen lesy, jak je Pánbůh stvořil. [...] Nepomůže kreslit tuto zemi jako ráj na zemi, když jsou zde chvíle těžší než u nás. Musíme se vzdát mnohých vymožeností civilizace, tohoto pozlátka, která nás připravilo na okraj zkázy proto, že nás mylně učilo myslet, že nás obšlo a ohlušilo svými hesly politických hráčů – zde uprostřed panenské přírody. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

¹⁴⁷ Kdy se guarani mluvilo i v této části Brazílie. Je tu mnoho starých kmenů. Někteří ještě i divocí, ale na našem území je jich pár. Krotčí. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁴⁸ Tady v Brazílii jsem poznal také skupiny zdejších indiánů, kteří již ve většině vymřeli. Jejich vnuci jsou sem a tam na některých místech po fazendách. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

civilização está penetrando nos lugares não atingidos pela modernidade“ (TRACHTA, Carta a Heda Tlanková, 21/05/1955)¹⁴⁹. Estar ou situar-se longe significava um espaço considerado “longínquo”, ou seja: distante da ”civilização”, desse modo, privado de todas as experiências e possibilidades que estas transações de coisas, gentes e idéias favoreciam. Podia significar, ainda, aproximar-se da barbárie, correr certos riscos. Para evitá-los, possuía legalmente uma arma de defesa, um revólver Colt americano, com cabo de madeira, de cano longo por motivo de “viajar constantemente portando valores“ (LICENÇA PARA PORTE DE ARMA DE JINDŘICH TRACHTA, 14/08/1960)¹⁵⁰.

Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, o Estado de Mato Grosso tinha a fama de regiões obscuras e desertas, indefectível sinal dos tempos modernos. O gerente do núcleo colonizador de Bataguassu, Nelson Verlangieri de Oliveira, que dirigiu a colonização a partir de 1948, relatou sobre a reputação de Mato Grosso e sobre a missão de CVSP-MT na função de corrigi-la:

Em época não muito distante se ouvia falar de Mato Grosso como um espantinho, onde o homem dificilmente poderia chegar, dadas as presumíveis dificuldades criadas pela imaginação humana. [...] Era preciso [...] “curar“ a imaginação já contaminada pelas más informações.“ Eis a difícil tarefa da Cia. Viação São Paulo Mato Grosso [...]. (COSTA, 2012, p. 143).

A peculiaridade da região de Mato Grosso, da sua população, fauna e flora, clima, educação e costumes é ponto importante ressaltado em várias missivas escritas por Trachta nessa época, que nos permite entender a visão do imigrante através da comparação com características gerais do ambiente tcheco. A frequência com que o assunto aparece nas missivas mostra a importância para o imigrante que, de um lado causava espanto entre os destinatários pelo aspecto exótico do Brasil e do Mato Grosso e, de outro lado sua, crítica ao estado de primitivismo.

O clima da Tchecoslováquia é temperado, “então nossas frutas – pêras e maçãs – são muito caras aqui, tem vagões de laranjas, bananas, cocos e cacau“ (TRACHTA, Carta a Heda

¹⁴⁹ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁵⁰ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04.

Tlamková, 18/03/1953)¹⁵¹. Na época do socialismo na Tchecoslováquia, as bananas, laranjas ou mexericas chegavam aos mercados somente antes do Natal, os compradores levantavam as três de madrugada para entrarem nas filas enormes e para comprar somente tantas bananas, quantos eram os membros de família. A mercadoria era escassa em geral – frutas, papel higiênico, absorventes, carne ou meias-calças. As linhas nas missivas sobre “o mundo brasileiro sempre verde“, soavam para os destinatários como contos de fadas:

Conheci, de fato, bananeiras, coqueiros, laranjeiras, limeiras, figueiras, abacaxis, cana de açúcar, sei como plantar o pé de café, eu vi a menor ave do mundo - colibri, porque na minha casa um pendurou um ninho em fios elétricos – duas vezes teve filhotes (ovo do tamanho de uma unha) e vi o ovo da maior ave - o avestruz, que tem muito aqui. Eu também tive um filhote de avestruz - mas o coitadinho morreu porque o homem o caçou de cavalo. De outro jeito não dá para pegar. As aves tem demais - os animais domésticos e selvagens. Aqui o estudante de biologia enloqueceria de tanta quantidade de plantas, de natureza em geral. Eu conheço a árvore seringueira, como tirar borracha e muitas outras coisas. O homem aprende tanta coisa: precaução contra cobras, animais e mais importante - maior predador do mundo - o homem (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 02/12/1952)¹⁵².



Figura 9 Filas intermináveis para mercadoria na Tchecoslováquia socialista.

¹⁵¹ Naše ovoce – jablka a hrušky jsou velmi drahé, pomeranče, banány, kokosy, kakao – těch jsou vagony. Každá země má svoje ovoce, je to dobře rozděleno. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁵² Poznal jsem ve skutečnosti banánovníky, kokosy, pomeranče, citrony, fíky, ananasy, cukrovou třtinu, vím, jak se pěstí káva, viděl jsem nejmenšího ptáčka na světě – kolibříka, protože si v mém domě na elektrickém drátě pověsil hnízdo – a 2 x vyvedl mladé (vajíčko jako nehet prstu) a viděl jsem vejce největšího ptáka – pštrosa, kterých tu je habaděj. Také jsem měl mladého pštroska – ale chudák umřel, protože ho chlapík uštvál na koni. Jinak ho nechytneš. Ptactva je tu až hrůza – zvířat krotkých i divokých. Tu by se nějaký student přírodopisu zjančil nad množstvím rostlin a vůbec nad celou přírodou. Zním strom gumovníku, jak se dobývá guma a mnoho jiných věcí. Člověk se všilíšcemu naučí. Opatrnosti vůči hadům, zvěři a hlavně – největší šelmě na světě – člověku. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

Em outros aspectos, Trachta comparava o clima e considerava o frio matogrossense “pior que o tcheco“. Mencionou que “é sempre preciso regar“ e que “não é preciso conservar frutas e verduras, pois sempre tem algo verde“ (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 02/12/1952, 10/02/1957)¹⁵³. O clima quente considerou como um estímulo para o amadurecimento físico humano mais rápido. Sua filha adotiva, Joaquina, “parece que tem 16 – 17 anos, mas tem treze. Nas terras quentes o amadurecimento é mais rápido. Já pensa em casar. Se pensa muito na virgindade. Na nossa terra não é assim. Outra terra, outro costume (TRACHTA, Carta a Heda e Rudolf Tlamkovi, 30/10/1966)¹⁵⁴.

Enxergou também a cultura e a educação no Brasil sob uma perspectiva diferente descrevendo-o como “país novo e jovem, descoberto em 1500, quando nós já tínhamos a cultura elevada“. Concebeu que os fatos de férias mais compridas e do calor duradouro influenciavam a qualidade da educação, afirmando que “esse estudo não vai tanto para frente como na nossa casa“ e quem quiser ter educação boa “tem que ter bastante dinheiro“. A importância da educação de qualidade e ampliação dos horizontes de seus filhos foi marcante, principalmente nos primeiros anos no Brasil. O imigrante expressava sua vontade de mandá-los estudar na Europa, para “terem um olhar mais amplo do mundo e não percepção tacaña de muitas pessoas, que só conhecem o seu quintal e a rua na frente da sua casa (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 05/08/1952)¹⁵⁵.

Na terra estrangeira, o imigrante confronta-se com diferenças culturais em termos de língua e costumes, sofre com as adaptações necessárias - na alimentação, no clima, nos usos, que descreve, no caráter subjetivo, para remetentes. As informações obtidas nas cartas são sempre versões individuais ou coletivamente construídas sobre determinados acontecimentos vividos pelo narrador, ou dos quais se inteirou de diversas formas como conversas, leituras, relatos. O historiador procura a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente práticas culturais. As cartas como espaço de revelação de idéias, sonhos e sentimentos exigem sempre a atenção de dois pólos – remetente e destinatário – e como prática escrita pede sempre respostas (FERNANDEZ, 2007, p. 52). Assim, remetentes tchecos respondiam a Trachta, no caráter

¹⁵³ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁵⁴ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁵⁵ Pošlu tam studovat děti, aby měly širší oči na svět a ne tak úzkoprsé nazírání mnoha lidí, kteří znají jen svůj dvorek a ulici před domem. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

subjetivo e nas versões individuais, expressando representações próprias acerca de Mato Grosso, do ambiente, do clima quente e do papel de Trachta na colonização da região.

O ambiente era visto como um lugar selvagem repleto de “tigres” e de outros “animais selvagens gritando de multiplas vozes” (ŠIVĚLOVÁ, Carta a Trachta, 09/05/1978)¹⁵⁶. Os lugares desconhecidos espantaram nos remetentes com ”horrores e admiração“. A colega de escola, Anička Ráčková, estudava no atlas as paisagens e escutava algo sobre o “inferno verde (não sei o que significa), cada um me explicou isso de forma diferente, alguém como a natureza com seus elementos naturais, outro misturando anões e tribos diversas“ (RÁČKOVÁ, Carta a Trachta, 12/07/1954)¹⁵⁷. Esse “paraíso tropical onde vocês estão bem” contrastava com o ambiente da “Europa maluca“ (ZAPLETAL, Carta a Trachta, 22/10/1977)¹⁵⁸.

O clima “quente perto do equador tem sua influência na evolução do seu jovem organismo“ que se adaptou “facilmente ao ambiente local“ (ŠTAJNOCHOVÁ, Carta a Trachta, 1953)¹⁵⁹.

A personagem de Jindřich Trachta era vista, entre os familiares e amigos tchecos, como um herói romântico, forte e corajoso em terras, que “ajudou a desbravar“ (TRACHTA, HANS, Carta a Jindřich Trachta, 06/10/1974)¹⁶⁰; um “adulto na beira da selva, no meio da cidade mais linda do mundo“, posteriormente “um bom administrador“ (ŠTAJNOCHOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 10/03/1958)¹⁶¹. Na maioria de casos¹⁶², Trachta produzia uma admiração acrítica entre os tchecoslovacos, inseridos na “cortina de ferro“ e apreciando “sua oportunidade de conhecer novas regiões, pessoas e tradições“ (MIKLEDOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 04/05/1950)¹⁶³; o mesmo comparando-o com o famoso Cristovão Colombo:

¹⁵⁶ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 2.

¹⁵⁷ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁵⁸ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 1.

¹⁵⁹ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁶⁰ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 2.

¹⁶¹ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁶² Nas cartas guardadas, o único exemplo representou a frase de Věra Miklendová, sua colega de escola de Veselí que pediu “pode parar de se achar“ e que questionou o fato da positividade da adaptação dele (MIKLEDOVÁ, Carta a Jindrich Trachta, 21/12/1952). Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁶³ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

Estou muito orgulhoso por ter um irmão que chegou a conhecer uma parte da terra tão grande e achou em um lugar magnífico uma mulher tão linda. Você parece o famoso Cristóvão Colombo que ia para Índia e chegou na América (ŠTAJNOCH, Carta a Jindřich Trachta, 15/07/1953)¹⁶⁴.

Principalmente as irmãs de Trachta colocavam seu irmão no papel de profeta, que vai “tirar pessoas da escuridão e mostrar a verdadeira luz, que vai iluminá-las até o momento em que a conseguem manter” (TLAMKOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 20/07/1976)¹⁶⁵.

3.3 Batayporã – Abraço do sertão cheirando da leite e mel (1954-1968)

Jindřich Trachta achou o reestabelecimento do equilíbrio inicial somente na Fazenda Samambaia, posteriormente Distrito de Batayporã, em uma das grandes áreas de terra que a CVSP-MT possuía no Estado de Mato Grosso, pertencente ao município de Entre Rios (antigo nome do atual município de Rio Brillhante), aonde chegou ao trabalho no dia de 12 de julho de 1954, e onde “havia ao redor floresta alta” (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)¹⁶⁶. O lugar de colonização foi escolhido no ano de 1953 pelo gerente geral da CVSP-MT, o imigrante tcheco Vladimir Kubik, que ficou encarregado de determinar a área que melhor pudesse acolher o número urbano do projeto. Em seguida, Jindřich Trachta foi nomeado gerente do núcleo colonizador local e foram iniciadas as vendas de lotes urbanos e das pequenas glebas aos colonos interessados, com extensão de até 30 alqueires (72,60 ha). As atividades para a colonização da Fazenda Samambaia, composta pelas glebas Cayuás, Iguassu, Machado e Recanto, começaram e deram origem ao Distrito de Batayporã, nome derivado de água boa (em guaraní *yporã*) de Bata.

No novo núcleo de colonização de Batayporã, Jindřich Trachta passou a gerenciar as atividades de vendas de terras e implantação dos elementos de infraestrutura como a construção de estradas e pontes, implantação de serraria, olaria, fábrica de amido, campo de experiências agrícolas e criação de porcos. Além disso, Jindřich Trachta cooperou na

¹⁶⁴ Yo soy muy orgulloso que tengo um hermano el que ha llegado a conocer un parte de tierra tan grande, y encontraba en el lugar esplendíssimo una mujer tan bella de veras. Pareces como el famoso Cristóbal Colón el que iba marchando a India llegaba a América. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁶⁵ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 3.

¹⁶⁶ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

elaboração dos planos para a fundação de outra cidade por Jan Antonín Baťa, denominada Kennedyba (ZILIANI, 2010, p. 147; COSTA, 2012, p. 153). Contudo, as mortes do presidente Kennedy e do empresário Bata suspenderam os planos que poderiam ter modificado toda a região.

Trachta ajudou na construção da casa da CVSP-MT, que seria a segunda casa edificada de Batayporã, onde morou com a família, a qual tinha uma parte separada, com o escritório e o quarto, utilizados por Jan Antonín Bata durante suas visitas ocasionais ao local. Nessa casa Trachta hospedou também os técnicos americanos e canadenses que vieram estudar as possibilidades econômicas da Fazenda Samambaia, além do subsecretário do governo americano dr. Harold Stassen, que chegou verificar *in loco* o planejamento do novo núcleo de colonização de Kennedyba.



Figura 10 e 11 Jan Antonín Bata em Batayporã. Natureza domesticada. Luta contra a natureza. Centro de Memória Jindrich Trachta.

Durante o primeiro período de sua estadia em Batayporã, entre fevereiro de 1954 até 1967, Trachta deixou à disposição 46 cartas, sendo 26 enviadas e 20 recebidas. As missivas por ele enviadas foram destinadas, em sua maioria (18), à família na Tchecoslováquia, assim distribuídas: à irmã Heda (12), à irmã Marie (1), aos irmãos Karel e Evžen Trachta (2), à sobrinha Milada (3). O restante, compõe o grupo de correspondências dirigidas a imigrantes residentes no Brasil, na Alemanha ou em Belize. As cartas recebidas por Trachta foram escritas pela família tchecoslovaca (11), enviadas pelas irmãs Heda (3) e Marie (3), pela „mãe“ Ludmila (3), pela sobrinha Milada (2), as demais relacionadas ao grupo de correspondências escritas pelos imigrantes do Brasil, Ceynar, Kosour, Pracuch; da Alemanha, Ráček e de Belize, Botková.

As primeiras impressões do trabalho e da sua missão laboral foram escritas em tom positivo, expectante. Trachta mergulhou na tarefa e, durante suas viagens de Jeep, por distâncias de 20 a 30 quilômetros da sede, mostrando terrenos aos potenciais compradores, sentia uma sensação extraordinária de ser “o primeiro humano a passar por essa região virgem“:

É uma mistura de sentimentos estranhos quando o humano entra nas florestas onde ninguém tinha entrado antes. Hoje eu entendo o que estava puxando os conquistadores para frente. Ouro, mas também algo mais, sentir esse orgulho imenso de ser o primeiro que entra aí – descobrindo o desconhecido – é um trabalho duro e intransigente. Muito suor e esforço. E o verme mundano continua penetrando as paisagens que desde a criação do mundo não conheciam o machado (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 25/01/1955)¹⁶⁷.

O sentimento de pioneirismo transbordava em uma de suas cartas enviadas a uma de suas irmãs, Heda Tlamková, na qual manifestava a crença da importância da sua função num ambiente onde tinha oportunidade se destacar, “ser realmente o dono de muitas coisas, ser primeiro“, em comparação com o meio urbano onde seria “uma pessoa anônima, qualquer“. Além disso, afirmava acreditar na evolução sensacional da cidade que “se Deus quiser, [...] vai crescer“, dada a fertilidade da terra, a proximidade do rio Paraná, o plano de construção da ferrovia, que certamente levaria a terrenos e ao aumento da construção das estradas, olarias, serrarias, extração de madeira e ao fluxo imigratório para a região, comparado a um bando de “gafanhotos“, “esse circo todo“ dirigido por ele (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 25/01/1955)¹⁶⁸.

Ele próprio investiu na compra de terrenos e plantações de pés de café, arroz e milho, sempre pensando no lucro a ser aplicando na educação dos seus filhos no estrangeiro. Em carta dirigida a Ráček, Trachta descrevia a sensação de estar na terra que o adotava:

Não adianta descrever esse país como paraíso na terra, quando há os momentos piores que na nossa casa, pois os nossos nervos aqui enfrentam piores dificuldades do que lá. Temos que deixar de lado muitos avanços tecnológicos da civilização, deste brilho falso e luxo aparente, que na verdade nos levou até a beira da destruição, porque nos deixou malucos e surdos pelos

¹⁶⁷ Je to divná směs pocitů, když člověk jde do lesů, kde před námi nikdo nikdy nevkročil. Dnes tomu rozumím, co táhlo v dřívějších dobách dobyvatele dopředu. Kromě zlata to bylo něco víc, cítit tu nezměrnou hrdost být prvním, kdo tam vkročí – odhalování neznáma – je to kus tvrdé a nesmlouvavé práce. Mnoho potu a námahy. A lidský červ se neustále zavrtává do krajů, které od stvoření světa nepoznaly sekýru. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁶⁸ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

slogans dos atores políticos – aqui no meio da natureza virgem, onde diariamente o humano fica tão perto de Deus e da sua Obra, nós realizamos como são as coisas do mundo insignificantes que procuramos na cidade. É bom para nossas almas torturadas e nervos atingidos pela guerra, fome, medo, perseguição é bom se livrar da cidade e ir até à selva, escutar passarinhos, ver a força do vento e da chuva para desfrutar o regresso à terra e seu abraço que está cheirando da leite e mel. Não temos quase nada, mas vamos ter (TRACHTA, Carta a Ráček, 18/01/1955)¹⁶⁹.

Depois dos primeiros três anos a euforia inicial, expressa pela exclusividade e excepcionalidade do seu trabalho, da visão do futuro promissor e do paraíso quase bucólico da natureza, foi sendo substituída pelo cetismo. Os planos iniciais de “construir uma cidade rica em quatro anos“ falharam devido à ausência de trabalhadores qualificados, falta de recursos técnicos, equipamentos e complicações com traslado:

O trabalho é o mesmo, há problemas com pessoas, dificuldades com transporte e materiais, com funcionários inexperientes e sem aprendizagem, tudo quase primitivo, isso é um verdadeiro começo longe da civilização e sem assistência técnica suficiente (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 10/02/1957)¹⁷⁰.

O tema do trabalho na Companhia aparece cada vez menos nas cartas, substituído pela narração sobre a vida privada familiar, as comparações dos ambientes latinoamericanos e centroeuropeus e a leitura. O alicerçamento dos laços pessoais tinha a mesma importância do estabelecimento profissional e Trachta sabia disso. Primeiramente, ao casar-se com Marina, “pilar forte dos meus passos“, ganhou um “ambiente privado semelhante ao que tinha em sua terra natal, dentro de uma família honrada“ (TRACHTA, Anotações pessoais, s/d)¹⁷¹, considerando os cinco irmãos e cinco irmãs da sua esposa como seus próprios irmãos e a

¹⁶⁹ Nepomůže kreslit tuto zemi jako ráj na zemi, když jsou zde chvíle těžší než u nás, protože naše nervy jsou vydány horším úskalím než u nás. Musíme se vzdát mnohých vymožeností civilizace, tohoto pozlátka, které nás připravilo na okraj zkázy, protože nás mylně učilo myslet, že nás obšlo a ohlušilo svými hesly politických hráčů - zde uprostřed panenské přírody, kde člověk stojí dnes i denně tak blízko Bohu a jeho Dílu si uvědomujeme, jak malicherné jsou věci tohoto světa, za kterými se tam ve městech plahočíme. Je dobré pro naše utrápené duše a nervy válkou, hladem, strachem, pronásledováním, abychom zanechali města a šli sem do pralesa, poslouchali ptáčky, viděli hrůznou sílu větru a dešťů, abychom si uvědomili, že jedině návrat k zemi a k její náruči, která voní mlékem a strdím – hojnosti, jak únavy tak i štěstím dosaženého výsledku. Zde nemáme skoro nic. Ale budeme mít. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

¹⁷⁰ Práce stále stejná, zlobení s lidmi, těžkosti s dopravou, materiálem, osoby nezkušené a nedoučené, všechno skoro primitivní, to je pravý začátek daleko od civilizace a nedostatečné asistence techniky. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁷¹ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

sogra como sua mãe. Assim recebeu um fundo sólido para a consolidação da sua vida familiar, que mais tarde solidificou na construção do seu próprio lar.

Seu primeiro filho, Dário, nasceu em 26 de novembro de 1952, em Bataguassu; Leonida nasceu no dia 13 de dezembro de 1954; Dalibor, em 21 de novembro de 1959, em Presidente Epitácio; e Henrique João, em 30 de dezembro de 1966, em Batayporã.

Logo depois do nascimento do filho, Dário, o casal adotou a orfã, chamada Joaquina, mais velha que Dário, descrita em carta a Heda Tlamková como “uma alma de ouro, doente e cheia de piolhos quando chegou, vamos ver como vai crescer, o pai era peruano e a mãe espanhola, é um pouco de cor de chocolate ao leite” (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 25/01/1955)¹⁷². Mais tarde, em Batayporã, o casal Trachta adotou um afilhado, Nelson, que havia perdido sua mãe.

Com sua esposa, seis filhos e emprego relativamente bem remunerado, Trachta fortaleceu suas raízes no Brasil, cimentando uma base pessoal e profissional. A adaptação a uma cultura estrangeira é um processo complexo e demorado, sobrecarregado de estresse e perdas, e, portanto, traumático. É inerentemente ambivalente e conflituoso, pois exige a separação de pessoas e lugares próximos e da cultura-mãe. O choque cultural, o processo psicológico afeta toda a personalidade em um nível consciente e inconsciente, e ameaça o equilíbrio interno, funcionamento e identidade de um indivíduo. Depende da personalidade do imigrante, do seu desempenho passado, da qualidade de seus relacionamentos passados e presentes, como consegue lidar com o choque cultural e a regressão temporária. Os problemas frequentes causados pelo choque cultural foram as reações depressivas, agressão e angústia. O serviço dos imigrantes nas posições menos qualificadas diminuía sua autoestima, se sentiam fracassados, especialmente os homens de meia-idade, dependentes de desempenho e de sucesso no trabalho. Aliás, o trabalho é o que dá sentido a vida do migrante, como afirma Sayad (1998).

O afastamento físico e social, a vivência da discriminação e da falta de afeto e reconhecimento, pressionam o sujeito para o lugar de estranheza em relação ao meio e do sentimento de estranhamento em relação a si mesmo. À experiência da estranheza e do estranhamento (desrealização e despersonalização), aos problemas na esfera laboral e social,

¹⁷² Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

se juntou, no processo de adaptação dos refugiados tchecos, a inexistência de uma possibilidade de regresso à terra natal (MARLIN, s/d)¹⁷³. Muitos imigrantes tchecos se perderam emocionalmente, consolando-se nas bebidas alcoólicas, roubando, defraudando, cambaleando entre vários empregos, procurando lucro rápido e fácil no país onde não conseguiram se adaptar. Algumas dessas situações foram apontadas em cartas recebidas por Trachta de outros imigrantes:

Němčík ficou lá como guarda, fiquei sabendo que anda com roupa rasgada, suja e joga nos barrancos baralho com os negros, resumindo se tornou brasileiro completo [...] Škarda está em casa, não consegue emprego por causa da sua fraude. (ZACHOVAL, Carta a Jindřich Trachta, 22/09/1952)¹⁷⁴.

Outro tcheco sem serviço, entrou no caminho errado, é barbudo, parece mal (ZACHOVAL, Carta a Jindřich Trachta, 06/08/1950)¹⁷⁵.

Estamos quase sem dinheiro (ZACHOVAL, Carta a Jindřich Trachta, 14/05/1950)¹⁷⁶.

Experiências amargas (MĚSÍČEK, Carta a Jindřich Trachta, 22/05/1950)¹⁷⁷.

Novák nos decepcionou, pegou um depósito de dois mil para comprar ferramentas e junto com a boa alma Jaroš sumiram (PRACUCH, Carta a Jindřich Trachta, 02/06/1950)¹⁷⁸.

A esposa de Jindřich Trachta, Marina, foi nomeada escritvã e tabeliã no Cartório de Paz e Tabelionato, cargo que assumiu em 1955. O fato de Marina ter sido aprovada no concurso para escritvã efetiva, em 1964, ajudou Jindřich Trachta a se engajar em novo emprego. Segundo ele, entre os anos 1964 e 1965, passou por “muita preocupação, estava

¹⁷³Informações obtidas em http://www.zahranicnicesi.com/docs/marlinova_psychologie.pdf Acesso em 11 de abril de 2015.

¹⁷⁴ E. Němčík tam zůstal jako hlídač, prý chodí roztrhaný, špinavý, kraje tam po příkopách s těmi černými karty, zkrátka je z něho celý brazilán. [...] Škarda je doma, nedostane práci kvůli svému podvodu. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁷⁵ Další Čech bez práce, dal se na špatnou cestu, je zarostlý, špatně vyhlíží. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁷⁶ Docházejí nám peníze. Tradução: Martina Čermáková. Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁷⁷ Trpké zkušenosti. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁷⁸ Teď nás myslím ale zklamal Novák, vzal si dva tisíce zálohu na nákup nářadí a zmizel spolu s dobrým duchem Jarošem. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, pasta 03.

doente, perto de um colapso nervoso“. Devido a problemas nos rins, parou de trabalhar por um ano, em 1965, porém na correspondência deixa lacunas sobre a existência de problemas psíquicos. A morte do seu patrono e chefe, Jan Antonín Bata, em agosto de 1965, acelerou sua decisão de sair da Companhia para trabalhar no Cartório (BONFIM, 2009, p. 85).

Jindřich Trachta trabalhou para a CVSP-MT no período de 16 de maio de 1950 até 16 de fevereiro de 1966, nas diversas secções em Bataguassu e Batayporã (KUBÍK, Declaração de trabalho, s/d)¹⁷⁹. Seu salário aumentava regularmente, principalmente a partir de transferência para seção de Samambaia, quando passou a receber 630 cruzeiros semanais em 1953, chegando a 9.100 cruzeiros semanais, em 1964. Além do salário, recebia anualmente uma recompensa pelos resultados alcançados e o esforço pessoal. Quando de sua demissão da empresa Bata, em 1966, recebeu, como compensação pelos 16 anos de trabalho, a casa com 140 m² e uma quadra inteira urbana com 12.600 m², além de material para a cerca, motor para o poço e gerador de energia elétrica (TRACHTA, Curriculum vitae, 23/10/1989)¹⁸⁰.

Como comentou em carta para a uma de suas irmãs, ganhar uma posse desse tamanho como um proprietário privado seria na Tchecoslováquia impossível, “eu seria preso“ (TRACHTA, Carta a Heda e Rudolf Tlamkovi, 30/10/1966)¹⁸¹. Isso porque, naquela época, no país socialista, dominava a coletivização das propriedades privadas e sua associação involuntária em cooperativas agrícolas, segundo os modelos soviéticos de *kolkhoz*.

Os dezesseis anos de serviço na Companhia lhe possibilitaram uma estabilidade financeira e profissional, tornando-se uma pessoa conhecida e respeitada na comunidade. Porém para a sua efetiva inscrição na sociedade brasileira faltava-lhe o documento de naturalização. Sem ele, podia ajudar no cartório, compor os textos notariais, porém não podia escrever nos livros notariais oficiais, nem podia se engajar na vida pública oficial. Ciente da sua posição de importância na sociedade batayporense, vaticinou em carta enviada a Heda Tlamková, em 23 de abril de 1965:

¹⁷⁹ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 06.

¹⁸⁰ V roce 1966 odešel od firmy Bata. Jako odškodné za 16 let u firmy dostal dům se 140 m² a celou městskou čvrt s 12.600 m². Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

¹⁸¹ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

Se eu já fosse naturalizado, com certeza me tornaria o prefeito. A tradição da família Trachta é tradição dos prefeitos e se eu não falecer, durante os próximos cinco anos vão ouvir que um Trachta aqui se tornou o prefeito. Tudo precisa do seu tempo (TRACHTA, Carta a Heda Tlanková, 23/04/1965)¹⁸².

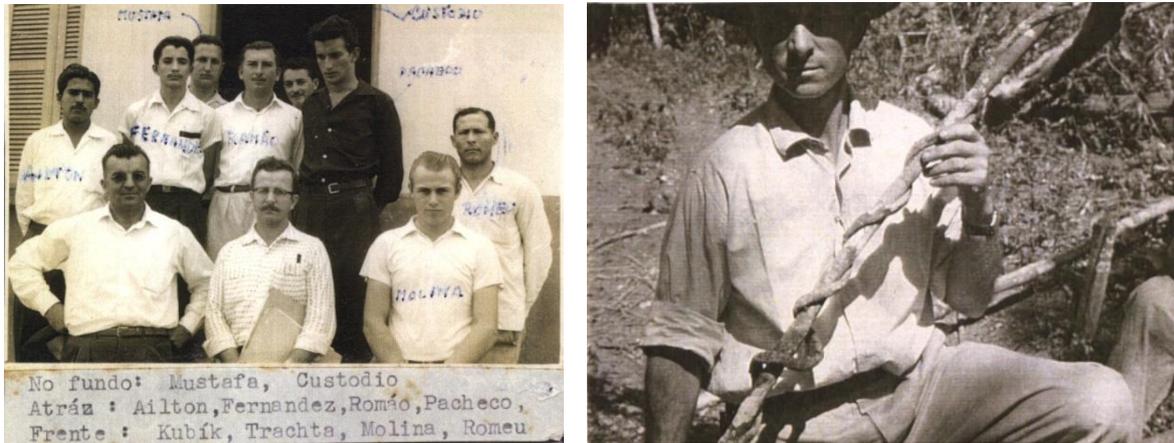


Figura 12 e 13 Jindřich Trachta e os funcionários de CVSP-MT. Jindřich Trachta em Batayporã. Centro de Memória Jindrich Trachta.

3.4 Batayporã – Queimando as pontes (1969 – 2000)

Jindřich Trachta construiu uma posição sólida na sociedade batayporeense, criando seu status social com base numa família sólida, adotando duas crianças, indo regularmente à igreja católica, estabelecendo uma rede ampla de contatos. Preparava, assim, seu caminho para carreira política, porém faltava a naturalização brasileira. Ao contrário de Trachta, Alois Hanousek, o refugiado tcheco pós-guerra, morando em Batayporã e trabalhando para CVSP-MT, nunca se naturalizou no Brasil.

Ele nasceu em 9 de julho de 1903 em Jeřišno, uma pequena vila na região montanhosa na Boêmia Oriental, cem quilômetros ao sudeste de Praga. Era filho de František Hanousek e Marie Krumlová (LIVRO DE ÓBITO, n. 344, 10/10/1979)¹⁸³. Chegou ao Brasil depois da Segunda Guerra Mundial, que passou como prisioneiro em campo de concentração:

Quando estava de fogo, contava estórias maravilhosas que a garotada toda gostava. Ele prova, com as diversas tatuagens que tinha pelo corpo, que ficou

¹⁸² Kdybych byl již naturalizovaný, byl bych tím starostou nepochybně já. Tradice Trachtů je přece tradice starostů, a jestli neumřu, během těchto pěti let uslyšíte, že se jeden Trachta stal starostou. Všechno chce svůj čas. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁸³ Cartório de Paz e Tabelionato, Batayporã/MS.

muito tempo prisioneiro em campo de concentração, no tempo da guerra. Segundo ele, prá vir pro Brasil foi: Iêchis Maria, vou te falar. Lóisa veio pra aqui na tãmbor como barco. Metade do tãmbor com água na dentro, prá Lóisa não móre de sêde. Então, tô,tô, tô, Lóisa fazia com mãos de remo e vinha na rema, rema, rema...(FÉLIX, 1992, p. 28).

Alois Hanousek trabalhava para CVSP-MT, era um empregado “extremamente habilidoso, com muitos dons, pedreiro, marceneiro e carpinteiro“ (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 25/01/1955)¹⁸⁴. No CMJT está guardada uma carta que Alois Hanousek escreveu sobre “serviso na Companhia Viasou“, com intenção de descrever o trabalho que tinha feito para CVSP-MT. A carta está escrita em uma mistura de tcheco e português. O autor começou a escrever em português, depois de algumas linhas continuou em tcheco misturando com o português que estava na forma como o imigrante tinha escutado as palavras, ortograficamente errado – como, por exemplo „curtumi, čico, viasou, serviso, coziña, Režente fejžao.“ Nesse texto, confuso na sintaxe, na linguística, algumas partes ficaram ininteligíveis, apareceram as informações sobre os aspectos da vida de Alois Hanousek, trabalhando para a CVSP-MT, especialmente como pedreiro, em lugares como Batatuba, Indiana, Fazenda Formosa, Regente Feijó, Bataguassu, na região de Rio Pardo, Porto XV de Novembro, fazenda Recanto e Batayporã, construindo casas, pontes, vilas, trabalhando no depósito e no curtume, às vezes trabalhando somente por alimentação. A estrutura do texto e a linguagem confusa contrastam com os dados técnicos que Hanousek lembrava e anotava: “Postavil jsem vilu 210 m² a cozinha 4-6 m².“ Mencionou seu acidente, que ocorreu durante a demolição de uma casa, quando quebrou a perna, e calafrio forte. A carta demonstra a grafia pesada, desordenada com os sinais de tremores que, aliás, Hanousek laconicamente comentou no final da carta, que era consequência de sua alta idade: “sou velho“ (HANOUSEK, Carta sobre serviço em CVSP-MT, s/d)¹⁸⁵. Ao contrário de Trachta, o nível de português de Alois Hanousek era mínima e a diferença se destacou também no fato que Hanousek não se comunicava com sua família na Tchechoslováquia.

¹⁸⁴ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁸⁵ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 1.

Meu serviço e companhia alocou
 Daterula 1 ano na cortina sistema carvão
 coberto cortina 1 ano na sala deitor Bata
 honamento manilas montana na patrimonio
 8 mes deposito companhia trasofom Kemela obrata
 4 mes fazenda formoso zozelal sem tam
 2 baraky pvtom sem si alomin nobu

Potom sem to pveer na volta grande
 pro doitor Gaj Gaj on nehtel stary dtevo
 stitovne mandor tudo novo Postavil gsm
 vilu 2 10 m a cozinha 4-6 m zel gsm
 apathy do Indiani postavil gsm na stary
 fazende barak Devoj Reente feio casa
 Saed mico taos na pearte servio a ligom
 a Baravos sem opravil barak vic h. Nelson
 Servio tempo Pantas na Lavantine novo
 Lico Pessa mais 2 10 m Dal gsm per sa
 aduam lzl sem tam vic nez k rku
 Potom gsm zel na Gaj postavil sem
 tam 11 mostu at na rio narado lzl 30 dlt
 10 po 10 m Devoj 15 agosto postavil sa
 2 baraky 1 pro camonji 1 pro Anareido
 Altman anole ele lzoilcl Postavil sem tam
 ximici Kaje sem se nobravil ka sem zel
 na Recanto mesi jagusade vilnal sem
 Ha postavil sem tam 2 baraky pro policia
 a Finovickem Trachtovame servily
 Bataiporu S pozdravmi
 Alois Hanousek

Nam temeru ni sem stary

Figura 20 Carta de Alois Hanousek para CVSP-MT. Centro de Memória Jindrich Trachta.

No CMJT estão guardadas duas cartas trocadas entre Antonie Parriger, irmã de Alois Hanousek, morando em Viena, e Jindřich Trachta. Nos anos 70, Antonie descobriu através da Cruz Vermelha que seu irmão estava vivo no Brasil. A carta que Antonie escreveu é bastante emocionante, implorando a seu irmão para fazer “um sacrifício e escrever para ela pelo menos umas linhas e mandar uma fotografia“ (PARRIGER, Antonie, Carta a Jindřich Trachta, 12/02/1975)¹⁸⁶. Destacou que o fato de viver em Viena facilitaria a troca de missivas, “se morasse na Tchecoslováquia seria muito mais complicado“. Ela não acreditou na possibilidade de ele não ter mais interesse pela família, porém Alois não respondeu. Foi Jindřich Trachta que escreveu para ela - Alois “está se batendo no peito como o pecador

¹⁸⁶ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 1.

grande“ (TRACHTA, Carta a Antonie Parriger, 01/03/1975)¹⁸⁷. Trachta tentou amenizar esse corte e a lacuna entre eles, explicando que também escrevia pouco aos seus parentes na Morávia, Viena e na Alemanha. Antonie mostrou uma vontade intensa de visitar seu irmão no Brasil, procurou as possibilidades de transporte nos navios entre Europa e o Brasil, porém pagar a passagem marítima foi demais para suas finanças. Tampouco pediu empréstimo a Jindřich Trachta, porém nunca veio para o Brasil, tampouco falou com seu irmão através de cartas.

Hanousek se aventurou em espaço estranho, visando ser um outro. Essa abertura de imigrante, essa duplicação do sujeito, acompanhada de fascínio e temor, sofre a ameaça de não conseguir realizar o desdobramento subjetivo. Os efeitos do passado junto com as consequências de refúgio provavelmente acentuavam o sentimento de estranheza de imigrante, facilitavam a sua desarticulação, o levavam ao alcoolismo: “Lóisa bebia feito um gambá“ e a incapacidade de manter o relacionamento, fundar sua família: “Suas malandragens com os outros, talvez para passar mais depressa seu tempo de solteirão“ (FÉLIX, 1992, p. 28) e a inabilidade de se comunicar com sua família tchecoslovaca¹⁸⁸.

Em Batayporã morava outro tcheco, funcionário de serraria da CVSP-MT, Antonín Zpěvák¹⁸⁹. Também no caso de Zpěvák, a experiência com o estranho podia ser entendida como sendo aquilo que provocou desarticulação do sujeito, levando-o a problemas com alcoolismo e ao distanciamento da família (ŠIVELOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 31/01/1964)¹⁹⁰. No lugar de deslocado, sem o nexo dos sentidos, o imigrante perdeu suas referências e sua capacidade de resignificar e de ordenar o seu universo.

¹⁸⁷ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 1.

¹⁸⁸ Hanousek viveu os últimos anos da sua vida na casa de Jindřich e Marina Trachta. “Na verdade, com o tempo ele passou a ser considerado quase um membro de família. Ladrão como ele só no jogo de buraco, pois na hora de contar ele só o fazia na sua língua e nem adiantava fazê-lo em voz alta, ninguém entendia mesmo“ (FÉLIX, 1992, p. 28). Morreu no dia 10 de outubro de 1979, com 76 anos de idade, no hospital São Lucas, em Batayporã, com câncer gástrico (LIVRO DE ÓBITO, n. 344, 10/10/1979). Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 04.

¹⁸⁹ Antonín Zpěvák nasceu em 26 de junho de 1927 em Podolí, na região de sul de Morávia, somente 17 quilômetros de Veselí nad Moravou, onde vivia Jindřich Trachta. Filho de Jan Zpěvák, lavrador, e Antonie Němčinská (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 05/08/1959). Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

¹⁹⁰ Marie Šivelová, irma de Jindřich, recebeu a visita de sra. Zpěváková, mae de Antonín Zpěvák. Queria saber o que está com seu filho, não lhe escreve. Chorou muito, preocupada que Antonin estava bravo com ela, pois

Sair da empresa, do emprego fixo, para tratar os assuntos particulares e apostar tudo no dinheiro de herança e uma casa, imaginando o enriquecimento rápido, não deu certo e Zpěvák teve que pedir seu lugar de volta (ZPĚVÁK, Carta a Jindřich Trachta, 30/12/1960)¹⁹¹. Não sabemos o que Trachta respondeu, porém Zpěvák retornou para cidade de Batayporã, se naturalizou, se casou com a brasileira Orelina José Raulino Zpevak, com quem teve dois filhos, Francisco e Ana, e arrumou emprego de escriturário (LIVRO DE ÓBITO, n. 683, 25/05/1984)¹⁹². Morreu em 28 de maio de 1984 no hospital São Lucas em Batayporã de hemorragia cerebral e fratura na base crânio, depois de ter batido a cabeça no serviço (LIVRO DE ÓBITO, n. 683, 25/05/1984)¹⁹³.

Nesse contexto vale destacar a habilidade de Jindřich Trachta da adaptação ao Brasil, diferente de outros dois tchecos, Hanousek e Zpěvák. Mas em Batayporã morava mais um tcheco, exercendo o cargo mais elevado na CVSP-MT, František Dobeš¹⁹⁴. Podemos afirmar que Trachta e Dobeš, com maior nível de educação, exercendo os cargos de gerentes da CVSP-MT, representam o ambiente culturalmente mais carregado de que outros dois tchecos, Hanousek e Zpěvák, que os problemas levaram ao alcoolismo e isolamento. Ao contrario, Trachta e Dobeš se visitavam todos os dias de manhã na casa de Dobeš aonde podiam

nao mandou nada por sr. Sýkora que visitou Tchechoslováquia. A carta dele ficou perdida. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, envelope 14.

¹⁹¹ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 1.

¹⁹² Cartório de Paz e Tabelionato, Batayporã/MS.

¹⁹³ Cartório de Paz e Tabelionato, Batayporã/MS.

¹⁹⁴ František Dobeš nasceu no dia 22 de julho de 1922, em Násedlovice, município de Kyjov, filho de Jan Dobeš e Marie Anna Dobešová (CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE FRANTISEK DOBES, 10/03/1934)¹⁹⁴. Em Zlín, estudava química na Escola de Bata e posteriormente trabalhava como operário na fábrica de sapatos de empresa Bata. Tinha dez irmãos e de seus irmãos, Jan e Antonín, eram ligados com a guerilha antinazista durante Segunda Guerra Mundial, na região de Zlín (LIŠKOVÁ, 2011). Depois do golpe comunista na Tchechoslováquia, em fevereiro de 1948, Jan Dobeš, o dono de fazenda de criação de castores, organizou, em Sobotín, perto de Šumperk, um grupo de pessoas para a fuga em conjunto para a Alemanha. O “êxodo” ocorreu em ônibus, encomendado por Jan Dobeš, que levou mais de vinte pessoas, por aproximadamente 350 quilômetros à fronteira com Alemanha. Em julho de 1948, quando a fronteira não era ainda herméticamente fechada, perto de Domažlice, o ônibus atravessou com sucesso fronteira entre a Tchechoslováquia e Alemanha Ocidental. Os irmãos Dobeš tinham se separado, alguns emigraram para Austrália, outros para Canadá e František, Jan e Jaroslav para o Brasil.

conversar em tcheco, criando o momento a sós, durante o „sagrado café“ que representou uma forma da tática de sobrevivência de deles (TRACHTA, Carta a Josef Dobes, 16/06/1997)¹⁹⁵.

Em carta datada de 16 de junho de 1997, enviado ao irmão de František Dobeš, Josef, em Victoria, na Austrália, Jindřich Trachta escreveu sobre a morte de “Franta [...] grandeza de árvore que se mede, quando cai“. František Dobeš faleceu em 14 de março de 1997, no Hospital Angelina Caron em Campina Grande do Sul, Paraná, devido a infarto do miocárdio, durante uma cirurgia.



Figura 21 Fotografia de casamento de František Dobeš e Maria Celeste Moreira. Arquivo pessoal de Paula Dobes. Batayporã/MS.

Para entrar na vida política faltava uma peça no quebra-cabeça no caso de Jindřich Trachta – a naturalização brasileira. Jindřich Trachta pediu a sua naturalização durante o governo de presidente Juscelino Kubitchek, reclamando o seu requerimento durante as gestões dos presidentes Janio Quadros, João Goulart e Castelo Branco, porém demorou onze anos para recebê-la. A explicação oficial era que o processo de obtenção do documento demorou devido à necessidade de comparação das fichas datiloscópicas atuais com as que foram tiradas quando entrou no país, e a necessidade de juntar os documentos requeridos: carteira de identidade de estrangeiro (expedida no dia de 27 de maio de 1949, no Rio de Janeiro), passaporte (expedido em Stuttgart, no dia 25 de fevereiro de 1949), carteira

¹⁹⁵ Acervo do Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, envelope Trachta 2.

profissional (n. 53161, expedida pelo Ministro do Trabalho em 28 de abril de 1950) e a lista das moradias no Brasil - Ilha das Flores, Rio de Janeiro, Bataguassu, Batayporã (DADOS PARA REQUERIMENTO DE NATURALIZAÇÃO, s/d)¹⁹⁶.

Para a historiadora Seyferth (2008), a seleção de estrangeiros por critérios “político-sociais” na hora de aceitação no país ou no processo de naturalização, mascarou a intolerância relativa aos refugiados ou migrantes involuntários produzidos no pós-guerra na Europa e no Oriente Médio, mas também pela emergência de regimes totalitários e pelo próprio colonialismo. O posicionamento vigente acerca de apátridas, refugiados e imigrantes se mostrou, já durante o Estado Novo, nos ante-projetos da Lei¹⁹⁷ que estavam em discussão, no âmbito do Conselho de Imigração e Colonização, para ajustar uma nova legislação para depois da guerra, supondo um aumento considerável da migração internacional. Os imigrantes iam ser excluídos por motivos raciais e políticos:

Nos ante-projetos se destacou o preceito racial de exclusão: o visto permanente só devia ser concedido “a estrangeiro de raça branca”. Na parte das justificativas, aparece a preferência por brancos assimiláveis, dispostos a se estabelecer em alguma linha colonial - perfil do imigrante ideal delineado desde os tempos do império. Além da permanência da “questão racial”, revela-se também a importância atribuída a dispositivos denominados “policiais”, “judiciários” e “ideológicos”, arrolados nos “critérios político-sociais”. A introdução de elemento ideológico aponta diretamente para questões políticas, principalmente para o comunismo (SEYFERTH, 2008, p. 15-16).

Assim, para o governo brasileiro a imigração completa, de todos os candidatos para entrarem no país, não podia ser liberada, embora fosse necessária para povoar o território nacional e para o desenvolvimento da agricultura. Segundo os “imperativos de segurança nacional”, o Brasil precisou selecionar as correntes imigratórias sob o aspecto eugênico, étnico e político. Nesse desiderato, étnico era eufemismo para racial, e político, relacionando-

¹⁹⁷ No principal ante-projeto em discussão durante a guerra, a idéia de “imigração dirigida” persiste. No artigo 14 consta que não deve ser permitida a entrada se o estrangeiro não for portador de passaporte expedido por país reconhecido pelo Brasil. O texto mantém a restrição aos ciganos e “congêneres”, e aquelas que aludem à eugenia, e inclui dispositivo que restringe a entrada de apátridas, no parágrafo 3 do artigo citado: “Só é permitida a concessão de visto temporário a apátrida quando este estiver de direito e de fato, autorizado a voltar ao país onde tenha residido”. Exigir desse tipo de imigrante a garantia de repatriamento ou expulsão inviabiliza a entrada no país. O dispositivo legal, portanto, não proíbe o visto (temporário) mas impõe condições que o tornam inviável. No mesmo ante-projeto fica estipulado, mais uma vez, a preferência por agricultores, provavelmente relacionada à expansão da fronteira agrícola no sul e centro-oeste, em grande parte através da migração interna de descendentes de colonos (SEYFERTH, 2008).

se à esquerda e aos refugiados e apátridas. No caso de Jindřich Trachta, podia ser discriminado pelo fato de pertencer ao grupo de “emigrados por motivos políticos“. Ele, como representante do grupo de refugiados, era visto como elemento ideologicamente mais perigoso do que os deslocados de guerra¹⁹⁸ e, por isso, esse grupo foi mais frequentemente rejeitado pelo governo (BUENO, 2011, p. 21).

Enfim, no dia 22 de maio de 1969 Trachta recebeu seu certificado de naturalização “a fim de que possa gozar dos direitos outorgados pela Constituição e Leis do Brasil“ (CERTIFICADO DE NATURALIZAÇÃO de Jindřich Trachta, 07/11/1967)¹⁹⁹.



Figura 14 Certificado de Naturalização de Jindřich Trachta. Centro de Memória Jindřich Trachta.

Pela leitura e transcrição de artigos da Constituição Federal, Trachta demonstrou saber ler e escrever em português. Ganhou os seus documentos de cidadão brasileiro: identidade, documento militar e título de eleitor²⁰⁰. Renunciou para todos os fins à sua cidadania anterior. O momento de assinar de renúncia da cidadania tchecoslovaca era um momento emocional. Por um lado, desistindo e “negando“ suas raízes e sua pátria, por outro lado, a oportunidade

¹⁹⁸ Segundo Salles, o grupo de deslocados tchecos de guerra, indivíduos arrancados à força de seu país, representa 2,4% do número total (BUENO, 2011, p. 21).

¹⁹⁹ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 04.

²⁰⁰ Segundo a Lei do Serviço Militar, artigo 5, parágrafo 4: Os brasileiros naturalizados e por opção são obrigados ao Serviço Militar a partir da data em que receberem o certificado de naturalização ou da assinatura do tempo de opção. Em 1969, Jindřich Trachta foi desobrigado do serviço militar em tempo de paz pelo Ministério de Exército, de acordo com a Lei do Serviço Militar (DOCUMENTO DE MINISTÉRIO DO EXÉRCITO em CAMPO GRANDE, 14/03/1969). Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 04.

nova de ser considerado cidadão equivalente e válido, com direitos e obrigações – de servir ao exército, de votar, de ser eleito. Além disso, a confirmação de cidadania brasileira chegou no momento de epílogo de Primavera de Praga, início de “época de normalização”²⁰¹ na Tchecoslováquia, um mês depois da eleição do primeiro-secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia, Gustav Husák, que no regime antidemocrático aplicou a versão soviética de neostalinismo na Europa Central e encerrou as expectativas de cidadãos tchecoslovacos e de imigrantes, incluindo Trachta, sobre a libertação política na Tchecoslováquia durante a segunda metade dos anos 60. Otimismo desencadeado pela tentativa de inserção da dimensão humana no experimento social socialista, chamada “socialismo com face humana” (ČORNEJ, 1995, p. 280) que na época repercutiu nas missivas de nosso imigrante:

Certamente vocês pensam o que aconteceu comigo. Como sempre. Preguiçoso para escrever, pois diariamente escrevo tanto que já estou saturado. E o tempo passa, passa – e finalmente acontece isso que eu tinha esperado por 20 anos – mensagem que em casa tudo vai se encaixando nas trilhas mais humanas – que certamente o sofrimento se alivia e a injustiça se endireita. Espero que essa transformação tenha chegado a tempo porque o mundo inteiro está fervendo. Tomara que essas mudanças chegassem sem sangue e sem dores maiores (TRACHTA, Carta a Heda Tlaková, 28/04/1968)²⁰².

A “cortina de ferro” se fechou de novo, definitivamente. As tropas soviéticas se inseriram no território tchecoslovaco e outra onda de emigração saiu do país. Nessa época, Jindřich Trachta, com o certificado de naturalização em mãos, podia entrar livremente na política brasileira e, segundo suas notas biográficas, “a pedido dos cidadãos mais velhos de Batayporã” inscreveu-se na Arena e aceitou ser candidato único a prefeito por esse partido político (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)²⁰³.

Simultaneamente essa situação se refletiu nas cartas. Novamente se abriu uma oportunidade para comparação de dois ambientes. A crucial oposição era a falta de liberdade na Tchecoslováquia, a ditadura de um partido único, o comunismo cercando as fronteiras do

²⁰¹ É nome das medidas tomadas após a violenta repressão da Primavera de Praga, em 1968, pelos exércitos do Pacto de Varsóvia, como foram os expurgos no Partido Comunista, as demissões, a restauração da censura, a proibição de muitas associações políticas e organizações, entre outros (ČORNEJ, 1995, p. 286).

²⁰² Jistě si myslíte, co se asi se mnou stalo. Jako vždy. Líný do psaní, protože denně tolik píši, že toho mám až po krk. A čas letí, letí – a nakonec se stane to, co jsem 20 let očekával - zpráva, že se to u nás dostává do lidštějších kolejí – že se jistě zmírní utrpení a nepráví se napraví. Doufám, že tato změna přišla v nejvyšší čas, protože celý svět vě. Jen aby se tyto změny staly bez krve a bez větších bolestí. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²⁰³ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

país e as mentes humanas. A questão da liberdade representou a grande diferença entre “sua vida” e “minha vida“. Admitindo os problemas do „sertão“, prevaleceu sua vantagem , pois “sou pessoa livre“.

Hoje aprecio o verdadeiro significado da palavra LIBERDADE – não há somente aqui no país livre, porém também na verdadeira missão humana de livremente se preparar seja para a pobreza ou para vida feliz, pois aqui não tem nenhuma pressão. Se sabe cortar cabelo, pode trabalhar como cabeleireiro. Se sabe trabalhar como sapateiro, ganha como sapateiro. E trabalha aonde você quiser. Não é escravo de nenhum cretino somente porque foram inventados os Departamentos de Emprego, nada de verdadeira necessidade de Estado e nação, porém os instrumentos de escravos de sistemas de máquinas políticas (TRACHTA, Carta a Jan Ráček, 18/01/1955)²⁰⁴.

Durante sua estadia em Batayporã, no segundo período, entre 1967 até 2000, temos à disposição 144 cartas – 43 enviadas e 101 recebidas. As missivas enviadas por Trachta estavam, na maioria dos casos, destinadas à família na Tchecoslováquia (33) – para irmã Heda (19), irmã Marie (4), irmão Karel (6), sobrinha Milada (4) e o grupo restante da correspondência se relaciona com os colegas de escola da Tchecoslováquia, com os quais Trachta nesse período mantinha contatos mais próximos. As cartas recebidas por Trachta são 101 – de família (41) – da irmã Heda (11), da irmã Marie (16), do irmão Karel (2), da sobrinha Milada (6) e dos restantes familiares (6); de colegas da escola e amigos tchecos (47) e de amigos brasileiros (13) – frei Luís (4), Hans Trachta (7) e Fernando Moura Andrade (2).

Entre o ano 1969 até 1975 há uma lacuna na correspondência enviada por Jindřich Trachta para seus parentes. Nas primeiras eleições após requerimento de cidadania brasileira, Trachta se candidatou para o cargo de prefeito e ganhou com mais de 80 % dos votos válidos. Exerceu o cargo de prefeito de Batayporã entre 1973 e 1976, licenciando-se do cartório nesse período. Em suas anotações, Jindřich Trachta avaliou esse período como o mais satisfatório da sua vida. O último ano do seu cargo de prefeito, em 1976, representa o primeiro dos dois auges do fluxo das cartas entre o Brasil e a Tchecoslováquia, quando “depois de muito tempo voltou minha vontade de escrever, até gostaria de visitar minha terra natal“ (TRACHTA,

²⁰⁴ Dnes si dovedu docenit pravý význam slova SVOBODA – ta není jen v naší vlasti, svobodném státě atd, ale je v pravém poslání člověka svobodně se připravit buď bídu, nebo šťastný život, protože zde není útlak. Umíš-li holičinu, můžeš se žít jako holič. Jsi-li švec, vyděláš jako švec. A děláš tam, kde se ti zachce. Nejsi otrokem nějakého kretěna jen proto, že byly vynalezeny úřady práce ne pro skutečnou potřebu státu a národa, ale staly se nástrojem bezvůlných otroků systému politických mašin. Tradução: Martina Čermáková. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 11.

Aerograma a Milada Zelená, 05/06/1976)²⁰⁵. As viagens no cargo de prefeito incentivaram também o fluxo da correspondência com os parentes tchecos, para os quais mandava aerogramas, cartões postais e cartas dos seus trajetos – de Cuiabá, Sete Quedas, Guaiara, Brasília, Assunção.



Figura 15-18 Aerogramas de Jindřich Trachta mandadas para sua sobrinha, Milada Zelená em Brno. Arquivo privado de Milada Zelená. Brno.

Os novos impulsos das viagens aumentaram o leque de matérias sobre as quais podia informar os destinatários, fato do qual ele se aproveitava. As viagens, os sucessos no trabalho, as novas reuniões preencheram as páginas desse conjunto de cartas. O ato mais significativo que Trachta compartilhou várias vezes com seus parentes, amigos e colegas da escola foi o encontro com o presidente do Brasil, Ernesto Geisel, durante o lançamento do Prodegran²⁰⁶, em Dourados. “Batayporã ficou de repente conhecida fora das suas fronteiras“ (TRACHTA, Aerograma a Marie Šivelová, 30/11/1976)²⁰⁷, através dos jornais estaduais e nacionais que

²⁰⁵ O segundo auge da correspondência veio depois de 1989. Arquivo pessoal de Milada Zelená, Brno/República Tcheca.

²⁰⁶ Prodegran – Programa Especial de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados, criado com vigência para o período de 1976 a 1978, em que foram delimitados 22 municípios da porção meridional do Estado de Mato Grosso que deveriam ser orientados para a moderna agricultura de grãos (SILVA, 2011, p.11).

²⁰⁷ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, pasta Cartas Trachta 2, Cartões postais.

capturaram o momento da conversa pessoal entre o presidente e o imigrante. O dia, 9 de abril de 1976, foi escrito para Trachta “em letra dourada”:

Eu, que cheguei aqui, sem saber falar a língua, passei por vários serviços, me tornei o prefeito, lido com governadores - deputados, estaduais e federais, e enfim, com o presidente da república. Para mim foi uma honra excepcional. O nome Trachta se tornou conhecido fora das fronteiras do nosso estado, pois a matéria saiu inclusive nos jornais de outros estados brasileiros (TRACHTA, Carta a Heda Tlanková, 18/04/1976)²⁰⁸.

Trachta também se destacou no curso de prefeitos em Cuiabá, “pelo seu interesse no estudo e pela sua frequência“ (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)²⁰⁹. A rigor este momento foi considerado por ele como culminante de sua vida, pois após vinte anos de estadia no Brasil podia, finalmente, assumir papel relevante na sociedade, se sentindo cidadão livre. O momento de entrega do diploma do curso de prefeitos foi, para o imigrante Trachta, já cidadão brasileiro engajado e ativo, bastante emocionante. Momento esse que compartilhou com sua esposa:

Foi alvo de simpatia de todos os presentes na hora da entrega do diploma, onde o representante do governo, Dr. Fragelli, se atrapalhou na hora de ler o nome Jindřich – e no fim falou – Prefeito de Batayporã – e entregou o diploma para – dona Marina, que o acompanhou até o palco – e que o entregou para Jindřich, que a abraçou e beijou com toda força. Colheu junto com dona Marina estrondosos aplausos – passado o curso (sic) com toda a emoção, Jindřich enfrentou o trabalho de prefeito, lutando valentemente com dificuldades, falta de recursos (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)²¹⁰.

Durante o período em que exerceu o cargo de prefeito em Batayporã, Trachta inaugurou a Escola Estadual de J. A. Bata. Os dois objetivos urgentes sob sua administração eram a construção da ponte ligando município de Batayporã com os portos Primavera e São João, além do saneamento da Lagoa do Sapo. No obituário de Jindřich Trachta, escrito por seu filho, Dário, este escreveu que durante os anos da administração de seu pai, Batayporã viveu um ciclo de chuvas, motivo pelo qual teve muito trabalho com “a famosa Lagoa do Sapo“ (TRACHTA, Dario, Obituário, 19/02/2001)²¹¹. Vale destacar que o problema das inundações

²⁰⁸ Já, co jsem se přišel, aniž bych znal jazyk, prošel jsem mnoho prací, stal jsem se starostou, obcuji s guvernéry – poslanci, jak státními tak federálními a nakonec také s prezidentem republiky. Pro mne to bylo veliké vyznamenání. Jméno Trachta se stalo známé i přes hranice našeho státu, protože je to v novinách i jiných státech Brazílie. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²⁰⁹ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

²¹⁰ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

²¹¹ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 11.

na cidade e a Lagoa do Sapo eram motivos de enorme preocupação de Trachta, que em discurso onde respondia às críticas que sua administração vinha recebendo, afirmava que ele era o último a sentir prazer com o que está acontecendo, destacando que se sentia ofendido com os comentários de alguns cidadãos:

Sei que alguns falam que o prefeito só faz foto e não soluciona o caso. Ele procurou a máquina escavadeira nas outras cidades e pediu aos batayporenses para ajudar na hora de escavação (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)²¹².

Esse foi um dos raros momentos em que Trachta perdeu o controle e explicitou seus sentimentos mais expressivamente, pois a sua escrita era sempre tranquila, calma, sem oscilações sentimentais as quais ignorava ou comentava laconicamente²¹³. A época do cargo de prefeito era uma das mais satisfatórias, mas também agitadas:

Quando estava entregando o cargo, a minha voz quebrou num soluço que claramente demonstrou a minha emoção. Fui escolhido de antemão para um cargo honroso, mas difícil por que governar um município grande e onde tudo falta, é difícil mesmo. Voluntariamente neste circo da vida assumimos o papel do palhaço mor – e não adianta reclamar os assovios, apupos, palavrões, críticas, ovos chocos e tomates podres. Situação de prefeito é equilibrando-se no porco espinho (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)²¹⁴.

Após sua passagem pela prefeitura de Batayporã, Jindřich Trachta retornou ao seu emprego no Cartório da Paz e um ano depois, em 1977, começou a trabalhar como professor na Escola Estadual J. A. Bata onde, por dez anos, lecionou História, Filosofia, Matemática e Mecanografia. O período entre o final da atividade de prefeito até a queda de muro de Berlim, entre 1976 até 1989, podemos considerar como “tempos mortos” quanto às correspondências. Foram enviados principalmente cartões postais, esses pedaços de papel mantenedores da coesão familiar, principalmente durante as festas natalinas, de ano-novo, aniversários, nascimentos de netos e netas, casamentos e falecimentos.

Durante a última fase de sua vida profissional, Trachta teve que enfrentar dois obstáculos. Primeiramente, havia o problema relacionado ao reconhecimento dos seus estudos

²¹² Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

²¹³ Em 1974, comentou a gravidez da sua própria filha de 15 anos para o seu amigo com palavras: Há uma dificuldade com a nossa filha[...] mas creio que tudo ocorrerá bem que em poucos meses seremos outra vez os avós. TRACHTA, Carta a Hans Trachta, 30/06/1974. Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10, pasta Cartas Trachta 02.

²¹⁴ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

feitos na Tchecoslováquia. Isso estava associado à política do governo brasileiro no pós-guerra, em que os profissionais liberais, acadêmicos ou professores tiveram desvantagens entre os profissionais requisitados pelo governo para o país. Isso ocorreu, porque se acreditava que eles teriam problemas com o uso da língua portuguesa e, por essa razão, precisariam fazer exames para revalidar seus diplomas. Além disso, houve a preocupação de não se trazer imigrantes que pudessem competir diretamente com os profissionais brasileiros (BUENO, 2011, p. 23). Finalmente, no processo de revalidação dos seus resultados estudantis e através das traduções juramentadas, Trachta conseguiu o direito de dar aulas. Outro problema era a acusação de acúmulo ilícito de cargos como professor na Escola Estadual J. A. Bata e escrevente juramentado no Cartório da Paz e Tabelionato, onde foi nomeado pela portaria n. 4/69 do juiz de comarca, dr. José Rescala. No Diário Oficial de 22/12/1977²¹⁵ se constata inexistência de acúmulo ilícito para que o requerente pudesse continuar no seu cargo de professor e escrevente²¹⁶.

No final dos anos 1980, Jindřich Trachta se aposentou e encerrou a sua carreira profissional. Observava com muito cuidado as mídias e as notícias sobre Europa Central e Oriental. A desintegração do Bloco do Leste, em 1989, trouxe a ressurreição da correspondência entre Batayporã e a Tchecoslováquia, o segundo auge da correspondência no período estudado, pautada pelo envio de notícias sobre a recém-conquistada liberdade, conselhos sobre a viagem planejada para o país natal e suporte emocional. Chegava o momento de “ligação da ponte queimada e da corrente arrebitada” (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 30/08/1989)²¹⁷:

Vou me endireitar e reestabeleço a escrita com todos os amigos. Eu mesmo estou surpreso por que fiquei quieto tanto tempo. E como castigo fico sabendo que alguns, tão queridos para mim, já não estão mais vivos. Já pedi perdão nas minhas orações (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 11/05/1989)²¹⁸.

²¹⁵ Diário Oficial, 22/12/1977, p. 18. Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04, pasta 09-10.

²¹⁶ Jindřich Trachta trabalhou no Cartório da Paz e Tabelionato até 1980.

²¹⁷ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²¹⁸ Polepším se a navážu psaní se všemi přáteli. Já sám se divím, že jsem tak dlouho mlčel. A jako trest za to se dozvídám, že někteří co mi jsou tak drazí, už nežijí. Již jsem v mých modlitbách prosil za odpuštění. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

Recebi o convite de novo...para vir. E por isso, Evandro, o neto mais velho da nossa família, me martela na cabeça para viajar e visitar todas as tias e todos os primos...Isso entrou na minha cabeça por causa da Leonida e Evandro, a idéia de viajar junto com Marina para visitarmos todos vocês. Tenho que pensar bastante – arrumar muitas coisas e pôr bastantes assuntos em ordem - e se Deus quiser, a gente se vê dentro de um ano (TRACHTA, Carta a Heda Tlanková, 16/06/1989)²¹⁹.

Quando se pensa deter sobre a possibilidade do retorno, descobre-se que essa modalidade de viagem moderna, tanto do refugiado quanto do imigrante, só costuma oferecer passagem de ida. O retorno, insondável, parece sempre distante, adiado constantemente, influenciando as expectativas de quem carrega e transmite por gerações o desejo latente do grande retorno à terra natal (SAYAD, 2000, p.16). As pessoas, tanto aquelas que partiram como as que ficaram, participam de uma experiência que transforma suas vidas e que coloca uma situação em aberto quando ocorre o reencontro (ASSIS, 2002). O reencontro de Jindřich Trachta com seu país natal ocorreu 52 anos depois de ter atravessado a fronteira entre Tchecoslováquia e Alemanha. No final de ano de 1990, viajou com sua esposa para Tchecoslováquia com objetivo “rever a sua terra natal, visitar parentes e amigos, seus colegas e professores ainda vivos, visitar a cidade onde nasceu, visitar a sepultura da mãe, dos tios e outros parentes“ (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)²²⁰. Sobre seu retorno escreveu as ”Notas sobre a viagem para a Tchecoslováquia”²²¹, escritas em português. Trata-se das anotações pessoais manuscritas, um curto diário de viagem que durou três meses, relatando brevemente sobre a primeira impressão de Praga, o encontro com familiares, programação de passeios, clima, gastronomia, presentes²²².

²¹⁹ Dostal jsem opět pozvánku..., abych přijel. A tak nás Evandro, nejstarší vnuk naší rodiny, mi tluče do hlavy, abych zajel k nám navštívit všechny tety a bratrance. ...Vlezlo mi do hlavy z popudu Evandra a Leonidy, abych s Marinou zajel k nám vás všechny navštívit. Musím to dobře proštudovat – hodně věcí zařídit a dát do pořádku – a dá-li Bůh, do roka se možná uvidíme. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²²⁰ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

²²¹ Notas sobre a viagem para a Tchecoslováquia, s/d. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa 06, pasta 23 B.

²²² O primeiro encontro com Praga, a bordo de avião, lhe possibilitou ver a cidade complexa e „iluminada como uma jóia cravejada com pedras coloridas.“ O encontro com familiares no aeroporto foi bem emocionante, „formou se um bolo de gente abraçado e chorando. Cumpru-se a profecia de Marie que iríamos nos encontrar mais uma vez na nossa vida.“ Ficou na casa da sua irmã Hedvika, em Brno, e na casa da sua irmã Marie, em Veselí nad Moravou. Voltou à paisagem da sua infância e adolescência, passeou nos outros lugares turísticos de Morávia (castelo Veveří, abismo Macocha, cidade de Zlín). Passou o seu tempo na época de inverno, rigoroso, na neve, com “botas como de astronauta e com vento que arde nas orelhas.” Anotava a

Segundo Fazito (2010) se emigra com a crença absoluta de que um dia se retornará para o mesmo “espaço” original. Fazito considera o poder simbólico do retorno como categoria fundamental do fenômeno migratório, a idéia original para todo migrante de que seu projeto de deslocamento só encontra sentido se o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal. Não é apenas um retorno ao espaço físico, mas essencialmente o retorno ao espaço social transfigurado por eventos vitais, e, conseqüentemente, uma impossibilidade concreta, pois não se retorna àquela mesma estrutura de coisas e eventos que se vivia no passado e depois se “abandonou”. O retorno desperta emoções no imigrante após este ter passado por manipulações das suas experiências cotidianas, criando verdadeiras ilusões sobre o retorno às origens, e sobre estas mesmo. Assim, buscando justificar sua situação muitas vezes incômoda de deslocado e inclassificável. Essa dissimulação não é um fato planejado – o migrante vai inscrevendo novos sinais (aprendizados, intuições, racionalizações) em seu habitus (dinâmico) os quais ao final se instalam em seu corpo. E quando se instalaradas, a viagem para casa “causa tantas novas emoções, lembranças e impressões, que eu nem imaginava e que pensava ter enterrado profundamente no passado” (NOTAS SOBRE A VIAGEM, s/d)²²³.

Não existe imigração para um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar, não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures (FAZITO, 2010, p. 90). E na região de origem finalmente se unificam elementos da região receptora em um mesmo processo, se inscrevendo numa realidade política, econômica, social e historicamente distinta. Jindřich Trachta saiu do país natal ameaçado pela perseguição política, voltando mais de cinquenta anos depois para a cidade onde estudou, em Veselí nad Moravou, onde passou “o dia mais emocionante de toda a visita na sua terra“, no dia 18 de janeiro de 1991. O prefeito da cidade, Miklenda, concedeu a cidadania honorária a Jindřich Trachta, “cidadão tcheco que adquiriu cidadania brasileira e ajudou a J. A. Bata a fundar a

comida diferente, como cogumelos fritos, para poder contar aos seus filhos e netos sobre essa experiência. Levou uma mala cheia de presentes de parentes e amigos, os objetos de memorabilia, como livros, roupa, bebidas, estatueta de Menino Jesus de Praga. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa 06, pasta 23 B.

²²³ Notas sobre a viagem para a Tchecoslováquia, s/d. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa 06, pasta 23 B.

cidade de Batayporã no Brasil”²²⁴. Era o momento de solenidade e surpresa, a reunião com os parentes e amigos, a oportunidade para refletir sobre sua vida:

Como num filme, o passado se desenrolou atropelando as lembranças, vi as casas que hoje não existem mais para dar lugar para prédios modernos e amplos – a cidade cresceu de 5 mil para 20 mil habitantes – andei pelas ruas onde andava para a escola, sonhando ir longe, longe, mais longe...e percebi, que apesar de vida pobre, tinha vida muito rica em acontecimentos, lutas que me temperaram para algo mais forte e resistente (TRACHTA, Curriculum vitae, 13/03/1992)²²⁵.

Sua esposa compartilhou emoções com ele, “se ela não tivesse os filhos e netos, até gostaria de ficar, sentiu como se tivesse morado ali já antes” (NOTAS SOBRE A VIAGEM, s/d). A vontade de retornar se incendiou, mesmo “se eu precisasse vender de novo outro pedaço de terreno, valeria a pena retornar, mas por um período mais longo” (NOTAS SOBRE A VIAGEM, s/d)²²⁶. Os problemas de saúde impediram a nova viagem planejada de volta para Tchecoslováquia, posteriormente República Tcheca. Jindřich Trachta faleceu no dia 27 de novembro de 2000, aos 79 anos da idade.

O foco da análise direcionou-se para a trajetória do imigrante Jindřich Trachta e aspectos de sua vida de imigrante tcheco no Brasil após a Segunda Guerra Mundial, se baseando na sua correspondência. Ao analisar a correspondência como objeto, é preciso levar em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente práticas culturais. É possível ter acesso ao cotidiano singular e, por meio do estudo das cartas, alcançar a difusão de códigos domesticadores de afetos e, afinal, como aponta Norbert Elias, uma “civilização dos costumes” inscrita em redes de sociabilidade, que serve de fios de costura e bordado (MALATIAN, 2011). O historiador Boris Fausto (2006), ao tratar da problemática da imigração, alega não ser simples responder como seria realmente a vida privada dos grupos de imigrantes e formula a indagação: em que medida, em razão de sua condição específica, os

²²⁴ Trachta era a primeira pessoa recebendo o título de cidadão honorário em concordância com a nova legislação sobre municípios depois de Revolução de Veludo. Mais seis cidadãos – veteranos de guerra, músico, escritora e sociólogo. Informações obtidas em <http://www.veseli-nad-moravou.cz/cestni-obcane-mesta-veseli-nad-moravou/os-35646> Acesso em 11 de abril de 2015.

²²⁵ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

²²⁶ Notas sobre a viagem para a Tchecoslováquia, s/d. Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa 06, pasta 23 B.

grupos de imigrantes tiveram uma vida privada com traços distintos, que permitam recortá-la do quadro mais amplo da população componente do país receptor. Três fatores essenciais da convivência doméstica dos grupos imigrantes: religião, língua e comida, seguem em uma breve análise de algumas dimensões da vida familiar do imigrante Jindřich Trachta.

RELIGIÃO: os mortos vivem

Um aspecto importante da vida doméstica dos imigrantes era representado pelos rituais religiosos e festividades. Alemães protestantes, judeus, japoneses budistas ou xintoístas, sírios e libaneses ortodoxos, maronitas representaram a diversidade religiosa entre os imigrantes no Brasil. No caso de Jindřich Trachta, cuja fé católica não fugia da crença dominante, a religião não marcava fronteiras entre os nativos e ele, como nos casos dos imigrantes judeus, ou japoneses budistas, ou sírios e libaneses. Sua fé era “humilde e profunda”, apesar de ter objeções a respeito da organização secular da igreja católica, “nunca tinha dúvidas sobre a grandeza e infinitude das boas mãos de Deus” (TRACHTA, Carta a Anička Ráčková, 18/01/1955)²²⁷. Os temas religiosos apareceram principalmente na conversa entre ele e sua irmã mais velha, Marie, que o criou e que era uma mulher profundamente religiosa. Depois da morte do pai expressou, em carta destinada para sua irmã, a transcendência da existência divina e a interligação da existência humana através dos oceanos:

Há uma profunda e grande ligação das almas através do mar de distância e de tempo. Acredito na presença Dele aqui conosco – carinho dele no rosto do meu filho, através da risada dele sentimos a presença do meu pai aqui – porque a misericórdia divina é enorme. Os mortos vivem e tenho certeza – durante os séculos falam para nós a verdade de espaços e relações incompreensíveis (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 29/07/1953)²²⁸.

LÍNGUA E LITERATURA: táticas de sobrevivência

A língua representou na vida de Trachta um poderoso veículo de comunicação (FAUSTO, p. 51). No seu país natal, no ensino médio, estudava alemão, francês, inglês e latim, e na universidade russo e línguas eslavas. O conhecimento de vários idiomas lhe ajudou no campo de refugiados na Alemanha.

²²⁷ Acervo de Centro de Memória Jindřich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

²²⁸ Veliká hloubka spojitosti duší před moře dalek i času. Věřím v přítomnost Jeho zde u nás – jeho pohazení na tváři synka, po jeho smíchu cítíme jeho jsoucnost zde – protože milost boží je neskonatelně veliká. Mrtví žijí a jsem o tom přesvědčen – přes staletí dnů nám mluví pravdu nepochopitelných prostorů a vztahů. Tradução: Martina Čermáková. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

Na procura de emprego, por exemplo o domínio do latim lhe simplificou aprendizagem do português no Brasil. A dedicação ao estudo diário de até de dez horas de português, principalmente na Ilha das Flores, lhe permitiu afirmar que, em três meses, falava português fluentemente e que se tornou o tradutor entre os imigrantes da mesma nacionalidade e os patrões brasileiros (TRACHTA, Carta a Jakub Trachta, 30/01/1950)²²⁹. Trachta não abandonou o interesse pelas línguas durante sua vida inteira, estudando japonês, árabe ou hindi para poder comunicar-se com o gerente da serraria da CVSP-MT. ”Tem muita gente vinda de países árabes, eu gostaria de aprender algo, pelo menos bom dia” (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 29/08/1953)²³⁰.

Permanentemente cuidava de manter a língua materna, o tcheco, que era uma característica importante da sua identidade, do mundo no qual se originou. Assim, do seu ponto de vista a língua materna representava um valor incalculável, que o ajudou a manter o conhecimento de quem ele era. O tcheco lhe forneceu, no exterior, uma espécie de ”fundo de casa”, um lugar onde se sentia seguro e que lhe permitia expressar com precisão seus pensamentos e sentimentos mais íntimos, ou seja, a linguagem era, para o migrante, uma ligação que lhe permitia continuar se identificando com seu país e ser um membro da comunidade onde havia vivido (KRÁLÍKOVÁ, 2007, p. 27).

Trachta lia repetidamente os livros tchecos e gramática tcheca “até dez vezes”. Estudava o vocabulário tcheco novo e desconhecido, neologismos nas cartas recebidas. Traduzia algumas cartas dos seus parentes para o português e obtinha o louvor dos correspondentes pelo alto nível da língua nativa, aliás “que era uma ferramenta que era preciso cuidar sempre” (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 10/02/1957)²³¹.

A euforia induzida pelo restabelecimento do equilíbrio inicial atingiu também a área de comunicação da recém constituída família Trachta. Jindřich Trachta manifestou, nas suas missivas, a vontade de ensinar o tcheco para seu filho mais velho, Dário, e para sua esposa. Falta de tempo, “trabalho dia inteiro fora de casa e à noite não tenho tanto tempo para ensinar esposa nem filhos” (TRACHTA, Carta a Alex Ceynar, 27/05/1956)²³², e circunstâncias

²²⁹ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²³⁰ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²³¹ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²³² Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 05, pasta 14.

políticas na Tchecoslováquia influenciaram o afinco com qual Trachta quis ensinar sua língua nativa aos filhos. Comunicou-se com os escritores de revista de compatriotas tchecos, em São Paulo, procurando uma menina de nacionalidade tcheca, orfã, que poderia morar na sua casa, com a qual, através da convivência mútua, os filhos poderiam aprender a falar o tcheco. Seu plano não se realizou. O fato do filhos de Trachta não falarem, nem escreverem em tcheco tornou-se objeto de pasmo e surpresa entre os correspondentes do país de origem: “Por quê você não ensina aos seus filhos escrever em tcheco? Não acha uma lástima não poder falar na língua materna com sua esposa? (ŠIVĚLOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 01/02/1976; MIKLEDOVÁ, Carta a Jindřich Trachta, 21/11/1952)²³³.

Somente a segunda geração do imigrante tcheco teve oportunidade de ir à Tchecoslováquia para estudos. O neto mais velho de Jindřich, Evandro Trachta, estudou veterinária, em Brno, tornando-se, assim um dos poucos representantes da comunidade tcheca de MS a falar fluentemente a língua²³⁴. As mudanças sócio-econômicas na Europa Central e Oriental incentivaram Jindřich Trachta a procurar, no Brasil, formas de educação da língua tcheca para Evandro, pois “nele surgiu uma vontade forte de aprender falar o tcheco e conhecer o país“ (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 29/08/1989)²³⁵.

Em praticamente todas as cartas consultadas há alguma referência ao universo da língua e literatura. “O livro para mim é o melhor presente, conto aos meus filhos sobre o passado“ (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 05/08/1959)²³⁶. A tática de sobrevivência de Trachta está representada primeiramente no interesse pelas línguas e literatura (de ficção e especializada). O leque de seu interesse pelo mundo literário era amplo, „me interessa tudo“ (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 29/08/1953)²³⁷. Solicitava, nas suas missivas,

²³³ Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 10. Caixa número 05, pasta 14.

²³⁴ Dolores Ljiljana Bata (*10. 6. 1948), neta de Jan Antonín Baťa, fala fluentemente tcheco também.

²³⁵ Depois de 1989, não existiam cursos de línguas eslavas no Brasil. Somente em São Paulo se estudava o russo. A embaixada tchecoslovaca não oferecia curso de idioma, nem dispunha o material didático, não existiam os convênios entre universidades. Jindrich Trachta entrou em contato com os representantes das autoridades tchecoslovacas no Brasil procurando os novos caminhos de ensino da língua tcheca. A viagem do seu neto considerou como uma possibilidade de futuro promissor dele e nas cartas projetava os seus sonhos de trabalho do Evandro como intérprete ou como funcionário de empresa internacional. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²³⁶ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²³⁷ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

sobretudo livros linguísticos, dicionários e gramáticas de vários grupos para estudo próprio e para elaboração de um dicionário tcheco-português. Pedia livros especializados técnicos para execução de serviços – matemática, física, cerâmica, engenharia civil, topografia, agronomia, taquigrafia. Requisitava contos de fada, poesia e literatura infantil para leitura aos seus filhos. Procurava por livros etnográficos, clássicos da literatura tcheca²³⁸, bíblias, enciclopedias, livros históricos, brochuras, revistas e jornais. No final de sua vida, Jindřich Trachta havia juntado cerca de três mil livros de várias disciplinas, em várias línguas, hoje todos disponíveis no CMJT, em Batayporã/MS.

GASTRONOMIA: knedlo-zelo-vepřo

No caso da pequena comunidade tcheca em Batayporã, composta hoje por três famílias, não é possível falar em culinária étnica. A assimilação dos imigrantes à gastronomia local foi complexa, mas isso não significa que eles deixassem de consumir pratos nacionais tchecos. Os imigrantes, de maneira geral, podiam ter as lembranças negativas da guerra, porém, a exemplo dos poloneses, sempre lembraram de frutas, cogumelos e dos pratos nacionais por eles considerados paradisíacos (FAUSTO, 2006, p. 59). Para os imigrantes manter hábitos alimentares dos imigrantes foi mais fácil nas grandes cidades do que no interior aonde o abastecimento de mercado era mais complicado. No interior por exemplo não se encontravam peixe fresco e os japoneses utilizavam bacalhau seco ao fogo. Os japoneses também tinham dificuldade de lidar com os temperos da nova terra. E, o shoyu por exemplo, no início era vendido apenas nas cidades e só começou a aparecer quando os japoneses foram se transferindo em maior número para os centros urbanos (FAUSTO, 2006, p. 57).

Trachta, nas suas missivas, observou que no Brasil se come menos pão, e o pão preto só nas cidades grandes e por encomenda. A saudade da comida tcheca é abordada nas cartas, principalmente nos primeiros anos de moradia no Brasil. Trachta sonhava com cerveja tcheca, aguardente de ameixa, carne de porco com chucrute e *knedlík*²³⁹.

²³⁸ Božena Němcová – Babička, Alois Jirásek – Psohlavci a Staré pověsti české, Jaroslav Hašek – Osudy dobrého vojáka Švejka, Jan Karafiát - Broučci.

²³⁹ Knedlík é um bolinho cozido, feito de massa. A composição de massa varia amplamente de acordo com várias receitas. Pode ser vazio ou com uma variedade de recheios. Fabrica-se na forma de bolas ou cones e se ferve em água salgada ou no vapor.



Figura 19 Knedlo-vepřo-zelo, comida nacional tcheca.

Trachta, inclusive pediu aos parentes tchecos livro de receitas, pois “a nossa culinária tcheca”, para ele ”uma das melhores no mundo”, alegando que ”minha mulher cozinha bem, mas a comida tcheca é melhor“ (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 30/01/1950)²⁴⁰. Ao final, os hábitos alimentares foram quase completamente assimilados aos brasileiros – “sendo o arroz tempo todo, tanto para almoço como jantar”, com exceção, “a comida tcheca”, servida na família Trachta durante a Páscoa, que correspondia a uma adaptação de prato de frango, molho e *knedlík*, representando um elo com passado do imigrante.

Relatando aos parentes sobre os sabores desconhecidos, aproveitava para estabelecer um paralelo com o paladar centro-europeu: palmito lembrava os cogumelos, o chimarrão um chá escuro e bom, a quantidade de abacaxi era “como montão de pepinos na nossa casa”. Como os europeus sabiam que não se consome cereja com água, no Brasil tinham que ter cuidado com frutas e leite, ou carne de porco e tereré. Trachta apontou, ainda, o quão difícil era achar trevo, beterraba ou raiz de salsa, mas as mexericas apanhava no seu quintal direto da árvore, o que espantava admiração nos seus meio-irmãos gêmeos. Os produtos exóticos e escassos para os parentes tchecos, como café, cacau, lã ou também remédios, serviam para o imigrante como o produto de troca com seus familiares, dependentes do mercado limitado dos produtos atrás da ”cortina de ferro”, reciprocando pelos elementos de tática de sobrevivência de Jindřich Trachta – pelos livros, dicionários, jornais e revistas tchecas (TRACHTA, Carta a Heda Tlamková, 14/04/1953)²⁴¹. As cartas representaram assim os instrumentos de

²⁴⁰ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

²⁴¹ Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

solidariedade e acompanharam a circulação de bens materiais (alimentação, livros) entre os correspondentes permitindo a solicitação de serviços (informações, procedimentos).

Raiz, língua e normas do convívio social são componentes estruturais para a compreensão do ser humano e tudo isso torna o imigrante uma figura de imprescindível importância (FERNANDEZ, 2007, p. 151). No tocante a isso, tentamos perceber a condição de Trachta e as etapas de sua inserção e a modificação do ambiente, o seu encontro com realidades étnicas diversas e os aspectos do cotidiano vividos quanto à língua, gastronomia e religião. Aqui é importante destacar que segundo Fazito (2010), as próprias experiências cotidianas são manipuladas pelos imigrantes. Criando suas ilusões sobre o retorno às origens, buscam, assim, justificar sua situação. Essa dissimulação não é um fato planejado – o migrante vai inscrevendo novos sinais (aprendizados, intuições, racionalizações) em seu habitus (dinâmico) e que afinal se instalam em próprio corpo. Assim, Trachta fez suas adaptações alimentares ou escrevendo suas anotações em língua portuguesa.

CONCLUSÃO

A intenção foi conseguir demonstrar com o trabalho um pouco a respeito de vida de um imigrante tcheco, Jindřich Trachta, se estabelecendo no Brasil, na região de Mato Grosso do Sul, onde trabalhou como gerente da CVSP-MT no núcleo colonizador que originou a cidade de Batayporã, referenciando também em alguns momentos assuntos mais abrangentes como emigração tchecoslovaca para América Latina, situação política e socioeconômica na Tchecoslováquia entre guerras e pós Segunda Guerra Mundial, com destaque na história da empresa Bata a. s., ajudando-nos a entender como foram os gerados aspectos que envolveram a vida de imigrantes tchecos no Brasil que vieram trabalhar na empresa de colonização da CVSP-MT – a vida cotidiana, relação a língua, a gastronomia e a religião, desejo de retorno ao país natal, táticas de sobrevivência, grau de sociabilidade com a população local etc.

Como fontes de pesquisa foram usadas as cartas que Jindřich Trachta recebeu e escreveu durante os cinquenta anos. A publicação de coletaneas de cartas anotadas e comentadas vem crescendo como fenômeno editorial paralelo ao da oferta de biografias, a partir dos anos 1980. Uma nova perspectiva historiográfica levou ao florescimento da narrativa, a revalorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, abrindo um espaço importante para os escritos biográficos e autobiográficos (MALATIAN, p. 195). No caso do conjunto de cartas guardadas no Centro de Memória Jindřich Trachta em Batayporã/MS, elas fazem o registro, relatando as aventuras e as dificuldades vivenciadas pelo imigrante/refugiado tcheco na busca de uma vida nova no país democrático, fugindo de um país no Centro da Europa onde a ditadura do comunismo havia entrado após a Segunda Guerra Mundial. Podemos afirmar que esses relatos de imigrantes, no nosso caso, as cartas, nos encantam desde a *Iliada* e a *Odisséia* porque são como a consumação da aventura de conhecer “o outro” (ASSIS, 2002, p. 16).

A carta é como uma exposição mútua através do ato de escrever, onde é possível fazer aparecer o seu próprio rosto perto do outro, como aponta Foucault, e de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. É também uma narrativa de si e narrativa da relação consigo mesmo. Nela é possível destacar, segundo Foucault (1983), alguns elementos estratégicos: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações), as atividades de lazer (mais do que os acontecimentos exteriores) e o corpo e os dias. Assim, nos chamam atenção as impressões que o imigrante tcheco tinha do país do outro lado do planeta,

da sua natureza, do seu povo e da sua cultura. Do mesmo jeito, nos encantam suas atividades de lazer junto com o livro, com o jornal, com seus filhos contando os contos de fada em tcheco antes de dormirem.

A abordagem biográfica comporta muitas ambiguidades e apresenta armadilhas conhecidas como projeções, nas relações estabelecidas entre o historiador e o sujeito estudado. A armadilha estava armada, eu como professora da língua tcheca tinha morado na casa onde tem sede do Centro de Memória Jindřich Trachta três anos ao lado da viúva de Jindřich, dona Marina do Amaral Trachta. Eu escutava muitas histórias sobre a vida deles, estava rodeada pelos objetos pessoais dele, principalmente os livros. É na triangulação entre o sujeito estudado e as fontes complementares que se delinea ao historiador a possibilidade de escapar de uma excessiva identificação com seu objeto. Peter Gay assinala que as cartas, ao contarem “realidades interiores”, reproduzem experiências individuais nas quais fantasias e “realidades” se mesclam num jogo de ocultar/revelar apresentando como um compromisso com a verdade. A partir de uma abordagem psicanalítica, Gay sinaliza o cuidado a ser tomado pelo historiador com poses, táticas evasivas, exposição e proteção do eu dirigida a um público seletivo, que mais ocultam do que revelam – análise das motivações subjetivas na elaboração da escrita de si. A motivação para elaborar esse trabalho era clara. A vivência no ambiente tcheco-brasileiro em uma cidade pequena no interior de Mato Grosso do Sul não tinha com o intuito de influenciar essa decisão de realizar o projeto sobre os personagens que se estabeleceram em Batayporã – Jindřich Trachta, Alois Hanousek, František Zpěvák e František Dobeš. Esses que não tiveram seus nomes escritos na História, múltiplos sujeitos históricos que buscaram, por diferentes motivos, concretizar seus projetos individuais.

Como a retomada da construção da identidade, buscando alguma legitimidade na história e pautada pelos mitos fundadores, ocorreu nos últimos anos no município de Bataguassu, no estado de Mato Grosso do Sul, e em Batayporã, as quais possuem cada um um busto de Jan Antonín Baťa em praça pública (ZILIANE, p. 226-227), destacamos a importância da constituição identitária através desses múltiplos sujeitos históricos. E seus filhos e netos continuam morando na cidade formando uma pequena comunidade tcheca no interior de Mato Grosso do Sul. São eles, principalmente Evandro Trachta, Paula Dobes e Dolores L. Arambasic Bata, iniciando um movimento de valorização de memória e da história do lugar, através do Centro de Memória Jindřich Trachta e do grupo folclórico Klenot. Segundo o historiador José Carlos Ziliani, na perspectiva da cultura como um campo de lutas

por espaço de afirmação de identidade, foi o núcleo colonial mais a oeste, o último deles, em Batayporã, que desde o ano de 2001 buscou produzir uma identidade local.

Foi elaborado um estudo acadêmico das atividades de difusão cultural sobre o CMJT por Valeska Rocha Kubik, em 2010, que debateu os processos de preservação do patrimônio histórico-cultural da região de Batayporã, Mato Grosso do Sul. Uma análise das atividades desenvolvidas pelo CMJT nos mostra uma procura por uma identidade local. O CMJT tem os contatos estreitos com as autoridades tchecas e representa um local de encontro das ambas culturas e um espaço onde continua o elo dos primeiros habitantes tchecos em Batayporã. Foram debatidas as atividades locais mais contemporâneas que nos ajudam a representação da identidade e cultura tcheca em Batayporã.

O Centro de Memória disponibiliza seu espaço para a realização de eventos para a população como, por exemplo, mostras de cinema, exposições (*Passos tchecos em terras brasileiras*, 2003). Abre o seu espaço para pesquisadores acadêmicos, através de pesquisas feitas sobre ou com documentos do CMJT foram concluídos vários trabalhos de conclusão de curso, um mestrado e um doutorado. A partir de 2008, em parceria com a Associação de Atividades Voluntárias da República Tcheca (Inex) em Praga são desenvolvidas as atividades de intercâmbio de trabalho quando os intercambistas, jovens tchecos que vêm ao Brasil para a realização de trabalhos voluntários. Segundo Valeska Kubik, os intercâmbios de trabalho (*workcamps*) são uma forma de manter a presença tcheca na cidade. Além dos intercambistas contribuírem para a construção de instalações que serão destinadas ao uso da população também divulgam a cultura tcheca de um modo natural, presente no dia a dia. Foram realizadas duas Semanas tcheco-brasileiras em parceria com a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2009 e 2010, eventos que atraíram um grande público, debatendo a história, cultura, identidade e memória dos colonizadores da região através de palestras, filmes, apresentações e exposições. Outra maneira como a cultura tcheca entra na cidade de Batayporã, é através do curso gratuito de tcheco, oferecido pelo Ministério da Educação da República Tcheca, desde o ano de 2004 (KUBIK, 2010, p. 42).

Segundo Silva (2002, p. 98), a construção da identidade social se dá nas relações interativas da vida cotidiana, através das quais se fundem os processos de socialização, entrecortados por realidades subjetivas e sociais. A construção da identidade é determinada tanto pelos atributos institucionais de referência na situação, pelos atributos implícitos com o *status* dos participantes como, por fim, por outros fatores que emergem nos eventos

interativos que, embora não normativos, intervêm na interação. Cumprindo essas condições, cultura e identidade tcheca continuam vivas em Batayporã, se baseando na vinda dos imigrantes que cruzaram fronteiras, identidades, línguas e culturas. Os instrumentos que evidenciaram as dificuldades enfrentadas em viver numa outra sociedade sem o suporte do grupo de origem, são as cartas. E “as cartas não lidas são como os sonhos não interpretados” (Talmud).

FONTES

Acervos pesquisados:

Centro de Memória de Jindrich Trachta, Batayporã, MS, Brasil.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, Republika Tchecha.

Arquivo privado de Evandro Trachta, Batayporã, MS, Brasil.

Arquivo privado de Paula Dobes, Batayporã, MS, Brasil.

Arquivo privado de Milada Zelená, Brno, Republika Tchecha.

Arquivo privado de Karel Trachta, Veselí nad Moravou, Republika Tchecha.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, Ředitelna, inv.č. 152.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 376.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 424.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 425.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 426.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, inv. č. 441.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, karton volný, inv. č. 35.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/10, kart. 848, inv. č. 584.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. III, kart. 1377, inv. č. 11.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. III, kart. 1394, inv. č. 113.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. III, kart. 1378, inv. č. 15.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. III, kart. 1395, inv. č. 115.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. III, kart. 1395, inv. č. 116.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. III, kart. volný, inv. č. 118.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. XXVII, kart. 1882, inv. č. 11.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Kotva, s.r.o., Zlín, sign. III, kart. 52, inv. č. 269.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Exico, Zlín, kart. 2, inv. č. 12.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Exico, Zlín, kart. 4, inv. č. 21.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Exico, Zlín, kart. 7, inv. č. 61.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Svit, Zlín, sign. I/1, kart. 226, inv. č. 180.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Svit, Zlín, sign. I/2, kart. 12, inv. č. 21.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Svit, Zlín, sign. I/2, kart. 268, inv. č. 191.

Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Svit, Zlín, sign. I/2, kart. 227, inv. č. 183.

SOkA Zlín, Baťa, I/3, kart. 47, inv. č. 151, fol. 12.

CARTAS

KŘÍŽKOVÁ, Ruda. Carta a Jindřich Trachta. 26 de novembro de 1989. Caixa número 10, envelope Trachta 1. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

MĚSÍČEK, František. Carta a Jindřich Trachta. 22 de maio de 1950. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

MIKLEDOVÁ, Věra. Carta a Jindřich Trachta. 04 de maio de 1950. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

MIKLEDOVÁ, Věra. Carta a Jindřich Trachta. 21 de novembro de 1952. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

PARRIGER, Antonie. Carta a Jindřich Trachta. 12 de fevereiro de 1975. Caixa número 10, envelope Trachta 1. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

POKORNÝ, Otakar. Carta a Jindřich Trachta. 1935. Caixa número 04, pasta 13. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

PRACUCH, Zdeněk. Carta a Jindřich Trachta. 2 de junho de 1950. Caixa número 10, envelope Trachta 3. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

RÁČKOVÁ, Anna. Carta a Jindřich Trachta. 12 de julho de 1954. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠIVELOVÁ, Marie. Carta a Jindřich Trachta. 20 de fevereiro de 1950. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠIVELOVÁ, Marie. Carta a Jindřich Trachta. 31 de março de 1957. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠIVELOVÁ, Marie. Carta a Jindřich Trachta. 31 de janeiro de 1964. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠIVELOVÁ, Marie. Carta a Jindřich Trachta. 01 de fevereiro de 1976. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠIVELOVÁ, Marie. Carta a Jindřich Trachta. 09 de maio de 1978. Caixa número 10, envelope Trachta 2. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠTAJNOCH, Karel. Carta a Jindřich Trachta. 15 de julho de 1953. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠTAJNOCHOVÁ, Ludmila. Carta a Jindřich Trachta. 1953. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠTAJNOCHOVÁ, Ludmila. Carta a Jindřich Trachta. 10 de março de 1953. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TLAMKOVÁ, Heda. Carta a Jindřich Trachta. 08 de fevereiro de 1954. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TLAMKOVÁ, Heda. Carta a Jindřich Trachta. 20 de julho de 1976. Caixa número 10, envelope Trachta 3. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Hans. Carta a Jindřich Trachta. 06 de junho de 1974. Caixa número 10, envelope Trachta 2. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Alex Ceynar. 27 de maio de 1956. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Anička Ráčková. 18 de janeiro de 1955. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Antonie Parriger. 01 de março de 1975. Caixa número 10, envelope Trachta 1. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 17 de julho de 1949. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 30 de janeiro de 1950. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 05 de agosto de 1952. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 02 de dezembro de 1952. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 18 de março de 1953. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 14 de abril de 1953. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 29 de julho de 1953. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 29 de agosto de 1953. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 21 de maio de 1955. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 10 de fevereiro de 1957. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 05 de agosto de 1959. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 23 de abril de 1965. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 28 de abril de 1968. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 18 de abril de 1976. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 11 de maio de 1989. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 16 de junho de 1989. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 29 de agosto de 1989. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda Tlamková. 30 de agosto de 1989. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Heda e Rudolf Tlamkovi. 30 de outubro de 1966. Arquivo pessoal de Evandro Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Jakub Trachta. 30 de janeiro de 1950. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Jana Botková. 16 de maio de 1955. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Jarmila Míčková. 14 de janeiro de 1990. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Josef Dobeš. 16 de junho de 1997. Caixa número 10, envelope Trachta 2. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Karel Trachta. 12 de janeiro de 1966. Arquivo privado de Karel Trachta, Veselí nad Moravou.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Marie Šivelová. 28 de fevereiro de 1954. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Ráček. 18 de janeiro de 1955. Caixa número 04, pasta 11. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Věra Miklendová. 09 de outubro de 1952. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Carta a Yvona Fričová. 1997. Caixa número 04, pasta 11. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Aerograma a Marie Šivelová. 30 de novembro de 1976. Caixa número 10. Cartas Trachta 2. Cartões postais. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ZACHOVAL, Josef. Carta a Jindřich Trachta. 14 de maio de 1950. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ZACHOVAL, Josef. Carta a Jindřich Trachta. 6 de agosto de 1950. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ZACHOVAL, Josef. Carta a Jindřich Trachta. 23 de janeiro de 1951. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ZACHOVAL, Josef. Carta a Jindřich Trachta. 22 de setembro de 1952. Caixa número 05, pasta 14. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ZAPLETAL, Alois. Carta a Jindřich Trachta. 22 de outubro de 1977. Caixa número 10, envelope Trachta 1. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ZELENÁ, Milada. Carta a Jindřich Trachta. 24 de abril de 1975. Caixa número 10, envelope Trachta 3. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ZPĚVÁK, Antonín. Carta a Jindřich Trachta. 30 de dezembro de 1960. Caixa número 10, envelope Trachta 1. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

DOCUMENTOS OFICIAIS

A TCHECOSLOVÁQUIA e a sua emigração. *Correio Paulistano*, São Paulo, 21 abr. 1937.

BARTOŠ, Jan. Carta a Jindřich Trachta. 4 de fevereiro de 1947. Caixa número 10. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

BATA, Jan Antonín. Carta a Empresa Bata em Zlín, 12/11/1941. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/10, kart. 848, inv. č. 584.

BATA, Jan Antonín. *Budujme stát pro 40.000.000 lidí*. 2. ed. Zlín, 1938.

BATA, Jan Antonin. *Estudos sobre a migração*. Batatuba, 1951.

BURKEVICS, V. Comprovante de atestado de Jindrich Trachta em contabilidade (IRO). 29 de novembro de 1948. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

CARTA DE BANCO GERMANICO DA AMÉRICA DO SUL A BATA a. s., 17/09/1940. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 425.

CARTEIRA PROFISSIONAL de Jindrich Trachta, 28/04/1950. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. Caixa número 04.

CERTIDÃO DE CASAMENTO de Jindřich Trachta e Marina Gonçalves do Amaral. 25 de dezembro de 1951. Caixa número 04. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO de Alenka Dobes. Arquivo privado de Paula Dobes, Batayporã/MS.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO de František Dobeš. Arquivo privado de Paula Dobes, Batayporã/MS.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO de Jindřich Trachta. Caixa número 07. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

CERTIFICADO DE NATURALIZAÇÃO de Jindrich Trachta. 7 de novembro de 1967. Rio de Janeiro. Caixa 04, pasta 04. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

CERTIFICADO DE IDENTIFICAÇÃO PARA FINS DE IMIGRAÇÃO PARA BRASIL de František Dobeš, 23/01/1951. Arquivo privado de Paula Dobes, Batayporã/MS.

COMPROVANTE DE ATESTADO de Jindrich Trachta em contabilidade (OIR). 29 de novembro de 1948. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ČESKOSLOVENŠTÍ vystěhovalci v Brazílii. *Krajan*, Praha, V, número 18, 15 set. 1936.

DEVINAT, Paul. *Die Arbeitsbedingungen in einem rationalisierten Betrieb: Das Baťa System u. seine sozialen Auswirkungen*. Berlin: International Arbeitsamt in Genf, 1930.

DIÁRIO Daily IRO R. Número 1. 22 de abril de 1949. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

DIÁRIO Daily IRO R. Número 4. 28 de abril de 1949. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

DIÁRIO Oficial. 22 de dezembro de 1977. Caixa número 04, pasta 10. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

DISPLACED PERSON OPERATION – Germany. Authorized Movement of Displaced Person. Program Brasil. 3 de abril de 1949. Nellingen. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ERDÉLY, Evžen. *Pionier Thomas Baťa - Geist und Methoden eines erfolgreichen Unternehmens*. Zlín: A. Kähler-Orbis, 1932.

FORMULÁRIO DE REQUERIMENTO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA de Jindrich Trachta. Caixa número 04, pasta 04. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

FRIČ, Alberto Vojtěch. *Mezi Indiány*. Královské Vinohrady: Alois Koniček, 1918.

FRIČ, Alberto Vojtěch. *Strýček Indián: dobrodružství lovce v Gran-Chacu*. Praha: Toužimský a Moravec, 1935.

FRIČ, Alberto Vojtěch. *Zákon pralesa*. Praha, 1921.

HANOUSEK, Alois. Carta sobre serviço em CVSP-MT. Sem datação. Caixa número 10, envelope Trachta 1. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

HLAVATÝ, KAMBERSKÝ. Carta para a Solicitação de Missão na Venezuela (Frankfurt an Maine). 4 de setembro de 1948. Caixa número 07, pasta 30. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

INDEX LECTIUM de Jindřich Trachta. Caixa número 04, pasta 13. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

KUBÍK, Vladimír. Declaração de trabalho de Jindřich Trachta. Sem datação. Caixa número 04, pasta 06. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

KYBAL, Vlastimil. *Jižní Amerika a Československo: s přehledem obchodní, finanční a emigrační činnosti jiných národů*. Praha: Literární výbor obchodnického spolku Merkur, 1928.

KYBAL, Vlastimil. *Po československých stopách v Latinské Americe*. Praha, 1935.

LICENÇA PARA PORTE DE ARMA de Jindrich Trachta, n. 058. 14 de agosto de 1960. Caixa número 04. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

LIVRO DE ÓBITO, Alois Hanousek. C-02, as fls. 118, sob n.º 344, 10/10/1979. Cartório de Paz e Tabelionato, Batayporã/MS.

LIVRO DE ÓBITO, Antonín Zpěvák. C-02, as fls. 202 verso, sob n.º 683, 25/05/1984. Cartório de Paz e Tabelionato, Batayporã/MS.

MEDICAL CERTIFICATE de Jindrich Trachta. 8 de setembro de 1948. Schwabach. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

PICHLER, Certification de Jindrich Trachta. 4 de abril de 1949, Ludwigsburg. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

PRACOVNÍ PROGRAM OSOBNÍ, 1940. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, karton volný, inv. č. 35.

PROGRAM PŘÍPRAVY A VÝCHOVY HOSPODÁŘŮ, 11/05/1942. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/7, karton volný, inv. č. 35.

RELATÓRIO SOBRE O PROJETO DA EMPRESA BATA NO BRASIL, Praga, 22/01/1941. Acervo de Moravský zemský archiv v Brně, Státní okresní archiv Zlín, fond Baťa, a. s., Zlín, sign. I/4, inv. č. 426.

RESETTLEMENT REGISTRATION FORM. Sem datação. Caixa número 07, pasta 30. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

RICHARDSON, Allen. Carta de apreciação de trabalho de Jindrich Trachta. Sem datação. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ŠKORPIL, F. B. *Zeměpisný atlas pro měšťanské školy*. Praha: Státní nakladatelství, 1930.

TEMPORARY TRAVEL DOCUMENT de Jindrich Trachta. Sem datação. Caixa número 07, pasta 30. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jakub. O certificado sobre a situação financeira de pedido para uma bolsa de estudos do Ministério da Educação. 1936, 1939, 1942. Caixa número 04, pasta 13. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Svědectví / Testimony. Ludwigsburg. 4 de outubro de 1948. Caixa número 07, pasta 30. Acervo de Centro do Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

DOCUMENTOS PESSOAIS

ÁRVORE GENEALÓGICA da família Trachta. Caixa número 07. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Životopis. Notas biográficas escritas em tcheco. 23 de outubro de 1989. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Curriculum vitae. Notas biográficas escritas em tcheco. Datilografadas. 10 páginas. 13 de março de 1992. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Jindřich. Anotações pessoais escritas em português. Manuscritas. Sem datação. Caixa número 07, pasta 40. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

TRACHTA, Dário Amaral do. Obituário de seu pai, Jindrich Trachta. 19 de fevereiro de 2001. Caixa número 05, pasta 14. Acervo de Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

DOCUMENTOS EXTRAÍDOS DE MEIOS ELETRÔNICOS

<http://www.cmjt.org> Acesso em 08 de agosto de 2013.

<http://leopoldinense.com.br/img/edicoes/%7B83078EA8-5F19-44D2-97F6-48939ADF5A31%7D.pdf> Acesso em 20 de julho de 2014.

http://www.an.gov.br/sian/Multinivel/Exibe_Pesquisa.asp?v_CodReferencia_ID=1451 Acesso em 22 de julho de 2014.

http://www.mzv.cz/lisbon/pt/informac_es_sobre_a_republica_checa/historia/index.html Acesso em 22 de junho de 2014.

<http://www.zlin.estranky.cz/clanky/pele-mele--odkazy/bombardovani-mesta-zlina-a-batovych-zavodu-americkym-letectvem-za-druhe-svetove-valky.html> Acesso em 12 de maio de 2013.

<http://www.epravo.cz/vyhledavani-aspi/?Id=15197&Section=1&IdPara=1&ParaC=2> Acesso em 12 de maio de 2013.

<http://www.mestoplesna.cz> Acesso no dia de 10 de abril de 2014.

<http://www.mestoplesna.cz/plesna/mesto-plesna/historie-mesta-/#valka> Acesso em 9 de abril de 2014.

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CEAQFjAC&url=http%3A%2F%2Fdejinyvpohode.cz%2FUploads%2F2627-7-knihapdf.aspx&ei=20dyU_SvClrPsAS974CgCw&usq=AFQjCNF1tNp2TC9P09pjgqgg0jxufBbbwA&sig2=EsLvGrHs-mjvVIZse0tkDA Acesso em 13 de maio de 2014.

http://www.zahranicnicesi.com/docs/marlinova_psychologie.pdf Acesso em 11 de abril de 2015.

<http://www.veseli-nad-moravou.cz/cestni-obcane-mesta-veseli-nad-moravou/os-35646> Acesso em 11 de abril de 2015.

<http://www.ustrcr.cz/cs/antonin-janosik#p3> Acesso em 16 de abril de 2015.

http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Extensao/I_encontro_inter_artes/26_Ze_loi_dos_Santos.pdf Acesso em 21 de abril de 2015.

BIBLIOGRAFIA

- ❖ AHLERT, Alvorí. O mundo de Comenius: entre conflitos e guerras, uma luz para a prática pedagógica. Quatrocentos e dez anos do nascimento do autor da Didática Magna. *Estudos Teológicos*, 42 (3), 2002.
- ❖ ALVES, Débora Bendocchi. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro – Turíngia (1852-1853). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, nº 45, p. 155-184, 2003.
- ❖ ANTUNES, Celso. *Geografia e Participação: Europa, Ásia, África e Oceania*. São Paulo: Scipione, 1996. vol. 4.
- ❖ ARAMBASIC BATA, Dolores L.; TRACHTA e SILVA, Evandro A. *Passos tchecos em terras brasileiras*. Batayporã: Oficina Cultural Tcheca e Eslovaca do Brasil, 2003.
- ❖ ARAMBASIC BATA, Dolores L. Brazilský profil J. A. Bati. In: *JAN ANTONÍN BAŤA – Život a dílo, pokračovatel práce Tomáše Bati*. Sborník. Zlín, 2007. p. 91-95.
- ❖ ARAMBASIC BATA, Dolores L. Projekt kolonizace a osídlování Mato Grosso. In: *JAN ANTONÍN BAŤA – Život a dílo, pokračovatel práce Tomáše Bati*. Sborník. Zlín, 2007. p. 79-83.
- ❖ ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2002.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. K zájmu českého kapitálu o Latinskou Ameriku ve 20. a 30. letech (Příklad Brazílie). *Češi v cizině*, Praha, n. 7, p. 120-134, 1993.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. Vystěhovalectví z českých zemí a Československa do Latinské Ameriky (Bilance české latinoamerikanistiky). *Historie – Historica*, Ostrava, Acta Facultatis Philosophicae, Universitas Ostraviensis, n. 3, p. 143-160, 1995.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. Vystěhovalectví z českých zemí a Československa do Brazílie. *Historie – Historica*, Ostrava, Acta Facultatis Philosophicae, Universitas Ostraviensis, n. 4, p. 149-162, 1996.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. Vystěhovalectví do Latinské Ameriky. *Češi v cizině*, Praha, n. 9, p. 172-197, 1996.

- ❖ BARTEČEK, Ivo. Československo-latinskoamerické vztahy první poloviny 20. století. Bilance české a slovenské latinoamerikanistiky. *Moderní dějiny*, Sborník k dějinám 19. a 20. století, Historický ústav AV ČR, Praha, n. 5, p. 165-177, 1997.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. Česká krajanská komunita v Latinské Americe. *Historica* - Sborník prací historických, Olomouc, Acta Universitatis Palacianae Olomucensis, Facultas Philosophica, XVI, p. 121-128, 1999.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. Česká krajanská komunita v Latinské Americe – možnosti a meze výzkumu. *Historica* - Sborník historických prací, Olomouc, Acta Universitatis Palackiana Olomucensis, Facultas Philosophica, XIX, p. 377-382, 2003.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. Novověký exil. *Český a slovenský exil 20. století* - Úvodní katalog k výstavám Český a slovenský exil 20. století, Brno, p. 132-133, 2002.
- ❖ BARTEČEK, Ivo. *Po československých stopách v Latinské Americe*. Olomouc, 2004.
- ❖ BÁTOROVÁ, Kateřina. *A emigração checa para o Brasil desde o início até ao século XX*. Olomouc: Univerzita Palackého v Olomouci, 2013.
- ❖ BENEŠOVÁ, Jana. *Urbanismus firmy Bata. Satelitní jednotky v ČR a ideální průmyslové město*. 2012. Dissertação (Mestrado em História de Artes) – Filozofická fakulta, Masarykova univerzita, Brno.
- ❖ BEZERRA, Carlos Eduardo; MACIEL DA SILVA, Telma. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (1), p. 61-74, 2010.
- ❖ BONFIM, Juliana S. *Colonização particular: a atuação da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso (1940-1960)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.
- ❖ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes biográficas*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203-233.
- ❖ BOSI, Ecléa. *Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz e EDUSP, 1987.
- ❖ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

- ❖ BRITO, Fausto R. A. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 12, n. 1-2, p. 21-33, jan./dez. 1995.
- ❖ BUENO, Alexandre Marcelo. *Representações discursivas do imigrante no Brasil a partir de 1945*. 2011. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – USP, São Paulo.
- ❖ BURIAN, Michal. *Atentát: operace Anthropoid 1941-1942*. Praha: Ministerstvo obrany ČR, 2007.
- ❖ CASHMAN, Laura. *1948 and 1968 – Dramatic Milestones in Czech and Slovak History*. Glasgow: University of Glasgow, 2010.
- ❖ CHAVES, Otávio Ribeiro. América Portuguesa: conquista e povoamento do extremo oeste. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005.
- ❖ COMENIUS, Iohannes Amos. *Didática Magna*. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- ❖ COSTA, Georgia Carolina Capistrano. *As cidades da Companhia Bata (1918-1940) e de Jan Antonin Bata (1940-1965). Relações entre a experiência internacional e a brasileira*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ❖ COTTA, André Guerra. Correspondência pessoal como fonte histórica e musicológica. *Cadernos do Colóquio*. v. 10, n. 1, 2009.
- ❖ COVELLO, Sérgio Carlos. *Comenius: a Construção da Pedagogia*. São Paulo: Comenius, 1999.
- ❖ ČECHURA, Jaroslav. *České země v letech 1526-1583. První Habsburkové na českém trůně*. Praha: Libri, 2008.
- ❖ ČORNEJ, Petr. *Dějiny země Koruny české I*. 3. ed. Praha, Litomyšl: Paseka, 1995.

- ❖ ČULÍK, Jan. *Knihy za ohradou: česká literatura v exilových nakladatelstvích, 1971-1989*. Praha: Trizonia, 1991.
- ❖ DIAS, Virginia Nazaré Rocha Aveiro. *Memórias de um imigrante autodidata: de Aveiro à Ribeirão Pires (1891 – 1978)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- ❖ DREHER, Martin Norberto. *A Igreja Latino-americana no Contexto Mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. vol. 4.
- ❖ FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia (Org). *História da vida privada no Brasil*. vol. IV, 2006, p. 13-64.
- ❖ FAZITO, Dimitri. Dois aspectos fundamentais do “retorno”: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. *Revista brasileira de ciências sociais*, vol. 25, n° 72, p. 89-98, fev. 2010.
- ❖ FERNANDEZ, Márcio Luiz. *As vivências de imigrantes e de seus descendentes: análise fenomenológica das cartas*. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo.
- ❖ FÉLIX, Eurico. *Causos de Batayporã*. 1992.
- ❖ FLORENCIO, S. de I. P. *História da ocupação e povoamento do estado de Mato Grosso*. Cuiabá: Fundação de Pesquisas Cândido Rondon, 1985.
- ❖ GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ❖ GASPARIAN, João Luiz. *Comênio e a Arte de Ensinar Tudo a Todos*. Campinas: Papirus, 1994.
- ❖ GATTI, Alain. *Chausser les hommes qui vont pieds nus. Bata-Hellocourt, 1931-2001*. Enquête sur la mémoire industrielle et sociale. Metz: Editions Serpenoise, 2000.
- ❖ GEBHART, Jan; KUKLÍK, Jan: *Druhá republika 1938-1939. Svár demokracie a totality v politickém, společenském a kulturním životě*. Praha: Paseka, 2004.
- ❖ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

- ❖ GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo. *Fronteiras de imigração da águas do Prata: italianos em Mato Grosso - 1856 a 1914*. 2009. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- ❖ GRENVILLE, John Ashley Soames. *A History of the World from the 20th to the 21st Century*. Routledge, 2005.
- ❖ GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. Dourados, 1988.
- ❖ GROGIN, Robert. *Natural Enemies: The United States and the Soviet Union in the Cold War (1917-1991)*. Lexington Books, 2001.
- ❖ HAHNOVÁ, Eva. *Od Palackého k Benešovi. Německé texty o Čechách, Němcích a českých zemích*. Praha: Akademia, 2014.
- ❖ HANAK, Harry: President Beneš, Britové a budoucnost Československa 1939–1945. *Historie a vojenství*, n. 1, 1995.
- ❖ HAUPT, Heinz-Gerhard. Religião e nação na Europa no século XIX: algumas notas comparativas. *Estudos Avançados*, 22 (62), 2008.
- ❖ HLAVAČKA, Milan. *České země v 19. Století. Proměny společnosti v moderní době I*. Praha: Historický ústav, 2014.
- ❖ HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- ❖ HOLZER, Jan. První a Druhá Československá republika – úvod do komparace stranických systémů. *Politologický časopis*, n. 4, p. 330-351, 1997.
- ❖ INAGAKI, Edna Mitsue. *Imigração japonesa para o Brasil: os japoneses em Dourados: século 19 e 20*. Dourados: Ed. UEMS, 2008.
- ❖ JANDÍK, Stanislav. *Železni tovaryši - sociologická reportáž o zrození nového věku*. Praha: Volná myšlenka, 1938.
- ❖ JIRÁSEK, Zdeněk. *Exilová politika v letech 1948–1956: počátky politické organizovanosti a činnosti pouťorové emigrace a vznik Rady svobodného Československa*. Olomouc: Centrum pro československá exilová studia; Moneta-FM, 1996.

- ❖ JOSTEN, Josef. *Československo žaluje... Oh, my country*. Praha: Naše vojsko, 1993.
- ❖ JÚNIOR, Manuel Diégues. *Imigração, Urbanização e Industrialização*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1964.
- ❖ KALISTA, Zdeněk. *Stručné dějiny československé*. Praha: Vyšehrad, 1992.
- ❖ KALVODA, Josef. *Role Československa v sovětské strategii*. Kladno: Dílo, 1999.
- ❖ KAPLAN, Karel. *Kronika komunistického Československa. Klement Gottwald a Rudolf Slánský*. Brno: Barrister and Principal, 2009.
- ❖ KAPLAN, Karel. *Největší politický proces: M. Horáková a spol.* Praha: ÚSD AV ČR, 1995.
- ❖ KÁRNÍK, Zdeněk. *České země v éře První republiky (1918-1938)*. Díl 1. Praha: Libri, 2000.
- ❖ KÁRNÍK, Zdeněk. *Malé dějiny československé (1867-1939)*. Praha: Dokořán, 2008.
- ❖ KONČITÍKOVÁ, Gabriela. *Baťovský Zlín. Klub absolventů Baťovy školy práce. Z historie po současnost*. Zlín: Georg Žilina, 2014.
- ❖ KRÁLÍKOVÁ, Andrea. *Význam mateřského jazyka v jinojazyčné společnosti*. 2007. Monografia (Sociologia) – Fakulta sociálních studií, Masarykova univerzita, Brno.
- ❖ KRAMPOTOVÁ, Jana. *Strukturální změny průmyslu v areálu Baťových závodů Svit ve Zlíně*. 2013. Monografia (Geografia) - Pedagogická fakulta, Masarykova univerzita, Brno.
- ❖ KŘEČEK, Stanislav. *Pracoval jsem u Baťů*. Praha: Český komitét pro vědecké řízení, 1992.
- ❖ KUBIK, Valeska Rocha. *Centro de Memória Jindrich Trachta: o estudo das atividades de difusão cultural de um centro de documentação*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Turismo) – UNESP, Rosana.
- ❖ KUBÍN, Filip. *Tomáš Bata - podnikatel a manager století*. 2011. Monografia. Unicorn College, Praha.
- ❖ KULESZA, Wojciech A. *Comenius: A Persistência da Utopia em Educação*. Ed. Unicamp, Coleção Repertórios, 1992.

- ❖ KUSLOVÁ, Hana. Představení osobnosti J. A. Bati. In: *JAN ANTONÍN BAŤA – Život a dílo, pokračovatel práce Tomáše Bati*. Sborník. Zlín, 2007. p. 3-9.
- ❖ LEHÁR, Bohumil. *Dějiny Baťova koncernu*. Praha: SNPL, 1960.
- ❖ LEMOS, R. (Org.). *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- ❖ LENHARO, Alcir. A terra para quem nela não trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, v. 6, n. 12, p. 47-64, mar./ago. 1986.
- ❖ LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste – os anos 30*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.
- ❖ LIŠKOVÁ, Michaela. *Organizace Světlana. Studie o působení protikomunistické odbojové skupiny na Zlínsku v letech 1948-1952*. 2011. Monografia (História) – Filozofická fakulta, Masarykova univerzita, Brno.
- ❖ LOPES, Ana Claudia Lourenço Ferreira. *Os portugueses e o comércio de moda no Rio de Janeiro nos anos 1950: imigração, pertencimento e identidade*. Natal: XXVII Simpósio Nacional da História. ANPUH. Conhecimento histórico e diálogo social. 2013.
- ❖ LOPES, Edson Pereira. *A Inter-relação da Teologia com a Pedagogia no Pensamento de Comenius*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.
- ❖ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. Cartas. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 195-222.
- ❖ MARŠÁLEK, Pavel. *Protektorát Čechy a Morava: státoprávní a politické aspekty nacistického okupačního režimu v českých zemích 1939-1945*. Praha: Karolinum, 2002.
- ❖ MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura. *Revista Língua e Literatura*, Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, p. 61-72, 2011.
- ❖ MIKEL, Filip. *Finanční řízení firmy Bata v období 1894-1932*. 2012. Monografia (Economia) - Ekonomicko-správní fakulta, Masarykova univerzita, Brno.

- ❖ MIRANDA, Mariza Santos. *Estação Terenos: educação e presença Alemã no sul de Mato Grosso 1920/1934*. São Paulo: All Print Editora, 2005.
- ❖ MOREIRA, Julia Bertino. *Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)*. 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política) – UNICAMP, Campinas.
- ❖ MOREIRA, Julia Bertino. Recepção de refugiados europeus no Brasil do pós-guerra. 37º Encontro Anual da ANPOCS. ST31 – Migrações, trabalho e capitais, n. 7, 2013.
- ❖ NÁDVORNÍK, Josef. *Batův systém řízení do roku 1939*. Praha: Impuls, 1990.
- ❖ NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. *Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, 1943 – 1960*. Dourados, MS: UFGD, 2007.
- ❖ NAVARA, Luděk. *Příběhy železné opony*. Brno: Host, 2004.
- ❖ NERY, Danilo Palheta. *Os Imigrantes e a Ferrovia: histórias que formaram Campo Grande*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2011.
- ❖ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- ❖ OLIVEIRA, Benícia Couto de. *A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1937–1945)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – FCL/UNESP, Assis.
- ❖ OLIVEIRA, Ione. *Imigrantes e Refugiados para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial*. Natal: XXVII Simpósio Nacional da História ANPUH. Conhecimento histórico e diálogo social. 2013.
- ❖ PACNER, Karel. *Osudové okamžiky Československa*. Praha: Albatros, 1997.
- ❖ PALETTA, Fátima Aparecida Colombo; YAMASHITA, Marina Mayumi. *Manual de Higienização de Livros e Documentos Encadernados*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ❖ PEJSKAR, Jožka. *Útěky železnou oponou*. Praha: Melantrich, 1992.
- ❖ PERARO, Maria Adenir. *A imigração para Mato Grosso no século XIX – Mulheres paraguaias: estratégias e sociabilidades*. Universidade Federal do Mato Grosso. <http://www.abep.nepo.unicamp.br> Acesso em 13 de janeiro de 2014.
- ❖ PETRUSEK, Miloslav, VODÁKOVÁ, Alena. *Velký sociologický slovník E-G*. Praha: Karolinum, 1996.

- ❖ PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ❖ POKLUDA, Zdeněk. *Ze Zlína do světa – příběh Tomáše Bati*. 2. ed. Zlín: Nadace Tomáše Bati, 2009.
- ❖ POLIŠENSKÝ, Josef. *Úvod do studia dějin vystěhovalectví do Ameriky I.: Obecné problémy dějin českého vystěhovalectví do Ameriky 1848-1914*. Praha: Univerzita Karlova, 1992.
- ❖ PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, vol. 11, n. 21, 1998, p. 105-119.
- ❖ QUEIROZ, Paulo R. Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na 1ª metade do século XX*. Bauru: EDUSC, 2004.
- ❖ QUEIROZ, Paulo R. Cimó; VASCONSELOS, Cláudio Alves de. Sociedades e culturas no povoamento do território sul-mato-grossense: Notas introdutórias. O texto elaborado para fundamentar a linha de pesquisa *Região, identidades e representações*, do Mestrado em História da UFMS. 2001.
- ❖ RANDÁK, Jan a kol. *Dějiny českých zemí*. Praha: Knižní klub, 2011.
- ❖ REHCÍGL, Miloslav. *Počátky československé emigrace do zemí Latinské a Severní Ameriky*. Brno, 1999.
- ❖ REZNIK, Luís. *Entre o universal e o particular: a Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores*. Natal: XXVII Simpósio Nacional da História. ANPUH. Conhecimento histórico e diálogo social. 2013.
- ❖ RYCHLÍK, Jan; PENČEV, Vladimír. *Od minulosti k dnešku. Dějiny Českých zemí*. Praha: Vyšehrad, 2013.
- ❖ RYCHLÍK, Jan. *Rozdělení Česko-Slovenska 1989-1992*. Praha: Vyšehrad, 2012.
- ❖ SANTOS, Mauro Augusto dos; BARBIERI, Alisson Flávio; CARVALHO, José Alberto Magno de; MACHADO, Carla Jorge. *Migração: Uma Revisão Sobre Algumas das Principais Teorias*. Belo Horizonte: UFMG/Cedepilar, 2010.
- ❖ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. 1.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

- ❖ SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, 13 (número especial), p. 7-32, jan. 2000.
- ❖ SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, março/maio 2002.
- ❖ SEYFERTH, Giralda. *Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político*. Porto Seguro: ABA, 26^a Reunião Brasileira de Antropologia. 2008.
- ❖ SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – UFMG/Belo Horizonte.
- ❖ SILVA, Jovam Vilela da. *Mistura de cores: política de povoamento e população na Capitania de Mato Grosso – século XVIII*. Cuiabá: Ed. UFMT, 1995.
- ❖ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, p. 231-269.
- ❖ SNÍŽEK, Tomáš. *Počátky pouťorového exilu a Rady svobodného Československa*. Brno: MU, 2009.
- ❖ SONDHHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial. História Completa*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2013.
- ❖ SOUZA, Itamar. *Migrações Internas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- ❖ STRECK, Danilo Romeu. Uma Linguagem para a educação: notas sobre a recepção de Comenius no Brasil. *História da Educação*, Pelotas, ASPHE/ FaE/ UFPel, n. 6, out. 1999.
- ❖ SUCHANSKÝ, Peter. *Zelené peklo*. 2. ed. Bratislava: Tatran, 1971.
- ❖ ŠEDIVÝ, Ivan. *Češi, české země a velká válka 1914-1918*. Praha: Lidové noviny, 2001.
- ❖ ŠEVEČEK, Ondřej. *Zrození Baťovy průmyslové metropole. Továrna, městský prostor a společnost ve Zlíně v letech 1900 – 1938*. Ostrava: Veduta, 2008.
- ❖ TVRDÍKOVÁ, Michaela. *Proměny československé emigrace v letech 1948-1989*. Brno: MU, 2007.

- ❖ VASCONCELOS, Cláudio A. de. *Colonização e especulação fundidária em Mato Grosso: a implantação da Colônia Várzea Alegre (1957-1970)*. 1986. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Assis.
- ❖ VESELÝ, Zdeněk. *Dějiny českého státu v dokumentech*. Praha: Victoria Publishing, 1994.
- ❖ VRÁNOVÁ, Kateřina. *Správa závodů Tomáše Bati*. 2010. Monografia (História) - Filozofická fakulta, Univerzita Pardubice, Pardubice.
- ❖ VYKOUPIIL, Libor. *Slovník českých dějin*. Brno: J. Zirkus, 2000.
- ❖ WALLACE, Willian V. A Legião Tchecoslovaca. In: VVAA. *História do Século XX: 1914-1919*. São Paulo: Abril Cultural, s/d. vol. II.
- ❖ ZAMBERLAM, Jurandir. *O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização*. Porto Alegre: Pallotti, 2004.
- ❖ ZELENÝ, Milan. Jan Antonín Bata a jeho génius: myšlení, řízení, podnikání. In: *JAN ANTONÍN BAŤA – Život a dílo, pokračovatel práce Tomáše Bati*. Sborník. Zlín, 2007. p. 62-66.
- ❖ ZILIANI, José C. *Táticas e estratégias: a Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso (1908-1960)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Assis.